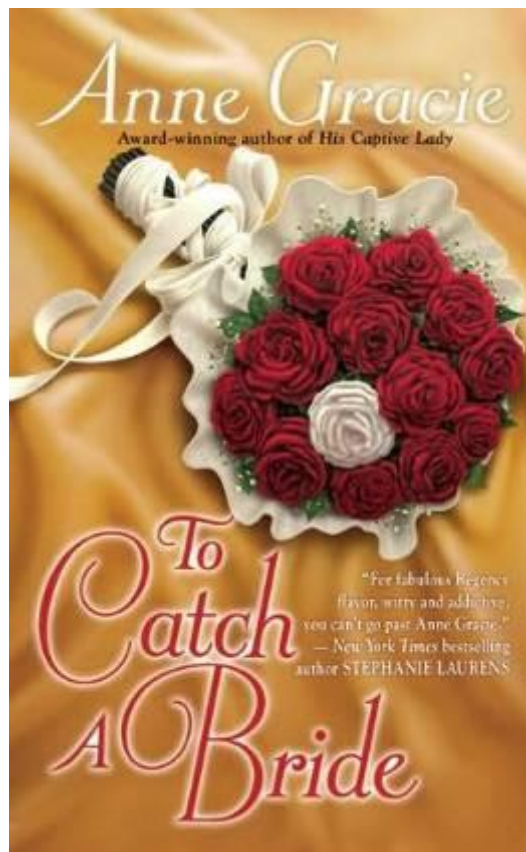




Anne Gracie Para Pegar Uma Noiva

Era a desculpa perfeita para adiar um temido casamento de conveniência - sair em uma jornada exótica para perseguir uma jovem lady perdida no Egito por seis anos. Rafe Ramsey, filho do Conde de Axebridge, fica totalmente obcecado quando finalmente localiza a linda e viva Ayisha, que tomou um novo nome. Mas um misterioso passado fez com que se torne impossível a ela retornar à Inglaterra, e ela está se escondendo por algo muito mais sério do que um noivado não desejado.







“Com agradecimentos a Anne McAllister e Marion Lennox
pela amizade e suporte generosos,
para os Maytoners, por tudo e pelas maravilhas em geral,
e para as Word Wenches,
que tão calorosamente me deram as boas-vindas em seu blog”.

Comentário da Revisora Ana Mota: A história é ótima, quem gosta do Egito, piratas e um livro sem muito drama, vai adorar. A Ayisha é uma gracinha, super decidida e forte. O Rafe, tadinho, eu o entendo, quando a gente está perto de quem realmente gosta, as palavras que saem nem sempre são as que deveriam, não é? Rsrtrs

Prólogo

Inglaterra.

Dezembro de 1817.

Um chicote estalou, quebrando a quietude da paisagem glacial. O trovão dos cascos ficou mais alto enquanto os curricles¹ se aproximavam da curva, pescoço a pescoço. A estrada era estreita, a curva era afiada, mas nenhum dos curricles diminuiu a velocidade.

Os cavalos corriam, se esforçando para ir adiante, as cabeças esticadas, a respiração emitindo fumaça no frio congelante.

Enquanto eles estalaram em torno da curva as rodas do curricule vinho e prata passava as rodas do curricule preto e amarelo.

—Pelo amor de Deus, Rafe, mostre um pouco de cuidado, se não por você mesmo ou por mim, mas pelo meu curricule novo e brilhante — Luke Ripton, o motorista do veículo preto e amarelo gritou.

Como resposta, o chicote de Rafe Ramsey bateu sobre os cavalos logo acima dos flancos.

—Você está dirigindo como um lunático, homem, muito mais do que o habitual.

—Eu tenho um casamento para ir. — Rafe estalou as rédeas e persuadiu os cavalos a irem mais rápido.

¹ Curricule – uma carruagem leve com duas rodas, aberta e puxada por dois cavalos lado a lado.



—Você quer chegar vivo lá, não é?

Rafe deu uma olhada rápida para o amigo. Os olhos relampejavam gelo azul.

Ao ver aquele olhar, Luke não teve nenhuma dúvida e se deixou ficar para trás e o curricle do amigo tomou a iniciativa. Ele e Rafe corriam o tempo todo. Normalmente era uma experiência impulsiva e jovial.

Mas o humor de Rafe hoje...

Não era direcionado a ele, Luke sabia. Rafe tinha chegado ao encontro deles daquele modo. Não havia nada que Luke pudesse dizer para mudá-lo. Rafe tinha respondido a cada investida e sátira com frieza, uma cortesia apenas contida, como se ela pudesse morder.

Luke, conhecendo os sinais há tempos, desistiu de tentar. Rafe era um de seus amigos mais antigos e era normalmente o cara mais frio e tranquilo que ele conhecia. Mas nas raras ocasiões em que ficava desse jeito, a única coisa a fazer era deixá-lo extravasar.

A causa era sempre a mesma: Axebridge.

Rafe raramente descontava sua raiva nos amigos - a raiva em Rafe não aparecia exteriormente, queimava por dentro. A guerra tinha sido uma saída útil. Ultimamente ele corria.

Hoje Luke tinha pressionado Rafe mais do que nunca, desejando que na hora que eles fossem ao casamento de Harry, Rafe tivesse queimado sua raiva e voltado ao seu habitual jeito encantador.

Em vez disso, Rafe continuava envolto em gelo e queimando com ira; os olhos tinham uma expressão em branco curiosa que dizia a Luke que a mente dele estava longe. Luke corria mais cautelosamente, como que para compensar o amigo, que corria como um homem possuído.

A entrada para Alverleigh apareceu no campo de visão, as paredes de pedra alta da propriedade interrompidas por um portão preto imponente de ferro forjado sustentado por duas colunas grandes de pedra. Hoje ele estava aberto para admitir os convidados do conde por ocasião do casamento do meio irmão Harry com Lady Helen Freymore.

O curricle de Rafe desceu o declive em direção ao portão, o veículo leve balançando e saltando a cada pancada e buraco.

Ele estava indo extremamente rápido para as condições geladas, Luke pensou.

— Há gelo na parte inferior da colina— ele gritou.

Rafe não fez nenhum sinal. Ele parecia inconsciente, envolto em pensamentos sombrios.

Algo, algum pequeno animal - uma raposa talvez - se arremessou do outro lado da estrada na frente dos cavalos. Um cavalo relinchou e tropeçou, o outro empurrou, o curricle balançou de modo selvagem, bateu em um remendo de gelo escuro, e começou a deslizar em um arco lento, inevitável em direção às paredes de pedra e o portão de ferro.

—Salve-se— Luke gritou, certo de que Rafe iria se quebrar contra as paredes de pedra ou ser empalado contra o ferro do portão. —Pule!

Rafe puxou o freio com uma mão e as rédeas com a outra, forçando os cavalos assustados a ficarem sob controle. A freada afiou o ângulo da derrapagem mas não diminuiu a velocidade dela; não havia acordo com o gelo.



Rafe passou os cavalos cruelmente pelo portão, duro e rápido, e soltou o freio. O peso do curricle deslizante puxou os cavalos para trás e para a direita. Eles mergulharam em confusão e terror.

Ele deu batidas com o chicote. Os cavalos saltaram adiante. Havia um ralar forte de madeira contra pedra ou ferro. O curricle balançou, saltou e bateu lateralmente, equilibrado em uma única roda. Outro segundo e se destruiria com certeza.

—Pule, seu tolo, pule!— Luke gritou.

Em vez disso, Rafe se jogou lateralmente acima da extremidade como um homem em um pequeno barco, usando o próprio peso como contrapeso. Por vários e infinitos segundos o curricle balançou na beira, então foi para trás e com um baque alto parou sobre ambas as rodas.

Ele deu uma olhada rápida de volta para Luke, bateu com o chicote como saudação, e levou seus cavalos suando para a calçada.

Luke chegou quando Rafe estava instruindo os cavaleiros de Alverleigh a esfriarem seus cavalos lentamente, dessem a eles uma boa escovada, comida morna e o melhor tratamento possível.

—Você é um maníaco— Luke declarou, saltando de seu curricle e jogando as rédeas para um cavaleiro. —Quase se matou.

A boca de Rafe curvou em um sorriso melancólico.

—Isso seria colocar o gato entre os pombos. Os planos de sucessão seriam arruinados.

—Seria mais o casamento de Harry e Nell em ruínas, isso sim!— Luke retrucou. —Eu não dou a mínima para a sucessão de Axebridge, também, mas você está no meio de amigos agora, então se controla um pouco.

Rafe piscou e o resplendor duro lentamente enfraqueceu de seus olhos. Em uma voz muito mais tranquila ele disse:

— Você tem razão, Luke. Eu não estava pensando no Harry e na Nell.

—Você não estava pensando mesmo— Luke disse a ele abruptamente.

Rafe deu ao amigo um olhar atento e então um suspiro sentido.

—Tão ruim assim?

Luke, aliviado por que o pior havia passado, relaxou.

—Pior do que via há tempos. Acho que nós dois precisamos de uma bebida.

—Concordo. — Rafe desatou o cachecol de seda e removeu as luvas de direção de couro. —E já que eu ganhei, você me deve um macaco.

—Eu sei, dane-se você— Luke disse enquanto eles caminhavam em direção aos degraus dianteiros de Alverleigh. —Me mata admitir isto, mas foi muito fácil para você lá atrás. Pensei que você iria se quebrar naquelas colunas. Seus cavalos foram magníficos.

—Graça e coragem sob fogo— Rafe concordou. —Que hora é a formalidade? Não sei se estou com estômago para um casamento agora mesmo.

—É melhor você se preparar, então— Luke o advertiu.

Rafe deu a ele um sorriso lânguido.

—Não se preocupe, eu irei, por causa de Nell e Harry. Este casamento, pelo menos, é para se celebrar.



Enquanto ele falava, o amigo deles, Gabriel Renfrew, irmão do conde e meio irmão do noivo, veio ligeiramente os degraus abaixo para saudá-los.

—Como foi a viagem? — Ele perguntou depois que as saudações foram concluídas.

—Foi horrível— Luke disse a ele.

Gabe ergueu uma sobrancelha.

—Todas as suas corridas são horríveis. O que foi diferente desta vez?

Luke empurrou a cabeça na direção de Rafe.

—Ele acabou de vir de Axebridge.

Gabe deu uma olhada rápida para Rafe.

—Entendo. Você finalizou os acordos do casamento, é isso?

Rafe não respondeu. Um músculo do queixo teve um espasmo.

—Uma bebida— Gabe decidiu.

—Várias— Luke concordou. —E traga das grandes - ele está precisando.

—Tolice— Rafe disse friamente. —Estou perfeitamente tranquilo.

—Eu sei, querido menino— Gabe disse. —Isto quer dizer problema.

Algumas horas depois Rafe estava sentado no banco da igreja assistindo seu amigo Harry compassar como um leão enjaulado, ao aguardar a noiva.

Houve um movimento na entrada da igreja. Rafe não precisou girar a cabeça para ver quem havia chegado. Os olhos cinza de Harry, normalmente tão desertos, queimavam enquanto ele via sua noiva. E estavam tão cheios com emoção nua que Rafe teve que olhar.

Rafe ouviu a certeza e o orgulho quieto na voz de Harry enquanto ele prometia amar e respeitar.

Ele pegou o sorriso íntimo trocado entre Gabe e Callie, a princesa de seu coração, enquanto eles se lembravam de seu próprio casamento.

Na saúde e na doença... Para amar e respeitar...

Até que a morte os separe.

Rafe sentia frio até a medula.

Ele podia fazer promessas assim? Não a Lady Lavinia. Não depois do que ele tinha descoberto em Axebridge.

Mas ele poderia um dia?

O que importava? Não havia nenhum amor em Rafe de qualquer maneira. Nunca havia existido.

Ele não era como Gabe que tinha vivido o amor aqui e ali até cair profunda e irrevogavelmente por Callie.

Ele não era como Harry, que se apaixonou duas vezes, a primeira tão desastrosamente que não se importava em viver ou morrer. Agora, verdadeira e profundamente apaixonado, ele estava de pé no altar, olhando para sua noiva, um homem transformado.

Rafe não havia entendido antes e não entendia agora.



Ele nunca tinha se apaixonado assim, nem uma única vez em todos os seus vinte e oito anos, nem mesmo por uma hora, e em sua idade, não era provável que ele começasse.

Mulheres, sim, mas apenas na compreensão rígida da relação puramente física. Ele as tratava bem e era generoso na partida. Elas não pareciam se importar. Nenhuma delas tinha conseguido perfurar sua frieza.

Na guerra a frieza dele havia crescido. Era útil, na guerra, ficar frio e friamente analítico, não se deixar levar para longe pela paixão. Ele achava força nisto, mantendo o mundo a distância, impedindo a aflição e o pesar de tocá-lo. As pessoas podiam morrer de aflição e pesar.

Ele tinha pensado que tinha alcançado o controle perfeito, um estado onde pouquíssimas coisas poderiam chateá-lo.

E então ele tinha voltado para casa. Mais com precisão, ele havia retornado a Axebridge.

O pai de Rafe, o antigo Conde de Axebridge, havia morrido enquanto ele estava na guerra, então Axebridge não era mais o lugar hostil que tinha sido quando Rafe era criança. E o conde atual, seu irmão mais velho, não havia produzido nenhuma criança em dez anos de casamento, Rafe entendia agora como ele havia se sentido ao se casar e assegurar a sucessão. Pela primeira vez na vida Rafe era necessário à família, e ele estava preparado para cumprir sua função.

O irmão dele havia até achado uma noiva apropriada. Rafe não estava particularmente enamorado por ela, mas ele mesmo não havia achado ninguém, e Lady Lavinia Fettiplace era de excelente família - a melhor linhagem e criação na Inglaterra. Ela vinha com boa fortuna e era até bonita.

Ele podia fazer isto, ele tinha dito isso a si mesmo cem vezes.

Até esta manhã, quando o irmão dele havia revelado as condições e Lady Lavinia havia concordado, sem sequer se referir a ele...

Ira fria ergueu nele novamente. Rafe a engoliu. Esse não era nem o lugar ou a hora. Ele não era mais um garotinho. A família apenas poderia machucá-lo se ele deixasse.

O casamento estava terminado, o jantar da celebração consumido e eles dançaram a noite toda. De manhã, a noiva e noivo foram embora em uma cavalgada jovial, Nell incandescente com felicidade, a pequena Torie em uma cesta ao lado dela, e Harry tão orgulhoso e com uma luz nos olhos que Rafe nunca tinha visto.

Os convidados restantes saíram logo a seguir, correndo para chegar a suas casas para o Natal, rezando para que o tempo claro permanecesse. Rafe e Luke, sem nenhuma pressa em particular, estavam entre os últimos a partir. Eles disseram suas despedidas, e odiando esperar depois disto, Rafe vagou em direção aos estábulos para aguardar seus curricles.

—Eu não vou correr com você na volta— Luke anunciou enquanto eles passavam pela estrada de pedregulhos. Era uma manhã fria, clara, o ar seco, apenas com uma brisa leve. Perfeita para uma corrida.

Rafe inclinou a cabeça.

—Como desejar.



—Eu te conheço— Luke persistiu. —Debaixo dessa aparência tranquila você ainda está selvagem sobre o que quer que tenha acontecido.

Rafe encolheu os ombros. Ele podia ter reassegurado o amigo que seu modo de dirigir estaria de volta ao normal agora que ele tinha tomado uma decisão, mas não o fez. A corrida não purgaria a raiva dentro dele desta vez. A traição. Mas ele sabia o que iria.

Eles esperaram na frente dos estábulos, batendo os pés no frio, assistindo enquanto os rapazes do estábulo preparavam seus cavalos.

—Quer que eu vá com você para Axebridge? — Luke ofereceu.

—Mas é quase Natal. — Rafe ficou surpreso. —E a sua família?

—A mãe e as meninas não se importarão. — Luke era o único filho vivo em uma família de meninas. A mãe era uma viúva, e todas, menos a filha mais jovem, estavam casadas agora, mas ainda ficavam grudadas no irmão.

Rafe sorriu.

—Você é um mentiroso.

—Eu explicarei— Luke disse. —Elas não se importarão quando souberem que é você. Você sabe como a minha mãe é aficionada por você - as meninas, também.

Rafe agitou a cabeça.

—Não. Vá para casa e celebre o Natal com a sua família. Dê as minhas lembranças a todas elas.

—Então volte para casa comigo— Luke disse. —Passe o Natal conosco. Elas acharão o melhor presente de todos.

—Eu já enviei um presente para a sua mãe — Rafe disse a ele. Quando menino, ele havia passado um Natal muito feliz com a família Ripton. Era uma maravilha se comparada a própria família dele, um irmão muito mais velho que ele mal conhecia e um pai que nem reconhecia a existência do filho mais jovem.

—Você é tão teimoso— Luke disse agitando a cabeça. —Muito bem então, fique miserável se é o que quer. Verei-te em Axebridge no ano novo.

—Ah, sim... A festa...

Luke deu a Rafe um olhar atento.

—Você soa suspeitosamente vago, Ramsey. Falta de coragem porque finalmente ficou noivo de Lady Lavinia? — Ele deu a Rafe um olhar atento. —Ou não vai mais ter casamento?

Rafe encolheu os ombros.

—A festa na casa ainda está certa até onde eu sei.

—Bem, então, verei...

—Mas eu não estarei lá— Rafe terminou, assistindo extremamente atento enquanto um jovem do estábulo afivelava o equipamento ao cavalo.

—O quê? Onde você estará?

—Lembra de com quem eu estava sentado no jantar ontem à noite?

Luke enrugou a sobancelha, tentando se recordar.

—Alguma lady idosa, não era? Devo dizer que foi um lugar muito ruim para você se sentar.

—Lady Cleeve. Uma lady idosa muito interessante. Disse-me uma história interessante.



Luke olhou fixamente para ele.

—Sobre o que o diabo você está falando? Contou-te uma história?

Rafe anuiu com a cabeça.

—Parece que uma neta dela está sumida.

—O que você quer dizer com sumida? A garota fugiu com algum homem?

—Não, nada assim— Rafe disse. —A lady idosa pensou que a menina havia morrido junto com a mãe há mais de doze anos. Estava lamentando desde então. O filho morreu há seis anos, e desde então Lady Cleeve pensou que estava só no mundo.

—Muito triste— Luke disse, —mas o que isso tem a ver...

—Alguns meses atrás, Alaric Stretton - você conhece, aquele artista que viaja o mundo e escreve livros sobre isso - apareceu na porta dela depois de anos em algum lugar esquecido no mundo. Parece que eles são antigos amigos de família - ele costumava visitá-los na Índia.

Luke deu a ele um olhar que dizia: por que você está me dizendo isso?

Rafe continuou:

— Stretton disse a ela que sua neta estava viva e bem e com o pai há apenas seis anos. Ele até produziu um esboço da menina e do pai - a garotinha é bastante tocante - ele é um ótimo artista. Então, agora Lady Cleeve pensa que a menina pode ainda estar viva. Ela está desesperada para achá-la.

—Para mim, soa como uma viagem.

—Pode realmente ser.

—Mas o que isso tem a ver com você? Não— Luke cessou bruscamente com expressão atordoada. —Não me diga - é por isso que você vai fugir da sua própria festa de noivado?

Rafe apenas sorriu. Ele estava realmente tentado a não aparecer na festa; era o que eles mereciam, afinal. Mas esse não era o jeito dele. Em vez disso, esta manhã, ele havia enviado uma nota friamente cortês a Lady Lavinia e outra ao irmão e a cunhada, dando suas desculpas.

Luke ergueu a mão em exasperação.

—Vai sair em uma viagem dessas só por causa de alguma neta mítica de uma lady idosa maluca? Baseado em um esboço de um explorador louco que gasta nove a cada dez anos em partes do mundo esquecidas por Deus?

Rafe não disse nada. Ele já tinha se decidido.

Luke persistiu.

—Eu sei que você adora ladies idosas, mas...

—Lady Cleeve era uma amiga de infância da vovó— Rafe disse simplesmente. —Elas se corresponderam por toda a vida.

—Oh, Deus, isto é tudo, então— Luke disse, agitando a cabeça em resignação. —Então onde esta neta foi vista pela última vez?

—Egito.

O queixo de Luke caiu.

—Você vai até o *Egito*?

Novamente, Rafe sorriu.

Os curricles estavam prontos. Luke não se moveu.



—Rafe Ramsey, você está totalmente louco.

Rafe agitou a cabeça.

—Não louco, menino querido. Apenas... bravo.

—Bem, faça o que o resto de nós faz quando está bravo— Luke disse em exasperação. — Bata em alguém! Bata no seu irmão, bata em mim – bata em alguém! É melhor do que ir para o Egito.

Rafe apenas sorriu.

Capítulo Um

Egito

1818

—Ele está aí, o homem que eu te disse— Ali disse, apontando com um dedo pequeno, sujo. —Dizem que o nome dele é Rameses. Dizem que veio da Inglaterra para comprar uma menina, e que pagará em ouro.

*Rameses*²? O nome de um grande rei? Das sombras escuras da ruela Ayisha não teve nenhuma dificuldade em ver o estrangeiro que fazia perguntas; ele era em torno de uma cabeça mais alto do que qualquer outro homem na zona comercial.

Rameses. Era um nome estranho para um inglês.

Ele não era como os outros que tinham vindo atrás dela no passado.

Para começar, ele era limpo.

E bonito. Não como um garoto bonito—Ayisha sabia tudo sobre garotos bonitos—mas com uma elegância dura e afiada, do tipo austera. Como que esculpido em mármore.

A pele estava ligeiramente bronzeada, mas ainda assim mais pálida do que a maioria das pessoas que ela conhecia. Mais como a própria cor dela debaixo das roupas. Ele usava um chapéu de cor clara para proteger o rosto do sol, mas as roupas eram estrangeiras: inglesas e bem justas, sem deixar uma brisa entrar para esfriar o corpo. O casaco azul escuro era cortado apertado e revelava um par poderoso de ombros. Sob o casaco ele usava uma camisa branca com uma gravata ao redor do pescoço amarrada bem apertado e com um laço complicado.

Muitas roupas, muito apertadas e o pano muito pesado.

Ainda assim ele não parecia suado, quente e amarrotado do modo como os ingleses recém chegados ao país normalmente ficavam. Esse homem parecia frio e calmo. Duro.

² Rameses = Ramsés, originalmente chamado Paramessu, Ramsés I não nasceu no seio de uma família real. Ele se tornou um grande militar no Baixo Egito. Era um militar de carreira, originalmente chefe dos arqueiros, e depois acabou se tornando vizir. Ramsés I também foi alto sacerdote do templo de Amom. Ramsés II foi o terceiro faraó da XIX dinastia egípcia, uma das dinastias que compõem o Império Novo. O seu reinado foi possivelmente o mais prestigioso da história egípcia tanto no aspecto econômico, administrativo, cultural e militar.



Ela não pôde evitar e olhou para as calças de cor amarelo-acastanhada moldada aos músculos longos e duros, pernas masculinas dentro de botas pretas cintilantes. Elas eram muito... reveladoras.

Os homens que Ayisha via todos os dias usavam roupas soltas, fluidas, batas ou calças e camisas folgadas, soltas, longas. As roupas não mostravam a forma do corpo. Não assim, quase descaradamente: cada ângulo duro e masculino revelado. Ela tragou.

Se eles o fizessem, ela nunca teria conseguido passar como um menino chamado Azhar por todos estes anos.

Ela assistiu os músculos flexionarem enquanto o inglês andava a passos largos pelo pó e caos da zona comercial com o poder flexível de um leão.

Ela se sentiu de repente mais quente, embora estivesse de pé na sombra fresca.

Rameses. O nome combinava com o homem.

—Ele tem um desenho da garota que quer— Ali continuou. —Uma garota francesa. Ele mostrou para muitas pessoas na zona comercial ontem. Gadi viu. Ele disse que poderia ser sua irmãzinha, se você tivesse uma.

Ayisha parou. *Gadi disse o quê?* Gadi podia ver a semelhança entre um esboço de uma garotinha francesa e Azhar, o manhoso garoto de rua egípcio?

Os pensamentos dela voaram de uma vez para um esboço que tinha sido feito há mais de seis anos por uma visita inglesa com o qual eles tinham ficado uma vez. Ele podia desenhar ao ponto de fazer a imagem parecer viva. Ela ainda se lembrava da maravilha do ato, assistindo os lápis voando sobre o papel, e então, o próprio rosto aos treze anos de idade olhando de volta para ela de uma folha de papel branca.

Não poderia ser aquele desenho... poderia?

Não, aquele inglês havia levado o esboço com ele quando tinha deixado o Egito, rumo à China. Ela tinha sido muito tímida para pedi-lo a ele.

Como aquele desenho poderia ter caído nas mãos deste inglês? E se tivesse caído, por que ele o traria para o Egito?

Por que ele mostraria isso por aí? E ele ofereceria dinheiro pela garota do retrato?

Poderia ser sua irmãzinha...

Aquele esboço poderia arruinar sua vida.

Ela olhou fixamente para o estrangeiro alto, tentando ler as respostas de alguma maneira em seu rosto. Atrás dela no souk³ de especiaria, um vendedor estava assando gergelim, coentro e cominho com nozes para fazer *dukkah*ⁱⁱ. A barriga dela roncou com o aroma delicioso, mas ela não tirou os olhos do inglês. Como se ele sentisse seu interesse, mudou de direção e caminhou para a ruela onde ela estava.

³ Souk - bairro comercial em uma cidade árabe. O termo é frequentemente utilizado para designar o mercado em qualquer cidade árabe ou muçulmana. Também pode se referir ao mercado semanal em algumas cidades menores, onde a neutralidade em conflitos tribais é declarada para permitir o intercâmbio de mercadorias excedentes. Em árabe padrão moderno, o termo refere-se aos mercados, tanto no sentido físico quanto no sentido econômico abstrato.



A multidão se abriu diante dele como uma divisão de ondas, e não só porque ele era alto e estrangeiro. Havia algo no homem em si. Ele se movia como um paxá⁴, como um sultão, como um rei - não se vangloriando, mas com um ar inconsciente de garantia, de comando criado nos ossos - e a multidão instintivamente respondia.

Ele era um homem acostumado a ir aonde quer que desejasse.

Um homem acostumado a conseguir o que quer - ou quem quer - que desejasse.

Não desta vez, ela jurou calada. Não ela.

—Dizem que ele é um milorde inglês— Ali disse. —Dizem que tem ouro para comprar o que quer que queira e gasta como água. Mas por que passar por isso tudo para comprar uma menina? Eles não têm meninas na Inglaterra?

Ayisha fungou.

—Sim, claro. Um tolo e seu ouro se separam logo. — Palavras valentes. Desmentiam o frio inconstante no fundo de sua barriga.

—Gadi disse que se você fosse mais jovem, ele te vestiria como uma menina e te venderia para este Rameses e faria fortuna. — Ali riu com a piada - a piada pública e interna. Em toda a Cairo, apenas ele e Laila sabiam que Ayisha era uma menina.

A garganta de Ayisha apertou. Ela tinha que conseguir aquela foto, pegar e destruir. Gadi pensava que ela se assemelhava à garota no desenho... Gadi era um jovem estúpido. Ele não sabia nada. Mas se continuasse fazendo essa brincadeira para todo mundo ouvir...

A bÍlis subiu à garganta dela.

O tio de Gadi tinha sido um daqueles que a procuraram, todos aqueles anos antes. Se ele visse o retrato agora... se Gadi fizesse a piada para o tio...

O tio de Gadi era muito mais esperto do que ele. Perceberia como ela teria sido mais nova.

Quando comessem a compará-la com a menina - mesmo que por brincadeira - não demoraria muito para alguém perceber...

O tio de Gadi não era o único que a havia caçado todos aqueles anos atrás.

—Gadi fala muita besteira— ela disse a Ali.

Ali agitou a cabeça.

—Não, Gadi sabe muito sobre o mundo.

Ayisha não disse nada. O órfão de dez anos tinha a propensão a adorar como heróis os homens mais inadequados.

Por que o menino não podia escolher alguém decente para adorar?

Não que houvesse muita escolha para um menino órfão. As ruas do subúrbio do Cairo não eram exatamente lotadas com homens decentes. A pobreza e a vida suja de rua normalmente não criavam decência. Quem sabia disso melhor do que ela?

Ela se debruçou mais nas sombras e esperou o inglês se aproximar mais. Ela queria vê-lo de perto, perto o suficiente para examinar os olhos. Era arriscado, mas ela precisava ver por si mesma com qual tipo de homem estava lidando.

Conheça o inimigo.

⁴ Paxá - denominação dada entre os turcos aos governadores de províncias do Império Otomano, e correspondia ao título de "Excelência" usado no Ocidente.



Ele andou a passos largos pela multidão, indiferente ao barulho, o movimento, a sujeira. Ela nunca tinha pensado em homens bonitos como esse antes, mas ele tinha uma beleza sobressalente, dura, varonil que a fazia desejar encará-lo. Fixamente.

Ele era como alguém saído das histórias da mãe dela; lindo mas mortal. A mãe sempre contava histórias maravilhosas, terríveis, e apesar de algumas serem verdade, a maioria não era. O problema estava em descobrir a diferença...

Mas Ayisha não era mais uma criança crédula de olhos largos e não era nenhuma presa fácil para um homem. Seis anos nas ruas a tornaram uma pessoa diferente. Ela era qualificada, inteligente, esperta como uma raposa, uma raposa fêmea.

O inglês pausou, empurrando o chapéu para cima na testa e girou a cabeça como se estivesse buscando uma brisa no ar quieto, empoeirado. Ela estava perto o suficiente para ver seu rosto claramente, as linhas esculpidas de um queixo duro, o nariz reto, corajoso, a testa larga.

A pele era lisa e ligeiramente bronzeada, sem deformações e marcas, apenas uma cicatriz pequena, reta e prateada próxima à boca. Os olhos dela fora atraídos para a boca... e que boca. Firme, os lábios cinzelados, apertados e comprimidos no momento. Ela queria deslizar um dedo umedecido sobre eles... vê-los se suavizavam.

Mas os olhos a atraíram mais; olhos pesados como chumbo, amendoados e de aparência sonolenta.

Sonolentos? Um calafrio correu por ela. Sonolentos como uma naja, os olhos não perdiam nada. E estavam olhando diretamente para ela.

Ele possivelmente não podia vê-la claramente, ela se lembrou - não com o sol tão brilhante nos olhos e com Ayisha nas sombras mais escuras que a viela estreita dispunha. Ela havia escolhido este lugar com cuidado. O souk de especiaria era o mais escuro. Os raios de sol eram ruins para as especiarias.

Ainda assim, ele não se moveu, os olhos, não mais com a aparência sonolenta, preso nas sombras, diretamente nela, como se ele pudesse vê-la, marcá-la com seu olhar. Ela congelou, tão quieta quanto um rato enfrentando uma píton⁵, e enquanto ela examinava os olhos dele, uma frieza de aço correu pela espinha dela.

Eram olhos como nenhum que ela já havia visto - um azul pálido, frio, como o céu logo antes do amanhecer, a hora quando a esperança era mínima e as almas passavam pela Terra. Não tinham nenhum calor, nenhuma esperança, nenhuma piedade. Um homem para quem a vida ou a morte não faziam nenhuma diferença. Nenhuma maravilha a multidão se abrir diante dele.

Ela se apertou contra os tijolos, tornando-se uma com as sombras mais fundas. Ele possivelmente não podia vê-la, mas o olhar dele a estava enervando muito.

Perto, o vendedor de especiaria começava a esmagar o *dukkah* e misturar com sal.

⁵ Píton - nome comum para uma família de serpentes. Nenhuma possui dentes inoculadores de veneno, mas possuem presas afiadas curvadas pra dentro para agarrar sua presa. Variam de 4,5 a 6 metros de comprimento. Na mitologia grega, é uma serpente gigantesca, que nasceu do lodo na Terra após o grande dilúvio. Foi mandada por Hera para perseguir Leto e foi morta a flechadas por Apolo.



Se ele fizesse o movimento mais leve na direção dela, ela correria. Havia uma dúzia de rotas de fuga; ela conhecia toda a cidade, cada viela, souk e tubulações. Ela não seria pega. Ela esperou, sem ar, todos os músculos tensos.

O cheiro de especiarias esmagadas e assadas tomou suas narinas, ameaçando sufocá-la.

As sobrancelhas escuras dele apertaram, os olhos estreitaram, e as narinas chamejaram ligeiramente, como se ele sentisse o cheiro do jogo. Os lordes ingleses adoravam caçar raposas. O pai havia dito a ela tudo sobre isto, prometido que um dia a levaria para a Inglaterra, para caçar.

O pai também tinha sido um contador de histórias. Ela tinha acreditado em cada palavra dele, quem duvidaria que o pai não pudesse fazer qualquer coisa?

Mas o pai dela havia morrido, e a lista de história tinha se tornado menos verdadeira do que as histórias inventadas da mãe. Ayisha nunca veria a Inglaterra, a terra verde e agradável das histórias do pai.

E ainda que ela fosse, nada, nenhum lorde inglês poderia fazê-la ir caçar raposa.

Ela tinha sido caçada muito frequentemente para ver como esporte tal coisa.

Porém, essa tinha sido a primeira vez que um lorde inglês havia vindo. Ele estava tão entediado com as raposas inglesas ao ponto de vir de tão longe para caçar... uma menina?

Um impacto e gritos súbitos vieram do outro lado do mercado - uma briga do vendedor de laranja - e o olhar azul impiedoso se moveu, apenas por um momento. Num instante Ayisha se moveu, deixando a ruela escura e mergulhando debaixo das coberturas de um estábulo.

Ela assistiu por uma fresta entre tecidos enquanto ele assistia a cena do vendedor de laranja em seu estábulo, então retornou o olhar para a ruela. Para o lugar exato onde ela estava.

As sobrancelhas fecharam em um franzir lânguido enquanto ele esquadrinhava o ambiente. Ele deu uma olhada rápida no estábulo e os olhos estreitaram, como se ele soubesse que ela estava lá, abaixada sob a mesa, atrás de um tecido laranja listrado, e ele não podia, não era possível, a menos que ele fosse um *djinni*⁶ ou um mago.

Ayisha não acreditava em tais coisas. O povo supersticioso com o qual ela tinha vivido nos últimos seis anos poderia acreditar em *djinnis*, *ifritis*⁷, e outros espíritos do mal. Ayisha não acreditava. Ela era educada - um pouco - podia ler e escrever em vários idiomas - um pouco - e, além disso, era cristã. Olho do demônio, que tolíce.

Ela fez o sinal da cruz, por via das dúvidas.

E então, de repente, ele se moveu, continuou o caminho, andando a passos largos pela zona comercial, os olhos azuis intensos sob as pálpebras sonolentas sem perder nada.

Ayisha respirou novamente.

Não, ele não era como todas as pessoas que tinham vindo atrás dela antes. Ele era muito, muito mais perigoso.

Ela esperou até ele alcançar o lado distante da zona comercial, virar uma esquina e desaparecer, então ela escapou de debaixo do estábulo e achou Ali seguindo cheio de intenção em direção ao canto mais distante da praça. Ela o agarrou pelo pescoço e o arrastou para trás.

⁶ Djinni- qualquer ser de uma classe de espíritos, menor que os anjos, capaz de aparecer em formas humanas e animais e influenciando a humanidade para o bem ou para o mal. Conhecidos no ocidente como gênios.

⁷ Ifriti- um tipo de djinni, um espírito diabólico.



—Ei, o que —

—Você não vai seguir aquele homem— ela disse a ele com a voz dura. —Ele é perigoso.

Ali bufou.

—Mas eu posso—

—Estou falando sério, Ali. — Ela agarrou os ombros fracos dele firmemente. —Não o siga, não fale com ele - estou sendo clara?

Ele se encolheu sob o olhar dela.

—Mas, Ash, quero ver aquele retrato, quero ver se parece tanto com você quanto Gadi diz.

—Não parece.

—Como você sabe se nunca viu?

—Eu não preciso ver para saber que é uma das histórias estúpidas de Gadi.

Ali disse resmungando:

— Se eu conseguisse um pouco do ouro dele, nós poderíamos conseguir aquela casa em Alexandria—

—E como você conseguiria o ouro?

O olhar de Ali vacilou.

—Ali! Você não está pensando em roubar aquele inglês!

Ali pendeu a cabeça e murmurou, — Gadi disse que o inglês têm tanto ouro que não sentiriam falta dele.

—Então deixe Gadi tentar roubá-lo - e lembre-se do que eu disse quando as pessoas o chamarem de Gadi-uma-mão⁸. — Ela deu um bufar depreciativo. —Aquele homem pode parecer um estrangeiro sonolento, mas é perigoso.

Ali fez uma carranca e curvou o ombro. —Eu poderia fazer se você me ensinasse.

—Bem, eu não irei. Roubar é errado. E perigoso.

—Você faz isto.

—Eu não faço. — Ela marchou com ele pelas ruas estreitas e passadeiras, torcendo e girando, sem ao menos ter que pensar no caminho a seguir. Estas ruas eram o território dela.

Ele disse resmungando — Você costumava fazer. E era apenas um pouco mais velha do que eu. Gadi disse—

—Gadi fala demais. Eu roubei quando era jovem apenas porque tinha que fazer isso ou passar fome. Mas agora eu trabalho, e o trabalho é honrado. E você— Ela tocou um punho ligeiramente no queixo marrom dele. —Você nunca passará fome, não enquanto Laila e eu estivermos vivas. *Você* tem escolha.

—Mas—

—Chega!— Ela o agitou pelo braço. — Laila morreria se alguma coisa acontecesse a você. Você é a alegria aos olhos dela - mas eu não posso imaginar por que ela se importa com um menino mau e sujo que quer se tornar um ladrão.

—Ei, Ash. — Ali revirou os olhos e tentou parecer duro em vez de contente.

⁸ Segundo o Alcorão, quem rouba deve ter a mão direita cortada.



—Não faça 'ei, Ash' para mim, agora vá. — Ela deu a ele um pequeno empurrão em direção à entrada dos fundos de sua casa. Um cheiro delicioso de massa assada enchia o ar. —Ajude Laila com as tortas. E não coma muito. E fique longe do inglês.

—Rameses— Ali a lembrou. —Mas eu quero ver aquele retrato. Eu quero te mostrar—

—Sem mais palavra sobre aquele homem ou o retrato!— Ela disse em exasperação. —Agora vá.

Não levou muito tempo para ela achar o inglês novamente; além de ser um estrangeiro, era o tipo de homem que as pessoas notavam.

Ela o achou na casa de Hassan, antigo garoto que cuidava do jardim do pai dela. Ainda que cinco pessoas diferentes não tivessem dito a ela que um grande paxá estrangeiro tinha vindo falar com Hassan, ela teria sabido que ele estava lá. As botas longas, pretas e brilhantes aguardavam na porta da frente.

Ela ficou um pouco tentada a levá-las, não roubá-las mas escondê-las. Ensinar uma lição ao inglês por ter vindo caçá-la! Deixá-lo tentar com os pés descalços assim como ela. Mas havia muitas pessoas assistindo.

Ela não falava com Hassan há seis anos - ela não falava com alguns dos antigos empregados do pai - depois do que tinha acontecido, ela não ousava - mas ela conhecia bem esta área.

A casa de Hassan era pequena e velha. Havia apenas dois quartos para a família inteira. O inglês alto deveria estar cansado, e estava quente, então eles poderiam abrir a porta dos fundos. De lá, ela poderia ser capaz de vê-lo.

Ela desapareceu uma ruela abaixo apenas com a largura de seu corpo e, despercebida, passou silenciosa por uma parede e subiu alguns degraus sobre o telhado da casa da parte dos fundos. As casas eram muito próximas e ela tinha uma visão perfeita do pátio minúsculo nos fundos da casa de Hassan, onde uma mulher estava cozinhando algo em um pequeno fogão de louça. Ela fez o chá e o deu para o convidado, deixando a porta aberta.

Ayisha deitou sobre a barriga, fez sombra sobre os olhos com a mão contra o clarão, e tentou ver a casa. Era difícil, mas eventualmente os olhos se ajustaram o suficiente para que ela visse o inglês pegando o retrato de dentro do casaco e o mostrou para Hassan. Hassan olhou, anuiu com a cabeça, e disse algo, então agitou a cabeça.

Ela lutou para pegar uma palavra, qualquer coisa, mas ela não podia ouvir nada. Era muito frustrante. Tantos ingleses conversavam em vozes altas e intensas como se desejasse que todo mundo na cidade os ouvissem, mas este aqui, maldito, estava falando baixo. A voz dele e de Hassan vinham como um murmúrio.

Ayisha se deitou para assistir, quente, sedenta e frustrada. Finalmente o inglês se levantou, deu algo a Hassan - provavelmente ouro, ela pensou amargamente - e partiu, tendo que curvar a cabeça para passar pela porta.

Ela fez o caminho de volta e correu para a frente, se preocupando em não perdê-lo novamente. Ela correu para a rua de Hassan e parou no pó.

O inglês olhou para cima e a encarou — direto nela. Ele não tinha terminado de colocar suas botas longas, apertadas, mas parou de colocá-las e olhou fixamente para ela. Os olhos frios estreitaram e as sobrancelhas escuras se reuniram.



Ayisha amaldiçoou e correu na direção oposta. Ela andaria ao redor e o pegaria mais tarde.

Ele a havia notado, olhou fixamente para ela e fez uma carranca.

Menina estúpida, idiota, descuidada, tola, chamando a atenção para si mesma assim. Claro que ele tinha olhado. Qualquer um iria, um garoto entrava correndo na rua como um louco, então girava e fugia.

O coração dela estava batendo firme. Ele possivelmente não podia saber quem ela era, ela disse a si mesma firmemente. Ninguém do mundo do pai dela havia-a visto nos últimos seis anos, e de qualquer maneira, ela estava vivendo como um menino. Se o disfarce dela pudesse ser visto com um olhar rápido, ela nunca teria sobrevivido durante seis anos nas ruas. Nenhuma fêmea solitária seria tolerada, muito menos usando roupa de homem. Era um pecado, um crime. Ela teria sido severamente castigada de acordo com a lei, e então... ela estremeceu com as possibilidades.

Não, o disfarce dela era bom. Ninguém sabia que ela era uma menina; apenas Ali, que era como um irmãozinho para ela e que dormia em um tapete de palha próximo a ela todas as noites. E Laila. Ela havia descoberto anos atrás, mas tinha mantido o segredo e ajudado Ayisha a melhorar o disfarce. Laila entendia a necessidade dele.

Para todo mundo, Ayisha era aquele menino de rua, Azhar.

E ninguém - nem mesmo Laila - tinha nenhuma ideia de quem os pais dela foram. Esse conhecimento valia mais do que a vida de Ayisha.

Melhor, era *exatamente* o que a vida dela valia.

Ela não confiava esse segredo a ninguém. Ela tinha feito o possível para se esquecer disto tudo. Apenas quando alguém vinha caçá-la que ela era forçada a se lembrar.

Alguém como este inglês.

Mas ele possivelmente não podia predizer o segredo dela, não com um olhar, ou dois. Ela apenas tinha sido descuidada, parando assim, mostrando interesse demais nele, isto é tudo. Normalmente não importaria, exceto que aqueles olhos misteriosos pareciam ver tudo.

Ela seria mais cuidadosa no futuro.

Ela o alcançou novamente pouco tempo mais tarde. Ela havia mudado de turbante, e agora em vez de um pano azul empoeirado, era branco, com uma tira vermelha trançada por ele. Ela sempre mantinha um extra amarrado ao redor da cintura. Em uma multidão, as pessoas procuram através do turbante; trocando-o tornava-se outra pessoa.

Ela o havia seguido o dia todo, detendo-se bem, escondida nas sombras ou entradas, abaixo de ruelas, atrás dos outros. Várias vezes ele tinha girado e esquadrinhado o ambiente como se soubesse de alguma maneira que ela estava lá. Afortunadamente ela era pequena, esfarrapada e muito hábil em se tornar imperceptível.

Ele havia visitado a maior parte dos antigos empregados que o pai dela teve um dia. Ele era muito completo, maldito - não como os outros que tinham vindo antes.

Todas as vezes ele pegava a pasta de couro contendo o retrato dela e o mostrava para eles. Todas as vezes eles olhavam, moviam a cabeça, então a agitavam ou encolhiam os ombros.

Mas em nenhum ponto estava lá qualquer chance para ela roubar o retrato. Uma multidão densa seria melhor, como a que ela o havia visto primeiro, mas ele não havia mais retornado à parte ocupada da cidade.



A tarde toda tinham sido casas pequenas em ruelas estreitas ou sem saída; locais ruins para um ladrão sem prática reavivar suas antigas habilidades, ainda que ele fosse seguido na maioria dos lugares por espectadores curiosos e mendigos de rua, alguns ela conhecia. E que, também, conheciam-na. E com toda a certeza não deixariam de fofocar sobre o interesse de Azhar no retrato.

Agora o inglês estava de pé na entrada de um homem que tinha feito trabalhos estranhos. Ele estava mais gordo agora, mas ela se lembrava dele. Gamal. Ela nunca tinha gostado dele. Teria sido cortês convidar o estrangeiro para entrar. Todos os outros tinham feito isso, mas Gamal queria que todo mundo visse seu grande visitante, então o havia mantido do lado de fora ao sol.

Ayisha podia não aprovar sua rudeza, mas podia se aproveitar dela. Afortunadamente um pequeno grupo de espectadores curiosos apareceu. Ela se aproximou.

—Ha! Eu sabia que você estava mentindo quando disse que não estava interessada— uma voz sussurrou triunfalmente em seu cotovelo.

—Ali, o que você está fazendo aqui? — Ela amaldiçoou calada e arrastou o menino de volta para fora do alcance dos ouvidos. —Eu te disse para ajudar Laila com as tortas.

—Eu fiz isso— Ali disse indignado. —E agora ela me mandou escolher ervas para as tortas de amanhã. — Ele ergueu uma bolsa de pano.

—Eu não vejo nenhum erva crescendo aqui— ela assinalou. —O rio é o lugar certo, então vá. Eu te disse para ficar longe deste homem.

—Ei, Ash, escolher ervas é trabalho de mulher e—

Era uma discussão antiga e Ayisha não tinha nenhuma paciência para isto agora. —E comer e ser desobediente são o trabalho de um menino? Você quer crescer como Omar?

Ali fez uma careta, não gostando da comparação.

O irmão de Laila, Omar, fazia o mínimo possível. Era Laila quem ganhava o dinheiro que os alimentava, assando pão e massas no forno de barro no pátio minúsculo. Ela varria os arredores procurando lenha ou usava esterco seco de animal para queimar no forno, fazia as tortas com ervas selvagens e apenas um pouquinho de queijo, mas era uma cozinheira nata e suas tortas vendiam tão rápido quanto ela podia cozinhá-las.

Ela também era uma mãe nata, mas era estéril. Ela sentia pena das crianças de rua, teria alimentado todas se pudesse, mas Omar a havia proibido. Ele tomava cada moeda que Laila ganhava. Era seu direito, como o cabeça da família.

Cada moeda que ele sabia. Laila e Ayisha haviam feito um plano...

—Omar não é um homem; é uma sanguessuga— Ayisha disse. —E não existe esse negócio de trabalho de mulheres, apenas trabalho. Então se a Laila te pede para escolher as ervas, você as escolhe - entendeu?

Ali suspirou e anuiu com a cabeça, então deu uma olhada rápida melancolicamente para onde o inglês permanecia em suas longas botas pretas, parecendo alto, bonito e exótico e em todos os sentidos muito mais excitante do que uma erva. —Não podemos apenas pedir para ver o retrato?

—Não.

—Por que não? Você quer ver, eu sei. Caso contrário, por que estaria aqui?



—Eu estava passando e parei por curiosidade— ela disse a ele. —Mas tenho trabalho a fazer e então, meu pequeno colhedor de ervas, você também. Então vá. — Ela o empurrou ligeiramente na direção do rio.

Ali partiu, os passos lentos, uma vista de martírio, porém, como um menino, ele de repente clareou e saiu saltando. Ayisha sorriu amplamente. Ele não se abatia, aquela criança, e ela o amava por isto. Ela se voltou para o inglês, mas ele estava partindo, o rosto distante e ilegível.

Gamal ficou de pé do lado de fora de sua casa e se gabava para a pequena multidão de vizinhos curiosos que tinham se aproximado ainda mais agora que o inglês havia partido. Ayisha se aproximou deles para ouvir o que Gamal estava dizendo.

—Ele é um grande lorde da Inglaterra, minha visita - Rameses, irmão do rei inglês.

Ayisha tentou não bufar. Como se um príncipe real inglês ficasse vagando pelas ruas do subúrbio de Cairo com um intérprete e nenhum guarda armado. Ainda que o rei inglês permitisse, Mehmet Ali, o paxá, não iria.

Gamal se esticou ao máximo em altura e disse—Realmente, ele viajou essa distância toda, do outro lado do mundo, apenas para conversar comigo. Ele perguntou sobre o inglês que costumava morar na vila rosa próxima ao rio.

—Esse não morreu? — Alguém perguntou.

—Sim— Gamal disse —mas a propriedade foi perdida e a família do inglês deseja recuperá-la.

Propriedade. Um calafrio passou pela espinha de Ayisha.

—Você a roubou, Gamal? — Alguém brincou, e todo mundo riu, não amigavelmente.

—Por que deveria eu, que falo com lordes ingleses, me aborrecer falando com ignorantes? — Gamal deu aos vizinhos um olhar desdenhoso, foi para o lado de dentro e fechou a porta.

Os vizinhos murmuraram ofendidos e começaram a se mover para longe em pequenas aglomerações indignadas. Não havia nada mais para ser aprendido e o dia estava passando, então Ayisha os deixou para lá.

Ela alcançou o inglês e seu intérprete enquanto eles saíam da estrada principal e em uma rua quieta de pedra. Os passos de Ayisha hesitaram. Ela conhecia aquela rua. A terceira casa do fim era bem conhecida em certos círculos...

Zamil.

Certos, eles pararam na porta de Zamil e bateram em uma porta espessa e reforçada de ferro.

A ansiedade girou na barriga dela. Que negócios ele teria com Zamil?

Ela vadiou nas sombras enquanto o intérprete falava com alguém através de uma grade. Um momento mais tarde eles foram admitidos. A porta pesada trancou atrás deles.

Cada instinto dela gritou para ficar o mais longe possível do lugar. Ela começou a partir, então voltou. Ela tinha que saber o que estava enfrentando. Tinha que saber. Ela se arrepiou por um momento, de forma não característica, indecisa.

—O que você quer em Zamil, jovem brigaço? — Rosnou uma voz profunda atrás dela.

Ela girou e achou um homem enorme assomando acima dela, o rosto horivelmente cicatrizado eriçando com um grande bigode preto. Ayisha o reconheceu de uma vez. Ele era



conhecido por todos que viviam nas ruas como o grego, Zamil o grego, o homem mais rápido com uma faca em toda a Cairo. E o mais maligno.

—Bem, fale! — Tentando se mover furtivamente para dar uma olhada no mercado de Zamil, é? — Ele se curvou e empurrou o rosto para perto do de Ayisha, sorrindo amplamente com dentes quebrados e enegrecidos. Vários tinham ficado apenas pontos. A respiração era fedorenta.

Era fatal mostrar medo na frente de tal homem. Ayisha empurrou a cabeça casualmente em direção à porta. —Meu mestre, o lorde inglês, está lá.

—Mestre!— O grego zombou. —Nenhum cliente de Zamil, muito menos um lorde inglês, manteria um filhote de cachorro esquelético e esfarrapado como você a seu serviço. Vá embora logo - a menos que - os olhos correram o corpo dela e seu sorriso se transformou em um olhar que fez Ayisha se sentir enjoada. —A menos que você tenha algo para vender.

A pele dela arrepiou, mas ela fingiu não notar o interesse dele. —Não, eu apenas vendo informações, efêndi⁹. Quem você pensa que guiou o lorde estrangeiro para esta casa? Você acha que seu empregado manso teria conhecimento de Zamil?

Ela bufou, então deu ao grande homem um olhar insolente. —Talvez o grande Zamil - ou seu melhor braço direito - me recompense por isto, não é?

O grego olhou fixamente por um momento, então jogou a cabeça para trás e deu um riso como um rugido. —Eu gosto de você, brigão— ele disse e bateu nas costas de Ayisha.

Ele bateu um punho carnoso na porta e a grade abriu. O grego disse — Este macaco bochechudo pensa que é velho o suficiente para olhar a mercadoria do Zamil. Deixe-o se juntar ao seu mestre. — Enquanto a porta era aberta, ele disse para Ayisha — Cuide desses olhos grandes, brigão.

—Meus olhos? —Ela fez uma carranca.

—Que eles não saiam das orbitas quando virem as mulheres do Zamil— ele disse, e ambos os homens rugiram com a piada.

Ayisha administrou um sorriso indiferente e passou alegremente pela entrada enquanto seu coração batia como um tambor. A porta fechou pesadamente atrás dela, e ela estava em outro mundo, um mundo longe da cidade empoeirada e se desintegrando.

Ela estava em um pátio, pavimentado com pedra cor de mel, emoldurado por arcos esculpidos e colunas caneladas. Uma fonte caía em uma lagoa onde lírios flutuavam. Jasmins cresciam em uma tela elegante forjada de ferro.

Uma dúzia de homens ricamente vestidos esperava no pátio, cada um com empregados em assistência. Conversavam entre si, o tipo de conversa que estranhos faziam enquanto esperavam por algo prestes a acontecer. Em uma entrada sombreada um turco alto estava de pé dando ordens a pessoas não vistas do lado de dentro.

Ela sabia o que eles estavam esperando. O estômago dela cerrou. Ela queria fugir, estar do outro lado daquela grande porta de ferro. O lado seguro.

Empregados traziam refrescos para os homens esperando: chá, sorvete de frutas, pequenos pratos primorosos de comida. Ela podia sentir o cheiro, fragrante e delicioso. Ela estava com fome;

⁹ Efêndi - título de nobreza utilizado em diversos países do Oriente Médio, equivalente a senhor ou mestre.



não havia comido o dia todo, mas ainda que eles oferecessem a ela qualquer coisa - o que eles não iriam - ela não poderia tragar um bocado sequer. Não neste lugar.

Ela viu o inglês no pátio do outro lado. A roupa estrangeira atraía os olhares curiosos e um pouco hostis, mas ele continuava lá, aparentemente desinteressado, com uma expressão fria, ilegível.

Mantendo a cabeça baixa, ela vagou para ele, com cuidado de permanecer imperceptível, e começou a estudar o local atrás dele, agachando-se humildemente contra a parede como o empregado mais submisso faria, esperando por seu mestre.

O inglês disse algo para seu intérprete que se moveu em direção a um homem que estava sentado em uma tribuna erguida no outro canto do pátio, um homem rechonchudo com batas sedosas. Zamil.

Ele foi interceptado depois de três passos por homens de Zamil, mas depois de uma conversa rápida, foi escoltado para ele por seus lacaios. Alguns momentos mais tarde Zamil acenou para que o inglês fosse adiante.

Ayisha deslizou pela multidão para ficar mais próxima.

Ele retirou a pasta de papéis e mostrou a Zamil o retrato. Zamil olhou para ela e encolheu os ombros. O inglês disse qualquer outra coisa - Ayisha não pôde pegar.

Ela se aproximou mais, a tempo de ouvir Zamil dizer— Não, uma virgem branca e jovem sairia a um bom preço há seis anos... — Ele encolheu os ombros. —Quem sabe onde esta aqui está agora? Uma coisa é certa, ela não é mais uma virgem.

Ele olhou para o rosto impassível do inglês e riu. —Peixe fresco é mais gostoso do que peixe velho, não? — Ele empurrou o queixo em direção ao balcão de leilão. —Os leilões começarão logo se você quiser comprar.

Mas o inglês nem olhou para aquele lado. Com uma despedida curta ele girou e partiu, andando a passos largos pela multidão de compradores como se eles não estivessem lá. Como o povo na zona comercial, eles recuaram para deixá-lo passar. Eram aqueles olhos ardentes cor de prata-azulado, ela pensou enquanto o seguia. Eles eram o suficiente para congelar até os ossos.

Ela o seguiu, mas ela estava lenta; ninguém abria caminho para um jovem desprezível. O inglês já havia saído para as ruas quando Ayisha ouviu a multidão atrás dela se mexer.

Ela foi em direção ao portão, não querendo olhar.

Mas ela podia ouvir.

Era uma escrava. Ayisha ouviu a antecipação, ouviu o anúncio — Uma jovem Circassiana¹⁰, com certificado de virgem... — ela ouviu a ondulação de avaliação.

A barriga de Ayisha contorceu em reação. Ela tropeçou para a saída, desejando ter saído quando o inglês tinha feito.

O homem na porta ria com seu rosto pálido. —Tanta beleza nua é demais para um menino, entendo. O grego te advertiu. Ainda assim, aquela pequena beleza Circassiana adocicará nossos

¹⁰ Circassiana - o termo vem do turco e não é a autodesignação de um povo. Desde o século XVIII os circassianos sofreram dispersão, fundando vilas e bairros na Síria, Jordânia, Líbano, Israel, Bulgária, Turquia, Moldávia e Kosovo. Hoje existem cerca de 700.000 circassianos no mundo, dos quais 200.000 vive na República Autônoma da Adiguésia, na Rússia.



sonhos, não é menino? — Ele riu enquanto destrancava a porta. —E agora, toda vez que olhar para uma mulher em um yashmak¹¹, saberá exatamente o que esse yashmak está escondendo, não é?

Ayisha passou por ele e correu. Ela correu e correu até que suas costelas doíam e sua respiração entrava em grandes soluços afiados.

Capítulo Dois

Ela correu até alcançar o Nilo, tão infinito, fluindo como uma fonte de vida. E de morte. Estar próxima ao rio sempre a trazia um pouco de conforto. E uma lembrança de nunca baixar a guarda, porque sempre havia crocodilos...

Dentro e fora da água.

Ela se sentou nos bancos e abraçou os joelhos até o queixo, desviando a vista para a superfície da água e começou a se lembrar...

Lembrou da madeira rachando com golpes ásperos, ficando separada e torcida. Vozes ásperas, profundas. Os ladrões haviam vindo. Eles sempre sabiam quando atacar.

Todos os empregados tinham fugido ao primeiro sinal da peste.

Não havia ninguém aqui para pará-los. Apenas Ayisha. Com um pai morto e uma mãe agonizante.

A mãe havia segurado a mão de Ayisha com insistência fraca. —Esconda-se. — Ela apontou para debaixo da cama.

Ayisha deslizou para debaixo da cama em um movimento rápido. Ela se deitou tão quieta quanto um rato, dificilmente ousando respirar. Acima, a mãe respirava lentamente... expira... inspira... expira... inspira...

Um par de pés grandes, nus e sujos abordou a cama da mãe dela cautelosamente. Eles ficaram a alguns metros de distância.

Ayisha segurou a respiração. As unhas do pé do homem estavam curvadas e duras, impregnadas de sujeira.

—Morta— o dono dos pés disse depois de um momento.

Não a mamãe, ela pensou. Não ainda. A mamãe estava se escondendo, também.

—Algum sinal da criança? — O outro homem perguntou.

—Não, mas ela está aqui.

Aqui? Ela se abraçou, certa de que a qualquer momento ele a arrancaria do esconderijo.

¹¹ Yashmak - tipo de véu usado por mulheres muçulmanas para cobrir o rosto em público. Contém um véu para a cabeça e o rosto em um só, assim, constituído por dois pedaços de musselina fina, um amarrado no rosto debaixo do nariz e o outro ligado através da testa circundando a cabeça. Também pode conter pelos de crina preta conectados próximos às têmporas e inclinados para baixo como um toldo para cobrir o rosto, ou pode ser um véu coberto com pedaços de rendas com fendas para os olhos amarrado atrás da cabeça por cordas e às vezes apoiado sobre o nariz por um pequeno pedaço de ouro.



—Continue procurando. —Uma criança branca e virgem nos trará uma boa soma no mercado de escravos. Mais do que tudo isso junto. — Ele agitou um pulso com as joias da mãe dela que chiaram.

E a mãe dela abriu os olhos e o amaldiçoou... com sua respiração agonizante...

Ayisha estremeceu, abraçou os joelhos, e olhou fixamente para o rio, o fluxo infinito, eterno. O rio via tudo. Nada o chocava, nada o preocupava... Tudo passava.

O coração dela que batia rápido diminuiu a velocidade. A sensação que a deixava enjoada havia passado.

Era sem sentido insistir em coisas que ela não podia mudar. Sua meta era a sobrevivência. Ela tinha sido uma tola em ir até Zamil. Ela tinha ficado doente com medo e repulsa. O que esperava?

Ela ficou de pé. Estava atrasada, e havia desperdiçado a maior parte do dia seguindo o inglês em vez de ganhar dinheiro para se sustentar.

Ela tinha ganhado apenas algumas moedas hoje. O mínimo que ela podia fazer era juntar combustível para o forno sempre faminto de Laila.

Ela havia pegado canas secas, ramos e gramas, e secado esterco de camelo. A tarefa familiar a havia acalmado. A primeira vez que ela havia encontrado Laila, ela a havia alimentado e Ayisha havia pagado por sua ceia com combustível. Isso havia formado um laço entre elas.

Ela já tinha ido tão longe desde então, ela pensou. Ela não era mais uma criança desesperadamente faminta e assustada. Ela era uma mulher, e tinha escolhas. Ela apenas tinha que fazê-las.

O sol estava baixo no céu enquanto ela marchava para casa com o combustível. Ela ainda pagava pela ceia com trabalho, mas Laila era como família agora, como uma mãe. Ela havia colocado Ayisha sob suas asas, e depois Ali. Ela os teria levado para sua casa se pudesse, mas havia Omar.

O casebre de dois quartos e tudo nele - inclusive Laila - pertencia a Omar, irmão de Laila.

Ayisha entrou pelo portão dos fundos no quintal minúsculo e colocou o combustível em uma pilha limpa ao lado do forno, pronta para o dia seguinte.

Miaaaaau? O gato dela, Tom, saudou-a como sempre fazia da parede alta que cercava o quintal. Tom gostava de observar o mundo do alto.

Ayisha sorriu enquanto ele se esticava, então saltava e se enroscava amorosamente ao redor dos tornozelos dela. Ayisha o ergueu e abraçou. Ele ronronou ruidosamente e abaixou a cabeça.

Ela deu uma olhada rápida no colchão de palha debaixo do banco onde Ali dormia. Estava vazio. —Onde está Ali? — Ela perguntou ao gato. —Ele já devia estar em casa a essa hora.

Ela bateu ligeiramente na porta dos fundos. Ela e Ali raramente entravam na casa. Omar não permitia. Se Laila queria cuidar de mendigos sujos da rua, era tolice dela, mas eles não iriam para dentro da casa e ele não pagaria um centavo para alimentá-los ou vesti-los.



Então Ayisha e Ali dormiam nos fundos, debaixo de um banco em um colchão de palha. Não era tão ruim. No inverno quando ficava frio, eles dormiam próximo ao forno, que retinha um pouco de calor depois que o fogo queimava, e Tom dormia aos pés de Ayisha, mantendo-os mornos. E no verão era fresco do lado de fora. Era infinitamente melhor do que dormir nas ruas.

Laila abriu a porta. O lábio estava cortado e coberto com sangue seco.

—O que aconteceu? — Ayisha perguntou. Como se ela não soubesse.

Depois de quinze anos de casamento, Laila retornou ao irmão, Omar, como um pacote não desejado. Divorciada por causa da esterilidade. Era o fim de todos os sonhos de Laila, porque ninguém queria uma mulher estéril. Agora ela tinha que viver com Omar que era estúpido, preguiçoso e egoísta.

Ayisha o desprezava. Ele tratava Laila como o servo mais inferior, como se sua esterilidade a fizesse menos do que humana.

Laila agitou a cabeça. —Não foi nada. Mas... ele tomou todo o dinheiro de hoje. Tinha sido um bom dia de lucro, também.

Ayisha deu uma olhada rápida para a casa. —Ele saiu?

—Oh, sim, nós não o veremos novamente até que ele tenha gastado tudo nos bordéis. — Ela deu a Ayisha um olhar desesperado. —Nós nunca fugiremos, nunca.

—Sim, nós fugiremos— Ayisha disse vivamente e começou a puxar o tijolo solto no canto mais distante do forno. —Ele não sabe sobre isso, não é? E ainda que roubasse o seu dinheiro, eu ainda tenho algo para adicionar. — Ela puxou o tijolo livre e do oco retirou uma pequena bolsa de couro. Ela adicionou um pequeno punhado de moedas ao monte e o colocou no buraco. —Então nós ainda estamos em melhor situação do que ontem. Um passo mais perto de Alexandria.

Era o sonho delas conseguir dinheiro suficiente para juntas deixarem Cairo, não contando a ninguém. Elas começariam de novo em Alexandria, e Omar nunca acharia Laila, e ninguém viria procurar por Ayisha. Elas estariam livres. Alugariam uma casa e construiriam um forno, como tinham feito antes. As pessoas em Alexandria apreciariam as tortas de Laila da mesma maneira que muitas faziam no Cairo.

E sem Omar para roubar os lucros, quem sabia aonde elas poderiam chegar? Poderia ser dinheiro o suficiente até para pagar o estudo de Ali. Mantê-lo fora das ruas e longe de problemas.

—Laila, Laila, você está aí? — A voz de uma mulher chamou. Era a vizinha.

Elas abriram a porta.

—Você ouviu? Ali - ele foi levado! Meu filho me disse agora mesmo— o vizinho disse.

Ao lado de Laila houve um pequeno som aflito.

—Levado por quem? O que aconteceu? — Ayisha perguntou depressa. O vizinho tinha propensão a dramatizar tudo.

—Ali tentou roubar um estrangeiro— a mulher explicou. —Mas o homem o pegou e levou.

—Oh, Deus!— Ela soube de uma vez qual estrangeiro Ali tinha tentado roubar. —O pequeno tolo.

—Eles cortarão a mão dele— Laila sussurrou, pálida. —Ele se tornará um aleijado, um mendigo.



—Se os homens do paxá o tivessem pegado, o destino dele estaria selado— o vizinho concordou. —Mas o estrangeiro o levou. Quem sabe o que os estrangeiros fazem com os ladrões?

—São boas notícias— Ayisha disse, soando mais certa do que se sentia. —Ele pode apanhar, mas sua mão estará segura. Os ingleses não cortam as mãos das crianças— ela disse, desejando que fosse a verdade. Ela girou para o vizinho. —Para onde o estrangeiro levou Ali?

—Para a vila no lado mais distante do rio. A com a grande árvore de sicômoro.

A velha casa de Ayisha. Ela não tinha estado lá desde que... —eu conheço o lugar— ela disse. —Irei lá e trarei Ali de volta.

—Mas como? — Laila perguntou. —Não temos dinheiro para pagar e Omar não vai—

—Eu posso entrar sem o inglês saber. Eu acharei Ali e o roubarei de volta.

—Mas— Laila jogou um olhar para o vizinho.

—Tudo bem— Ayisha disse a ela. —Ainda há tempo até os portões serem fechados.

Sob a regra do paxá, como uma medida simultânea contra a peste e o crime, cada quarteirão no Cairo era fechado por um portão no fim de cada rua ao cair da noite. As pessoas podiam se mover pela cidade à noite somente se pedissem aos guardas para destrancarem cada portão. Uma lei adicional exigia que todos nas ruas à noite carregassem uma fonte de luz - uma tocha ou uma lanterna. As medidas cortavam o crime, ao menos, dramaticamente. A peste era outra questão.

—Eu irei agora para a casa do inglês e esperarei até escurecer. Não se preocupe, Laila, Ali e eu estaremos em casa depois do amanhecer.

De um gancho na parede do pátio ela tirou um rolo de corda e a colocou ao redor da cintura.

Ela sempre levava uma faca escondida debaixo da camisa. Agora ela havia amarrado uma correia ao redor da canela e colocou outra arma, um punhal fino, entre ela e a pele. Ela desejou não precisar usar a faca.

Laila a abraçou. —Alá te mantenha segura.

Ayisha anuiu com a cabeça. Ela nunca tinha matado antes, mas mataria o inglês antes de deixá-lo levá-la.

A armadilha estava fixada. O menino estava adormecido. Rafe se ergueu da cadeira ao lado da cama e caminhou tranquilamente para fora, fechando a porta atrás de si.

Ele ficou de pé nas portas francesas abertas, olhando para a noite aveludada, respirando profundamente. Uma lua crescente cintilava através de uma nuvem transparente, brilhando no rio abaixo em uma ondulação de seda. O ar da noite era fresco e úmido. Uma brisa lânguida mexia as folhas do sicômoro velho e grande pela parede, e ele imaginou poder sentir o cheiro lânguido e picante do deserto. Aqui, a cidade era lotada, suja e empoeirada, parecia um mundo de distância em vez de apenas oitocentos metros.

Sob a luz do dia, a antiga casa de Lorde Henry Cleeve tinha uma elegância abandonada, rota: de noite se tornava uma beleza e encanto. Cigarras cantavam nas árvores de lótus e o odor de damasco erguia e flutuava sobre o pátio abaixo.



Era quase uma pena ter se tornado uma armadilha. Quase. Mas alguém o havia seguido o dia todo, ele podia sentir, os cabelos da nuca arrepiavam.

E alguém havia enviado aquele menino para roubar o retrato.

O interesse tinha sido provocado pelo retrato e o ouro, exatamente como Baxter havia dito. E esse interesse era um bom sinal.

Rafe tinha alugado a casa de Cleeve apenas por três semanas. Ele a havia conseguido por um golpe de sorte. Em seu primeiro dia no Cairo ele tinha feito uma visita a Johnny Baxter, o primo de um amigo dele.

—Johnny é o homem que você precisa em Cairo— o amigo Bertie o havia dito. —Conhece tudo e todos.

Johnny Baxter, Bertie disse a Rafe, tinha estado muito ferido na Batalha do Nilo¹² e tinha decidido permanecer no Egito e morrer sob o sol em vez do fedor de um navio.

Não apenas Baxter tinha vivido, ele tinha prosperado. Tinha sobrevivido à ocupação de Napoleão no Egito e conseguido se manter seguro ao longo do tumulto que se seguiu. Ele amava o Egito e tinha a intenção de viver o resto de sua vida lá.

—Boa coisa, também— Bertie disse a Rafe. —Virou totalmente nativo. Casou com a mulher que o acolheu quando estava ferido. Ela morreu no ano passado, mas não fez nenhuma diferença para Johnny. Ainda se veste como um árabe, tagarela na linguagem nativa, fez fortuna lá, mas não tem nenhum plano de voltar para casa. Olhando para ele, não se diz que era um inglês, muito menos um homem de Eton¹³ - a família do homem o deserdou, claro. Embaraçante ter um deles virando um nativo.

—Mas Johnny é agradável, mesmo assim. Ligado a todos os ladrões locais - de mendigos de rua até o sultão ou talvez você o chame de um nativo superior. Se alguém pode conseguir te colocar no caminho, é Johnny.

Mas quando Rafe tentou se encontrar com Baxter, descobriu algo que Bertie não mencionou: Baxter habitualmente evitava se socializar com europeus.

Ele tinha recusado ver Rafe a princípio. Ele não recebia visitas da Inglaterra, havia deixado o mundo das visitas cortesias européias para trás, o empregado dele havia dito.

Mas Rafe não era dispensado tão facilmente. Sua experiência no exército o havia ensinado que o bom conhecimento local economizaria muito tempo e erro.

Rafe enviou seu cartão pela segunda vez, desta vez com uma mensagem concisa, manuscrita.

Baxter o havia saudado por completo com roupas árabe, fez a ele uma reverência muda, e pediu em árabe que o café fosse servido. Ele esperou em silêncio, as pernas cruzadas em um divã

¹² Batalha do Nilo - foi uma importante batalha naval das Guerras Revolucionárias Francesas entre a armada da Inglaterra e uma frota francesa que teve lugar na noite e manhã de 1 e 2 de Agosto de 1798. As baixas francesas foram muito altas, tendo sido 1700 homens mortos e 3000 capturados, enquanto as baixas inglesas foram de apenas 217 mortos. A frota francesa tinha chegado à cidade egípcia de Alexandria no dia 1 de Julho, ou seja, dois dias depois da frota inglesa de Nelson ter partido em perseguição aos franceses. As tropas francesas desembarcaram, e a cidade foi tomada.

¹³ Eton - O King's College of Our Lady of Eton beside Windsor, comumente conhecido como Eton College ou apenas como Eton, é uma escola para garotos fundada em 1440 por Henrique VI da Inglaterra.



baixo, observando Rafe com um olhar astuto. Ele tinha mais ou menos quarenta anos, o rosto ligeiramente batido pelo tempo e cicatrizado. Queimaduras de pó e estilhaço de tiro, Rafe decidiu.

Reconhecendo a tática dele, Rafe não fez nenhuma tentativa de encher o silêncio e se sentou relaxado e esperou. Quando o café chegou, uma bebida fermentada amarga como uma lama granosa que ele francamente achou asquerosa, ele bebeu sem uma palavra.

O silêncio estirou.

Eventualmente Rafe bocejou e disse — Nós costumávamos brincar de um jogo parecido quando eu estava na escola, normalmente o primeiro a piscar perdia. Eu normalmente ganhava. Eu sou bastante competitivo, sabe.

—E ainda assim você falou primeiro— Baxter disse suavemente.

Rafe encolheu os ombros. —Eu me chateio mais facilmente ultimamente. Além disso, estou cansado de jogos infantis. — Ele encontrou diretamente o olhar de Baxter.

Depois de um momento, Baxter abaixou a cabeça em reconhecimento, e a atmosfera aliviou. Ele ordenou mais café.

Rafe ergueu a mão. —Não para mim, obrigado.

Baxter retesou. —Você não gosta do meu café?

—Não, é terrível— Rafe disse calmamente.

Houve uma pausa, então Baxter riu. —Poucos homens teriam ousado me dizer isto, mas você tem razão. Meu cozinheiro e a família saíram inesperadamente ontem para retornar a sua aldeia - uma morte na família - e eu ainda não os substituí. Você acredita nisto? Não há uma pessoa aos meus serviços que saiba fazer café decente.

Ele se sentou de volta e disse em um tom muito mais amigável— Agora, diga-me como você encontrou o meu primo Bertie - o único membro da minha família que fala comigo. Ambos estiveram na guerra, creio.

Eles falaram da guerra e Rafe deu a ele notícias do primo. Então as cortesias acabaram, Rafe explicou a incumbência que possuía. —Fui aconselhado a buscar ajuda dos membros da comunidade inglesa aqui.

—E ainda assim você ignorou o conselho?

Rafe encolheu os ombros. —Creio que se a comunidade inglesa soubesse alguma coisa sobre a menina, teria ficado claro há muito tempo.

Baxter bufou. —Absolutamente certo. A maior parte deles que aqui está é esnobe e ignorante. Não sabe nada sobre as pessoas locais mas acham que elas são defeituosas, todas iguais. Fui aconselhado a ficar o mais distante delas possível.

Rafe anuiu com a cabeça. —Bertie me disse que você seria o melhor homem para me aconselhar quanto a situação local.

Baxter ouviu a fascinante história da filha perdida de Lorde Henry Cleeve. Concordou com Rafe que, por não haver nenhuma notícia da menina que veio da comunidade estrangeira, ele seria o melhor nas situações locais para achá-la. —Mostre o retrato ao redor, gaste um pouco de ouro - que logo as informações aparecerão.

Ele disse a Rafe sobre a casa vazia de Cleeve e a alugou. Ele aconselhou Rafe a buscar tão depressa quanto possível. —A peste pode se tornar um problema nos meses mais quentes.



—Eu irei— Rafe o assegurou. —Pretendo voltar para a Inglaterra bem antes disso.

—Bom. Eu também recomendo que você visite Zamil, o comerciante de escravos. Se a menina está viva e nada foi ouvido nos últimos seis anos, as chances são de que ela esteja em um harém em algum lugar. Indizível, eu sei, melhor dizer para a lady idosa que ela está morta, mas uma jovem virgem e branca iria valer um preço alto, e Zamil lida apenas com bens de qualidade. Diga a ele que Baxter te enviou.

E então ele foi para Zamil.

Bens de qualidade. O queixo de Rafe cerrou. Ele pediu a Deus que a garotinha no retrato não tivesse acabado em um lugar assim.

E tudo para nada; Zamil tinha se mostrado inútil.

Rafe bebericou seu conhaque e esperou, a tranquilidade da noite ainda mais perfeita com o conhecimento de que ela não duraria.

Mostrar o retrato e relampejar ouro realmente tinha provocado algum interesse. Alguém estava farejando ao redor, e tinha que haver alguma razão para isto.

Era extraordinário, aquele momento de consciência lá na zona comercial. O conhecimento, a sensação de que alguém o estava assistindo, assistindo a *ele*. Com intensa particularidade.

O guarda permanecia nas sombras daquela ruela estreita, e Rafe foi imediatamente distraído, ele se moveu. Mas o pinicar entre as omoplatas de Rafe continuou ao longo do dia. Ele estava sendo seguido.

Depois do mercado, houve aquele moleque de rua que tinha vindo correndo em torno da casa, viu-o, girou e saiu correndo como um coelho – como se corresse pela vida. Ele achava que tinha visto o mesmo garoto no Zamil mas não podia estar certo. E então havia o menino, Ali, que havia tentado roubar o retrato.

O ardor entre as omoplatas de Rafe intensificou. Alguém estava lá fora no escuro agora mesmo, o assistindo.

Um ladrão? Um assassino? A pessoa que havia enviado um menino para fazer o trabalho de um homem? A pulsação dele aumentava com antecipação.

Ele deu uma olhada rápida para Ali dormindo, amarrado e amordaçado na cama no quarto ao lado.

O encarceramento de crianças pequenas - trombadinhas ou não - não era uma sensação boa para Rafe, particularmente com um garotinho.

Mas o menino era a chave para quem o havia seguido o dia todo, o primeiro sinal de que Rafe não havia passado por tudo isso no que ele tem estava certo de ser uma perseguição maluca. Até agora.

Um ataque súbito ao retrato em vez de sua bolsa.

O jovem Ali podia ser um trombadinha incompetente, mas teria sido um bom soldado. Ele não tinha admitido nada, exceto o nome, embora Rafe, por um intérprete, o havia questionado bem duro. Com a voz tremendo ele tinha reivindicado não ter nenhuma família, casa ou mestre. E ele insistiu – repetidamente - que ninguém o havia pedido para roubar a pasta com os desenhos. Insistido demais, Rafe pensou. Valente pequeno mendigo.



O mestre viria pelo menino? O covarde, enviando uma criança para arriscar a mão por causa de um desenho desprezível.

Mas, claramente, ele não era desprezível para alguém.

Rafe estava muito contente por ter vindo ao Egito. Ele se sentia mais vivo do que há muito tempo. E o dia todo o sol tinha batido nele, ensopado-o com seus raios até os ossos. Ele não conseguia se cansar. Ele tinha se sentido tão frio por tanto tempo...

Ele se acomodou para esperar. Há tanto tempo que ele tinha esperado por algo...

A lua estava baixa no céu ocidental. Rafe se moveu em um devaneio azul, contemplando com afronta horrenda o futuro que seu irmão mais velho havia mapeado para ele. Movido por sua obsessão de assegurar a sucessão dos Condes de Axebridge...

O raspar de algo contra os tijolos do lado de fora fez Rafe ficar totalmente alerta.

Ele se moveu silenciosamente para sua posição ao lado da janela. O quarto estava aberto à noite, as venezianas de madeira firmes atrás. Ele permaneceu nas sombras e esperou.

Uma sombra deslizou sem som acima da sacada. Pequena e leve. Outro menino, Droga. Mais velho do que o primeiro, um jovem em vez de um menino, mas ainda assim, não era um homem. Não era o mestre que Rafe estava começando a desprezar.

Rafe deixou uma luminária queimando baixo no quarto de Ali. A forma do menino na cama era visível por uma porta deliberadamente entreaberta. Como um espírito, o intruso andou através da janela aberta e deslizou através do chão em direção ao menino.

Rafe pegou um reflexo de luz no aço. Uma faca! Um assassino? Ele saltou adiante e foi até a mão segurando a faca. Uma exclamação suave e a faca se moveu através do chão. O garoto girou e chutou - diretamente nas bolas de Rafe.

Rafe desviou e um pé duro colidiu apenas com a parte superior da coxa. Teria incapacitado ele se tivesse alcançado seu objetivo. O rapaz tinha o coice de uma mula!

O garoto deu socos e ao mesmo tempo chutou novamente com o mesmo objetivo. Rafe poderia não se importar com a sucessão, mas se importava com suas bolas. Xingando, chutou os pés do rapaz e o jogou ao chão.

O menino viu a faca e fez menção de agarrá-la. Rafe chutou-a para debaixo do sofá. Ele girou e viu o menino indo para a janela. Ele mergulhou, jogando-o ao chão, caindo sobre ele.

O menino parou por um momento. Rafe podia ouvi-lo lutando roucamente para respirar. Ele tinha tirado todo o ar. Bom. Ele sacudiu o menino, mas embora ele ainda estivesse ofegando como um peixe na terra, o garoto lutava, esmurrando e chutando, e o tempo todo se contorcendo como uma maldita enguia, tentando ficar com um pé livre para acertar as joias de família de Rafe de uma vez por todas.

Ele era pequeno - meio faminto sem dúvida - mas lutava como um pequeno demônio, a força era lamentável em comparação com a de Rafe. O suficiente para ser um maldito incômodo, ainda assim, Rafe pensou, evitando outro soco e tentando agarrar os punhos e subjugar o menino. Ele precisava questioná-lo, mas primeiro ele tinha que domesticá-lo.



—Eu não te machucarei se você se render— ele disse em inglês, e então percebendo, repetiu em francês.

O menino trincou os dentes e Rafe pensou poder ver um sorriso. Ele relaxou ligeiramente e o menino o atacou rapidamente.

—Ai!— O pequeno rapazinho o havia *mordido*. Chega, era o suficiente. Um soco rápido no queixo do menino o nocauteou. A cabeça caiu para trás e ele não se moveu.

Rafe fez uma careta. Ele devia ter batido mais duro do que pretendia. Ele queria subjugar o diabinho, não nocauteá-lo.

Ele se sentou de volta sobre as coxas, ajoelhando sobre o corpo inerte do jovem e considerou seu atacante. Sob a luz suave do outro quarto tudo o que ele podia ver era um moleque com o rosto todo sujo. Ele parecia ter mais ou menos quinze anos, magro e vestido com trapos como Ali. O turbante tinha soltado com a luta e seu cabelo era muito curto, cortado de uma forma que Rafe decidiu que o menino o havia feito sem um espelho ou uma tesoura. Não era sem atrativo, ele decidiu. Poderia até seguir o corte do tipo Joãozinho. Ele mesmo preferia o cabelo ao vento.

As feições do jovem, debaixo de toda aquela sujeira eram bastante delicadas...

Bom Deus. Se ele não estivesse imaginando coisas...

Ele pensou sobre a falta de músculos do rapaz. O modo como ele havia sucumbido com um mero tapa no queixo.

Ele olhou fixamente para o tórax do jovem. Reto como uma panqueca.

Ele se moveu para trás, até que estava sentado nas pernas do rapaz. Ele observou o lugar onde as pernas se juntavam ao torso. As calças eram muito folgadas, mas...

Havia apenas uma maneira de saber. Ele desceu a mão pela base da barriga de seu prisioneiro até o meio de suas pernas... Nada. Ou melhor, não era nada, mas o que estava lá não era de um menino.

Era uma garota. E, ele pensou, olhando fixamente para as feições da garota na luz escura, não era qualquer garota.

Os olhos tremularam e abriram. —Perverso imundo!— Ela retrucou em francês e no mesmo momento em que Rafe se recordou de onde sua mão estava descansando - e a removeu - ela explodiu debaixo dele.

Se ele pensava que ela estava brava antes, não era nada comparado ao desespero com que ela lutava com ele agora - resistindo e contorcendo, chutando e mordendo, esmurrando e arranhando.

—Acalme-se— ele arquejou em inglês, tentando segurá-la sem feri-la mais. —Eu não vou te machucar. Eu vim para te ajudar.

Ela continuou lutando.

Ele repetiu em francês, no caso de ela haver esquecido o inglês.

Ela cuspiu no rosto dele.

Ele xingou e agarrou as mãos, mantendo os quadris presos entre suas coxas. As coxas dele facilmente a encarceraram, mas ela continuou a se contorcer e empurrar contra ele.

—Pare com isto, sua pequena tola— ele disse. —Sua avó me mandou aqui.



Em francês ela soltou palavras sobre as virtudes da mãe dele e disse a ele que pusesse a avó dela em um lugar anatomicamente impossível. E então ela mordeu o braço dele. Novamente.

—Seu pequeno musaranho! Você quer que eu te bata novamente? — Ele não podia. Ele nunca tinha batido em uma mulher em sua vida - até hoje à noite. E isso o deixou bravo.

Ela resistiu e, conseguindo soltar uma mão, tentou arranhar os olhos dele. Ele evitou e pegou a mão dela novamente, mas não antes de sentir o sangue escorrer pescoço abaixo.

—Isto está se tornando excessivamente tedioso— ele brigou. Ele podia facilmente estrangular a pequena gata - e gostaria de fazer isto. Mas os dois sabiam que ele tinha a vantagem sob todos os pontos de vista.

Ela não iria desistir. Havia apenas uma maneira de subjugar-la sem machucá-la mais do que ele já tinha feito. Rafe sabia exatamente o quê fazer.

Em um movimento rápido ele prensou o corpo inteiro dela no chão, apertando-a debaixo dele; as coxas poderosas dele apertando as coxas pequenas e esbeltas dela. Seu corpo grande cobria o pequeno, intimamente, não havia nem ar entre eles.

Ela lutou freneticamente, mas Rafe era maior, mais forte e mais pesado; ele a sobrepujava em todos os sentidos.

Ele estava deitado sobre ela, sem se mover, deixando seu peso fazer o trabalho, enviando uma mensagem muda: ela era sua prisioneira.

A cabeça dela batia loucamente. Ele pegou o rosto dela entre as mãos e o segurou quieto. Ele não confiava naqueles dentes brancos perolados em qualquer lugar próximo da sua pele.

Ele manteve os braços dela entre seus cotovelos. Ela lutou vaidosamente e, percebendo que era totalmente impotente, disparou um fluxo do que ele imaginou ser o pior possível em árabe.

Ele esperou até que ela tivesse ficado sem fôlego e disse — Bem, que desperdício, não? Eu não falo árabe.

Ela imediatamente mudou para francês.

—Que delicioso— ele disse normalmente. —Então você entende inglês. — Ele desejou poder ver os olhos dela. A curva da bochecha era bastante adorável, e ele podia ver o suficiente para saber que sua pele estava marcada com sujeira. Mas a sensação era como seda.

Ela tentou resistir mas tudo o que aconteceu foi que o corpo dele, já ciente de um corpo esbelto com proximidade íntima, respondeu.

Ela sentiu, também, ele podia dizer. Ela ficou imediatamente quieta, então o chamou de pervertido imundo, novamente, em francês.

Ele riu.

Ela retesou. —Você não tem nenhuma vergonha? — Ela silvou em francês.

—Para falar a verdade, não. Francamente estou contente por tudo lá embaixo parecer estar funcionando bem depois de sua vontade tão determinada em assaltar a minha masculinidade.

—Assaltar? — Ela retrucou. —Até parece que você pode falar algo. — Ela disse em inglês.

Foi o momento que ele tinha esperado. Ele se moveu, de forma que ambos os corpos estivessem cara a cara. —senhorita Alicia Cleeve, eu presumo.



Capítulo Três

Ela ficou em um rígido silêncio por um longo momento. Ele desejou poder ver seu rosto corretamente, mas a lua deslizou atrás das nuvens novamente e apesar de ele poder ver as formas e ângulos, não havia luz o suficiente para qualquer detalhe.

Rafe simplesmente ficou deitado sobre ela e esperou. O silêncio se estirou. O corpo pulsou e se esticou em direção ao seu objeto de desejo. Bizarro. Ele não tinha ideia do porquê.

Se ele desse meia chance a ela, ela o cortaria fora.

Rafe podia não saber nada sobre amor, mas sabia sobre as mulheres. Especialmente fisicamente. Elas eram – normalmente – toda suavidade e curvas lisas.

Esta aqui parecia completamente feita de cotovelos. Afiada, socos, cotovelos desconfortáveis. E unhas. E dentes.

E ainda assim seu corpo estava duro e querendo como ele nunca tinha experimentado. Deveria ser o sol que ele havia experimentado nas últimas semanas. Todo aquele calor. O calor tinha que sair por algum lugar. E tinha feito isso.

O corpo dele estava queimando – queimando por uma suja e pequena selvagem que queria apenas estripá-lo.

Isso era tão diferente dele. Ele era famoso por sua elegância e discriminação. Particularmente com mulheres.

Uma certa parte da anatomia dele poderia estar sofrendo de insolação?

—Saia de cima de mim— ela grunhiu afinal. —Você parece um elefante, está me espremendo.

—E você é como um saco cheio de gatos.

A boca dela teve um espasmo. Ela podia talvez ter um pouco de senso de humor?

—Eu não posso respirar— ela insistiu. —Você está me sufocando.

—Imagino que isto é por cuspir aquela torrente de abusos. Muito notável, palavrões em três idiomas. Foi necessária muita prática?

Daquela vez ele estava certo de que ela estava tentando não sorrir. Ela tinha senso de humor. Ele sentiu o corpo dela suavizar debaixo do dele. Rafe relaxou. A escaramuça estava terminada. A senhorita Cleeve tinha decidido ser sensata.

—Depois da troca de elogios, suponho que eu deva me apresentar. Rafe Ramsey, à sua disposição. — Ele a soltou e começou a se sentar.

Um engano. No momento em que ela o sentiu sair de cima dela, ela explodiu em ação. Ele lutou para abaixá-la de novo. Em três segundos ele a tinha debaixo dele novamente, apenas não tão nitidamente desta vez. Deus, mas a garota era puro osso. E raiva e vigor.

—Isto é extremamente cansativo, sabe. Eu não quero te causar nenhum dano.

—Você quebrará o meu braço— ela rosnou.

—Provavelmente— ele concordou. —Se você continuar lutando assim. Não será intencional da minha parte—



Naquele momento um raio de luar iluminou o rosto dela. Rafe olhou fixamente para sua prisioneira. Ela era... adorável. Os olhos eram muito bonitos - azuis, ou verdes, ou em algum lugar entre as duas cores - as pestanas escuras como uma franja estavam fixas em um ângulo intrigante. O nariz era pequeno e reto, os lábios cheios e luxuriantes. E a pele, debaixo da quantia verdadeiramente surpreendente de sujeira, parecia suave e lisa.

—Meu Deus— ele sussurrou. —Que beleza rara.

Ela empurrou a cabeça e o socou no nariz dele, duro.

—Eeei!— Tinha doído muito. Ele tinha que dar crédito ao pequeno demônio. Ela não desistia facilmente. Sem soltar os pulsos dela, ele conseguiu colocar um braço sobre sua cabeça e a segurou no chão. O nariz dele doía. Os olhos tinham enchido d'água.

Ela deu a ele um olhar satisfeito consigo mesma.

—Quem quer que tenha trazido Cleópatra para Roma embrulhada em um tapete, sabia o que estava fazendo— ele disse a ela com força.

Os lindos olhos verdes estreitaram para rachas furiosas como os olhos de um gato.

O turbante dela estava próximo a mão direita dele. Ele transferiu ambos os pulsos dela para sua mão esquerda, girou os rolos do turbante, e o usou para juntar as mãos. Ele se sentou, pegou os pés dela chutando e os amarrou junto com a outra ponta.

—Ah— ele disse quando descobriu a faca amarrada com a correia na canela. —Que jovem lady desviada você é, senhorita Cleeve. Mas que arma útil. — Ele a removeu.

—Não me chame disto!

—Chamar de quê? De uma jovem lady? Não vai direto ao ponto, concordo.

—Senhorita Cleeve— ela disse zangada. —Não sou eu.

—Não? O ladrão mais sujo do Cairo apenas sabe falar um inglês perfeito? — Ele usou a faca para cortar o restante do tecido do turbante, e a ajudou a se sentar.

Ela fez uma carranca para ele. —Eu falo muitos idiomas.

—Foi o que eu acabei ouvi. A maior parte deles da sarjeta, estou achando, mas o seu inglês—

—Eu aprendi com os marinheiros ingleses em Alexandria.

Ele riu. —Marinheiros horivelmente distintos estes de Alexandria, então. Seu sotaque é perfeito—

—E daí? Meu sotaque francês é perfeito, assim como é o meu russo e o meu—

—Indubitavelmente, mas cada sílaba do seu inglês emite cheiro forte da classe alta e não o tipo que se pega nas docas de Alexandria, então pare de tolice. Eu não nasci ontem e não gosto de mentirosos.

—Bom, eu não gosto de você, também, então me deixe ir e eu não te aborrecerei novamente.

—Você não vai a lugar algum. — Ele a arrastou na vertical. —Você é Alicia Cleeve, a filha única de Lorde Henry e Lady Cleeve, e eu estou aqui para levá-la para casa e para a sua avó.

Ela o encarou e repetiu. —Pela última vez, inglês—

—Ramsey, Rafe Ramsey.

—Inglês— ela repetiu obstinadamente. —Eu não sou Alicia Cleeve, e não tenho avó, e já estou em casa - ou eu estarei se você apenas me deixar ir.



Ele encolheu os ombros. —Não adianta, sabe. Eu tenho um retrato de Alicia Cleeve aos treze anos e não há nenhuma dúvida na minha mente de que é você. Você está mais velha, mais magra e mais suja, e os modos da sua companhia provavelmente tomaram uma declínio distinto, mas diferente disto, você não mudou muito.

Ela fez uma carranca para ele em silêncio. O olhar dela vagou em torno do quarto. —O que você fez ao Ali?

—Ele está no próximo quarto. — Rafe empurrou a cabeça. —Dormindo.

—Dormindo? — Ela bufou e lutou contra seu aperto. —Com todo esse barulho? Você o machucou, não é? Ou o drogou. Se você o machucou, eu vou—

—Eu não machuco crianças— ele retrucou. —Ou as drogo. Agora pare com isso ou você se machucará. — Com a luta para se soltar, a cabeça dela passou raspando em uma das pernas da mesa. Ele se curvou e a encobriu. Deus, mas esta pequena esquentadinha não pesava nada.

—Solte-me. Eu preciso vê-lo— ela exigiu. Ela fingiu estar desavisada de sua posição impotente, mas seu corpo estava tenso e duro com medo. Seu pequeno queixo afiado sobressaía belicosamente.

—Você vai ficar amarrada até que eu decida. — A faísca de raiva funda dentro dele cresceu. O que diabo as pessoas estavam pensando ao permitir a uma filha inglesa bem nascida - a filha de um baronete, pelo amor de Deus - passar fome em uma terra estrangeira? O que quer que ela tivesse experimentado a havia transformado em uma gata selvagem.

—Eu não direi uma palavra até que você me prove que Ali está bem. — Os lábios suaves, cheios, se juntaram em uma linha fina. Ela o encarou através dos olhos estreitados de um verde cheio de suspeita.

—Muito justo. — Rafe a levou ao quarto de Ali. Ele havia carregado mulheres frequentemente antes, e quando elas estavam contra o tórax, eram normalmente suaves, o braço cheio de curvas satisfatórias. Elas não eram como uma pequena gata vira-lata fraca, presa e pronta para explodir com medo e ira.

Ainda assim o corpo dele estava - apesar de tudo que havia acontecido - excitado.

Ele a colocou cuidadosamente na cama e retrocedeu alguns passos para o brilho da luminária que tinha deixado queimando para o menino, e deixou o próprio corpo se comportar da forma certa.

Ali se sentou na cama. Ele deu a ela um olhar mudo.

—Ele está amordaçado!— Ela disse indignada. —Ele não pode respirar.

—Ele pode respirar— Rafe disse calmamente e desatou a tira de pano. —Ele apenas não pode advertir a quaisquer de seus associados. Não que isso importe agora.

Houve uma torrente brava de árabe e então ela fez perguntas severas ao menino. Ele murmurou respostas com a cabeça abaixada e gestos culpados.

—Um banho? — Ela disse a Rafe com uma carranca. —Você o fez tomar banho?

Rafe encolheu os ombros. —Ele estava sujo. — Ela pensava que ele colocaria um menino de rua sujo, com vermes, em uma cama feita com lençóis limpos? Ele estava muito tentado a oferecer um a ela também.



Ele havia instruído seu camareiro, Higgins, a trazer um banho para o menino, fazê-lo se esfregar bem, e se assegurar de que não havia nenhum piolho em seu cabelo. Mas Higgins havia reportado o fato interessante de que a sujeira do menino era limitada apenas ao rosto, as mãos e os pés. Debaixo, ele parecia surpreendentemente limpo. Mas ainda assim ele o fez tomar banho.

Alguém cuidava bastante bem dele. Rafe olhou o modo como a senhorita Cleeve alisava o pequeno cabelo arrepiado de Ali enquanto ela continuava sua interrogação, estava quase certo de quem. Sem dúvida a aparência de sujeira dela era principalmente superficial também. Ela não tinha nada de cheiro de sujo quando ele havia rolando no chão com ela.

Claro, ele tinha percebido. A sujeira era um disfarce.

Ela tinha cheiro... ele pensou... e um pequeno gato empoeirado. Ela era limpa sob o exterior empoeirado. Ele se perguntou se sob as palavras furiosas e rosnados ela poderia ser... mais suave. Mais doce.

Seria divertido ensinar esta pequena gata a ronronar, ele pensou. O corpo dele doía de vontade de tentar.

Mas ela era sua carga, ele se lembrou severamente. Neta de Lady Cleeve, não era uma amante em potencial. A pequena gata selvagem de Lady Cleeve. Não dele.

A cabeça dela virou ao redor acusadoramente. —Ali disse que você o alimentou com algo.

—Nenhuma droga, e não faço as crianças passarem fome, também— ele disse a ela friamente. —Ele comeu o que eu comi.

Com aquele olhar e espírito ela tomaria Londres como uma tempestade.

Ela se voltou para Ali e o menino obviamente confirmou, depois de um pequeno hmpf - aborrecimento por ela não havê-lo pego em nenhum ato errado, ele presumiu - a troca continuou.

Rafe assistiu, o idioma fluindo sobre ele como água por um leito seco de pedras. Ele tinha aprendido um pouco de árabe de um livro na viagem até aqui, mas sua fala era muito rápida para ele pegar mais do que uma palavra isolada ocasional. Mas se podia aprender muito sobre as pessoas com a simples observação.

Ela ralhou com o menino no modo como as mães no mundo todo fazem com as crianças errantes, ainda assim ela era extremamente jovem para ser sua mãe. Em todo caso ele era obviamente árabe e ela, da mesma maneira, obviamente, não era. Então—

—Você não fez isso!— Rafe piscou enquanto a voz cortava seus pensamentos. Ela olhou fixamente para ele, com uma expressão estranha. —Eu não acredito nisto.

—Acreditar no quê? — Ele perguntou a ela.

—Ele disse que você contou a ele uma história na hora de dormir!

Rafe pareceu vago. —O quê? — Ele não iria admitir tal coisa.

—‘Ali Babá e os Quarenta Ladrões’¹⁴.

—Eu não falo árabe—como eu poderia falar alguma coisa a ele, muito menos uma história?

—Abre-te sésamooo— Ali respondeu com um sorriso. Pirralho miserável.

¹⁴ Ali Babá e os Quarenta Ladrões - faz parte do Livro das *As Mil e Uma Noites*. Ali Babá é uma personagem fictícia baseada na Arábia Pré-islâmica.



Rafe ficou de pé e vivamente a ergueu nos braços. —Agora que você já se satisfaz e viu que o menino está incólume, eu tenho perguntas a você. Você, menino— ele disse severamente. —Vá dormir.

—Abre-te sésamooo — Ali respondeu feliz.

Rafe chutou a porta atrás de si para fechá-la. Ele a levou através do quarto. Novamente o jato de raiva chamejou fundo dentro dele. Não havia nada nela, nada. Nada além de pele e ossos e coragem desafiante. E olhos cheios de conhecimento...

Droga, ele estava excitado novamente. Ele a colocou no sofá.

Ela ergueu as mãos amarradas. —Você não vai me desatar?

—Não.

—Você não confia em mim? — O rosto dela era todo sombras e ângulos.

—Nem um pouquinho. — O nariz dele ainda doía. Assim como outras partes. Ele se virou, ostensivamente para mexer na luminária, mas também para ter uma palavra dura com seu corpo incontrolável.

Ele retornou, a luminária mais forte, e a achou indo para o canto mais distante do sofá e sentada com os joelhos contra o peito e os pulsos presos sobre eles. Um pequeno nó defensivo.

Ele colocou a luminária onde iluminaria o rosto dela e manteria a ele na sombra. Ela fez uma carranca para ele, o rosto listrado com sujeira. Ela parecia ter mais ou menos quinze anos.

De acordo com a avó, ela tinha dezenove anos, quase vinte. Ele tentou imaginá-la limpa e em um vestido. Sim, dezenove seria quase certo. Com os olhos de uma mulher muito mais idosa.

—Quantos anos você tem?

Ela plantou o pequeno queixo decidido sobre os joelhos e não disse nada. O silêncio se prolongou. Rafe não disse nada. Silêncio, ele sabia de seu tempo no exército, podia ser tanto uma ferramenta quanto uma arma.

A luz brilhava na boca sedosa, mal-humorada, a parte mais feminina dela. Não, não a mais feminina. A palma dele se lembrava da suavidade que havia sentido entre as pernas. Ele cruzou os braços, fazendo seu melhor para apagar a memória.

Ele não precisava disso. Era completamente impróprio. Ele tinha sido enviado para achar a garota, não para cobiçá-la.

—Não é da sua conta. — Ela o assistia suspeitosamente, hostil, preparada para lutar, tentando ficar firme para não o deixar ver com quanto medo estava.

Rafe fez uma carranca. Por que ela ainda estava com medo? Ele tinha dito várias vezes que estava aqui como agente da avó dela. Ele tinha vindo para salvá-la. Ele a havia assegurado várias vezes que não iria machucá-la. E ela sabia muito bem que ele não havia machucado Ali embora tivesse pegado o menino tentando roubá-lo.

Mas ela parecia mais nervosa do que nunca. Enquanto ele pensava, a resposta veio; ela devia ter notado o estado em que ele estava. Droga.

—Apesar de parecer o contrário, você está perfeitamente segura comigo— ele disse com a voz firme. —Eu não machuco mulheres, também. — Ele se moveu para outra cadeira, mais distante.

—Diga isso às minhas contusões.



—Eu sinto muito, mas não tinha nenhuma ideia de que você era mulher. Se entra sorrateiramente nas casas das pessoas vestida como um criminoso disposto a assassinato... — Ele encolheu os ombros.

—Então você não se arrepende nada, não é?

Ele deu a ela um olhar firme. —Sou um homem de palavra. Sua avó não teria me mandado se houvesse qualquer perigo de eu te machucar.

Ela bufou. —Eu não tenho uma avó. Desate-me.

—Eu te disse que sinto muito, não que sou estúpido.

Ela murmurou algo explosivo que soava como árabe.

—Com toda a certeza— Ele se ajeitou de volta na cadeira. —Agora, se você terminar de difamar o meu caráter e dos meus antecedentes, eu te direi a você sobre a sua avó.

—Eu te disse, não tenho avó.

—Então eu direi a você sobre Lady Cleeve, a viúva Lady Cleeve, avó da senhorita Alicia Cleeve, da qual a semelhança com o seu retrato é surpreendente.

Ela o encarou acima dos joelhos.

Ele sorriu. —Isso mesmo, minha pequena e espinhosa audição forçada, você não tem escolha.

Ela deu um longo suspiro de sofrimento e fechou os olhos.

—Eu encontrei a sua a-Lady Cleeve no casamento de um amigo.

Ele contou a ela sobre Lady Cleeve, como a havia encontrado pela primeira vez no casamento de Harry em dezembro. —A princípio ela era só alguma lady idosa sentada ao meu lado à mesa. Imagine minha surpresa quando ela virou Allie Todd, a amiga mais antiga da minha avó.

Os olhos verdes permaneceram fechados mas um pequeno franzir lânguido enrugou a sobrelha lisa. Ela estava seguindo a história.

—A vovó sempre a chamou por seu nome de solteira, Alicia Todd— Rafe explicou e a carranca desapareceu. —Presumo que seu nome seja Alicia por causa dela.

Os olhos ainda permaneceram fechados mas o tipo de silêncio havia mudado.

Ele continuou — vovó costumava ler para mim trechos das cartas dela. Não eram cartas normais. Eram excitantes, cheias de histórias sobre serpentes debaixo das camas, e tigres comendo cabras e pessoas - eles conseguiram encontrar canibais montados em elefantes.

Ele podia dizer que ela estava interessada, apesar de não querer — Aquelas cartas fizeram um garotinho sonhar em viajar para a Índia em busca de aventura. — Ele deu uma olhada rápida para cima e ela imediatamente fechou os olhos.

Ele continuou — Quando Lorde John, o marido dela, morreu, Lady Cleeve voltou para casa na Inglaterra. Isso foi há oito anos. Ela achou tudo mudado, a maior parte de seus antigos amigos tinha ido embora, morrido, principalmente.

Ele acrescentou friamente — minha própria avó estava entre eles. — A voz não oscilou.

Ele nunca tinha falado de seu pesar antes e não iria começar agora. Ele estava na escola na época, e ninguém tinha pensado em dizer a um garotinho sem importância que sua avó tinha morrido. Não até semanas depois do enterro, quando ele foi enviado para Axebridge num feriado



da escola em vez da casa da vovó como sempre. E quando ele perguntou o porquê, o pai dele disse que era porque sua avó estava morta, claro.

Como se a avó não tivesse sido a única pessoa no mundo a se importar com ele...

Mas isso estava no passado. Rafe não morava no passado.

Ele tomou um gole de conhaque e então continuou. —Lady Cleeve planejou vir para o Egito - ela não via seu pai há alguns anos - mas a guerra a atrasou, e então, assim que se tornou possível e seus acordos estavam finalmente no lugar, ela teve a notícia de sua morte.

Ele pausou, juntando as palavras para explicar o inexplicável. —Ela não sabia sobre você, não sabia que você estava viva. Eu realmente não entendo o porquê.

Ela abraçou os joelhos para o tórax e não disse nada, o rosto fixo e hostil como se ela não se importasse com nada disso. Ele não podia imaginar o que a vida dela tinha sido nos últimos seis anos, mas ele não podia culpá-la por estar brava e desconfiada.

—Ela tinha uma carta de alguns anos antes do seu pai, sabe, em que ele disse a ela que sua esposa e filha estavam mortas. Não explicava muito - suponho que ele estava incoerente em seu pesar. — Ele agitou a cabeça. —Lady Cleeve achou que ele queria dizer que *você* estava morta. Ela me pediu para te dizer que lamenta terrivelmente por sua pequena neta homônima. Antes disso ela sempre te enviava cartas e presentes, lembra? Uma boneca com cabelo dourado?

Ela não moveu um músculo, estava determinada a não reconhecer uma palavra. Pequena criatura teimosa. Ele admirava a força da determinação dela, ainda que não entendesse por que ela simplesmente não dizia — muito obrigada, sim, leve-me para minha avó, por favor.

Ele a curvaria a seu propósito no fim. Ela voltaria para a Inglaterra com ele; ela não tinha nenhuma escolha.

Ela não era mais uma simples desculpa para deixar a Inglaterra ou um favor para a amiga mais antiga de sua avó. Ele não podia, não deixaria esse corajoso e pequeno pedaço de mulher vestida como um menino - em sujeira, trapos e raiva - largada à sorte.

De alguma maneira, naquela troca violenta no chão, esta pequena beleza selvagem tinha entrado nele como nenhuma mulher tinha feito.

Isto era agora um desafio pessoal.

—Aparentemente o seu pai sempre tinha sido de se corresponder pouco com ela e depois da morte da sua mãe, as cartas foram ficando mais infrequentes e nuas de quaisquer referências pessoais. E então ele morreu.

Ele esperou, mas ainda assim ela não disse nada. Ele continuou — nos últimos seis anos sua avó pensou que estava só no mundo, sem família, apenas alguns primos distantes e alguns amigos restantes.

Não se comparava com a solidão da neta. O modo como ela tinha se sentado defensivamente no canto do sofá dava a ele o testemunho disso.

—Alguns meses atrás Lady Cleeve recebeu uma visita de Alaric Stretton - talvez você se lembre dele - o viajante e artista famoso? Ele chamou pelo seu pai várias vezes.

Ela não chamejou um cílio.

—Lady Cleeve o encontrou pela primeira vez na Índia há anos. Ele visitou o seu pai um mês ou dois antes de sua morte, e deu a lady Cleeve algumas lembranças. Estas.



Ele ergueu e abriu a pasta de papéis de couro marrom para ela ver.

Ayisha olhou fixamente para os retratos que causaram todo esse problema. Havia o pai dela, exatamente como ela se lembrava, rígido, um pouco indiferente, sério. E lá, na outra metade da pasta, o próprio rosto dela aos treze anos de idade olhando de volta para ela, um pouco ansiosa, um pouco sonhadora.

Ela se lembrava bem do Sr. Stretton. Alto, desengonçado e loiro, com olhos azuis gentis. Ele havia contado a ela histórias de suas viagens para mantê-la quieta enquanto ele fazia os esboços. As histórias a encantaram.

Mas ela não era mais aquela garota. As histórias podiam tecer uma armadilha...

O inglês continuou com aquela voz funda, ainda assim tão constrangedora. Ela desejava que não fosse. Ela não queria escutar nada disso, mas aquela voz...

—Lady Cleeve percebeu que não era você quem tinha morrido, mas a outra filha, talvez um bebê. E então ela me pediu para vir te procurar. E aqui está você, finalmente encontrada, como uma heroína perdida em um conto.

Ayisha olhou fixamente para o retrato do pai e seu eu muito mais jovem. A barriga dela agitava e o queixo doía onde ele a havia esmurrado. Ela estremeceu, sentindo frio de repente.

Ele notou e foi buscar um cobertor, envolvendo-o cuidadosamente ao redor dos ombros, ajeitando para se certificar de que ela ficasse morna.

Ela se retesou contra ele.

Ele não era o tipo de homem que machucava uma mulher deliberadamente, mas ela não cometeria o engano de confiar nele.

Ele era perigoso de outros modos.

—Sua avó é sozinha, Alicia. É o desejo mais querido de seu coração te achar e levar para Cleeveden.

Ela não olhou para ele.

Ele se debruçou adiante e a voz era como um café escuro e rico à medida que falava - venha comigo e nunca mais sentirá fome novamente. Sua avó se assegurará de que você nunca mais passe necessidade - nunca mais. E quando ela morrer, você herdará sua casa e sua fortuna.

Ela não moveu um músculo. Ele não devia saber que ela se importava.

Ele continuou — Ela é uma mulher idosa que precisa de você. Tudo o que ela quer é te ter em casa e te amar.

Ayisha ficou muda por um longo tempo. *Te ter em casa e te amar... você nunca mais vai passar necessidade.*

Oh, ele era um feiticeiro realmente, com a voz tão funda e persuasiva. Se ele tivesse lido a mente dela, daria voz ao desejo mais querido de seu coração: ter uma casa própria, ser amada. Ser parte de uma família.

—É uma coisa terrível não ter nenhuma família— ela sussurrou finalmente. —Não pertencer a ninguém. — Ela se lembrou daqueles primeiros meses dolorosamente miseráveis de solidão, antes de o gato ficar amigo dela.



—Eu sei. — O inglês se ajoelhou e começou a soltar os pés dela amarrados. —Estou contente por você decidir ser sensata. Partiremos para a Inglaterra nos próximos dois dias, devemos estar na Inglaterra na páscoa. É cedo este ano - em março.

Ayisha mordeu o lábio e olhou fixamente para as mãos grandes primorosamente desatando o tecido que a amarrava. Não eram mãos de um cavalheiro, não de um estudioso como o pai dela.

Oh, ela queria, queria aceitar sua oferta, ir para a avó que oferecia seu amor e uma casa, uma casa na Inglaterra, aquela terra verde e agradável onde o pai sempre disse que a levaria... A tempo para uma páscoa inglesa. Uma primavera inglesa.

Era um conto de fadas que ele oferecia a ela, mas ela não era a princesa de um conto de fadas.

Ela olhou para as mãos dele: mãos de um guerreiro ou de um cavaleiro, cortadas, cicatrizadas, bronzeadas e fortes. Aquelas mesmas mãos a esmurram no queixo e amarraram suas mãos e pés, ela se lembrou. Podiam provavelmente tirar a vida dela sem esforço. Se eles soubessem o que ela tinha mantido em segredo estes anos todos, o que eles fariam a ela?

Ela fechou os olhos firmemente contra a isca daqueles olhos azuis, tão azuis. Eles a estavam assustando, aqueles olhos, o modo como eles nunca saíam dos dela, parecendo olhar diretamente em sua alma, convidando-a a confiar em suas palavras, confiar nele, se deixar ser cuidada por ele...

Era como examinar uma lagoa profunda e saber que ela te afogaria, mas se desejava saltar de qualquer maneira.

E a pior coisa era, ela queria. Ela queria acreditar nele, acreditar que em algum lugar havia uma avó amorosa que a queria, a amava, oferecia a ela uma casa, um lugar no mundo, segurança...

Mas ela tivera uma casa, amor e segurança uma vez, e tinham evaporado como uma poça ao sol. Ela e a mãe haviam pensado que o pai dela era um deus, todo protetor, todo poderoso - e ainda assim ele as havia deixado sem nada. Menos do que nada. Pior do que antes, porque elas sabiam como a vida poderia ser boa...

—Você nunca mais passará fome novamente— ele acrescentou com a voz tão profunda e persuasiva, como se houvesse mel atado a ópio. —Ninguém te prejudicará novamente. Você ficará segura e salva para sempre.

As palavras envolveram insidiosamente ao redor do coração dela, arrastando, tentando achar uma entrada.

Palavras perigosas, indignas de confiança. Palavras que, ainda que ela acreditasse, não eram para Ayisha. Eram para outra garota.

Ela agitou a cabeça, como que para se limpar de seu feitiço. —Diga a idosa lady que Alicia Cleeve está morta. — Ela fez um pequeno gesto fútil com as mãos saltadas. —Aqui, há apenas Ayisha.

Capítulo Quatro



—Ele te deixou ir? — Laila estava atordoada. —Ele te bateu e prendeu, e então ele apenas *te deixou ir*?

—Sim— Ayisha disse. —Ele disse que eu tinha que considerar cuidadosamente e voltar. — Ela retornou à casa de Laila no momento em que o portão da cidade estava sendo destrancado.

—Volte a Ali - ele está bem?

—Sim, eu te disse. — Ayisha tinha dito a Laila uma dúzia de vezes que Ali estava bem, mas Laila tinha ficado acordada a noite toda ansiosa e não ficaria completamente reassegurada até que ele estivesse em casa, seguro.

Ayisha se agachou para alimentar o fogo do forno. Laila normalmente levantava ao amanhecer para começar a assar, mas hoje ela estava se preocupando em vez disso. Então elas começaram a assar tarde.

Ela tinha achado a ação do inglês enigmática, muito - mais do que enigmática - perturbadora. Ela não entendia que jogo ele estava fazendo, mas estava certa de que era um bastante profundo.

—Como nós conseguiremos soltar Ali? É dinheiro o que o inglês quer? — Laila perguntou, com uma olhada para o lugar escondido atrás dos tijolos.

—Não. Ele tem mais dinheiro que você e eu veremos em toda a vida. — Ayisha jogou um punhado de ramos no fogo.

Laila tirou pedaços da massa e as rolou em bolas. —Ele quer você em troca de Ali?

—Sim— Ayisha disse. O ar matutino estava frio, então o calor do forno era um conforto. Ela lavou as mãos e o rosto em um balde com água morna.

—Mas ele tinha você. Ele podia ter ficado com você. — Laila sovou a massa vivamente. — Então por que te libertar?

—Ele quer que eu volte pelo meu próprio livre arbítrio— Ayisha disse com ironia.

—E você é realmente uma inglesa? — Laila ainda não estava segura.

—Meio inglesa, sim.

—E seu pai era um lorde? E você sabe falar inglês?

—Sim.

—Diga algo.

—Laila é a minha melhor amiga— Ayisha disse em Inglês.

Laila beliscou o queixo dela afetuosamente. —E você, pequena garotinha, é a filha do meu coração— ela respondeu no mesmo idioma. Eles olharam fixamente uma para a outra e riram.

—Você fala inglês? — Ayisha exclamou.

Laila riu. —Não tão bem quanto você. Aprendi quando era garota. Trabalhei para ingleses antes de me casar. E olhe para você - todo esse tempo, e eu nunca achei que você fosse uma garota inglesa. — Ela aplainou as bolas de massa em círculos.

—Não sou. Nasci aqui.

—Pff!— Laila acenou aquela noção longe. —Seu pai era um lorde inglês. Isso te faz inglesa. E todo esse tempo você tem sentido medo, vestida como um menino.

Ayisha disse—Você sabe o porquê.



Laila acenou a razão para longe com uma mão farinhenta. —Claro que eu sei o porquê. Mas agora será diferente. Deixe este homem, este inglês, te levar para esta sua avó na Inglaterra. Por que não?

—Laila, você sabe por que não.

—Há! Eles não sabem, então por que você deveria se importar? A lady idosa cuidará de você e você cuidará bem dela, e depois que ela morrer você será rica e possuirá sua própria casa e não terá falta de nada.

—Eu não posso fazer isto.

Laila bateu as bolas de massa para ficarem achatadas. —O que há de errado com você, garota? É tudo o que você sempre sonhou e mais.

—Eu sei, mas—

—Mas nada. Essa é a chance pela qual você tem esperado. E se esta mulher idosa é realmente a sua avó, você deve ir para ela e cuidar dela, ela é o seu sangue e você é o sangue dela. E isso você sabe que é verdade.

Laila espanou a farinha fora da palma das mãos e acariciou Ayisha com o dorso da mão. —Você se imaginou só no mundo, Ayisha, minha criança - e então achou uma família - que presente, um presente santo. — Os olhos marrons suaves estavam úmidos com emoção.

—Mas eu—

—Não você, a lady idosa. Ela tinha perdido o marido e o único filho e agora, quando está no crepúsculo da vida, sozinha, solitária e sem esperança, aqui está a jovem neta linda, que ela pensou estar morta, devolvida. Claro que esse é um presente santo e você não pode recusar, pequena.

—Mas você e eu sabemos que não sou eu quem ela quer. Você é minha família, Laila. Você e Ali.

Laila agitou a cabeça. Ela segurou o queixo de Ayisha entre as mãos e disse—Escute-me, filha do meu coração. Que futuro existe aqui para você, vestida com roupas dos homens, se escondendo o tempo todo daqueles que te caçam? Como se casará? Como terá filhos?

—Talvez eu não queira casar.

Laila agitou a cabeça, os olhos sábios e conhecedores. —Você irá, garotinha. Um dia você encontrará um homem forte, bonito e seu coração baterá tum-tum-tum. — Ela bateu o punho contra o peito. —E seus joelhos ficarão fracos e sua região lombar ficará morna e - aha, você está vermelha! Talvez você já tenha encontrado alguém, talvez este inglês—

—Não, foi a sua tolice que me fez ruborizar— Ayisha replicou. —A minha região lombar não vai aquecer nada! — Ela podia sentir as bochechas aquecendo mesmo assim. E daí que ela achava o inglês atraente? Ele era bonito, isso era tudo.

Laila riu. —Ah, pequena, até que você agarre um homem forte entre as suas coxas e o sinta empurrando como um garanhão enquanto despeja sua semente quente no seu corpo, não fale tolices comigo.

Ayisha olhou fixamente para ela, a boca seca com o retrato que as palavras de Laila tinham formado em sua mente. Laila sempre tinha sido direta, mas isto...



—Agora você realmente está corando, e eu, também. — Laila deu uma risada funda e abraçou Ayisha. —Faz tanto tempo desde que eu tive um homem na minha cama que esqueci meus modos.

—É verdadeiramente assim entre um homem e uma mulher? Tão... — Ayisha procurou no escuro por uma palavra. —Magnífico?

Laila suspirou. —Com meu marido, era, mas eu sei de outras mulheres que não são sempre assim com seus homens. Mas ele era louco por mim, e eu por ele, e quando ele vinha para mim de noite, era como um garanhão. — Os olhos dela brilharam, lembrando.

—Mas ele se divorciou de você. — Ayisha não podia imaginar a dor que isso deveria ter causado em Laila.

A luz morreu nos olhos de Laila. —Eu pensei que ele me amava, e talvez ele tenha, um pouco. — Ela fez um gesto impotente.

—Mas não foi o suficiente. Casamento é sobre propriedade - e a minha família é pobre, lembra? E sobre crianças, e quando eu não pude dar a ele nenhum filho, ele se divorciou de mim e tomou outra esposa. — Ela deu um suspiro saudoso. —Ela deu a ele terras e filhos, então ele foi provavelmente um garanhão com ela também.

Ayisha agitou a cabeça. Depois de quinze anos de amor e confiança em um homem, essa era a recompensa de Laila. Jogada de lado e para a clemência daquela lesma do Omar.

Isso era o que acontecia quando se confiava em um homem para cuidar de você. Havia acontecido com a mãe dela, havia acontecido a Laila. Ayisha nunca cometeria o mesmo engano. Nunca.

—Você pensa nele frequentemente? — Ayisha perguntou.

Laila agitou a cabeça. —Não, é apenas... Às vezes quando eu desperto durante a noite, quente e inquieta, e eu sinto falta... de um garanhão na minha cama.

Ela olhou para Ayisha e deu uma risadinha. —Olhe para o seu rosto! Eu te choquei, uma mulher idosa como eu falando de tais coisas. Venha, vamos terminar o assado. A manhã está passando.

— Trinta e cinco não é velha — Ayisha disse.

—Pode até ser, para alguém como eu que vive de memórias. — Laila suspirou. —Dormirei só pelo resto da minha vida pois Alá me fez estéril, e que homem tomaria uma mulher estéril como esposa? Mas você, Ayisha - você escolhe viver assim se escondendo, como um menino.

Ela deixou as palavras caírem, então disse—Não há um futuro para você, querida criança; é uma prisão para toda a vida.

Ela estava certa, Ayisha sabia disso.

Laila organizou os círculos de massa em folhas para assar. —Tire a cobertura e eu verei se o forno está quente o suficiente. — Ela pegou um pequeno jarro com água e um galho de ervas. Ayisha removeu a cobertura da porta de forno. O calor esguichou para fora.

Laila sacudiu água sobre a pedra funda do forno com o grupo de erva. Silvou. —Perfeito— ela declarou. —Passe as bandejas para mim.

Ayisha passou as bandejas de pão para Laila, que as empurrou para o lugar com um longo remo de madeira, então fechou a porta novamente.



—Não me deixe esquecer o tempo— Laila disse, o rosto corado com o calor do forno. Ela começou a enxugar o banco. —O seu pai iria querer isso para sua única filha viva.

Ayisha fez uma careta. —Meu pai me deixou sem nada. — Pior do que nada. Ele a havia deixado ser um objetivo para homens do mal.

—Se não fosse seu destino ir para a Inglaterra, não receberia esta chance. Além disso, sangue é sangue; você tem obrigações com a mãe do seu pai.

—E se eles descobrem?

—Aff!— Laila acenou uma mão aérea. —Como eles saberão? Eles estão na Inglaterra, no outro lado do mundo.

—Havia pessoas aqui que sabiam. Pessoas inglesas que estão agora na Inglaterra. — Pessoas que não haviam mostrado nenhuma clemência, nenhuma generosidade com uma criança de nove anos de idade.

—Preocupe-se apenas se acontecer— Laila disse. —Se sua avó não sabe, como alguém mais saberia? Não, você deve ir para a Inglaterra.

—Mas e quanto a você e Ali?

Laila bufou. —Criança tola, você se esqueceu tão rápido quem cuida de você? Eu virei de repente uma mulher idosa que não pode cuidar de sua própria família? Não se preocupe comigo e com Ali. Nós ficaremos muito bem, você verá. Agora, o pão já deve estar bom, eu acho. — Ela lançou a Ayisha o pano para proteger as mãos do calor e ergueu o remo de madeira.

Ayisha foi buscar as cestas achatadas que elas usavam para carregar o pão e pela próxima hora ou duas elas se concentraram em assar pão e vendê-lo pela janela de madeira na parede que dava para a rua. O grupo matutino sempre vendia depressa: as pessoas não podiam resistir ao cheiro delicioso que flutuava no ar.

Quando todo o pão estava vendido e metade do lucro com firmeza escondido nos ocus atrás dos tijolos, Laila fez para ambas um café da reserva especial de Omar.

Eles se sentaram no quintal, bebericaram a bebida espessa fermentada saindo fumaça e compartilharam o último pão fresco, quente e redondo que Laila tinha separado para elas. Hoje ela tinha coberto com mel como forma de diferenciar.

Ayisha bebericou o café e lambeu o mel dos dedos. O pão quente com mel e café era a sua comida favorita, mas hoje o café parecia muito amargo, o pão insípido, e o mel meramente pegajoso.

Laila não entendia. Para ela, a escolha era simples: Ser rica ou passar fome; cuidar da avó e o resto cuidaria de si mesmo.

Mas Ayisha já tinha vivido uma vida de decepção e tinha sido duro, mais duro do que Laila havia percebido. Ela não se importava com estranhos enganosos. Mas quando se começa a conhecer pessoas, se tornar amiga delas, se importar com elas, tal decepção ficava... complicada.

E quando - se eles viessem a se importar com você, seria... doloroso.

Nesta vida apenas Laila e Ali sabiam que ela era uma mulher. Omar não tinha nenhuma ideia. Até Ali não sabia a princípio. Pueril, ele a havia aceitado como ela era. Mas quando descobriu que ela era uma mulher, ela sabia que ele tinha se sentido traído.



Seria pior na Inglaterra. Mentir para a avó, deixar uma lady idosa vir a gostar dela... Era uma coisa conseguir pão sob pretensões falsas; outra coisa bem diferente era roubar o amor designado a outra, criar esperanças fundamentadas em mentiras.

Ir para a Inglaterra e fazer uma nova vida - era com o que ela sonhava. Mas ao preço de viver outra mentira? Não seria encarceramento, mas seria um machado sobre a cabeça, esperando cair.

O único jeito de evitar a decepção era dizer ao inglês toda a verdade. Mas isso a colocaria completamente em seu poder, e ela simplesmente não podia, não ousaria fazer isso.

—Você parece preocupada, minha garotinha— Laila observou.

—Eu não quero ir com ele. Eu não confio nele.

—Ele tentou fazer alguma coisa a você? — Laila perguntou claramente.

Ayisha pensou. Ela sentiu a excitação dele... Ele poderia tê-la tomado se desejasse, apesar de que ela teria brigado a cada respirar, mas...

—Não— ela disse. —Ele me tratou com honra. Mas, com a neta de Lady Cleeve... ele agiria assim.

Houve um pequeno silêncio, então ela adicionou — Mas eu não quero voltar lá.

—Entendo— Laila disse. —E quanto a Ali?

Redemoinhos de culpa giraram na barriga de Ayisha. —Você não pode ir?

Laila encolheu os ombros. —Eu tentarei, claro, você sabe que eu irei, mas se for você o que ele quer, será inútil. Você acha que ele é um homem teimoso? Ou pode ser persuadido?

Teimoso? Mais que teimoso, Ayisha pensou. Tão fácil de ser persuadido quanto a esfinge¹⁵. E fácil de entender da mesma maneira.

Ela bebericou a bebida fermentada amarga pensativamente. Ela não tinha nenhuma escolha. Ali era sua responsabilidade.

—Eu irei. — Ela bebeu o último gole de seu café, hesitou, então virou a xícara de cabeça para baixo no pires. Então ela deu a xícara para Laila. —Diga-me.

Laila examinou os padrões da borra. Era tolice, claro, Ayisha pensou. Ela não era supersticiosa; ela era educada, uma cristã. Ainda assim, era útil conhecer, por via das dúvidas...

Laila fez uma carranca. —Há muito acontecimento aqui, muitas... contradições. Uma força poderosa entrará na sua vida, e você vai — Ela cessará bruscamente.

—O quê?

Laila deu um descuidado encolher de ombros e derrubar a xícara—Nada é claro. Às vezes o café é assim.

Ayisha não acreditou em uma palavra. —Diga-me.

Laila suspirou e aceitou a devolução da xícara. —Algumas escolhas difíceis - e muitas escolhas dolorosas estão adiante. Vejo perigo. Aflição. Você está presa em várias direções, e os caminhos adiante estão muito entrelaçados. Você não pode ver qual tomar e se sentirá perdida e com medo.

¹⁵ Esfinge é uma imagem icônica de um leão estendido com a cabeça de um falcão ou de uma pessoa, inventada pelos egípcios do império antigo, mas uma cultura importada da mitologia grega. Houve, na mitologia grega, um enigma proposto pela esfinge, que devorava quem não acertasse a resposta, este enigma que foi solucionado por Édipo em *Édipo Rei*, de Sófocles.



Ayisha fez uma careta. Nada novo então. Ela já se sentia confusa e insegura do que fazer.

Laila continuou—há um homem e uma questão de confiança. Você deve escutar o seu coração e segui-lo - mesmo quando ele parecer se partir.

O coração dela? Cada instinto dela dizia para ficar o mais longe possível de Rafe Ramsey.

O homem era perigoso. Em todos os tipos e modos.

Mas havia Ali. Ela o havia envolvido nisto, ela tinha que tirá-lo. Laila chamava Ayisha de sua filha do coração. Se era isso, então Ali era o pequeno irmão do coração de Ayisha.

Seguir seu coração? A mensagem era clara. Salve Ali.

Tinha sido um risco calculado, Rafe disse a si mesmo pela décima vez. Deixe-a livre, estabeleça o início da confiança. Ele era um homem de palavra. Ele disse a ela que não machucaria Ali e ela veria que era verdade - se ela voltasse. Mas se ela se importasse com o menino - e ele estava certo de que ela se importava - ela não o deixaria aqui. Ela retornaria.

Se ele fosse um bom juiz de caráter.

É aí que bate o ponto. Ele podia julgar homens, mas as mulheres - esse era um assunto completamente diferente.

Que diabo ela queria dizer, Alicia estava morta, havia apenas Ayisha?

Algum tipo de lógica tortuosa feminina, ele presumiu. Alicia Cleeve estava realmente morta, quando o próprio rosto dela olhava de volta para ele no desenho de Alaric Stretton?

Rafe sabia muito bem que desvendaria aquela linha de raciocínio - se ela queria ser chamada de Ayisha, ele faria isto. Ele a chamaria de sua Rainha de Sabá¹⁶ se conseguisse levá-la com ele para a Inglaterra sem rebuliço e incômodo.

Mas fosse necessário rebuliço e incômodo, ele faria isto. Ele não tinha nenhum problema em levá-la nas costas de volta para a Inglaterra chutando e gritando. E sem dúvida nenhuma arranhando e mordendo, ele acrescentou para si mesmo, cuidadosamente tocando o lado do pescoço onde ela o havia arranhado na noite anterior. Ainda ardia um pouco. O arranhão que uma gata normalmente faria.

Seu camareiro, Higgins, havia observado as marcas esta manhã com lábios franzidos, muito bem treinado para mostrar sua desaprovação abertamente. Ele barbeou Rafe muito cuidadosamente, evitando os longos arranhões e então aplicou uma de suas pomadas especiais, murmurando que em climas Orientais não se deve negligenciar os ferimentos.

Rafe subiu o andar. Ali estava sentado na mesa de jantar, enchendo o rosto muito limpo com torrada, salsichas de cordeiro e ovos mexidos. Higgins, que Rafe designou para vigiar o menino, estava sentado ao lado dele, tentando, se Rafe fosse bom juiz, ensinar os modos ingleses à mesa para Ali. Ele não aprovou a ordem de Rafe de ter o café da manhã do menino servido na sala de jantar. Tal menino, o comportamento dele indicava, seria muito sortudo em comer na copa.

¹⁶ Rainha de Sabá - foi, na Torá, no Antigo e no Novo Testamento, no Alcorão, na história da Etiópia e do Iêmen, uma célebre soberana do antigo reino de Sabá. A localização deste reino pode ter incluído os atuais territórios da Etiópia e do Iêmen.



Higgins ficou de pé quando Rafe entrou.

Ali olhou para cima e acenou com um garfo para Rafe de uma maneira amigável, não claramente pretendendo abandonar seu café da manhã.

Higgins suspirou e ergueu o menino pelo colarinho. —Diga, 'bom dia, sir' — ele disse e fez uma reverência respeitosa.

Ali, que agarrou uma salsicha na mão como se pudesse ser arrastado para fora a qualquer minuto, trouxe um bocado gigante de torrada com ovo e disse para Rafe com um sorriso feliz — Abre-te sésamooo. — Ele deu uma réplica estranhamente exata da reverência de Higgins que ao mesmo tempo a zombou completamente e então continuou, a toda velocidade, a esvaziar seu prato.

Rafe não pôde evitar e riu. Garotinho debochado. —Obrigado, Higgins. *Sabaah el kheer* — ele disse a Ali. *Bom dia* em árabe.

Os olhos de Ali arregalaram. Ele respondeu com uma torrente de árabe rápido.

Rafe ergue a mão. —Diminua a velocidade— ele disse. —Eu sei apenas um pouco. — Ele encheu um prato com ovos mexidos e salsichas dos pratos que cobriam o aparador. Era estranho ver a ordem dos pratos cobrindo o aparador exatamente como seria na Inglaterra, mas essa era uma casa que tinha sido arrendada para vários ingleses ao longo dos últimos anos, e o punhado de empregados que tinha vindo com a casa tinha sido, consequentemente, treinada. E sem dúvida se eles não tivessem sido, Higgins teria feito isto. Um homem que sabe como as coisas deviam ser feitas, Higgins; muito mais do que um camareiro.

Ele mordeu uma salsicha e uma explosão de gostos exóticos estourou em sua língua. Não era nada como a salsicha inglesa - feita de cordeiro, não de porco. Altamente temperada e fragrante com ervas, mais como as salsichas que ele tinha comido em Portugal e na Espanha. Deliciosa.

A coisa mais importante era que, apesar de todas as chances contra, ele tinha achado a senhorita Cleeve. Viva e bem. E não em um harém.

O que diabo o havia possuído para soltá-la?

Se ela falhasse em retornar esta manhã, ele estava de volta à estaca zero.

Uma empregada da cozinha chegou com café fresco e o despejou em uma xícara para Rafe. —Higgins, a senhorita Cleeve enviou alguma mensagem?

—Eu não poderia dizer, lorde. Estou com este jovem selvagem. Enxugue a boca com o guardanapo, menino, não com a manga— Higgins disse a Ali, dando um guardanapo limpo.

Ali imediatamente o colocou no bolso.

A campainha chiou no corredor.

Rafe drenou sua xícara de café. Excelente, ele não a havia perdido afinal. —Abra a porta, Higgins. É a senhorita Cleeve.

Rafe se ergueu enquanto sua convidada entrava, olhando ao redor suspeitosamente, a imagem de um moleque de rua pronto para fugir. O olhar dela foi diretamente para Ali para verificar se ele estava vivo e incólume, presumivelmente, então foi para cada canto do cômodo, antes de retornar a Rafe.

O que ela pensou, que ele teria meia dúzia de capangas fortes escondidos e esperando para se jogarem sobre nela? A suspeita dela faiscou a chama da raiva dentro dele novamente: Deus, o



que será que ela havia suportado desde a morte do pai? Ele pensou no retrato dela aos treze: a impressão de uma garota tímida e vulnerável.

Agora, seis anos mais tarde, não havia um osso confiante em seu corpo.

Ele tomou a mão dela. —senhorita Cleeve, encantado pela senhorita ter conseguido se reunir conosco novamente. — Interessante, ele pensou. O rosto estava, de alguma forma, mais sujo do que na noite anterior.

Ela puxou a mão de volta. —Não me chame assim. Já te disse, não sei nada sobre Alicia Cleeve; eu sou Ayisha. — Ela fez seu caminho para Ali e uma investigação rápida em árabe.

Rafe retirou uma cadeira e a se acomodou ao lado do menino. Ela se sentou distraidamente, concentrado nas respostas de Ali. O sol matutino iluminava a pele dela. Rafe tomou a oportunidade para uma olhada mais íntima.

Como ele tinha pensado, a sujeira tinha sido aplicada cuidadosamente. Ao longo do queixo ela enfatizou um pouco de cinza, dando a mais leve sugestão de uma barba incipiente. Uma artista em sujeira, a senhorita Cleeve.

—Sim? — Ela deu a ele um afiado examinar sobre o ombro. Olhos verdes com pestanas luxuriantes, escuras, faiscavam uma advertência para ele. A senhorita Cleeve não gostava que os homens a estudasse muito de perto, ao que parecia.

Ele estava para andar de volta quando notou um remendo colorido e mais escuro no outro lado de seu queixo.

—Deixe-me dar uma olhada nisto— ele disse e tomou o queixo dela suavemente na mão. Ela tentou ir para longe.

—Quieta— ele disse a ela tranquilamente. —Eu apenas quero olhar para a contusão que te dei ontem à noite. — Ele virou o lado do rosto dela para a luz, e estavam lá, as marcas do punho dele, claro e escuro sob a artística camada de pó.

—Eu sinto muito— ele disse enquanto a soltava. —Se eu soubesse que você é uma mulher...

—Não dói— ela disse depressa e se virou.

Rafe sinalizou a um empregado para trazer café fresco e enquanto o homem saía apressado, Rafe colocou ovos, torrada e salsichas em um prato e o deu para ela.

Ela olhou para cima. —O que é isto?

—Café da manhã. — Ela iria discutir o assunto, ele podia ver.

—Mas—

—Eu sempre alimento meus convidados, e já que você se juntou a nós na hora do café da manhã... — ele se sentou.

Ela fez uma carranca para o prato. —Obrigada, mas eu já comi. — Ela não soou muito certa. Melhor não forçar; e se ele tentasse insistir, ela provavelmente recusaria.

Ele encolheu os ombros. —O que eu posso dizer? Obrigações da hospitalidade. Poucos pedaços e a forma foi observada. Ah, e aqui está o café. — Ele colocou mais café para si mesmo e comeu outra salsicha apenas para mostrar sua ideia. Ou talvez não completamente para mostrá-la. Ele era muito aficionado por salsichas inglesas, mas estas coisas picantes eram excelentes. Ele não olhou para ela.



Ayisha olhou fixamente para o prato. Duas salsichas gordas, mornas e rechonchudas e cheirando de forma divina. Quanto tempo fazia desde que ela tinha comido carne? E ovos, cremosos e dourados e com cheiro de manteiga e uma sugestão de queijo.

Mas havia obrigações assim que se aceitasse a comida de um homem...

—Você não quer? — Ali perguntou.

Ela deu uma olhada rápida para seu prato vazio. —Quantos destas você já comeu? — Ela tocou uma salsicha com seu garfo.

—Quatro— Ali disse orgulhosamente. —São chamadas de *salsicha embutida* e são a melhor coisa que eu já comi na vida, Ash. Se eu comer outra, acho que vou estourar. Mas tenho mais duas no bolso para mais tarde e se você não quiser, eu poderia—

—Não— ela disse apressadamente, com um olhar para o homem alto no fim da mesa. Ele estava comendo, aparentemente os ignorando. —São más maneiras roubar a comida quando o seu anfitrião a oferece livremente.

O rosto de Ali caiu. —Eu devo devolvê-las?

Ela hesitou.

—Eu nunca comi coisas tão maravilhosas, Ash— ele sussurrou. —Mas eu não desejaria insultaria Rameses quando ele foi tão bom para mim, mas se você disser que eu devo devolver—

—Bom para você? — Ela estourou. O inglês olhou para cima, e ela imediatamente baixou a voz, embora soubesse que ele não podia entendê-los. —Ele te sequestrou e te prendeu.

Ali encolheu os ombros. —Eu tentei roubar. Ele podia ter me dado para os homens do paxá, mas não fez isso.

—Sim, mas—

—Ele nem me bateu, Ash. E me trouxe para a sua própria mesa e compartilhou sua comida comigo, a que ele próprio comeu. A melhor comida que eu já tive em toda a minha vida. Coma e veja.

Encantada com os aromas a provocando, fazendo sua boca encher d'água. Ayisha olhou para o prato carregado e deu uma olhada rápida para o inglês. Ele parecia estar limpando algo na mesa ao lado dele, então ela cortou um pequeno pedaço de salsicha e o jogou na boca.

Os sabores derreteram em sua boca. Era incrivelmente delicioso. E uma vez que ela começou, não podia parar.

—Eu te disse— Ali sussurrou ao lado dela enquanto ela comia uma calada, e então outra salsicha. — *salsicha embutida*.

Ela comeu os ovos mexidos, também, e a torrada, e a desceu com café com leite do estilo europeu. Divino.

—Veja, a comida é tão boa quanto ele— Ali disse enquanto ela terminava. —Sei que você não acredita em mim, mas ele me contou uma história ontem à noite.

Ela limpou os lábios com o guardanapo. —Como você podia saber o que ele estava dizendo? Você não sabe inglês e ele não fala árabe.

—Eu sei o que eu sei— Ali disse com aquele jeito teimoso de erguer o pequeno queixo que ela conhecia tão bem. —E eu gosto dele.



Ayisha fez uma carranca. —O banho de ontem à noite, o que aconteceu? — Ali normalmente tinha resistência a banho.

—Foi em uma tina grande, com água quente que entrou nos meus ouvidos, e sabão que tinha cheiro bom o suficiente para comer. — Ele fez uma careta. —Mas não tinha gosto tão bom.

—Ele não te machucou? Ou ameaçou te machucar?

—Quem, Higgins? Não. Ele apontou o banho para mim, e ficou me olhando de seu nariz longo - ele parece com um camelo - até que eu entrei. — Ali encolheu os ombros. —Então ele levou as minhas roupas e me deu uma camisa para eu dormir, e de manhã as minhas roupas estavam limpas. Olha.

Ayisha revirou os olhos. Depois do problema que ela e Laila normalmente tinham para fazer o pequeno miserável se lavar, tudo o que tinha sido necessário era alguém apontando para uma tina de água e olhá-lo por sobre um nariz longo, é?

—E ninguém te machucou?

—Não, eu estava assustado no começo, mas eles têm sido bons comigo, Ash. — Ele deu a ela um olhar ansioso, como se ela pudesse estragar as coisas sendo rude.

Ela deu uma olhada rápida através da mesa longa para o inglês, apenas para achá-lo a assistindo.

Ela desviou o olhar e no momento seguinte deu uma olhada rápida de novo. Ele ainda a estava assistindo. Por quê?

Um pouco de ovo, talvez? As mãos dela coçaram para verificar. Ela as cruzou sobre o peito. Ela não deveria se importar se havia pedaços de ovo por toda a parte do rosto. Ela queria parecer tão sem atrativos quanto possível, e comida no rosto era extremamente nada atraente. Então se havia ovo... isso era bom, ela disse a si mesma.

Era apenas o modo como olhos azuis a olhavam... Era muito enervante. Como uma carícia.

Ela sentiu as bochechas aquecerem, ergueu o queixo e olhou fixamente de volta para ele. Não como uma carícia.

Ele sorriu, dobrou o guardanapo, e se ergueu, dizendo—Agora que você terminou o seu café da manhã, senhorita Cleeve, vamos discutir o seu futuro na sala de estar. — Ele tocou o sino.

De repente a comida pareceu virar chumbo na barriga dela. —E quanto a Ali? — Ela disse. — Eu estou aqui agora, deixe-o ir.

—Ali fica— o inglês disse decisivamente.

—Mas Laila está preocupada com ele—ele ficou fora a noite toda.

Ele considerou isto. —Muito bem. Higgins— ele disse para o homem que apareceu na porta. —Leve o menino para casa. Tome o intérprete com você e reassegure esta Laila de que a senhorita Ayisha está segura. Isso bastará? — Ele acrescentou, voltando-se para Ayisha.

Ela anuiu com a cabeça, Ali não seria mais um refém. Ela acrescentou para Ali—Diga a Laila que eu estou bem e que ela não deve se preocupar comigo.

Ali anuiu com a cabeça, e com um gesto amigável para o inglês, girou para Higgins aparentemente despreocupado sobre o destino de Ayisha.

—Eu me juntarei a você na sala de estar em um momento, senhorita Cleeve— o inglês disse. —Vá em frente. Eu apenas preciso ter uma palavra com Higgins.



Capítulo Cinco

Ela entrou na sala de estar só e foi imediatamente levada ao passado. Havia o lustre de metal pesado no teto; ela se lembrava do balanço suave, fazendo as sombras dançarem.

Havia os leques que o pai dela havia colocado na parede de quando eles tinham ido à Índia. Até o velho tapete persa, sobre o chão ladrilhado era o mesmo, mas um pouco mais enfraquecido e gasto.

O cheiro era diferente; nenhuma sugestão do charuto que o pai dela costumava fumar todas as noites. A sala tinha sido pintada de verde claro em vez de creme, e parte da mobília havia mudado. Caso contrário, era a mesma sala.

Ela foi, como sempre, para a prateleira de livros. Para seu assombro, muitos dos livros de seu pai permaneciam lá, mas não estavam mais vistosos, as lombadas estavam rachadas, os títulos enfraquecidos, lidos pelas várias pessoas que haviam vivido na casa desde então, pessoas que não adoraram livros como o pai dela, que haviam tido menos cuidado do que ele.

Ela deslizou os dedos ligeiramente por alguns dos títulos que haviam sido deixados para trás, acariciando os que ela se lembrava, alguns que ela amava. Quanto tempo fazia desde que ela tinha lido uma história?

—Velhos amigos? — A voz profunda atrás dela a fez saltar. Ela girou e o achou perto, tão perto que ela podia sentir o odor de limpo, distintivo dele, o cheiro fresco de água-de-colônia e linho limpo e secado ao sol, e algo mais escuro, mais masculino abaixo. Fazia com que ela quisesse se debruçar nele, deitar contra seu tórax tão largo e forte e...

Ela trágou e andou de volta, pondo alguma distância entre si mesma e os livros, si mesma e o cheiro dele, lânguido e terrivelmente atraente.

Ela fingiu entendê-lo mal. — Amigos? Não, eu estava olhando os livros e as estampas bonitas. — Ela acariciou o letreiro de ouro. —É ouro de verdade?

—Sim, e estou bastante certo de que você pode ler as 'estampas bonitas', também. Você não teve nenhum problema em achar esta sala.

Ela encolheu os ombros. —Não foi difícil achar.

—Não, não para alguém que estava acostumada a viver aqui.

Ela foi embora da estante. Ela não tinha percebido quanta falta sentia dos livros até que viu estes aqui novamente.

—Espero que esta sala tenha provocado algumas memórias.

Sem confiança para responder, ela deu a ele um indiferente encolher de ombros. Com certeza ele iria provocá-la: ela tinha que ficar tranquila novamente, recuperar o controle. Se proteger. Repeli-lo.

Ele gesticulou em direção a uma cadeira, mas era uma que a mãe dela tinha bordado, assim Ayisha escolheu uma levemente rota para se sentar. O inglês se sentou em uma poltrona grande, fortemente esculpida e oposta a ela: a cadeira favorita do pai dela. Os olhos observaram o lugar



onde ficava o tamborete no qual ela costumava se sentar quando o pai dela dava lições, mas ele não estava em nenhum lugar para ser visto.

—Agora, senhorita Cleeve—

—Meu nome é Ayisha— ela interrompeu. —Eu não sou quem você pensa que sou e não irei para a Inglaterra com você. — Pronto. Tinha sido dito.

Ele se debruçou de volta, cruzou as pernas longas e olhou para ela com aqueles olhos azuis penetrantes, e disse—Por que não?

—Por que não? — Ela repetiu. —Porque como eu disse, eu não sou quem você pensa—

—Sim, sim, eu ouvi isso tudo antes, mas ainda que você não seja realmente a senhorita Cleeve, por que não viria comigo para a Inglaterra onde a riqueza e o conforto estão esperando por você?

Ela olhou fixamente para ele, perplexa. —Eu não entendo.

—Você é pobre, passa fome, vive nas ruas—

—Eu não vivo nas ruas!

—Perto o suficiente, pelo que vejo. E você rouba para vi—

—Eu não roubo!— Ela disse furiosamente.

—Você arrombou uma casa privada, ontem à noite, armada com duas facas—

—Porque você sequestrou uma criança.

—Eu salvei um menino do castigo de um ladrão. Suponho que você o mandou roubar o retrato—

—Eu *não* fiz isso! Eu *nunca* o encorajaria a roubar. Eu disse a ele para não chegar perto de você! Eu estritamente o proibi de te seguir e—

—Não obstante ele tentou roubar o seu retrato.

Ela mordeu o lábio.

—Creio que o castigo aqui por roubar seja bastante severo. Eles cortam uma mão, não é? O paxá, Mehmet Ali, é muito rígido, obediente às leis do país, foi o que me disseram.

Ela tragou, não tendo nenhuma resposta para a acusação. Ela não enviou Ali para roubar, mas foi por causa dela que ele ficou tentado.

—Então— ele continuou —você está vivendo na pobreza, em um país que não é o seu—

—Eu nasci aqui.

Ele bateu o punho no braço da cadeira. —Seu pai era um inglês - um baronete, que coisa - e você sabe perfeitamente bem que pertence à Inglaterra, com a sua avó! Você tem dezenove anos, pelo amor de Deus!

Ela o olhou, agitada pela raiva dele e aborrecida. Por que ele tinha que estar bravo? Ela era a pessoa sendo tiranizada.

Ela se sentiu envergonhada de si mesma enquanto pensava isto; ele não era um tirano. Ela apenas não tinha nenhuma resposta para ele - nenhuma que não faria sua vida ainda pior do que ele estava fazendo parecer.

Ele continuou com a voz dura—Olhe para você! Está meio morta de fome, vivendo uma vida onde tem que se disfarçar como um menino para a própria segurança, a um passo da descoberta e



do desastre - e ainda assim quando te oferecem uma casa, fortuna e uma nova vida segura e confortável, você rejeita. Sem nem mesmo considerar por um momento. Por quê?

Ela fez uma carranca.

—Você ainda não entende, não é? Uma impostora não hesitaria por um momento. Uma pequena ladra de rua inteligente—

—Eu não roubo— ela disse automaticamente, mas ele a ignorou.

—Uma oportunista, pequena e inteligente ladra de rua arrebataria a minha oferta em um piscar de olhos. Não é, senhorita não-me-chame-de-Cleeve? —Ele se sentou de volta na cadeira, aqueles olhos azuis, muito azuis, fixos nela.

O silêncio estirou. —Você disse que havia uma fortuna—ela disse afinal. —Quanto? — Ela tentou parecer ávida e conspiradora.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. —Não tente ganhar a sua vida em um palco. Você nunca se daria bem como atriz. Não deu certo, minha querida.

Ele se debruçou mais perto. —Eu assisti o seu rosto ontem à noite quando estávamos conversando. Quando eu te disse que a sua avó estava só e queria uma família você ficou genuinamente movida.

Ayisha fez um gesto de repúdio.

A voz aprofundou. —Você tentou esconder, mas eu vi. Você ficou tocada, profundamente. Então mais tarde, quando eu mencionei que ela tinha uma fortuna, você apenas fez um chamejar de um cílio: você estava apenas esperando que eu parasse de falar para você poder me dizer que Alicia estava morta, e que aqui havia apenas Ayisha.

—É verdade— ela disse a ele.

Ele não acreditou, ela podia ver. O problema era, nenhuma explicação que ela poderia dar a ele faria sentido—exceto a verdade. E a verdade era muito perigosa.

—Muito bem. — Ele se sentou de volta como se esperasse para ser informado de uma história. —Explique para mim. Se eu disser para a sua avó que achei sua neta perdida há tanto tempo mas não a trouxe para casa, precisarei de uma ótima razão.

Ela firmou o queixo. —Eu te disse o que você deve dizer a ela: que Alicia Cleeve está morta.

—Mas você não está.

Ela agitou a cabeça.

—Chega dessa tolice. Nada do que você possa me dizer ou fazer me convencerá de que você não é Alicia Cleeve, então vamos acabar com as coisas sem sentido. O que aconteceu com você depois que o seu pai morreu, Alicia? — Ele esperou. E esperou.

Ela se virou de lado, para não ter que encarar aqueles olhos azuis.

Ele continuou. —Fui informado de que os empregados desertaram a casa. Deve ter sido muito assustador para você ser deixada só com o seu pai morto na cama.

Ayisha tentou não pensar sobre isto.

—Você ficou doente, também? Eu sei que eles acharam dois corpos lá - Lorde Henry e uma mulher - algum tipo de empregada, eles—

Ela o cortou. —Eu nunca fico doente. —*Algum tipo de empregada.* O epitáfio da mãe dela.

—Então você partiu porque ficou com medo de ficar doente?



O silêncio estirou. E o tempo todo aqueles olhos azuis intensos fixos nela.

—Eu te disse que não fico doente— ela disse afinal, incapaz de permanecer no silêncio.

Ele anuiu com a cabeça. —Entendo. Mas eu não entendo por que você partiu. Por que não esperou até que alguém viesse - as autoridades locais, alguém do consulado britânico? Eles cuidariam de você.

Ela lutou para manter o rosto livre de emoção. Memórias a tomaram, provocadas pela sala, as perguntas dele... Imagens que ela tinha tentado tanto manter longe. A visão do corpo duro do pai dela depois da morte. E a mãe, tão distraída, também doente, alisando o lençol de algodão branco, repetidas vezes, em absoluto desespero...

Ela ergueu uma almofada e começou a brincar com a franja. —Eu não sei do que você está falando. Eu não estava aqui. — Ela evitou o olhar dele. Ela era inútil para mentir, e sabia disto. As pessoas sempre a pegavam quando ela tentava dizer uma mentira. Ela podia fazer uma mentira, não era nenhum problema, mas quando tinha que olhar alguém nos olhos e dizer palavras falsas... ela era inútil. Ela se sentia culpada, então parecia culpada.

Não fez nenhuma diferença. Ele se recusou a acreditar. —Mas por que deixar a casa? Você teria ficado mais segura— Ele cessou bruscamente, o olhar afiando como se ele estivesse pensando em algo - ou lendo seus pensamentos.

Ele se debruçou adiante. —Você não se sentia mais segura na casa.

Claro que ela não se sentia segura. Por que mais ela teria partido? Ela deu a ele um olhar em branco e enrolou as pernas debaixo da cadeira.

—Disseram no consulado que a casa estava deserta e que tinha sido roubada em alguma hora. Isso foi tudo? Você estava aqui quando os ladrões entraram?

Ela não respondeu, apenas mexia na franja da almofada, o rosto fixo, os olhos abatidos, tentando com toda a força se focar na almofada.

Em vez disso ela viu os pés grandes, nus e sujos abordando a cama da mãe... parando... apenas centímetros longe de seu rosto... as unhas dos pés do homem, curvadas, duras, cheias de sujeira...

Ayisha ficou lá, não sabia dizer por quanto tempo, não ousando respirar, certa de que seria arrastada de lá.

Como tinha acontecido nos pesadelos desde aquela noite terrível...

—Ayisha, os homens vieram e... te machucaram? —Ele perguntou suavemente.

As pálpebras dela arderam com lágrimas inexplicáveis. Ela piscou e as enviou para longe. A suavidade daquela voz profunda era insidiosa. Era como uma canção profunda, persuadindo-a, tentando fazê-la confiar, dizer tudo a ele, deixá-lo cuidar dela. Mas se ela o fizesse, ela disse a si mesma ferozmente, a luta dos últimos seis anos seria para nada.

Ela disse bruscamente—Eles não me estupraram, se é isso que você está pensando. — Ela não tinha estado em nenhum perigo de estupro naquela noite... Pelo contrário.

Continue procurando. Ela estará em algum lugar - ela não tem nenhum outro lugar para ir. Uma criança virgem e branca trará uma boa soma para Zamil.

Ela nem sabia o que era uma virgem então, mas sabia o que eles queriam dizer. E que Zamil era o mercado de escravas... escravas muito especiais.



O inglês persistiu. —Então por que você não foi para o consulado britânico?

Porque ela não acreditava que estaria mais segura com os homens do consulado do que com os ladrões. A lei inglesa não incluía o Egito; só a lei do paxá, então para Ayisha o resultado no fim teria sido quase o mesmo. Como poderia ser se este inglês descobrisse a verdade sobre ela.

Ela *não* se tornaria uma coisa.

Ela empurrou para o lado a almofada da cadeira. —Eu não irei para a Inglaterra com você, e esta conversa é sem sentido. — Ela puxou as pernas e começou a se levantar.

—Lady Cleeve precisa de você.

—Não, ela não precisa— ela relampejou. —Ela nem me conhece. Mas há pessoas aqui que precisam de mim, então—

—Quem? Ali? Você pode levá-lo com você para a Inglaterra. Mandá-lo para a escola—

Ela bufou. —E tê-lo tratado como um 'nativo sujo' pelo resto de sua vida? Não mesmo.

—Mas—

—Além disso, eu não consigo ver Ali em um rígido internato inglês. Ele abominaria. Não, Ali pertence aqui. Assim como eu.

—É com isso que você está preocupada? — Ele persistiu. —Que os ingleses não te respeitarão? Porque Ali pode encontrar essas atitudes - apesar de nem todo mundo na Inglaterra ser tão ofuscante - mas não será assim com você. Você é a filha de Lorde Henry e Lady Cleeve e neta da viúva.

Ela retesou com as palavras. Sim, ali estava o ponto crucial: *a filha de Lady Cleeve*. O que ela não era.

—Não. Fora de cogitação. Eu tenho responsabilidades aqui, e nada que você possa me dizer me convencerá a ir. Diga a lady idosa que Alicia Cleeve está morta. — Era a verdade, afinal, ela pensou.

—E agora— ela disse, de pé com as mãos nos quadris —Você me soltará?

Ela ergueu uma única sobancelha escura. —Eu não estava ciente de que você era uma prisioneira.

—Oh— ela disse. —Bom. Então eu partirei. — Ela precisava ir, ficar livre da presença perturbadora dele, então ela poderia pensar nas coisas com a cabeça clara.

Ela marchou para a porta, virou a maçaneta, abriu-a e pausou. —O que você faria se eu desaparecesse?

—Oh, não sei— ele disse calmo. —Provavelmente enviaria os homens do paxá atrás de você.

Ela ficou branca. —Você não iria.

Rafe sorriu. —Provavelmente não, mas eu não tentaria se fosse você. No exército os meus homens confiavam em mim porque sabiam que eu mantinha a minha palavra. Eles também perceberam que eu era um bastardo desumano que faria qualquer que fosse necessária para alcançar meus objetivos e que era mais fácil me aceitar do que se opor a mim. Eu prometi à Lady Cleeve que faria o meu melhor para achar sua neta e levá-la para sua casa. E eu irei. — Ele se deixou afundar e então acrescentou—Então eu te verei no jantar hoje à noite.

Ayisha olhou fixamente para ele em descrença. Ele tinha acabado de ameaçar enviar os homens do paxá atrás dela e agora casualmente a convidava para o jantar?



—Não, você não irá. — Ela não iria demorar um momento mais nesta guarida do diabo.

—Você tem outro compromisso? Que pena, eles sentirão a sua falta.

Ela fez uma carranca. —Quem?

—Sua amiga Laila e o jovem Ali.

—O quê?

—Eu os convidei para o jantar. Logo após o pôr-do-sol. — Ele deu aquele sorriso lânguido e incômodo novamente. Convidou-a para discutir e ao mesmo tempo presunçosamente declarar que ela não ganharia.

—Eles não virão. — Laila estaria morrendo de curiosidade, e Ali falaria com entusiasmo sobre aquelas salsichas, mas não havia nenhuma dúvida de que Laila não viria.

—Oh, eu acho que eles virão.

—Eles não virão. Mulheres árabes virtuosas não comem na companhia de homens estranhos, especialmente não com homens estranhos e estrangeiros— ela o informou arrogantemente.

Ela ficou aliviada por Laila não se encontrar com ele. Laila provavelmente concordaria com ele, desejaria que Ayisha fosse com ele. Laila tinha fraqueza com homens bonitos.

Laila não entendia o perigo que ele representava. Laila pensava que uma pequena mentira era inocente. Ela pensaria que o inglês era inocente. Ela apenas veria um homem bonito que queria tomar Ayisha para uma vida melhor. E uma avó solitária que precisava de uma família para cuidar dela em sua velhice.

Laila não via a ameaça que este homem era para Ayisha - em todos os níveis. Laila não sentiria como se aqueles olhos azuis demolissem cada uma de suas defesas, deixando-a nua e vulnerável.

—Uma pena, eu, ansiosamente, esperava encontrá-la. — Ele não pareceu nada chateado.

Ele se curvou e pegou a mão dela e ficou olhando para as mãos abaixo, para a pequena mão marrom dela segura em sua mão grande e elegante. As mãos dele eram fortes, ela sabia, fortes o suficiente para segurá-la da beira de um precipício, mas as unhas eram muito limpas, polidas e lisas. As dela eram rotas e sujas. Envergonhada, ela tentou soltar de seu aperto.

E então ele fez uma coisa surpreendente; ergueu a mão dela e apertou os lábios firmemente contra os nós dos dedos.

—*Adieu*, senhorita Cleeve. — Os lábios eram mornos e firmes. Um calor correu pelo braço dela. Ela olhou fixamente para a própria mão em surpresa, puxou-a e se recompôs.

—Não *adieu*— ela disse firmemente—mas adeus, Sr. Ramsey.

Ela girou a maçaneta da porta da frente. Estava destrancada. Ela foi para o lado de fora, meio esperando que a qualquer minuto ele a pegasse de volta. Ela deu uma olhada rápida de volta para ele.

Ele se curvou, graciosamente. —*Adieu*— ele reiterou com um exasperante meio sorriso.

Ela caminhou em passo digno para o portão dianteiro que, para sua surpresa, também estava destrancado. Ela o fechou cuidadosamente, verificou que ele não podia vê-la mais, e então fugiu.



Capítulo Seis

Fazia anos desde que ele tinha pescado truta, Rafe pensou enquanto a assistia passear com casualidade exagerada, mas era assim mesmo. Deixar a linha correr, e então puxar. Deixá-la lutar, se contorcer, nadar para longe. Então a puxe de volta novamente.

A pequena senhorita Cleeve poderia lutar e discutir o quanto quisesse, mas Rafe tinha se decidido: ela era dele.

Ele nunca tinha encontrado uma jovem tão extraordinária em sua vida. E se ela pensava que ele apenas iria embora...

Havia levado todo seu autocontrole para deixá-la ir: todos seus instintos queriam tomá-la - arrastá-la se necessário, chutando, arranhando e mordendo - para longe desta vida apavorante. Ele podia ter em um navio deixando Alexandria na manhã em que quisesse.

Ele ainda podia senti-la debaixo dele no chão, toda ossos, firmeza e coragem desesperada, arriscando sua vida por um pequeno ladrão de rua.

Ela tinha orgulho, esta garota, e coragem, e depois de oito anos em guerra Rafe conhecia o valor de ambos. Ele a rolaria em um tapete e a arrastaria para um barco se tivesse que fazer, mas preferia que ela subisse para a prancha por sua própria iniciativa, a cabeça bem no alto.

Ele a assistiu fechar o portão cuidadosamente e ir para longe da vista como se ela quisesse ir para o mais longe dele quanto possível.

Como ela havia sobrevivido todo esse tempo nas ruas? Como um menino? A roupa árabe solta disfarçava a forma, e o jeito de andar de rua era perfeito, e a sujeira disfarçava o que ele estava bastante certo de que era uma aparência boa, mas para Rafe, tudo nela era profundamente feminino.

Ainda que ninguém predissesse o sexo verdadeiro dela, havia vários homens que caçariam um garotinho bonito.

Por que ela não queria ir para a Inglaterra? Do que ela tinha tanto medo?

E que diabo ela queria dizer com Alicia está morta, aqui há apenas Ayisha?

Ela disse que não tinha sido estuprada, mas algo havia acontecido, ele estava certo disto. Havia um mundo de conhecimento em seus olhos, e algum tipo de medo profundo à espreita.

Ela não tinha aquela expressão brutalizada que ele já havia visto nos olhos de mulheres estupradas - ele tinha visto demais na guerra - um olhar morto e entediado que podia faiscar para ira corrosiva ou amarga auto-abominação.

Mas por que ela dizia que estava morta e se chamava por outro nome?

A pergunta o corroía.

Quanto antes ele conseguiu levá-la para sua casa na Inglaterra, melhor. Ela podia colocar o que quer que fosse no passado e começar uma vida nova.

Mas primeiro ele tinha que libertá-la dos laços desta vida. A mulher, Laila, e o menino, Ali.

Laila deveria ter algum tipo de influência na senhorita Cleeve. Ali tinha todas as marcas de um ladrão em treinamento, embora desajeitado, enquanto a senhorita Cleeve tinha



silenciosamente escalado as paredes altas que cercavam a casa e deslizado para o lado de dentro. Não era a primeira vez que ela tinha feito isto, ele juraria.

Laila podia ser algum tipo de chefe de ladrões. Ele encontraria a mulher, e logo.

Quando isso aconteceu, ele encontrou Ali na rua pouco tempo mais tarde. Ele suspeitou que o menino estava espreitando por curiosidade, ou talvez na esperança de comida.

—Venha e tome um pouco de refresco— Rafe disse por seu intérprete.

Ali não precisou de segundo convite. Ele se sentou à mesa e esperou, os olhos brilhando com antecipação.

Higgins, mostrando uma compreensão rara com meninos, pegou um prato grande com sanduíches, um pouco de fruta e um copo grande com leite. Enquanto Ali comia, Rafe o questionou.

—Esta Laila, ela te faz trabalhar para ela?

—Sim, claro. O tempo todo. Trabalho sem cessar— o menino declarou.

—Que tipo de trabalho?

Ali procurou uma maneira conspirativa, se debruçou adiante, e disse —Trabalho de mulheres!— Ele drenou o copo e enxugou um bigode de leite com a manga. Higgins o deu um guardanapo. Ali o agradeceu gravemente e o colocou no bolso. Higgins suspirou.

Rafe não tinha nenhum interesse em guardanapos. —Que trabalho de mulheres você quer dizer?

—Pegar ervas, varrer e vender tortas e pão nas ruas— Ali disse a ele. —A venda não é tão ruim, porque as tortas da Laila são as melhores de todo o Cairo e eu chego a comer as que se quebram, e quanto a varrer, bom, ninguém pode me ver fazer isto. Mas as ervas... — Ele agitou a cabeça de maneira medonha. —Os outros meninos zoam, riem de mim.

Os lábios de Rafe tiveram um espasmo. Talvez o menino não fosse explorado afinal, não no modo como ele originalmente tinha suspeitado. Ele parecia um rapaz brilhante.

Ele se recordou da reação da senhorita Cleeve com sua sugestão de que Ali poderia vir com ela para a Inglaterra. O menino sentiria o mesmo? Ele se perguntou. Os dois eram claramente aficionados um pelo o outro.

—Você sabe que eu vou levar Ayisha para a Inglaterra?

Ali mastigou sem se preocupar um sanduíche. —Ela me disse que você quer isto, mas ela não irá. Ela é teimosa como uma mula. Ninguém pode forçar Ash a fazer o que ela não quer.

—E se você puder ir com ela para a Inglaterra?

Ali parou no meio de uma mordida. Ele abaixou o sanduíche e considerou o assunto. —Para a Inglaterra?

—Sim.

—Eu e Ash juntos?

—Sim.

—Por quê?



—Porque Ayisha tem uma avó na Inglaterra e ela quer que ela vá viver com ela.

Ali anuiu com a cabeça e ergueu o sanduíche novamente. —As pessoas idosas precisam da família para cuidar delas.

—A lady idosa é muito rica. Ayisha também ficará rica se for.

Ali anuiu com a cabeça apreciando. —Isso será bom.

—Mas você poderia ir com Ayisha se quisesse.

Ali deu a ele um olhar astuto. —Laila também?

Rafe agitou a cabeça. —Não, não Laila— ele disse firmemente. Lady Cleeve poderia estar disposta a aceitar um moleque de rua árabe de dez anos de idade como o preço para conseguir sua neta de volta, mas ele estava certo de que ela não gostaria de uma camponesa árabe de meia-idade.

Ali encolheu os ombros e, tendo terminado todos os sanduíches, começou a mastigar uma maçã. —Então eu fico aqui. Laila não tem ninguém, apenas Omar, e ele é inútil.

—Você preferiria ficar?

Ali deu a ele um olhar direto e disse simplesmente—Laila me tirou das ruas, me trata como um filho. Um filho cuida de sua mãe. Eu ficarei aqui. Quando for homem, terei a minha própria casa e Laila viverá lá comigo.

Rafe ficou mudo.

Fardo era claramente a palavra errada.

Ele assistiu o pequeno menino vigorosamente acabar com a maçã, caroço e tudo, até que havia sobrado apenas o talo lenhoso.

Rafe acreditava em lealdade, estimava e a exigia daqueles próximos a ele. Que essa lealdade deveria ser recompensada era um axioma que ele nunca questionaria.

Até agora. Mas a sinceridade direta de Ali o nocauteou com seu poder simples. Porque lealdade não permitiria que ele deixasse a senhorita Cleeve tomar seu lugar legítimo na sociedade.

Ele estava curioso para encontrar esta Laila. Ela certamente podia inspirar lealdade.

E então o que ele faria? Derrotá-la? Burlá-la? Coagi-la? Ele saberia as táticas certas quando a encontrasse. Ele não duvidava de que haveria uma briga de algum tipo.

Ali, tendo comido tudo em vista, levantou-se, agradeceu Rafe e Higgins pela comida e partiu. Um menino muito direto. E notável.

Rafe deu uma olhada rápida para o relógio no corredor. Ainda havia tempo para escrever algumas cartas e então encaixar algumas visitas à tarde.

Ele chamaria Laila e descobriria que tipo de mulher ela era. Mas antes disto, uma visita ao homem mais insociável no Cairo.

—Azhar! Ei, Azhar!

Ayisha girou para ver quem a chamava. Era Gadi. Ele vinha correndo para ela, bateu nas costas dela, e enganchou o braço no dela na maneira habitual de um amigo.



Os instintos a alertaram: *fique atenta*. Gadi nunca tinha sido seu amigo. Era Ali quem buscava a companhia de Gadi, não o contrário.

—Então, Azhar, não está vendendo tortas hoje pelo que vejo. Vamos caminhar juntos. — O olhar caiu para o tórax e ficou lá por um momento.

Ayisha soube de uma vez o que ele estava procurando: a evidência de que ela era uma fêmea. Ele não veria nada, ela se lembrou, pensando no pulso acelerado. Os seios estavam amarrados firmes, e ela usava várias camadas de roupas soltas sobre eles.

Ele olhou para cima e colocou o sorriso de novo no rosto. —Aonde você vai?

—Para o rio, juntar ervas— ela disse, mostrando a bolsa a ele.

Gadi fez um barulho rude. —Aff! Trabalho de mulheres!— Ele deu a ela um olhar astucioso, de lado. —Mas você não se importa com isso, não é?

—É quieto e pacífico no rio. Juntar ervas me dá tempo para pensar.

Ele bufou. —Um homem de verdade acharia humilhante ter que fazer tal trabalho.

Ela deu um sorriso lânguido. —Pela sua aparência, Gadi, você sempre comeu bem. Quando a barriga fica sem comida por dias, homem de verdade ou não, você aprende que qualquer trabalho que coloque comida na sua barriga é um bom trabalho.

Gadi fez uma carranca. —Você está dizendo que eu estou gordo?

Ela reprimiu um sorriso. Gadi era um bonito cabeça dura, e sua vaidade não era pequena ou tímida. —Não, Gadi, você é alto e forte. Eu não, passei fome por muito tempo, então sou pequeno e fraco.

Gadi apertou o braço dela. —Você é fraco— ele concordou complacentemente. Mantendo o aperto, ele girou um olhar atento a ela. —Meu tio disse que te conhece.

Ayisha encolheu os ombros. —É mesmo? Talvez. Eu não o conheço. — A voz dela soava entediada, desinteressada. Ela esperou que Gadi não notasse o modo como a pulsação dela saltava.

—Ele disse que o seu pai deve algo a ele. — Gadi assistiu o rosto dela cuidadosamente.

Ayisha deu a ele um olhar apazível de confusão. —Meu pai? Talvez. Eu não saberia. Eu não vejo meu pai desde que era muito pequeno.

—Meu tio disse que o seu pai era um inglês rico.

Ayisha olhou fixamente para ele um momento e então riu. —Um inglês? Oh, sim, olhe para mim, o rico menino inglês com suas ricas roupas inglesas. — Ela caminhou alguns passos de forma zombeteira, e então riu novamente.

Gadi parecia em dúvida, mas persistiu. —Você tem a pele clara e olhos estranhos. Você poderia ser inglês. — Sob o disfarce de verificar feições nacionais, Gadi observou o rosto dela buscando sinais de feminilidade.

Afortunadamente ele também era um desses jovens de aparência bastante feminina, e sua barba ainda não tinha começado a crescer.

—Pppht!— Ayisha fez um som depreciativo. —Há muitos no Egito com pele e olhos claros estes dias - franceses, gregos, albaneses - e olhe para você - olhos quase cor de ouro. — Ayisha gesticulou. —Minha mãe disse que meu pai veio de Veneza, mas ela disse que ele era um grande



mentiroso, também, então talvez ele fosse inglês. Mas o que importa? — Ela cuspiu no chão. — Ele foi embora anos atrás, e levou o dinheiro do seu tio com ele.

Eles caminharam em silêncio. Adiante havia uma bifurcação na rua onde ela viraria à direita para o rio e Gadi viraria à esquerda para a zona comercial. Parecia muito longe para Ayisha.

—Eu me lembro do primeiro dia em que te vi nas ruas— Gadi disse. —Você apenas apareceu, de lugar nenhum. — Novamente o olhar dele desceu para o tórax dela.

Ayisha bufou. —De Alexandria, você quer dizer. Levei uma eternidade para chegar aqui. Meus pés quase caíram.

O olhar dele caiu para os pés. —Você caminhou de Alexandria? Essa distância toda?

—Como mais? Você acha que o meu rico pai inglês me comprou um camelo para que eu pudesse vir montado do Cairo como um lorde? — Ela riu. —Eu queria ter um pai inglês rico. Oh, a vida que eu teria...

A bifurcação estava quase lá. Gadi fez uma última tentativa. —Você ouviu sobre o inglês com um retrato?

—Claro, a zona comercial inteira está falando. — Ela decidiu domar o touro pelos chifres. — Todo mundo diz que ele tem um retrato que parece muito comigo. De fato Ali disse que eu deveria me vestir como garota e ver se consigo dinheiro do inglês.

Gadi fez uma carranca. —Ei, essa ideia era minha!

Ela bufou e disse com voz sarcástica—Você pensa que o inglês seria tão estúpido? Eu sei que sou pequeno. Eu poderia ser capaz de passar por uma mulher de longe, mas e de perto? E a garota no retrato deveria ser inglesa. Como eu deveria falar com este homem em inglês, hein?

—Oh. — Gadi não havia pensado nisto.

Ela podia quase vê-lo decidindo se o tio tinha cometido um grande engano: porque se o inglês estava procurando por ela e se ela realmente fosse uma garota, por que ela não iria até ele? Os frutos estavam destinados a serem bons.

O tio de Gadi não havia dito tudo a ele, isso era claro.

—Bem, meu tio ainda quer conversar com você.

Ayisha girou em direção ao rio, perguntando-se como Gadi poderia não ter percebido a batida do coração dela. Era quase ensurdecedor.

—Certo— ela disse sobre o ombro. —Mas não hoje, Gadi. Tenho muito trabalho a fazer.

Para o alívio dela, ele soltou o braço dela e se virou. Ayisha continuou a passear casualmente, ciente de que Gadi havia girado e a assistia com uma carranca.

Ela estava segura desta vez, mas por quanto tempo? O tio de Gadi não seria enganado tão facilmente. A teia estava se aproximando dela. Suas opções estavam estreitando, mas ela ainda podia, talvez, conseguir algo do inglês...

Pouco tempo depois Ayisha estava aguardando no velho portão da casa do inglês, vacilante. Não era típico dela, mas algo neste homem enfraquecia sua resolução. Uma parte dela dizia que a



única maneira de ficar segura era ficando longe. Outra parte dela dizia que ela deveria fazer uma oferta pelo o quê ela procurava, que a fortuna favorecia os corajosos. Ou eram os valentes?

Ou os descarados? Essa era a parte que Ayisha estava fazendo seu melhor para espremer; a parte que saltava com excitação no momento em que ele saiu à porta da frente naquelas calças longas e justas cor castanho-avermelhado e botas altas brilhantes.

Ele imediatamente a viu, claro, e isso, pelo menos, deu a ela uma decisão, não deixá-lo vê-la fugir como a covarde que ela de repente se sentia.

Recupere-se. Ele podia apenas recusar. Quem não arrisca não petisca.

—Senhorita Cleeve, saia do calor e deixe-me te dar uma bebida fresca e gostosa— ele disse, com toda a evidência de prazer - se ele estava secretamente gritando de alegria e triunfo, ela não sabia dizer. Ele disse que ela voltaria e ela tinha voltado.

Ela não queria aceitar, mas os modos egípcios exigiam que ela, de forma cortês, aceitasse pelo menos a oferta de uma bebida.

Enquanto Higgins deixava um copo de limonada diante dela, ela deu a Rafe um olhar estreito. —Você disse que quer me ajudar. Que não gosta do modo como eu vivo. E que a minha avó se preocupa comigo.

—Sim— ele disse cautelosamente.

—Então por que não me ajuda?

—Como?

—Dê-me o dinheiro que você diz que a minha avó me dará.

Ele ergueu uma sobrancelha escura. —Quanto?

Ela disse uma soma enorme, uma soma corajosa. Laila teria um ataque por ela ter pedido tanto, mas por que não? Ela realmente era a neta da mulher idosa. Isso resolveria todos os problemas deles. Ela, Laila e Ali poderiam escapar do Cairo e começar de novo, uma boa vida, livre do passado, e o melhor de tudo, livres de Omar.

—E o que você faria com esta soma?

—Compraria uma casa em Alexandria— ela disse sem vacilar.

Ele estalou os dedos e a olhou por sobre eles. —Entendo. E quem viveria nesta casa? — O tom era notoriamente mais gelado.

—Ali, eu e Laila— ela disse a ele. A expressão dele a fez hesitar, mas ela devia tentar o dinheiro, ela decidiu. Era o mínimo que o pai poderia fazer por ela. —Então você me dará o dinheiro?

—Não.

Ela fez uma carranca. Ele nem se preocupou em considerar. —Por que não?

—Porque Lady Cleeve não me pediu para vir todo esse caminho para te instalar em uma casa com outras pessoas. Ela me pediu para te achar porque está totalmente aflita e preocupada com você. Ela é uma lady idosa que está só no mundo, e o desejo de seu coração é te trazer para casa para que assim ela possa te amar e assegurar o seu futuro.

Ayisha olhou, tentando esconder o modo como as palavras dele haviam-na feito se sentir. Ele pintou um retrato muito atraente, mas esses sentimentos gentis, mornos, amorosos, eram para outra garota, uma garota morta, não Ayisha.



Ela tentou endurecer o coração contra a lady idosa e desconhecida. Ela não iria querer amar e gostar de sua filha ilegítima, a filha ilegítima de uma mulher estrangeira. Ayisha provavelmente seria um embaraço enorme para ela. A lady idosa a desejaria longe. Fora das vistas.

—Mas se eu tivesse uma casa em Alexandria—

—Eu fiz uma promessa— o inglês disse a ela. —E cumpro as minhas promessas.

—Eu não me importo, você não pode fazer uma promessa para mim— ela disse ferozmente.

—E você não pode me forçar a ir.

O inglês balançou a cabeça e olhou para ela pensativamente. Não era um olhar do tipo desafiador, ela decidiu, era como se ele apenas tivesse notado uma sujeira no nariz dela. O que era ridículo. Havia mais do que sujeira. Ela tem sido pródiga com as manchas hoje. Além de ser seu disfarce habitual, era uma mensagem para ele: ela não era - e nunca seria - uma lady inglesa.

Ainda assim o olhar frio e azul continuou.

—O quê? — Ela disse defensivamente. —O que foi?

—Eu não te darei dinheiro para uma casa em Alexandria, mas comprarei uma casa para Laila e acharei um trabalho para Ali, também.

O alívio a encheu. —Você faria—

—Mas só se você vier comigo para a Inglaterra— ele terminou.

Ela ficou muda. Ele a pôs em uma posição impossível.

Sem Ayisha, Laila nunca teria a coragem de escapar de seu irmão. Não sem ajuda. E Ayisha tinha que sair do Cairo agora que o tio de Gadi estava desconfiando. Uma casa em Alexandria era a solução para todos os problemas.

Esse inglês frio, sem se importar, poderia oferecer a ela seu sonho em uma bandeja - e tudo o que custaria era a liberdade dela.

Ele era tão ruim quanto Gadi e o tio dele. Quase.

Ayisha desejou apenas poder jogar a oferta dele de volta em seus dentes brancos, mas era muito tentador. Extremamente tentador. E ele sabia disto, o porco presunçoso.

—Eu considerarei isto. — Ela precisava de tempo, tempo para ver se podia pensar em um modo de resolver isso, tempo para ver se ela poderia ter o que queria e ficar livre.

—Quando você me dará a sua resposta?

Ela ergueu o nariz e respondeu do modo frio dele, do tipo não-gosto-de-ninguém. —Logo.

—Baxter, preciso de uma casa em Alexandria— Rafe disse quando era conduzido ao quarto fresco e escuro dentro do estabelecimento. —Você tem conexões lá?

—Eu tenho conexões em todos os lugares. Que tipo de casa? — Baxter estava sentado com as pernas na posição de lótus em uma pilha de almofadas, fumando tabaco de um narguilé, o retrato de um Oriental potentado.

—Pequena, apenas para duas pessoas, e com um jardim grande o suficiente para construir um forno. A mulher assa pão.

Baxter pôs o bocal do narguilé de lado. —Você decidiu ficar?



—Não é para mim, mas uma mulher e um menino - a senhorita Cleeve está vivendo com eles.

Baxter se sentou mais reto com isto. —Você a achou então? A garota Cleeve?

—Achei.

—Onde? Como?

—Ela, hmm, apareceu na casa do pai dela. — Quanto menos pessoas souberem que a senhorita Cleeve viveu nas ruas do Cairo disfarçada como um menino de rua, melhor.

—Assim? Vindo de lugar nenhum?

—Hmm. Mais ou menos.

Baxter se sentou de volta. —Tudo vai bem quando está bem, como dizem. Posso organizar uma casa, cinco por cento de comissão, e você pode tomar posse ao final da semana. — Baxter rabiscou em um pedaço de papel, chamou um empregado, explicou em árabe, e se sentou de volta enquanto o homem saía apressado. Ele deu um sorriso lânguido. —Ouvi dizer que você pegou um jovem ladrão de rua. Será que essa foi a senhorita Cleeve?

—Perto— Rafe disse. Baxter não era o tipo de homem de fofocar. —O menino é seu jovem irmão de criação. Ele tentou roubar o retrato, e ela veio para soltá-lo.

—Percebo... — Baxter deu a ele um olhar encoberto.

—Ela estava disfarçada como um menino— Rafe clarificou. —E aparentemente não está nas mãos de ninguém. Esta casa é para a mulher que a criou, e o menino, Ali, que ela parece ter adotado também.

—Esta casa é uma recompensa?

Rafe anuiu com a cabeça. —E porque senhorita Cleeve não irá comigo a menos que eles estejam bem cuidados.

Baxter ergueu as sobrancelhas.

—Leal até os ossos— Rafe confirmou.

Um empregado trouxe café e minúsculas massas pegajosas. Rafe tomou um gole do café de gengibre. Tão apavorante quanto sempre.

—Isso me traz ao próximo assunto— Rafe disse. —Tenho uma proposta para você. Você tem um considerável império de negócios, não?

Baxter deu um encolher de ombros sem compromisso.

—Você teria um lugar em Alexandria para treinar um menino jovem e inteligente?

Baxter bebericou o café pensativamente, então fez uma careta. —Queimou novamente. Meu cozinheiro teve que retornar a sua aldeia, e desde então... — Ele colocou a xícara minúscula em uma bandeja de metal. —Um menino, você diz? O pequeno ladrão? O irmão de criação dela?

—Sim, ele é ladrão, mas muito inepto. Sem prática é a minha suposição. — Ele deu a Baxter um olhar direto e disse—preferiria que ele não tivesse mais nenhuma prática. Depois de oito anos no exército, conheço homens e jovens. Ele é um rapaz promissor.

—Qual a idade?

—Dez anos mais ou menos, acho.

Baxter deu a ele um olhar astuto. —Você quer libertá-la de problemas e permitir que ela parta com a consciência limpa.



—De forma direta, sim. Eu pagarei pela educação dele - presumo que exista uma escola decente em Alexandria - se você o treinar para ser parte dos seus negócios e o vigiar.

Baxter pensou por um momento, então se debruçou adiante e estendeu a mão. —Muito bem. Traga-me este menino e se eu gostar dele, darei uma chance.

—O que eu faço, Laila? — Ayisha compassou o jardim minúsculo inquieta. —Ele fez de uma forma que ficou quase impossível eu recusar.

Laila varreu os paralelepípedos. —Há sempre uma escolha— ela disse placidamente. —Uma casa, um trabalho para Ali - estas coisas não importam. O que importa é você. — Ayisha olhou-a fixamente. —O que você quer dizer com isso não importa? É tudo que nós desejamos.

Laila parou de varrer por um momento. —Isto não é sobre o que nós procuramos. Isto é sobre o que você fará com a sua vida. Você levará a vida com as próprias mãos e tentará fazer algo com isto, ou continuará no mundo como tem feito desde que era criança?

Ayisha piscou. —Mas você sabe por que eu me escondo.

—Eu sei, sim— Laila concordou. —E há uma boa razão, é verdade. Mas você não pode viver a vida inteira assim. É hora de parar, enfrentar o que você é, se arriscar pela possibilidade da felicidade.

Ayisha fez uma carranca. —Você está dizendo que eu tenho sido covarde? Mas eu me arrisco todos os dias.

Laila bateu levemente na bochecha dela. —Eu sei que você faz isso, e ninguém te chamaria de covarde. Mas você guarda o seu coração; tem medo de amar.

—Isto não é verdade. Eu amo você e Ali—

—Eu sei que ama, mas você é uma mulher agora, e é hora de se deixar amar por um homem. Eu sei, você quer se esconder, fingir que não se importa, mas essa sou eu, que te conhece desde que você era uma criança. Eu não conheço este homem que mexe com a sua raiva e com o seu medo; eu não sei se ele é um bom homem ou não, se ele é o homem para você ou apenas um mensageiro. Isto é com você. Mas você deve deixar este lugar, Ayisha, apesar de o meu coração lamentar em dizer isso. Este país não é para você. Você não pode ser inteira aqui. E sabe disso no seu coração.

Ayisha sentiu o rosto contorcer. —Essa é a minha casa.

Laila agitou a cabeça tristemente. —Tem sido na sua vida até agora, mas olhe dentro de você mesma, minha querida, e diga-me que você não sabe, no fundo do seu coração, que um dia você deve ir para o país do seu pai.

Era verdade, Ayisha sabia, mas não queria que fosse assim. —Um dia eu irei para a Inglaterra, mas não... não assim. Eu não quero ir com ele. — Ele a assustava... não, não assustava... Ele a intimidava... o que não era certo, também. Ele era uma ameaça para ela, ela sentia todas as vezes que ele olhava para ela e ela estremecia por dentro.



Laila sorriu. —Então você sabe, mas luta contra isto. Decida-se, criança, decida-se agora; você pode viver a sua vida com medo, ou pode tomá-la como uma laranja e espremer até a última gota doce. A escolha é sua.

Ela bateu levemente a bochecha de Ayisha. —Agora, enquanto você decide o que fazer, o velho vendedor de especiaria quer um pouco mais de etiquetas escritas. Ele estava muito contente com aquelas que você fez. E depois disto, por que não vai para o rio e escolhe algumas boas ervas doces? O rio é um bom lugar para pensar.

A senhorita Cleeve havia exigido uma soma pateticamente pequena, mas ela obviamente não sabia disto. Apenas manteria uma beleza da sociedade com bugigangas em uma residência. Rafe seguia o intérprete pelas ruas, rumo à casa da Laila.

Ele estava levando um cavalo. As ruas nesta parte da cidade eram muito estreitas e os pavimentos superiores das casas muito próximas para um homem montar. Ele não tinha percebido isso quando tinha alugado o cavalo.

Ele precisava de exercícios e alugar um cavalo com a intenção de montar até arrancar cada pedaço de frustração do corpo. Depois de ter chamado Laila, ele tinha planejado um bom e duro passeio ao longo do rio.

Laila vivia em uma parte escondida e suja de cidade. Enquanto eles se aproximavam, Ali veio correndo, um sorriso brilhante e intenso no rosto marrom fino. Ele admirou extravagantemente o cavalo, então Rafe o ergueu em suas costas, para o enorme encanto do menino. Ele montou orgulhosamente, sorrindo amplamente e gritando para todos que os viam.

Ele assinalou a casa de Laila. Era pequena e feia mas a calçada na frente estava bem varrida e limpa. Ali deslizou para baixo e, tomando o braço de Rafe, levou-o por uma ruela muito mais estreita e bateu em uma porta de madeira fixa bem alto na parede.

—O menino disse que Laila está atrás da casa— o intérprete murmurou na mesma hora em que a porta na parede foi aberta.

Uma mulher pequena, rechonchuda, olhava para Rafe e o cavalo em surpresa e depressa puxou um véu acima do rosto. Os olhos eram bonitos: grandes, líquidos e escuros, mas eles o observaram de uma maneira inflexivelmente crítica que o fez se lembrar violentamente de sua primeira inspeção de oficial, quando ele era um recruta.

Ele suportou o exame estrito da pequena mulher com diversão fria. Com sua cooperação ou sem ela, ele levaria Alicia Cleeve de volta para a Inglaterra.

Ali fez as introduções, e Rafe se curvou para Laila, que gesticulou para que eles amarrassem o cavalo ao portão e então entrassem no pátio minúsculo. O jardim era nitidamente de pedras e bem varrido, com ervas crescendo em panelas e um gerânio vermelho claro em um lugar alto próximo ao telhado. Havia uma lareira em forma de cúpula, pilhas de bandejas de madeira, e um aroma prolongado de pão assado fresco.

Um gato de idade avançada sentava sobre a cúpula e encarou Rafe malignamente, o rabo sacudindo uma advertência.



—Então— Laila disse — é você.

—Aparentemente— Rafe respondeu pelo intérprete.

Ela deu um pequeno aceno com a cabeça, como se ele tivesse passado por uma inspeção. — A paz esteja com você. Por favor, quer vir para o lado de dentro? — Ela gesticulou em direção à porta dos fundos, onde vários pares de sapatos esfarrapados estavam nitidamente um ao lado do outro.

Rafe, cujas botas eram projetadas para ter um camareiro para tirá-las, suspirou com o costume local e se curvou para tirá-las. Ali correu para ajudar, arrastando-as com gosto.

Laila os conduziu para a casa minúscula; dois quartos, um com vários divãs baixos, o segundo minúsculo com cortina saindo de uma alcova. A pobreza era óbvia.

—Café? — Ela disse.

—Obrigado— ele respondeu. O gosto amargo e queimado do café de Baxter ainda estava em sua boca, mas ele tinha aprendido que os egípcios eram intensamente hospitaleiros, e ele não queria causar ofensa. Ele não precisava da cooperação da mulher, mas seria mais fácil para Alicia se ele a tivesse. Laila não iria fazer isto fácil para ele, ele podia dizer.

As ações dela eram hospitaleiras, mas aqueles olhos escuros brilhavam com suspeita.

Ela devolveu uma bandeja contendo duas xícaras minúsculas cheias com uma bebida fermentada escura suspeita e um prato com minúsculas bolas pegajosas e redondas. Ela apresentou para Rafe e o intérprete, então se ajoelhou graciosamente com os joelhos dobrados e esperou que eles bebessem. Ela não bebeu, Rafe notou.

Rafe se preparou e tomou um gole cauteloso do café espesso, escuro. —Esse é bom— ele disse surpreso. Ele tomou outro gole, então outro. Ele podia se acostumar a este estilo de café.

—Você sabe por que eu estou aqui— ele disse. Não havia nenhuma razão para fazer rodeios.

Laila lançou um olhar a Ali, sentando com as pernas na posição de lótus aos joelhos de Rafe, e disse algo em árabe.

—Mandou-o lá para fora para varrer o jardim— o intérprete explicou. Ali começou a ir, com ombros inclinados e os pés se movimentando lentamente, o retrato de um mártir.

—Aqui, rapaz, cuide do meu cavalo, sim? Dê água a ele— Rafe disse a ele. Ele tinha dado água a ele na casa de Baxter, mas manteria o menino ocupado e ninguém aborreceria seu cavalo.

O rosto de Ali se iluminou quando ele compreendeu, e correu para fora feliz.

—Você pode ir, também— Laila disse em inglês para o intérprete, surpreendendo a ambos. Ela acrescentou—Meu inglês não é bom, mas o suficiente.

Rafe anuiu com a cabeça para o intérprete, que pareceu ligeiramente aborrecido, esquecido.

Laila explicou. —Isso é entre eu, você e Ayisha. Eu não sei o nome inglês dela - Alissya Cli-?

—Alicia Cleeve— Rafe explicou. Ele comeu um dos pegajosos bolinhos de massa. —Isto é delicioso.

Ela deu um aceno conciso com a cabeça, desinteressada de seus elogios. —Você veio tomar a minha Ayisha para a Inglaterra.

—Sim—

—Mas ontem você foi ao mercado de escravos do Zamil— ela disse. —Por quê? — Ela deu a ele um olhar límpido.



Era um ataque frontal corajoso, inesperado de uma mulher. Laila subiu ligeiramente na estima de Rafe.

—Para ver se ele já tinha vendido esta garota. Você vai, eu acho, reconhecê-la. — Ele retirou o retrato de Alicia Cleeve. —Sugeriram para mim que ela poderia ter sido sequestrada e vendida como escrava. E que Zamil poderia saber.

—Essa coisa do mal já aconteceu antes— Laila admitiu. Ela estendeu a mão para o retrato.

—Ahh— ela sorriu. —Então, Ayisha era assim antes de vir para as ruas. — Ela olhou o retrato. —Tão jovem e doce, tão inocente. Acabou seu café?

—Sim, obrigado, estava muito bom.

—Gire a xícara.

Rafe fez uma carranca. —Desculpe, não entendi.

—Gire a xícara. Assim. — Ela demonstrou, virando a própria xícara no pires, deixando o fundo grosso na parte inferior secar.

Interessante, Rafe fez. Era um costume que ele não tinha encontrado antes. Parecia bastante sujo.

Laila deu a ela de volta o retrato de Ayisha. —Você se casou?

—Não— ele disse, surpreso com a mudança abrupta de assunto.

—Por que não?

Estava na ponta da língua a explosão pela impudência dela, mas ele disse firme—tenho sido um soldado e fiquei na guerra pelos últimos oito anos.

—Você se machucou muito? — Ela deu uma olhada rápida para a forquilha dele.

Os lábios dele tiveram um espasmo. Ninguém poderia acusar esta mulher de sutileza. — Nada vital.

—Quantos anos você tem?

—Vinte e oito. — Ele cruzou os braços e se sentou de volta.

Ela deu um aceno vivo com a cabeça. —Hora de se casar.

—Você e meu irmão, duas vozes com a mesma melodia— ele disse brandamente.

Ela deu a ele um olhar pensativo, ergueu a xícara de café, e olhou-a fixamente por um longo momento. Várias expressões passaram através de seu rosto. Ela murmurou algo em árabe, deu uma olhada rápida para ele, deu uma olhada de volta na xícara, e anuiu com a cabeça novamente. Lentamente seu corpo relaxou. Ela suspirou e abaixou a xícara de café.

Houve um pequeno silêncio, então Laila disse—Você tomará a minha Ayisha de mim. Logo, certo?

Capitulação? Tão rápido? Mas ele não iria questionar isto. —Ela terá uma vida melhor do que qualquer coisa que você possa dar a ela.

Laila anuiu com a cabeça. —Eu sei, e é bom— ela disse, surpreendendo-o. —Mas ela não quer ir.

Ela iria pedir dinheiro? —Ela irá— Rafe disse com a voz sombria—querendo ou não. Você querendo ou não. Ela não sabe o que é bom para ela.

—Você a forçará a ir de volta para a Inglaterra? — Laila disse.



—Chutando e gritando se necessário— ele confirmou. —E nem você nem ninguém mais vai me parar.

—Bom. — Ela apertou as mãos juntas. —Você deve fazê-la ir. Ela é teimosa, sabe. Eu digo a ela que esta vida não é a certa para ela, que é uma prisão viver como ela vive - mas ela me escuta? Ela precisa de um homem. Eu vejo na sua xícara.

Rafe piscou com a meia-volta abrupta. Ele esperava oposição, algo sobre a moral e o caráter dele, ou uma tentativa de solicitar suborno, não esta aprovação quase maternal. E a sugestão de que Ayisha precisava de um homem...

—Você está sob um equívoco, madame— ele disse a ela decisivamente. —Eu não vim à procura de uma noiva. Estou aqui simplesmente para escotar a senhorita Cleeve para sua avó.

Os olhos marrons de Laila cintilaram. —Se você diz.

Rafe não disse nada. As mães casamenteiras do Almack¹⁷ tinham uma irmã em espírito aqui.

—Ela é uma mulher, minha Ayisha, não uma garota— Laila continuou com toda a sutileza de uma marreta. —Quase vinte verões. Linda. Hora de ela se casar, também.

Rafe resolutamente guiou a conversação em uma direção diferente. —Eu estou curioso - como você conheceu Alici - Ayisha?

—Faz cinco, talvez seis anos. Ela uma jovem, então, passando fome - não gosto de ver qualquer criança passar fome. Ela me seguiu, o cheiro das minhas tortas. Eu a vi do rabo do olho. Eu a alimentei. Eu alimentava crianças famintas antes, muitas vezes. Mas Ayisha, ela é especial. Ela me reembolsa.

Ele fez uma carranca. Esse era o ponto crucial do assunto. —Como?

—Ela junta combustível para o meu fogo. — Laila abriu as mãos em um gesto de simplicidade. —Como eu posso dar as costas a uma criança assim, passando fome, mas tão cheia de honra? — Ela deu um suspiro tempestuoso, lembrando. —Eu a deixo dormir nos fundos. — Ela indicou o quintal.

—Nos fundos? Você quer dizer do lado de fora? Ao ar livre? — Rafe estava horrorizado.

—Você acha que é ruim, mas é mais seguro para ela do que lá fora. Meu irmão pensa que ela é um menino desprezível, mas tolera que ela durma no jardim porque ela é boa trabalhadora e me ajuda a assar. Se ele soubesse que é uma garota... — O olhar dela desceu e ela abriu as mãos em um gesto fatalista tão comum no leste. Rafe podia preencher o resto.

—Ela quer que eu compre para ela uma casa em Alexandria— ele disse a Laila, interessado em ver sua reação.

Os olhos de Laila arregalaram. —Ela te disse isto?

—Sim.

—Mas você não a dará a ela? — Laila perguntou ansiosamente. —Ela deve ir com você para a Inglaterra.

—Eu não darei dinheiro a ela. E ela *vai* para a Inglaterra.

—Bom.

—Você não sentirá falta dela?

¹⁷ Almack - Era uma Sala de Reuniões, um dos primeiros clubes em Londres a receber homens e mulheres. Limitado ao público de classe superior local na capital britânica.



Os olhos de Laila arregalaram. — Claro que sentirei. Ela é quase como uma filha. Meu coração doerá sem ela. — Ela tocou o próprio coração. — Mas eu sei que ela deve viver com seu próprio sangue. Ela deve ser ela mesma.

Laila não era nada como ele esperava. Ele esperava uma criatura conspiradora que usaria a senhorita Cleeve como instrumento de barganha. Não uma que o persuadissem a levar a garota para a Inglaterra para seu próprio bem. Embora ela claramente dependesse de sua capacidade de ganho.

— Como Ali entrou na história? — Ele perguntou.

Laila sorriu ternamente. — Ele é outro como Ayisha. Nenhuma família. Ela o trouxe para casa como um filhotinho de cachorro faminto um dia, e... — Ela encolheu os ombros. — Era uma boca muito pequena para alimentar; não há muito para ele, ainda agora.

O menino come como um cavalo. — E se houvesse uma possibilidade de trabalho para Ali?

Os olhos dela iluminaram. — Um aprendizado?

Ele agitou a cabeça. — Eu não posso prometer nada, mas um conhecido meu o considerará para um trabalho.

— Quem?

— Um homem chamou Baxter.

Ela anuiu pensativamente com a cabeça. — O inglês que se veste como árabe. Ouvi falar dele. Ele é rico e possui várias conexões. — Ela olhou para Rafe astutamente. — Por que você fará isso para Ali?

— Ayisha deixará o Egito mais facilmente sabendo que você está segura e que o menino tem alguma perspectiva de futuro.

Ela anuiu com a cabeça. — Sim, é verdade. Ela se preocupa com todo mundo, aquela garota. Este Baxter, é um bom homem?

— Creio que sim, mas eu só o encontrei duas vezes. Eu conheço bem o primo dele.

Ela dispensou o primo de Baxter com uma onda de uma mão. — Quando a mãe do Ali morreu, o vizinho tomou o menino, mas ele batia demais no Ali e ele foi embora. Eu não deixo Ali ir para qualquer homem que seja cruel.

Rafe anuiu com a cabeça. — Então venha comigo agora, e você e Ali poderão encontrar Baxter.

Ela deu uma olhada rápida para a porta. — Não agora, o meu irmão logo estará em casa querendo seu jantar — ela disse. — Mas volte amanhã, meio-dia. Ele terá ido e então nós poderemos ir falar com este Baxter.

Rafe ficou de pé e se curvou. Ele havia desenvolvido um verdadeiro respeito por esta pequena mulher. Ele entendia agora por que Ayisha e Ali pareciam se sentir tão responsáveis por ela — e a amavam. Ela não pediu nada para si. — Amanhã, meio-dia então.

Na entrada ele puxou as botas de volta, então se voltou para Laila, perguntando casualmente — Onde você disse que Ayisha estava mesmo? — Ela não havia realmente dito.

Laila encolheu os ombros. — No rio, acho. Pegando ervas.



Capítulo Sete

—Azhar! Ei aí, Azhar!

Ayisha se forçou a girar casualmente. Gadi? Pela segunda vez em poucos dias? Não era um bom sinal. Ela estava nos subúrbios da cidade, quase em seu lugar favorito para colher ervas. Não era um dos locais habituais de Gadi.

—Indo para o rio novamente pelo que vejo. — Gadi enganchou o braço no dela. — Talvez desta vez eu vá com você. — A mão fechou ao redor da parte superior do braço dela.

—Eu preciso ir ao mercado, primeiro, ver o que está disponível— ela disse casualmente e girou. O aperto de Gadi nela aumentou.

Ele não estava olhando para ela, estava olhando adiante. Para onde dois homens estavam de pé, vadiando de forma nada convincente.

Ela retesou e tentou ir para longe. —O que você quer, Gadi? Eu não tenho dinheiro.

Mais dois homens estavam a caminho do mercado, bloqueando sua fuga. Um era atarracado e pesado, e enquanto ele se movia propositadamente em direção a Ayisha, ela sentiu uma certeza doente na barriga. O tio de Gadi.

Ela tinha decidido anos atrás descobrir o dono dos pés imundos com unhas curvas, vistas pela última vez quando ela tinha treze anos de idade e debaixo da cama da mãe agonizante, tentando não respirar.

Era o tio de Gadi que tinha dito, *Continue procurando. Ela estará em algum lugar - ela não tem nenhum outro lugar para ir. Uma criança virgem e branca trará uma boa soma para Zamil.*

Gadi agarrou o braço dela com ambas as mãos. —Eu te disse que o meu tio quer te encontrar.

Ela não era mais uma criança, mas ainda era branca e virgem. E presa em uma armadilha.

Sem aviso prévio ela torcer e chutou Gadi, apontando para suas partes. Ele se dobrou com um uivo. O tio e os homens dele atrás dela começaram a correr. Ayisha puxou sua faca, olhando desesperadamente ao redor. A única saída era o rio, mas ela não sabia nadar. Ainda assim, seria melhor do que ser tomada como escrava. Talvez, ela pensou, pensando nos crocodilos.

O tio de Gadi e seus homens formaram um semicírculo ao redor dela.

—Eu matarei quem tentar me tocar. — Ela brandiu a faca e foi para longe, desejando desesperadamente ter trazido a outra também.

O tio de Gadi sorriu amplamente, mostrando dentes amarelos quebrados. Ele disse algo e cada homem produziu uma faca.

—Não seja tolo— o tio de Gadi sussurrou. —Nós não queremos marcar seu corpo branco e bonito escondido, mas faremos se for necessário. Posso ver bens danificados facilmente da mesma maneira. Estou atrás de você há muito tempo. — Ele avançou. —Nunca descobri onde você estava naquela noite.

Ayisha foi para trás, sentindo o banco suave do rio sob os pés. —Não chegue mais perto— ela grunhiu. Ela era a presa. Sua única alternativa era atacar estes homens com a faca, ou ela



poderia apenas virar e saltar. O rio a levaria para longe. Ela poderia viver... se não se afogasse. Se não houvesse nenhum crocodilo...

O tio de Gadi foi para a luta com expressão de triunfo no rosto.

O rio sempre tinha sido seu amigo. Ayisha murmurou uma oração rápida, tomou uma respiração funda e desesperada e se preparou para saltar.

Um grito e o trovão de cascos a fez girar, surpresa. Ela olhou fixamente, atordoada. Era o inglês em um garanhão preto e alto, rugindo com fúria, montando como se fosse o próprio diabo.

Ele dirigiu o animal diretamente para o grupo de homens e em pânico eles se dispersaram. No mesmo momento ele saltou do cavalo, aterrissando sobre um dos homens. O homem foi jogado ao chão e ficou ofegando, a respiração nocauteada. O inglês se ergueu.

—Para trás!— Ela gritou, enquanto outro homem veio para ele com uma faca. O inglês se esquivou, a faca passando por um fio de cabelo, mas em um movimento rápido o inglês foi ao seu atacante e o lançou completamente ao rio. Ele gritou e se moveu freneticamente.

Ayisha não era a única que não sabia nadar.

O inglês ficou entre ela e os outros três homens. Apenas Gadi estava fora de seu alcance. Eles o cercaram de três lados então, mas Ayisha não teve tempo de olhar ou ajudar, pois Gadi foi até ela com uma faca.

Ela se torceu e o cortou com sua faca. Ele gritou e se voltou para ela. Ele foi com a faca, uma vez, duas, mas ela era mais ágil e ele errou ambas as vezes.

Ela ouviu um terrível rachar de ossos e do canto do olho viu outro homem afundar sob o os punhos do inglês, uivando de dor. Mas ela não podia tirar os olhos de Gadi.

Gadi a chutou de repente e tirou a faca de sua mão. Ela se curvou, rápido como um raio, e pegou uma pedra grande do rio. Seus anos nas ruas a haviam treinado a usar o que estivesse à mão; ela poderia ser desarmada, mas ainda poderia lutar.

Ela jogou a pedra nele, com força. Bateu na testa. Ele girou, sangue gotejando de um corte pequeno, mas ainda assim ele continuou vindo.

—Eu te pegarei por isto— ele grunhiu e ergueu a faca, uma lâmina mortal afiada na extremidade de uma navalha.

Ela não ousou tirar os olhos, nem por um momento. Não havia tempo para agarrar outra pedra. Ele estava muito perto. O melhor que ela podia fazer era evitar o ataque, ou ao menos minimizá-lo.

Houve outra queda na água e um grito, os olhos de Gadi chamejaram lateralmente enquanto outro homem era completamente lançado ao rio.

E em um momento o inglês estava com ela, saltando para Gadi com um rugido feroz. A faca de Gadi relampejou enquanto ele atacava, mas o inglês era muito rápido. Ele evitou o ataque e o seguiu com um soco duro, então outro. Gadi cambaleou, a faca indo para a frente violentamente.

O inglês deu um terceiro soco duro na lateral da cabeça de Gadi. Sem um som, Gadi soltou a faca e caiu com o rosto adiante na lama.

Ele não se moveu.

O inglês girou para Ayisha. —Você está bem? — Ele estava apenas ligeiramente ofegante.

Ayisha anuiu com a cabeça.



Ele deu um olhar rápido, buscando, sorriu, e segurou o queixo dela em uma carícia breve, e se virou, ficando entre ela e o último homem que sobrava. O tio de Gadi.

Ele tinha uma faca; o inglês não tinha nada além das mãos. Mas ele já havia derrotado quatro homens com aquelas mãos. O tio de Gadi hesitou, o rosto trabalhando.

Os olhos azuis pálido do inglês queimavam. —Apenas um pedaço de escória sobrando agora. — Ele marchou em direção ao tio de Gadi com um sorriso estranho, frio, no rosto. Os punhos grandes sangravam enquanto ele os cerrava cheio de propósito.

Com um grito, o tio de Gadi girou e fugiu.

Ao mesmo tempo, Gadi, cuspidando, tirou o rosto da lama e rastejou para longe de quatro. O terceiro homem, cujos ossos tinham quebrado enquanto ele havia caído, se ergueu e saiu cambaleando embriagadamente atrás deles.

O inglês não tomou notícia. Ele girou para Ayisha, esquadrinhando seu rosto atentamente, correndo as mãos ligeiramente sobre seu corpo, verificando danos. —Você está machucada?

Ela agitou a cabeça, perguntando-se sobre a interrupção abrupta de guerreiro selvagem para protetor gentil.

Ela estava tremendo. Ela podia acreditar que estava terminado. A coisa que ela tinha temido por todos estes anos finalmente tinha acontecido, e ela tinha sobrevivido. Ela estremeceu.

Ele imediatamente a trouxe contra ele, envolvendo-a com seus braços fortes, mornos, segurando-a contra seu tórax. Ela se debruçou contra ele, sentindo fria, apesar do calor do dia, e enquanto os braços dele apertavam ao redor dela, ela se sentiu mais segura do que tinha se sentido... em anos.

—O que eles estavam atrás? — Ele perguntou depois de um tempo.

Ayisha retesou. —Eu não sei.

Ele não disse nada por um momento, então ergueu o queixo dela para melhor examinar os olhos. —Eles devem ter dito algo. Era alguma disputa? Eles descobriram que você é uma mulher? Com certeza não pode ter sido roubo.

Ela não podia evitar aqueles olhos. Algo no azul deles, a intensidade brilhante sob a pálpebra sonolenta - se ela os examinasse, todos os seus segredos poderiam vir à tona.

E então o que aconteceria?

Ele a olharia com aquela preocupação tenra?

Não. Aquela preocupação era para a senhorita Alicia Cleeve, a filha legítima de um lorde inglês e uma lady inglesa. Não para Ayisha.

Mas uma garota podia sonhar. Ela fechou os olhos e debruçou a cabeça contra o tórax dele. Ela podia ouvir a batida do coração.

Ele a segurou assim por um momento em silêncio. —Muito bem, eu não te perguntarei novamente. Nós devemos voltar, agora? — A voz estava um pouco fria. Ele não gostou do fato de ela não dizer a ele.

Ele gostaria ainda menos se ela dissesse.



Ela se recompôs e saiu do círculo de seus braços. Ela deu a ele um sorriso brilhante. — Obrigada por me salvar. Se você não estivesse, tão corajoso, como um cavaleiro de um conto, galopando para salvar a donzela... — Ela deu uma olhada rápida ao redor. — Eu não sabia que você podia cavalgar.

— Há muitas coisas que você não sabe sobre mim. — Ele seguiu o olhar dela. O cavalo estava a uns trinta metros mais ou menos comendo a grama, as rédeas oscilando. — Eu o aluguei por hoje.

Ele caminhou na direção do cavalo. Ele retrocedeu alguns passos, parecendo cauteloso. — Droga, eu não pensei... Meus cavalos vêm quando eu assobio. Nós vamos ter que pegar o bruto.

Era quase uma hora mais tarde quando eles pegaram o animal - Ayisha tinha conseguido persuadi-lo com um punhado de folhas suculentas - e até lá o susto do ataque tinha passado.

Ela acariciou o focinho do grande cavalo preto enquanto o alimentava com um punhado de folhas.

— Você gosta de cavalos?

Ela anuiu com a cabeça. Ele montou com um movimento flexível, então estendeu a mão. Ele tomou a dela em um aperto forte e certo e contou até três, jogando-a facilmente em cima atrás dele.

Ela se aconchegou perto, colocando os braços ao redor de sua cintura, e deitou a bochecha contra suas costas firmes e largas. Ela podia sentir o odor de suor masculino fresco, água-de-colônia e cavalo.

Ela se sentia estranhamente leve e quase alegre. A coisa que ela sempre temia tinha acontecido; o tio de Gadi sabia quem ela era.

Ela não tinha mais escolha. A farsa estava no fim. Ela não podia ficar no Cairo. Desmascarada, muitas pessoas saberiam que... Sua única escolha era ir para a Inglaterra.

Com este guerreiro bonito, gentil e assustador, um homem que ela não entendia mas não podia resistir.

— Eles me fizeram tomar banho tudo de novo! — Ali saudou Rafe sombriamente quando ele chegou no dia seguinte. — Sim, e que rebuliço ele fez — Ayisha acrescentou depois que explicou a Rafe o que ele havia dito. Ela estava fazendo o máximo para fingir que nada havia acontecido na véspera, mas havia uma consciência tímida nos adoráveis olhos dela que o aqueceram.

Era, de fato, duro não a arrastar para seus braços novamente e verificar se ela estava bem. Ele havia despertado várias vezes durante a noite, revivendo a visão daquele jovem assassino bonito a cortando, ouvindo o som de sua faca enquanto cortava sua roupa.

Roupa, não a carne, graças a Deus.

Ele deveria ter jogado aquele cara aos crocodilos.

Os olhos esquadriharam o corpo dela ansiosamente. — Você está bem? Você estava sangrando —



—Uns arranhões, isso é tudo— ele disse seca. Ele não era acostumado a exagerar. —Limpo e esquecido.

—Bom. Eu não me lembro se te agradeci, mas—

—Você me agradeceu. Várias vezes. — O melhor obrigado tinha sido naquele momento em que ela tinha ido a ele de boa vontade, estremecendo como reação e buscando conforto, sabendo que estava segura. E posteriormente, quando eles montaram de volta, os braços o envolveram, o corpo esbelto apertado contra o dele.

—Oh, então está bem — ela murmurou. Ela parecia querer dizer qualquer outra coisa, então fechou a boca e se voltou para o menino.

Ele assistiu seu alvoroço com Ali, e seu tórax apertou. Não era de admirar que em dois anos de bailes e festas em casas de campo ele não tivesse achado uma mulher para casar. Ele tinha procurado nos lugares errados.

Rafe olhou fixamente para ela abaixo, querendo tomá-la de volta nos braços, sabendo que era muito cedo. Ali não era o único parecendo raramente limpo e arrumado, ele viu, mas ela ainda estava vestida como menino. Era uma admissão tácita que seus dias de disfarce estavam terminando.

Como ele imaginou, a aparência recentemente lavada era muito boa e clara. Como creme e rosas. A mão coçava para tocar sua pele, sentir se era tão sedosa e suave quanto parecia.

Ela o pegou olhando e um rubor delicado tomou sua pele tenra. —É para Ali, isto é tudo— ela disse, como se precisasse defender sua limpeza. —Todos nós desejamos fazer uma boa impressão. Um membro da família é importante.

Rafe inclinou a cabeça. *Um membro da família é importante?* A filha de um baronete inglês declarando que era a família de um órfão de rua? E com tal dignidade, tal orgulho.

Ela era algo especial, certamente. A maioria das garotas ficaria muito contente em deixar de lado as coisas ruins da vida para subir no mundo. Não esta aqui.

Ele tinha visto mais educação inata nesta beleza esfarrapada do que na dúzia de filhas de duques em sua casa.

Ainda assim, não seria fácil para ela na Inglaterra. A sociedade inglesa era um labirinto de finas nuances e armadilhas para os imprudentes e ignorantes, projetadas para jogar fora e excluir aquelas que não pertenciam a ela. O nascimento asseguraria sua entrada na *sociedade*, mas não necessariamente sua aceitação.

Ayisha tinha passado tantos anos vivendo nos subúrbios quanto tinha passado na casa do pai. Enquanto a maioria das garotas inglesas de sua classe estava aprendendo a tocar o piano forte, bordar, pintar aquarelas e dançar, Ayisha tinha aprendido o significado da fome, do perigo, aprendendo a roubar e lutar, agir como um menino e sobreviver.

Não, não seria fácil, mas ele estaria lá, a cada passo do caminho para ajudá-la. Ela tinha a coragem para tudo.

Ele carregaria na mente para sempre a visão dela, as costas para o rio, armada com apenas uma faca, com um monte de assassinos locais se aproximando. Aquele olhar desesperado para trás, em um rio cheio de crocodilos e corrente rápida. Ele viu nos olhos dela, a decisão de saltar ou de permanecer e lutar. Uma garota contra cinco homens armados.



Oito anos em guerra e ele nunca tinha ficado tão assustado na vida. Assustado de não chegar a tempo.

Finalmente Laila emergiu da casa, oculta e vestida em uma bata que a envolvia toda.

Para a surpresa de Rafe, ela tomou a mão dele e a beijou.

—Ayisha me disse o que você fez— ela disse, os olhos úmidos. —Qualquer coisa que eu possa fazer por você, inglês, eu farei.

—Não foi nada. Qualquer um teria feito o mesmo— ele disse rispidamente.

Ela sorriu e bateu levemente no tórax dele. —Não qualquer um. Apenas um guerreiro.

Eles se apressaram por um labirinto na rua de trás, Ayisha ia à frente, até que eles alcançaram a casa de Baxter.

—Vejo que você trouxe uma delegação— Baxter disse com uma expressão torta enquanto seu empregado disponibilizava lugar para todos. Rafe fez as introduções em inglês, Ayisha como senhorita Alicia Cleeve.

Os olhos de Baxter arregalaram. —Ele disse que havia te encontrado. Fico contente de te conhecer, senhorita Cleeve. — Ele se curvou.

—Por favor, me chame de Ayisha— ela disse, dando uma olhada para Rafe - prefiro assim.

Baxter se curvou. —senhorita Ayisha. E esse é Ali.

Ali curvou e olhou em torno do cômodo com os olhos brilhando de curiosidade.

—E essa deve ser Laila. — Baxter deu a Laila um olhar atento, e então se curvou.

Laila murmurou algo para Ayisha em árabe, mas antes que Ayisha pudesse responder, Baxter, com um olhar malicioso, respondeu no mesmo idioma.

Os olhos dela arregalaram em surpresa; ela pareceu agitada e disse algo que fez Baxter rir.

—Ela está chocada em ouvir um estrangeiro falar em árabe tão bom— Baxter explicou, acrescentando para Rafe—Ela disse à senhorita Cleeve que, embora meus olhos azuis sejam bonitos o suficiente para uma garota, eu sou uma boa figura de homem.

Ele piscou para Ayisha e acrescentou—eu, porém, prefiro olhos castanhos, e você pode dizer a Laila que os dela são os mais bonitos que eu vejo em muito tempo. — A pequena quantia de pele de Laila que era visível ficou notoriamente vermelha.

—Ela não precisa me dizer nada— Laila replicou em inglês. Com dignidade ela se acomodou mais na almofada, não encontrando o olhar de ninguém.

Baxter a assistiu com uma expressão divertida, então ele ordenou que café fosse trazido enquanto ele entrevistava Ali.

Baxter levou Ali para seu escritório e eles começaram a conversar. O escritório era separado do cômodo em que os outros estavam por uma cortina pesada que era desenhada apenas em parte, o som de suas vozes era lânguido, mas perceptível.

O café foi trazido junto com um prato de bolos pequenos. O empregado despejou o café e distribuiu, então partiu.

Rafe olhou o café e decidiu não arriscar. Do canto do olho ele viu Laila dar um gole e então o deixar de lado com uma careta. Ela deu uma olhada rápida para Rafe.

—Estes caras fazem o pior café que eu já saboreei— ele disse tranquilamente.



Ela se debruçou adiante e observou atentamente os bolos. —Os bolos estão passados. Olhe aqui. Há mofo neste aqui. — Ela deu uma olhada rápida no escritório onde Baxter e Ali estavam conversando. —Você disse que o café é sempre ruim?

Rafe anuiu com a cabeça.

Laila hesitou e deu uma olhada rápida no escritório, onde Baxter e Ali conversavam, e depois para a entrada onde os empregados se foram. —Eles envergonham seu mestre— ela disse suavemente, então se ergueu e saiu do cômodo.

Ayisha, acomodada próxima a Rafe, não tinha nenhum interesse em café. Ela assistia à entrevista de Ali como um falcão, curvando-se adiante para ouvir. Os empregados retornaram e pegaram os bolos e o café apenas tocados e os levaram.

Ayisha não tirou os olhos de Ali, murmurou algo sob a respiração e cerrou os punhos.

—O que foi? — Rafe perguntou.

—Eu vou estrangular aquele menino!

Rafe deu uma olhada rápida pelo buraco para Baxter, que não parecia descontente com Ali. Na verdade, ele parecia divertido. —Por quê?

Ela revirou os olhos. —Baxter perguntou a ele, ‘Se o possuidor de um estábulo vendeu por cinco *paras* uma dúzia de laranjas, quantas laranjas você conseguiria pela metade de um *piastre*?’ E o que o pequeno macaco disse? Ele disse que— ela imitou a voz. — ‘Cinco *paras* para uma dúzia é demais, eu iria ao Ahmed quatro-dedos-do-pé, que tem o estábulo atrás da mesquita, e ele as venderia para mim por quatro *paras* a dúzia - talvez menos! — Ela cerrou os punhos. —Ele teve esta grande chance e a está arruinando!

Rafe colocou uma mão sobre o punho dela. —Não, ele não está. Olhe para o rosto de Baxter. Ele parece mais divertido do que qualquer outra coisa. O que ele está dizendo?

Ela traduziu para ele. —Quem é Ahmed quatro-dedos-no-pé e por que ele os venderia mais barato? E Ali está dizendo, ‘ele vive próximo à mesquita com o minarete azul, e tem dois irmãos e quatro primos que trabalham nas docas em Alexandria e sempre podem conseguir as coisas mais baratas. Ahmed sempre pode conseguir o melhor preço’.

Baxter riu.

—Pare de se preocupar— Rafe murmurou. —Eu me atrevo a sugerir que o menino está se saindo bem. Existe esse tal de Ahmed quatro-dedos-no-pé?

—Oh, sim. Ele pode conseguir o que quer que você queira, mas apesar de ser sempre o mais barato, ele não é sempre o melhor. Deve-se inspecionar cuidadosamente a mercadoria do Ahmed quatro-dedos-no-pé—ela disse distraidamente.

Baxter continuou a apresentar a Ali problemas intrincados, e Ali respondeu todos sem vacilar, acrescentando sua própria opinião bastante frequentemente.

Ayisha assistiu e escutou, inconsciente da proximidade de Rafe, esquecida da mão dele descansando sobre a dela. Ele não fez nenhum movimento para chamar sua atenção para isto. Parecia tão certo sentar lá com as mãos nas dela.

Depois de mais ou menos quinze minutos, ela girou para Rafe, perplexa. —O que eles estão fazendo agora? Gamão? Por quê? Ali está aqui para trabalhar.



—Você pode julgar uma pessoa pelo modo como ela joga. Ali é bom? — Ele sentou de volta contra as almofadas enquanto Baxter e o menino pequeno começavam um jogo de gamão.

—Sim, mas ele é melhor em xadrez. Queria que Baxter o tivesse chamado para jogar xadrez. — Ela anuiu com a cabeça em direção a um tabuleiro de xadrez em uma mesa baixa. —Ele ganha de mim todas as vezes. Ele é realmente inteligente, sabe.

—Suponho que o seu pai tenha te ensinado a jogar xadrez— Rafe disse tranquilamente.

Ela anuiu com a cabeça. —Eu nunca fui muito boa. Eu não planejo adiante— ela parou e olhou para Rafe, olhou para as mãos juntas e puxou a mão para trás, quase como se ele a houvesse roubado.

Eles estavam sentados muito perto no divã baixo. Ela deu uma olhada rápida para ele e se moveu para pôr mais distância entre eles.

—Você não acha que é hora de parar de fingir?

—Fingir? — Ela olhou para ele cautelosamente.

—Que você não é a filha do Lorde Henry Cleeve.

Ela olhou para baixo e mordeu o lábio. Deus, mas ela era bonita. Ele queria beijá-la, e iria, ele jurou, mas não aqui, não neste cômodo, com Baxter, o menino e quem mais que fosse os assistindo.

—Não é isto. Eu apenas não me sinto confortável sendo chamada de Alicia Cleeve— ela disse finalmente.

—Então como eu devo te chamar?

—Ayisha— ela disse. —Apenas Ayisha.

—Eu te chamarei de Ayisha em particular— ele concordou. —E você me chamará de Rafe. Mas em público temo que deva te chamar de senhorita Cleeve.

—Que público? Nós quase nunca nos falamos em público.

—Sim, mas no navio, por exemplo, devo me referir a você como senhorita Cleeve.

—Navio?

—Higgins está indo em frente para registrar a passagem para nós em um navio que deixará Alexandria na semana que vem.

Ela deu a ele um olhar preso. —Eu não concordei ainda. Você não me deu uma casa em Alexandria.

—Os acordos estão sendo feitos. Deve estar disponível no final desta semana.

—Tão rápido— ela sussurrou.

—Sim, nós todos podemos ir para Alexandria juntos e você pode vê-los se ajustarem e então nós desembarcaremos.

Ela parecia qualquer coisa exceto feliz. O coração dele retesou. Ela seria mais feliz na Inglaterra do que era aqui, ele jurou. Ele faria isto.

Enquanto o jogo de gamão estava terminando, Laila retornou a sua cadeira original e um momento mais tarde o empregado entrou novamente com café e um prato de panquecas pequenas.

—Este menino quase me bateu no gamão— Baxter disse ao sair do escritório. Ele se acomodou entre eles novamente. Ele olhou fixamente para o vapor que subia das xícaras



pequenas, fez uma carranca, e então fungou. A carranca aprofundou, pegou uma xícara e a saboreou.

—Aleluia!— Ele disse e drenou a xícara com felicidade. —Ninguém aos meus serviços fez isto, posso jurar. Isto é melhor do que as casas de café fazem. — O olhar dele foi para Laila. Ela desviou o olhar.

Baxter ergueu uma panqueca pequena. —Ainda morna— ele disse e comeu.

Laila se debruçou adiante e despejou uma xícara fresca de café.

—Você é a responsável por isso? — Baxter exigiu. —O café?

—Sim— Laila disse com a voz baixa. —Eu sinto muito, sei que não deveria interferir - não queria desrespeitar, lorde.

Baxter acenou as desculpas para longe, mas Laila continuou. —Odeio ver bom café ser perdido e o outro não era adequado para servir— ela disse. —Mostrei aos seus empregados como fazer.

—Você fez? — Baxter pareceu divertido. —Você fez as panquecas, também?

Ela anuiu com a cabeça. —Sim, são rápidas e fáceis de fazer. Mostrei aos meninos como fazer.

—Vamos esperar que eles não se esqueçam. — Baxter deu a ela um olhar pensativo. —Eu recentemente perdi meu cozinheiro, e ele e sua família proviam todas as minhas necessidades. Estes rapazes são novos. São honrados e dispostos o suficiente, mas não têm exatamente a manha do café ainda.

Ele comeu outra panqueca, olhando-a pensativamente. —Você é viúva, creio. Ali é seu filho?

Laila ergueu a cabeça e disse com dignidade. —Divorciada. Eu não tenho filhos, mas Ali é o filho do meu coração.

Baxter abaixou a cabeça. —Menino de sorte. — Ele girou para Ali. —Agora, aqui estão três *paras*. Vá e me compre os melhores bolos que puder achar. — O menino tomou o dinheiro e saiu avidamente.

Baxter disse para Rafe e Ayisha. —Você se importaria se eu o deixar aqui por alguns minutos? Preciso falar com Laila sobre o menino, claro, entrar em acordo sobre as condições de emprego, mas se você não se importar, gostaria de falar com ela na cozinha. Eu pediria o conselho de uma mulher com conhecimento.

Rafe anuiu com a cabeça para Baxter e ele se voltou para Laila. —Laila?

Ela encontrou os olhos dele, e por um longo momento eles apenas olharam um para o outro. Então ela deu um pequeno aceno com a cabeça.

Baxter estendeu a mão para ajudá-la a se erguer. Depois de vinte anos no Egito era um engano que ele não deveria ter feito, Ayisha pensou.

Laila hesitou e o considerou por um momento, a cabeça balançou de um lado para o outro. Então, para assombro de Ayisha, ela colocou a mão na de Baxter e se ergueu graciosamente das almofadas.

Ele sorriu, então gesticulou para ela para precedê-lo.

Laila foi, com algo como um gingar. Ayisha ficou de boca aberta. Se ela não a conhecesse bem, pensaria que Laila estava... flertando.



Capítulo Oito

—Então, o que você acha da minha cozinha? — Baxter perguntou a Laila quando eles alcançaram a cozinha. Era uma mistura de estilos europeus e tradicionais, e já que Baxter era um homem rico, estava tudo muito bem equipado.

—Meu cozinheiro teve que voltar a sua aldeia para começar a estudar uma herança— Baxter disse a ela. —Era um homem casado e com duas crianças. Eles viviam em cômodos especiais nos fundos da casa. Posso te mostrar o local?

Laila deu a ele um olhar atento, então inclinou a cabeça em aquiescência. Ele a levou para fora para o pátio traseiro. Era bastante espaçoso e continha algumas pequenas ervas abandonadas.

Laila deu um olhar crítico para elas. —Nenhum forno?

—Meu cozinheiro comprava todo seu pão do padeiro local.

Laila fungou. Ele a mostrou os quartos do cozinheiro: quatro cômodos, metodicamente organizados. —O cozinheiro tomou seus pertences com ele, mas se a pessoa certa solicitar o trabalho, eu iria, é claro, fornecer qualquer coisa que fosse necessária— Baxter terminou.

Laila girou e deu a ele um olhar atento.

—Por que está me dizendo isso?

Baxter hesitou, procurando pelas palavras certas. —Ramsey me pediu para comprar uma casa em Alexandria para ele.

Laila fez uma carranca. —Mas eu disse a ele - que ela deve ir para a Ingl—

Baxter interrompeu. —Uma casa pequena, ele disse, para uma mulher e um menino.

Laila ofegou e a mão foi para o peito. —Uma mulher e um menino? Você quer dizer eu e Ali?

Baxter sorriu. —Creio que sim. Ele disse que queria uma casa com jardim em que eles pudessem construir um forno, a mulher é uma excelente padeira e deseja começar um negócio lá.

—Uma casa... Em Alexandria... para mim e Ali? — Ela repetiu em um sussurro.

—Sim. Mas eu tenho outra sugestão: torne-se minha cozinheira, Laila. Torne-se minha cozinheira, viva aqui nestes cômodos com Ali, e eu construirei um forno para os seus negócios.

Os olhos dela estreitaram. —Você me deixaria vender meus pães e tortas?

—Sim, contanto que não interfira em cozinhar para mim e cuidar da minha casa. Como você disse, meus empregados tomam vantagem. Para falar verdade, o lado doméstico das coisas é algo que eu não tenho nenhum interesse.

Ela deu a ele um olhar longo, avaliativo. —Você está falando sério? Quer que eu trabalhe para você?

—Quero.

Ela examinou os cômodos do cozinheiro então, com um olhar mais crítico, e então o pátio e a cozinha. Finalmente ela se voltou para ele. —E o que isso me custará?

Os olhos de Baxter cintilaram. —Os cômodos vêm com a posição - sem aluguel.



—E para isso, eu devo cozinhar e limpar—

—Supervisionar a limpeza e os empregados. Você mesma não terá que fazer essas coisas.

—E ainda posso cuidar dos meus negócios.

—Sim. E haverá salário. — Ele disse uma soma que fez as sobrancelhas dela desaparecerem sob o véu.

—Você me pagará, também?

—Claro.

Ela estreitou os olhos para ele e colocou as mãos nos quadris. —O que mais você espera? Já te digo agora que sou uma mulher respeitável.

Baxter sorriu. —Eu sei, e admiro isto. O salário e as condições são exatamente as mesmas que eu pagava ao meu prévio cozinheiro. Então, você fará o trabalho?

Houve um longo silêncio. —Eu quero— ela disse. —Mas devo perguntar ao meu irmão. Ele é o cabeça da minha família.

Baxter sorriu amplamente. —Excelente. Conversarei com o seu irmão, mas creio que chegaremos a um acordo. Então você e eu temos um negócio. — Ele ofereceu a mão da maneira europeia, e apesar de não ser seu costume, Laila estendeu a mão para agita-la.

Ele a surpreendeu pegando a mão dela em ambas as dele. Ele a ergueu em direção a boca. Ela olhou fixamente, fascinada, insegura do que fazer. Ele apertou os lábios mornos firmemente contra a parte de trás das costas das mãos dela em um beijo lento.

Laila estremeceu, sentindo o calor dele contra sua pele. Agitada, ela puxou a mão.

Ele sorriu. —Você tem gosto bom, como pão fresco.

—Porque eu fiz pão esta manhã— ela disse com a voz rude. —Não faça isto novamente. Não é respeitável. — Ela endireitou o véu com as mãos que tremiam um pouco.

Ele se curvou, mas não disse nada. O sorriso não mudou.

Ela o tocou ligeiramente no ombro. —Vá agora— ela disse zangada. —Nós já desperdiçamos tempo o suficiente. Os outros estão esperando.

O sorriso de Baxter intensificou. Se ela estivesse verdadeiramente brava, não o teria tocado de forma nenhuma.

Por vários momentos depois que Baxter e Laila tinham partido e Ali tinha saído correndo, Rafe e Ayisha se sentaram lado a lado no divã baixo almofadado, sem dizer nada.

Rafe disse finalmente—Você adora a Laila, não é?

—Claro, ela é minha amiga. Mais do que isso, ela é como uma mãe para mim.

—Ela me disse como vocês se conheceram— Rafe disse. —Quando ela te deu comida e você a reembolsou com combustível para o fogo.

Por um momento houve silêncio, então Ayisha disse—Foi mais do que simplesmente me dar comida. Eu já tinha sido alimentada antes. Os donos de barracas nos mercado às vezes jogam para as crianças de rua um pedaço de fruta danificada, ou pão passado ou quebrado. Eles jogam ao chão e assiste enquanto os famintos pegam e enchem a boca. Como ratos.



Ele olhou nitidamente para ela. —Espero que você nunca tenha ficado tão desesperada.

—Eu fiquei. Frequentemente. No dia em que encontrei a Laila, não comia há quatro dias— ela disse com a voz neutra.

A mão dele apertou, as juntas embranquecendo.

Ayisha olhou para ele. Ele ainda pensava em fazer dela uma lady inglesa. Ele precisava saber isso sobre ela.

—Eu tinha quase quatorze anos. Eu já vivia há nove meses nas ruas— ela disse. Principalmente roubando. Mas quatro dias antes, eu tinha visto um ladrão ser castigado. Eu o ouvi uivar como um animal enquanto eles cortavam sua mão fora.

Ela olhou fixamente em horror para o toco do homem, esguichando sangue; a mão no chão, o espasmo dos dedos, como se ainda estivessem vivos.

Alguém pegou a mão - ela não sabia se havia sido dado de volta ao ladrão gemendo ou jogada aos cachorros para comerem. Ela estava congelada, incapaz de pensar com o horror de que poderia ser a mão própria mão no chão, com espasmos.

Cada gota brilhante de sangue no chão tinha pegado sujeira antes de sumir lentamente. — Dizem que o sangue é mais espesso do que a água— ela disse. —É verdade.

—Eu sei— Rafe disse severamente, e algo na voz dela a fez olhar para ele e se lembrar de que ele havia passado oito anos na guerra.

Ela olhou fixamente para ele, intimidada. Ela tinha visto isso acontecer a apenas um homem e nunca tinha se esquecido. Mas ele - ele deveria ter visto horrores várias vezes. Ele provavelmente tinha até cortado fora mãos e matado homens. —Se você foi um soldado, deve ter visto acontecer várias vezes—

—Sim— ele a cortou abruptamente. —Mas é a sua história que eu quero ouvir.

O que fazia um jovem, ela se perguntou, viver isto repetidas vezes, passar anos da vida lutando, vivendo uma vida dura, áspera, tentando matar, desejando não ser morta.

Até ontem, não aparecia nenhum sinal; ele estava sempre limpo, elegante e controlado. Muito controlado, talvez, ela pensou. A limpeza, as botas brilhantes e o linho imaculado - era uma espécie de armadura como os trapos e a sujeira dela?

No rio ela havia visto um lado diferente dele, um lado cru, áspero, arenoso: o guerreiro. O lutador. O protetor.

Ela nunca se esqueceria da visão daqueles olhos azuis ardentes, o sorriso estranho que ele tinha enquanto atacava aqueles homens com as mãos nuas. Os punhos estavam sangrados, as juntas em carne viva, mas depois que estava terminado, a mão grande e cheia de calos segurou a bochecha dela muito brevemente, levando ternura que era quase chocante junto a tal cena de violência.

—Então você viu um ladrão ser castigado e depois ficou com medo de roubar— ele iniciou.

—Sim, e depois de quatro dias quando eu estava muito faminta. — A barriga vazia a estava correndo por dias. Ela estava vivendo como um rato, pegando restos onde podia.

—Então eu senti o cheiro mais glorioso. — Ela sorriu. —Você nunca comeu uma das tortas da Laila, mas acredite em mim, se já tivesse... — Ela suspirou. —Laila, eu não sabia o nome dela então, estava levando uma bandeja coberta pelas ruas, vendendo, saídas quente do forno. Eu a



segui, inalando o odor como se estivesse comendo. Esperei talvez que ela me jogasse um pedaço de torta quebrada ou uma crosta. Mas ela não fez isso.

Ele anuiu com a cabeça para ela continuar.

—Eu a segui até a casa dela, mas ainda assim nada. Ela abriu o portão e acenou para que eu entrasse.

—E você a seguiu—

Ela bufou. —Não. Depois de nove meses nas ruas eu não confiava em ninguém. Então ela foi para dentro e fechou a porta. — Ela deu um sorriso sentido. —Mas ainda assim eu não pude ir para longe do cheiro.

—Continue. — A expressão dele era sombria.

—Um momento mais tarde ela havia terminado novamente. Ela pôs uma torta no degrau; uma inteira, intata— A voz dela quebrou, e ela apertou os lábios juntos, lembrando, tentando se recompor.

Ele tocou a mão dela, e ela a puxou para longe. A condolência neste momento a faria chorar. Deus, por que ela era tão sentimental? Ela havia contado a Ali esta história uma dúzia de vezes.

Ela tragou e se forçou a continuar. —Ela pôs uma torta no degrau; uma torta inteira, perfeita, sobre um prato bonito, limpo. Um *prato*.

O odor da torta fez a boca encher d'água, mas o prato trouxe lágrimas aos olhos - e fazia a mesma coisa, ainda agora, apenas ao lembrar. Ela olhou para ele através dos olhos cheios e pôde ver que ele não a entendeu.

Com a voz tremendo ela explicou—eu não comia de um prato há meses, sabe. A torta era maravilhosa, mas o prato - o prato dizia que eu era - eu era um ser humano, não um - um—

—Não um rato— ele terminou tranquilamente e a trouxe contra ele. Ela anuiu com a cabeça e se deixou apoiar contra o ombro grande e sólido dele, cheirando a limpo, o cheiro masculino dele, e ela enxugava os olhos à medida que se lembrava.

A barriga dela gritava para comer a torta tão rápido quanto pudesse e correr; em vez disso, ela tomou o prato para um lugar seguro e comeu a torta lentamente, saboreando, como uma pessoa, não como um rato. Porque o prato a lembrou quem ela era.

Ela e deu um lenço. As juntas estavam com cascas e feias, o lenço prístino. Ela enxugou os olhos.

—A torta ainda estava morna e deliciosa. Era a melhor comida que eu já tinha comido— ela terminou e soprou no lenço, sentindo-se um pouco tola. Exagerando por causa de um prato.

—Laila me disse depois que você juntou combustível para o forno dela.

—Claro— Ayisha disse, sentando-se reta e dando o lenço de volta para ele. —Ela me deu algo inestimável. Eu tinha que dar algo a ela de volta, ainda que não fosse nada especial. — Ela lavou o prato e o secou da melhor forma que podia, então juntou um pouco de varas e grama seca e secou esterco de camelo.

Ela acrescentou—Laila não apenas me deu uma torta, naquela noite ela me devolveu a mim mesma.

Ele anuiu com a cabeça. —Entendo.

—Eu ainda devo a ela— Ayisha disse com significado.



Ele deu a ela um olhar direto. —Eu sei. E verei as coisas para ela, prometo. Os homens de Baxter estão agora mesmo negociando comprar uma casa em Alexandria. Estará no nome de Laila e Ali. Ninguém poderá tomá-la deles, nunca.

Ela não disse nada por um bom tempo. Ela ergueu a almofada novamente e brincou com a franja. Os dedos tremiam.

—Muito bem— ela disse com a voz um pouco presa. —Quando Laila tiver uma casa segura para viver e Ali tiver um trabalho, eu irei com você para a Inglaterra. — O queixo dela estava firme e resoluto, mas os olhos maravilhosos traíam como ela estava arrasada.

Era um passo enorme. Ele via agora que tinha sido arrogante ao estar tão certo de que a vida dela era tão terrível. Era, mas ele não parecia ter passado o óbvio. Nos dias passados ele tinha aprendido que além da pobreza e o sofrimento de sua vida, havia amor, um amor forte.

Ele sabia o poder disto. Ele nunca tinha usado a palavra amor para descrever como ele se sentia sobre seus amigos - não alto - mas era isso mesmo, ele reconheceu. Gabe, Harry e Luke eram mais próximos dele do que seu próprio irmão. A amizade e o suporte inquestionáveis os fizeram passar pelos piores tempos da guerra.

Ele não desistiria daquela amizade por qualquer coisa.

Ele olhou para Ayisha. Ela estava desistindo de tudo que conhecia por causa de seus amigos. E estava indo para... o quê?

Para uma sociedade que poderia atacá-la se tivesse a chance. Educa e cruelmente, sem piedade.

Ele poderia protegê-la disto? Ele poderia ser o suficiente?

—Eu sei que é duro pensar em deixar os amigos— ele disse desajeitado. —Mas você terá a sua avó e fará novo amigos. Você gostará da Inglaterra, eu te prometo.

Ela não disse nada, apenas abraçou a almofada.

Rafe cerrou os punhos. O triunfo era sempre uma bênção misturada, mas nunca tinha deixado um gosto tão azedo na boca.

Ela seria muito feliz, ele jurou. Ele a faria muito feliz.

Enquanto Baxter e Laila reentravam na sala de estar, as cortinas separaram e Ali apareceu com um pacote embrulhado, sorrindo amplamente em triunfo. —Abre-te sésaaaaamo— ele disse em inglês e desembulhou uma dúzia de gergelim e bolos de mel.

—Eu ofereci um trabalho a Laila — Baxter disse.

Ali pareceu surpreso e então desanimado.

—E você, também, Ali. Quero que vocês dois venham viver aqui. Laila cozinhará, e você trabalhará para mim e aprenderá.

Ali conseguiu se curvar, saudar e agradecer a Baxter efusivamente, e ao mesmo tempo saltou de cima a baixo nos dedos dos pés excitados.

—Eu tenho que ver o que Omar dirá primeiro— Laila disse com a voz amortecida. —Ele pode dizer não.



—Ele irá dizer sim— Ali disse com certeza. —Mas eu ainda posso ir. Omar não é nada para mim.

Ayisha concordou calada. Se Laila partisse, Omar teria que se sustentar, assim como cozinhar e limpar por si mesmo, e ela não conseguia vê-lo fazendo isto. É por isso que eles planejavam ir embora; eles sabiam que Omar nunca deixaria Laila ir.

—Nós resolveremos com Omar quando chegar a hora— Baxter disse firmemente. — Enquanto isso, Ali, esperarei você amanhã de manhã, bem cedo.

O rosto de Ali se dividiu em um sorriso. —Sim, lorde— ele disse em inglês, e o saudou de forma esperta.

Baxter pareceu ligeiramente surpreso.

—Vejo a mão do meu camareiro, Higgins— Rafe disse secamente. —Ele era um servo no exército e parece ter tomado para si a função de treinar o jovem Ali no que Higgins chama de ‘modos civilizados’.

—Bem, não me saude novamente— Baxter disse a Ali. —Eu deixei tudo isso para trás há anos.

—Não, lorde— Ali disse, e se curvou em uma imitação extraordinária da reverência que Baxter tinha feito para Laila antes.

Rafe riu. — Você tem mais do que pode cuidar, Baxter. Mande-o para a Inglaterra quando ficar cansado dele.

Enquanto eles estavam saindo da casa mais tarde, Ayisha disse para Rafe — Se Omar não permitir a Laila trabalhar para Baxter, você ainda assim comprará a casa em Alexandria?

—Sim. Ela pode usá-la ou alugá-la. Eu te prometi a casa, e não volto atrás com a minha palavra.

Ela anuiu com a cabeça. —E você realmente enviaria Ali para a Inglaterra?

—Por que não quando ele estiver mais velho? Só se ele quiser, claro, mas a viagem fará bem a ele. Eu mandarei a passagem para ele.

Ela caminhou, tentando manter os passos junto com os dele, mas o passo dele era tão mais largo que era impossível. —Você age como se não fosse o outro lado do mundo.

—Não é— ele disse. —É uma viagem grande, admito, mas ela está ficando mais fácil de uns tempos para cá. — Ele deu uma olhada rápida para ela abaixo. —Posso ver que você está preocupada em ir para um país estranho com pessoas estranhas - entendo como você está ansiosa sobre isso - assim eu te farei esta promessa. Se depois de um ano na Inglaterra você realmente a odiar e quiser voltar, eu te darei o dinheiro para fazer isso. De fato, eu te escoltarei.

Ela ofegou e parou na rua para encará-lo fixamente. —Você faria isso por mim?

—Se você estiver desesperadamente infeliz, sim— ele a assegurou. Ele tomou a mão dela na dele. —Sei que você se ressentiu de eu não te dar nenhuma opção, mas acredite em mim, Ayisha, meu único desejo é o seu bem-estar e a sua felicidade.

A voz era profunda e sincera. Desta vez ela sabia o que estava vindo quando ele tomou a mão dela nas dele, e ela não fez nenhuma tentativa de pará-lo. Ela não podia. Ela sabia exatamente o que esperar quando ele ergueu a mão e apertou os lábios contra os nós dos dedos dela.



Desta vez Ayisha sentiu a marca da boca nitidamente ir até as solas dos pés. Ela estremeceu, e sem saber por que, puxou a mão. Ela podia sentir as bochechas queimando. Eles retomaram a caminhada.

—Por que você fez isto? — Ela murmurou depois de um momento.

—Eu não pude evitar. É o que um homem faz quando quer...

—Quando quer o quê?

—Quer... cuidar de uma mulher— ele terminou.

—Oh. — Ele prometeu a avó dela que cuidaria dela, ela se lembrou. Ela era uma responsabilidade.

Ela olhou abaixo para a mão que ele havia beijado. Nunca tinham beijado a mão dela antes, com exceção dele. E agora, duas vezes, ele havia beijado sua mão. Não parecia ser uma responsabilidade. Fazia com que ela se sentisse... estranha, especial.

Como se ela fosse uma... uma princesa, e não... o que ela era. Ela fechou os olhos brevemente e desejou ser uma princesa, desejou poder ser... como ele a fazia se sentir.

Mas isso tudo era por uma garota morta. Não Ayisha.

Ainda assim... Ela se recordou das palavras de Laila. Ela poderia não ser uma princesa, mas uma garota pobre podia chupar uma laranja também. Ela ainda podia espremer aquela laranja doce da vida, e ela iria, ela se decidiu. Ela a chuparia até o bagaço.

Ela faria sua própria felicidade.

Eles alcançaram a esquina próxima à casa de Laila, onde Laila e Ali estavam esperando. Rafe disse um adeus animado - ele parecia um pouco quente, do sol, sem dúvida - e marchou pela rua estreita.

Ayisha o assistiu andando a passos largos para longe pelo caminho estreito. *Meu único desejo é o seu bem-estar e a sua felicidade.* As botas pretas e longas cintilavam ao sol brilhante.

—As roupas inglesas são muito... esclarecedoras— Laila comentou, assistindo-o ir. —Uma boa figura de homem, aquele inglês.

Ayisha saltou e percebeu que estava, realmente, olhando fixamente para o liso flexionar e curvar dos músculos poderosos à medida que ele caminhava, o traseiro firme e masculino nas calças amarelas apertadas.

As bochechas dela pegaram fogo. Ela girou para Laila e notou que ela estava segurando uma mão na outra. —O que houve com a sua mão? Você a queimou?

Laila corou e olhou para a mão que estava logo debaixo dos peitos. Ela deu a Ayisha um olhar sentido. —Não, e eu acho que talvez você esteja com o mesmo problema que eu.

Ayisha olhou para baixo e viu que ela mesma estava segurando a mão de forma semelhante. Ela a soltou imediatamente. —Não há nada de errado. Apenas— Ela cessou bruscamente, corando.

—Eu sei; estes ingleses— Laila ofereceu. Ela gesticulou com o queixo. —É um costume muito inquietante, o de beijar as mãos.

—Sim— Ayisha concordou fervorosamente.

—E talvez— Laila acrescentou pensativamente—tenha algo a ver com os olhos azuis deles. Eles fazem as mulheres pensarem em camas amarrotadas e noites longas, quentes...



Ela pegou Ayisha a encarando e apressadamente acrescentou—Outras mulheres, não as respeitáveis como você e eu...

Ayisha estava deitada em sua esteira-cama no pátio, embrulhada em um tapete, o gato enrolado contra ela, amassando seu braço, ronronando como um moedor de café velho. A noite estava fresca, uma brisa úmida do rio mexia o ar. Muito acima dela as estrelas luziam frias e brilhantes.

Eram as mesmas estrelas que olhavam sobre a Inglaterra? - ela se perguntou. Ela não podia estar certa. Mas a lua... a lua era a mesma no mundo inteiro.

Ali se mexeu no sono em seu catre debaixo do banco.

Quando ela estiver na Inglaterra, olhará para a lua e pensará neste lugar, nestas pessoas.

Quando ela estiver na Inglaterra... Não mais se.

Laila estava segura: ela também trabalharia para Baxter e viveria lá na casa do cozinheiro com Ali, ou teria uma casa em Alexandria. De qualquer modo ela estaria segura.

Assim como Ali. Ele já estava começando cada frase com: - Baxter disse...

O preço valia a pena, embora o futuro de Ayisha fosse menos seguro. Nenhum futuro era seguro, ela se lembrou. A enfermidade podia atingir a qualquer momento, acidentes aconteciam; tudo o que ela podia fazer era tentar.

A Inglaterra era uma terra verde e muito bonita, o pai dela havia dito. Uma terra fria onde chovia quase todos os dias, e em vários dias se podia ver apenas alguns metros à frente por causa da névoa.

A névoa era bonita, mas o fazia tossir, o pai dela havia dito. Os pulmões do pai dela eram ruins. Nascido no calor da Índia, ele não podia aguentar o frio.

Ela poderia aguentar o frio? Ela não estava certa. Ela nunca tinha sentido realmente frio, não por muito tempo. No inverno ela e Ali dormiam embolados em tapetes espessos, e nas noites claras, frias, eles dormiam ao lado do forno.

Na Inglaterra nevava. A neve era maravilhosa de acordo com o pai dela: podiam-se fazer bonecos de neve, andar em trenós e jogar bolas de neve.

Mas a mãe dela havia contado histórias de longos invernos imobilizado por neve nas montanhas da Geórgia. A neve podia congelar os dedos dos pés de tal forma que eles cairiam imediatamente, a mãe havia dito. Ayisha não estava certa se isso era verdade ou não. Nunca se poderia ter certeza com a mãe dela.

Logo, talvez, ela veria a neve por si mesma.

Tom bateu em sua mão, uma lembrança gentil de que ela havia parado de acariciá-lo. Ela sorriu e o abraçou para ela. —Você não gostará da neve na Inglaterra, Tom— ela sussurrou para o gato. —Mas nós manteremos um ao outro aquecido. — Com o gato ela não se sentiria muito só na fria e verde Inglaterra.

Não importando o que acontecesse, ela estava certa de que não existiria nenhuma noite longa e quente.



—Omar disse que não— Ali anunciou quando um empregado o admitiu à presença de Baxter. Ele havia batido tão duro na porta que havia despertado a casa inteira.

Ali continuou—Ele disse, ‘nenhuma irmã minha trabalha para um estrangeiro’. Mas na verdade é porque sem Laila ele mesmo precisará trabalhar ou passará fome. Ele é uma lesma preguiçosa, aquele Omar.

Baxter, bocejando, acenou para ele se sentar. —Bom Deus, menino, quem te disse para vir em uma hora tão ridícula?

—Você disse logo cedo— disse Ali indignado. —Então estou aqui.

Baxter perscrutou o céu matutino. O sol mal estava no alto. Ele estremeceu. —De agora em diante logo cedo significa oito horas. — Ele bocejou novamente. —Você sabe fazer café? — Ali anuiu com a cabeça. —Então me faça algum café enquanto eu me visto. Eu terei um café e então conversarei com Omar.

—Não, você não deve— Ali disse imediatamente. Ele pegou a manga de Baxter sinceramente. —Se você for lá, será... problema.

Para Laila, era a implicação.

—O único jeito de lidar com a tirania é confrontando-a— Baxter disse a ele.

Ali bufou. —Isto eu aprendi nas ruas. Mas se eu me erguer contra Omar, não serei eu que sofrerei. Quando eu for mais velho, será diferente. — Ele cerrou os punhos. —E quando eu for um homem, tirarei Laila daquele lugar.

Baxter olhou para o defensor de dez anos de idade de Laila e esfregou o queixo com a barba nascente. Ele queria conversar com Omar ou não? Ele não empreendia uma briga desnecessariamente. E quando o fazia, gostava de ganhar.

Ele tinha gostado de Laila imediatamente, mas isso era razão suficiente para tomá-la de seu irmão? Depois de apenas uma reunião? Estas coisas traziam implicações... especialmente no Oriente. Especialmente quando uma mulher estava envolvida.

—Eu preciso de me barbear e tomar café, nessa ordem— ele disse a Ali. —Então pensarei sobre isto.

A tensão foi drenada do corpo fraco de Ali. —Então você não vai conversar com Omar? — Ele pareceu aliviado mas soou desapontado.

Baxter olhou para o menino e pensou na mulher que havia encontrado na véspera. Naquele mesmo lugar ele havia gostado dela. Ele tinha tomado a decisão imediata de empregá-la. Seus instintos nunca o desapontaram. Ele se decidiu. —Eu não te pedi para fazer café?

—Mas— Ali começou.

Baxter apontou para a cozinha. —Vá! E desperte Jamil e diga a ele para vir aqui.

Mas quando Jamil veio, não foi para barbear Baxter, mas para entregar uma mensagem para uma mulher na parte mais pobre da cidade...



Algumas horas mais tarde Jamil murmurou algo na orelha de Baxter e Baxter enviou Ali em incumbência para comprar um pouco de fruta no mercado. No momento em que Ali saiu Jamil trouxe uma mulher pela entrada dos fundos, sua identidade envolta e escondida.

—Então, Laila, seu irmão disse que não— Baxter disse quando ela se acomodou. —Você agora tem uma escolha - se ainda desejar vir trabalhar para mim.

—Uma escolha? — Ela soltou o véu. Os olhos líquidos e escuros o examinaram.

Baxter prendeu a respiração. Ela era adorável. A pele era lisa e cremosa. Os lábios cheios, erguendo um pouco do inchado em um canto.

Não era uma mulher jovem e, ao olhar para a contusão no lábio inchado, nem uma para qual confiança viria facilmente, ele pensou.

Mas havia uma certeza sobre o olhar firme dela, como se ela se aceitasse como era. Ele gostava disso em uma mulher.

—Há um modo, mas você terá que confiar em mim— ele disse.

Ela deu a ele um olhar direto. —Eu tive poucas razões para confiar nos homens na minha vida. Mas me conte o seu plano.

Ele disse a ela e os olhos dela estreitaram. —Por que você faria isto? Nem me conhece.

Ele encolheu os ombros. —Simples. Gosto dos meus confortos, e gosto de você. E confio nos meus instintos sobre as pessoas. Mas depende de você. Pense nisso e me deixe saber a sua decisão.

—Tome isto e faça compras— Rafe disse a Ayisha quando ele a chamou na manhã seguinte. Ele a deu uma bolsa. —Compre o que quer que precise para a jornada. — Ele deu uma olhada rápida para a roupa dela. —Poderia ser mais fácil se você vestisse aquelas roupas na jornada para Alexandria - iremos a cavalo e então desceremos um rio a barco. Mas você precisará embarcar no navio como mulher.

Os olhos dela relampejaram - ele a estava forçando muito, ele sabia - mas tudo o que ela disse foi—há qualquer coisa especial que eu deva comprar?

—Eu não sei - vestidos, meia-calças, roupa íntima, sapatos, xales, chapéus - esse tipo de coisa. — O que ele sabia sobre as coisas que as mulheres precisavam? —Não economize centavos, compre o que você achar que pode precisar. Leve Laila com você.

—Laila está ocupada— ela disse a ele.

—Seria melhor se você conseguisse levá-la— Rafe disse a ela. —Há muito para fazer. Deixaremos Alexandria em alguns dias.

Ela tomou a bolsa. Para uma mulher para qual foi dada carta branca para comprar o que desejasse, ela parecia completamente miserável, mas ele não podia evitar.



Pouco depois Baxter bateu à porta de Omar. Ele fez uma breve visita ao seu lugar de negócios a caminho e chamou por um homem jovem e magro curvado sobre uma pilha de documentos. —Ben— ele chamou. —Quero que você venha comigo. Traga papel, caneta e tinta.

Ele teve que bater duas vezes na porta de Omar. Enquanto eles esperavam, Baxter fungou o ar. —Que cheiro é esse? Há uma padaria aqui perto. Traga pão fresco, Ali. Faremos um café da manhã adequado depois disso. — Ele jogou uma moeda para ele.

Ali olhou para a moeda em dúvida. —Mas esse é o pão da Laila— ele disse. —Você não precisa pagar.

—O pão da Laila? Claro. Eu tinha me esquecido que ela é uma padeira.

—O pão é muito bom— Ali disse a ele. —Vende muito depressa.

—Então corra e compre para mim antes que acabe— Baxter disse a ele. —Eu quero esse pão porque parece muito bom. — Ali encolheu os ombros e virou a esquina.

A porta foi finalmente aberta pelo próprio Omar. Ele tinha a idade próxima a de Baxter, um homem rechonchudo com lábios espessos, pança e cabelo ralo. Ele perscrutou indistintamente as visitas e arranhou a barriga. —O que é? —A roupa estava amarrotada como se ele estivesse dormindo até a pouco.

Baxter se apresentou, andou para o lado de dentro e repetiu sua oferta de emprego à Laila. Ele esboçou cuidadosamente as condições do emprego.

Omar riu silenciosamente quando ele terminou. —É disso que você chama, é? Manter uma mulher na casa? Descobri tudo sobre você. Um viúvo, não é? Acha que eu não sei o que você quer da minha irmã?

—Você está enganado— Baxter disse friamente. —É uma oferta justa e honrada que eu faço; sua irmã é uma mulher respeitável.

—Ela é— Omar disse. —Por isso é que eu digo não. A função da Laila é com sua família.

—A família dela sendo você? — Baxter perguntou.

—Eu sou o cabeça da família. Eu decido o que a minha irmã faz.

O olhar de Omar deslizou sobre Baxter como óleo, assistindo o tecido rico de suas batas, pausando no anel de sinete de ouro em seu dedo.

Medindo-o, Baxter pensou. Ele esperava pela oferta que sabia que viria.

Omar deu uma olhada rápida para Ben que estava submisso e mudo ao lado da porta. — Quem é esse?

Baxter encolheu os ombros. —Apenas um de meus balconistas.

Omar olhou conspiradoramente ao redor, se debruçou adiante, e murmurou—Por um preço, eu poderia reconsiderar. — A respiração dele fedia.

—Deixe-me colocar isso bem claro— Baxter disse. —Pelo preço certo, você me permitirá corromper a sua irmã?

Omar encolheu os ombros. —Se o preço for o certo.

Naquele momento, Laila entrou dos fundos da casa. Os olhos voaram para Baxter, então para Omar, e então de volta para Baxter.

—O que está acontecendo aqui? — Ela perguntou. Como se não soubesse.

—Fora, mulher, isto é negócio de homem— Omar retrucou.



Ela partiu com dignidade quieta.

—Você sabe ler? — Baxter perguntou a Omar.

—Claro— Omar disse com um certo desafio.

Baxter retirou um bloco e lápis, sentou cruzando as pernas na mesa baixa no meio do cômodo e rapidamente encheu a página com árabe fluido. Quando ele terminou, deu a página para seu assistente, Ben. —Arrume isto. Duas cópias— ele disse. —E me dê a bolsa.

Ben se sentou, puxou uma bolsa de couro, tinta e papel de uma maleta que trazia, deu a bolsa para Baxter e começou rapidamente a copiar.

Enquanto a caneta de Ben voava, Baxter começou a contar o dinheiro. Ele o fez lenta e deliberadamente, tomando cuidado com Omar pelo canto do olho.

Omar, que assistia a escrita limpa e rápida de Ben com um ar divertido, ficou imediatamente distraído. Os olhos inchavam enquanto a pilha crescia. Ele se sentou, a boca cheia d'água, assistindo avidamente. As mãos tiveram um espasmo.

Baxter terminou de contar e fixou a pilha no centro da mesa. —Isto é o suficiente?

Omar anuiu avidamente com a cabeça. Esticou a mão, mas a mão de Baxter disparou e agarrou-o pelo pulso, tão duro que Omar estremeceu.

—Não ainda— Baxter disse com a voz dura. —Você deve primeiro assinar o acordo no qual me dará a sua irmã em troca desta soma de dinheiro.

Omar pegou a caneta e rabiscou o próprio nome, apenas deu uma olhada rápida no papel.

A mão rastejou na direção do dinheiro.

—Assine a outra cópia— Baxter ordenou.

Omar assinou. Baxter assinou cada documento e o deu para Ben, que também assinou, então selou cada um com cera de lacre vermelha.

Ele deu uma cópia para Baxter e a outra para Omar. —Tome isto.

Omar se ocupou com o dinheiro, encheu a bolsa de pano esfarrapado e a enfiou na camisa antes que Baxter tivesse a chance de mudar de ideia.

Baxter se ergueu e foi para a porta dos fundos. —Laila— ele disse. —Faça as suas malas, você vai comigo.

Ela não se moveu. —Omar disse sim?

Baxter anuiu com a cabeça. —Ele disse sim.

Ela deu uma olhada rápida para Omar, de pé atrás dele, e os olhos dela estreitaram. —Quanto ele pediu? — Ela perguntou a Baxter com a voz baixa. —E o que ele prometeu?

—Não o que ele imaginou— Baxter disse suavemente, e ela olhou fixamente para o irmão.

Omar estava lendo o documento, calado, os lábios se movendo lentamente. Ele olhou para cima, uma expressão chocada no rosto. —*O preço da noiva?* Esse é um contrato de casamento?

—*Casamento?* — Laila ofegou.

Baxter deu uma olhada rápida para Laila e encolheu os ombros. —Ele estava preparado para te vender, mas eu não compro pessoas. Um contrato de casamento, por outro lado, é uma promessa legal e uma troca de dinheiro é bastante aceitável. Porém, a decisão é completamente com você. É uma alternativa prática, isto é tudo.



Laila olhou fixamente para ele, atordoada. —Mas isto não foi o que concordamos. Você nem mesmo me conhece— ela sussurrou.

Novamente ele encolheu os ombros. —Eu confiei nos meus instintos a minha vida toda. E a sua mensagem disse que você confiaria em mim para fazer o que fosse necessário. — Ele sorriu. — Confiança gera confiança.

—Gera? — Omar zombou. —Ela é estéril.

—É verdade. — Ela deu a Baxter um olhar longo, avaliativo. —Você está certo disso, lorde?

Ele sorriu. —Você pode me chamar de Johnny. Ou Jamil se preferir.

—Eu gosto de Johnny— ela disse. Os olhos dela estavam brilhando.

—Seria apenas um acordo prático— ele a lembrou cuidadosamente. —Sem coração e flores.

—Coração e flores? — Ela parecia perplexa, e ele se recordou de que ela provavelmente não tinha nenhum conceito de amor romântico. Aqui eles entendiam acordos práticos.

—É prático— ele repetiu. —Uma solução para as nossas necessidades.

—Prático. — Ela anuiu com a cabeça. —Sim, eu irei.

—Mas eu não concordei com casamento— Omar explodiu.

—Você concordou, e por escrito, assinou, está testemunhado e selado. — Baxter bateu levemente dentro do bolso onde sua cópia estava. —Laila virá comigo agora. O resto é com ela.

—Agora? Mas quem fará o meu café da manhã? — Omar murmurou.

—Pague a alguém— Baxter disse a ela. —E se você colocar um dedo na Laila novamente, ou se até mesmo chegar perto dela sem seu convite... — Ele pausou para deixar a mensagem cair. — Eu te arrebentarei completamente.

—Baxter tomou a Laila!— Ali gritou para Ayisha e Rafe. Ayisha tido ido à casa dele para retornar a mudança de sua expedição de compras.

—O que você quer dizer com Baxter tomou a Laila? — Ela exigiu.

Ali explicou excitadamente.

Ayisha não podia acreditar em seus ouvidos. —Ele ofereceu *casamento* a ela?

—Sim, ele disse que é prático, e eu acho também porque se eles forem casados, Omar não poderá tocar na Laila. Mas Baxter o fez assinar um documento por escrito com uma cera vermelha, então talvez seja o suficiente. Laila pegou tudo dela, seu e meu e levou para a casa do Baxter.

—E o meu gato?

—O gato também. Baxter gosta de gatos. Laila não esqueceu nada. Ela até tomou a bolsa detrás do tijolo no forno.

Ayisha estava atordoada. —Nós vamos viver na casa do Baxter agora? Não mais na do Omar?

—Sim, é muito bom, não é? — Ali se apressou—Laila foi com Baxter, mas ela ainda não disse que se casará com ele. Eu não sei o porquê. Eu gosto de Baxter. E ele é rico. Se ela se casar com o Baxter isso nos fará rico? Seria bom ser rico. Você acha que ela se casará com o Baxter? E se ela o fizer o que isso fará comigo? Se ela é a minha mãe de criação, ele será o meu pai de criação? Ele



disse que todos nós viveremos com ele. Ele disse a Laila para levar tudo o que ela quisesse, então nós pegamos tudo e agora vamos viver no Baxter—Laila, eu e você. Você acha que isso quer dizer que eu dormirei do lado de dentro hoje à noite? Em uma cama, uma cama de verdade?

Ayisha riu da torrente ávida de perguntas. —Eu não sei o que acontecerá, mas sim, acho que hoje à noite você dormirá dentro de uma cama de verdade. Assim como eu.

E isso mostrava que Laila e Ali estavam seguros, ela pensou. O que queria dizer...

—O que é tudo isso? — Uma voz profunda disse da entrada. —Eu ouvi os nomes de Baxter e da Laila serem mencionados.

Ayisha explicou o que havia acontecido. A excitação lentamente drenou dela enquanto a consequência do movimento de Laila ficou clara. No olhar azul e implacável de Rafe ela viu que ele sabia também.

Ela não tinha mais desculpa para demorar. Seu tempo no Egito estava no fim.

Capítulo Nove

—Ele enviou Higgins para Alexandria para registrar a passagem em um navio e dizer que nós iremos daqui a dois dias. Dois dias, Laila. O que eu farei?

Laila a abraçou. —Você seguirá seu destino, criança, assim como eu sigo o meu. — Elas estavam sentadas com as pernas cruzadas na posição de lótus, encarando uma a outra em uma cama baixa e larga na sala do antigo cozinheiro. Comparada à casa de Laila, era luxo.

—Você realmente se casará com Baxter? — Ayisha perguntou a ela. O quarto cheirava a sabão e raio de sol; Laila havia esfregado o lugar, lavado toda a roupa de cama e as secado ao sol.

—Claro. — Laila sorriu. —Mas não ainda.

—Porque ele é rico?

Laila agitou a cabeça. —Rico é muito bom, mas uma mulher rica pode ser tão feliz ou infeliz quanto uma mulher pobre. O dinheiro traz conforto, isto é tudo. — Ela olhou o quarto e bateu levemente na coberta luxuosa da cama. —Eu já tenho conforto aqui. E se o seu inglês me der uma casa—

—Ele irá— Ayisha disse com certeza.

Laila sorriu. —Então eu não sou mais uma mulher pobre, e posso escolher.

—Por que casar com Baxter, então? Você nem mesmo o conhece.

Laila encolheu os ombros. —Eu casei com o meu ex-marido sem nem ao menos encontrá-lo.

—Então é isso o que você vai esperar? Vai conhecer Baxter melhor?

Laila agitou a cabeça e deu um sorriso sentido. —O casamento é sempre um jogo. Você não sabe até que já está nele. Você só tem que fechar os olhos, rezar e saltar - e então fazer o seu melhor para ser feliz.

Ayisha suspirou. Um pulo de fé. Era exatamente como ela se sentia ao sair com um estranho alto e sombrio com olhos azuis, muito azuis. Se ela não fosse cuidadosa, ela estaria... perdida.

—Se isto é verdade, por que esperar?



Um sorriso lento, feminino cresceu no rosto de Laila. —A espera é para Baxter, não para mim— ela disse suavemente.

—Eu não entendo. Você sabe que ele te quer. Ele te propôs.

—Sim, e ele disse ‘acordos práticos’ e ‘conveniência’. — Laila bufou.

—E não é?

—Oh, sim, mas isto não é tudo. — Ela sorriu para si mesma. —Uma mulher sabe quando um homem a quer.

—Como ela sabe? — Ayisha perguntou. — Como?

O rosto de Laila suavizou. —Ah, você está pensando no seu inglês, pequena. Eu não posso te dizer a resposta; é algo que toda mulher deve aprender por si mesma.

—É? — Ayisha disse com a voz neutra.

Laila riu. —Ah, é isso que te assusta, é? Você teme dar a ele seu coração e ele o quebre, é?

Ela tomou a mão de Ayisha. —Esse é o nosso destino, como mulheres. Não podemos evitar e amamos, às vezes machuca... machuca tanto. — Os olhos dela ficaram distantes, e Ayisha soube que Laila estava pensando em seu antigo marido. Como deve ter doído a Laila divorciada de um marido que amava por algo que ela não podia evitar. Jogando sal no ferimento da esterilidade.

—Mas— Laila se iluminou e disse vivamente—justamente quando você pensa que viverá sua vida como uma idosa completamente seca, vem um homem com um olhar azul malvado que faz o coração bater mais rápido.

Ayisha não pôde evitar e sorriu com a franqueza na voz de Laila. —Então quando você se casará com ele?

Laila deu um sorriso profundo, um sorriso feminino. —Assim que o Sr. Johnny Baxter entender por que ele me pediu em casamento.

Ayisha fez uma carranca. —E se você estiver errada? E se para ele for apenas um acordo prático?

Laila deu a ela um olhar de mulher-para-mulher. —Um homem rico pode ter qualquer mulher que desejar. Ou qualquer cozinheira, se for o que quer. E Johnny sabe a minha posição. Eu deixei muito claro para ele no primeiro dia que sou uma mulher virtuosa e não tolero tolices.

Laila fez uma careta. —Então a solução dele foi levar um balconista até a casa do meu irmão? Dar a Omar uma grande soma de dinheiro e o enganar e assinar um contrato de casamento? Eu acho que não. — Os olhos dela cintilaram com poder feminino.

—No primeiro dia, no momento em que os nossos olhos se encontraram, eu senti algo. Ele também, eu podia dizer. E quando ele tocou a minha mão... ooooh!— Ela acenou com a mão como um leque para abanar o rosto.

—Então, quando o Sr. Johnny Baxter entender por que ele fez o que fez, eu me casarei com ele. Até lá, não fará mal nenhum esperar. A espera faz um homem mais... apreciativo. — E ela sorriu de um modo que a mente de Ayisha se lembrou do que ela pensava como “a conversa do garanhão”.

As palavras de Laila naquele dia e as imagens que surgiram na mente queimaram fundo na consciência de Ayisha.



Ela não podia se libertar da imagem de Rafe Ramsey montando duro entre suas coxas... Ela ainda podia sentir seu corpo deitado sobre o dela, os quadris prendendo entre suas coxas duras, o cheiro varonil e de limpo dele.

E então montando a cavalo de volta do rio com ele, quente, suado e com sangue nas mãos, os braços ao redor da cintura dele, escutando a batida do coração através da camisa.

Ayisha estremeceu ao pensar nisto.

Laila sorriu e bateu levemente na mão dela. —Eu sei, há algo nestes homens de olhos azuis. — Ela ficou muda por um longo momento e então disse—Você acha que o meu inglês tem calças apertadas e botas longas como o seu inglês tem? Eu daria tudo para ver o meu Johnny nessas roupas.

Na noite anterior à partida, Rafe buscou Laila em seu novo domínio e a achou cozinhando um banquete em preparação ao jantar de despedida de Ayisha. Um pequeno exército de lacaios humildemente picava e batia legumes descascados sob sua supervisão.

Depois de uma troca de gentilezas e o café obrigatório e algo para comer, ele foi ao assunto em mente.

—Você vai se casar com Baxter, creio. Parabéns.

—Talvez eu me case com ele. — Ela franziu os lábios de forma travessa. —Ainda não me decidi.

A despreocupação dela o surpreendeu. Baxter era um bom partido. Ainda assim, não era da conta dele. Ele disse—Você ficará só, acho, sem Ayisha.

—Ela é a filha do meu coração— Laila confirmou —e eu sentirei muita falta dela. Mas será bom porque ela vai para a avó. Aquela garota precisa de uma família. — Ela o olhou nitidamente. —A avó dela talvez achará um bom homem para ela se casar?

—É bastante provável— Rafe disse repressivamente. —Vim te dizer que a casa em Alexandria é sua. — Ele deu o documento a ela. —No seu nome e no de Ali.

Ela enxugou as mãos cuidadosamente e tomou o documento como se fosse algo frágil e não bastante real. Os olhos estavam úmidos. —Obrigada, Rameses; você é um homem de honra e eu rezarei por você todos os dias da minha vida. — Ela piscou e acrescentou—E pela sua esposa, também.

Os lábios de Rafe tiveram um espasmo. Ela nunca desistia.

Ele foi dizer a Baxter que eles saíam ao nascer do sol. Ele pausou, então disse—será que há um casamento não muito distante?

A boca de Baxter trançou em um sorriso sardônico. —Há um contrato de casamento. Laila não me aceitou realmente... ainda.

—Eu fico surpreso— disse Rafe francamente. —Eu teria pensado que ela saltaria de felicidade. A maioria das mulheres iria.

—Essa é a parte interessante— Baxter disse. —Ela não o fez. Acho que ela deseja mais.

—Mais? Bom Deus.



—Ultrajante, eu sei— Baxter disse secamente. —Mas não é sobre dinheiro. Eu acho que ela quer um namoro.

Para um homem que fez uma oferta surpreendente, e não foi exatamente rejeitado, Baxter estava levando isto incrivelmente bem, Rafe pensou. Ele parecia quase orgulhoso da relutância de Laila em aceitá-lo.

E ele deveria, Rafe percebeu de repente; se ela se casasse eventualmente com Baxter, ele saberia que não era por causa do dinheiro ou de sua posição.

E embora Baxter abertamente reiterasse que era apenas um acordo prático, ainda assim, seria agradável sentir que era desejado por si mesmo, não apenas pelo dinheiro.

Ou a relação com um conde. E a habilidade presumida de criar um herdeiro, ele pensou.

Ele trouxe os pensamentos de volta a Baxter. —Uma decisão rápida da sua parte, não foi?

Baxter encolheu os ombros. —Eu fiz a maior parte das escolhas importantes da minha vida depressa e guiado pelo instinto. Nunca me desapontou - na maioria das vezes. — Ele sorriu amplamente para Rafe. —Tenho que te dizer, Ramsey, pensei que você seria um incômodo maldito assim que chegou aqui.

Rafe ergueu uma sobrancelha. —Maldição, pensei que estava fazendo o meu melhor para virar a sua vida de cabeça para baixo. Diga-me, onde eu errei?

Baxter riu. —Bem, você trouxe uma certa quantia de tumulto, mas eu gosto disto. Quando você veio aqui pela primeira vez este lugar era como um mausoléu. Quando meu cozinheiro partiu e toda a família dele se foi, também, suas duas esposas e uma horda de crianças e todo tipo de parentes. Percebi que sentia falta deles. Agora, com Laila e Ali - e não tenho nenhuma dúvida de que Laila trará mais órfãos da rua - haverá um pouco de vida aqui novamente.

Rafe deu um sorriso. —Você é um bom homem, Baxter, e estou contente por ter te encontrado. Se você algum dia visitar a Inglaterra novamente, venha e fique na minha casa. Você será mais do que bem-vindo. — Ele estendeu a mão e os dois homens apertaram as mãos.

Logo depois do amanhecer Rafe chegou à casa de Baxter a cavalo, levando uma égua para Ayisha montar. Atrás dele vinha dois homens locais também a cavalo e uma mula carregada com bagagem.

—Cavalos? — Ayisha disse surpresa enquanto deixava a casa.

—Nós montaremos até Boulac— ele disse a ela. —Não é longe, e de lá tomaremos um barco para descer o Nilo.

Os outros a haviam seguido para fora para dar a ela seu adeus final: Laila, Ali, Baxter e os empregados. Até mesmo o gato.

Todo mundo estava um pouco com os olhos pesados do banquete na noite anterior; Laila deu a Ayisha um maravilhoso bota-fora, com montes de comida deliciosa. Posteriormente eles se sentaram ao redor de um fogo no pátio, sob as estrelas, recordando de tempos passados e contando histórias, cantando e tocando música, e no caso de Laila, dançando. Tinha sido uma noite de risos e lágrimas.



Nesta manhã Ayisha era toda alegria e brilho, determinada. Falsificando corajosamente seus sentimentos, Rafe pensou, notando que os olhos tinham as bordas vermelhas.

Ela ainda estava vestida como um menino, mas tinha vestido a roupa especialmente para a jornada: batas beduínas e um pano para a cabeça firmado com uma corda nodosa em torno da coroa em vez de um turbante. Perfeito para montar pelo que ele via.

—Você está com as suas coisas? — Rafe perguntou a Ayisha. O contraste entre sua maneira animada e os olhos ligeiramente inchados o corroia.

Ela expôs um pacote pequeno e o deu para um dos guias que o acrescentaram à bagagem.

—Bem— ela disse em uma voz que tremeu apenas um pouco. —Suponho que é hora do adeus.

Ela abraçou e beijou primeiro Baxter, então Ali mostrou seu ar juvenil de desafio e sufocou de volta um soluço.

—Seja bom, irmãozinho, e venha para mim na Inglaterra quando for um homem— ela disse com a voz cascuda. —E pratique a sua escrita e envie cartas para mim frequentemente, sentirei sua falta.

—Eu irei— ele prometeu.

Laila foi a última; as duas mulheres se abraçaram em um abraço longo, convulsivo. Laila chorou abertamente.

Ayisha foi a primeira a se afastar. —Não tema por mim, Laila. Eu busco meu destino, lembra? Eu comerei até o bagaço da laranja doce da vida. E obrigada, obrigada por tudo. — A voz dela quebrou, e ela apertou os lábios juntos, incapaz de continuar.

Laila enxugou uma lágrima com um canto da bata. —Lembre-se sempre de que você é a filha do meu coração, e muito - muito - amada.

Ayisha anuiu com a cabeça, incapaz de falar. Ela se curvou, ergueu o gato, enterrou o rosto na pele dele e então o deslizou em suas batas. Fechando a bata ao redor dele ela caminhou em direção ao cavalo.

—O que você está fazendo? — Rafe disse. —Você não pode levar o gato.

Ela olhou fixamente para ele em confusão cega. —Por que não? — Os braços dela apertaram defensivamente em torno do gato. —Ele é o meu gato.

Rafe deu uma olhada rápida para os outros. —É uma jornada longa e difícil.

—Tom é forte. Ele pode sobreviver a qualquer coisa.

—Ele pode viajar em uma gaiola? — Ele perguntou. —Ele podia permanecer trancado? — O animal sempre tinha parecido meio selvagem para ele.

Silêncio. A cabeça dela estava curvada sobre o gato.

—Porque o navio exigirá que ele seja mantido em uma gaiola por muito tempo. E também quando estivermos viajando em uma carruagem. — Ele deu uma olhada rápida para os cavalos. — Nós passaremos horas nestes cavalos hoje e então entraremos em um barco no rio. Ele ficará todo esse tempo na sua bata?

Todos sabiam a resposta. O lábio inferior dela estava tremendo. Ela o mordeu, era duro o suficiente para fazer Rafe estremecer. O gato subiu de sua bata e botou as patas em seu ombro, acariciando seu queixo com a cabeça. Rafe podia ouvir seu ronronar.



—Ele é um gato velho, Ayisha— Rafe disse suavemente. —Gatos velhos não gostam de mudança.

Ela enterrou o rosto em sua pele assim ele não podia ver sua expressão. O gato amassou seu ombro, olhando fixamente para Rafe com uma expressão funesta, como se soubesse que ele esteve levando sua ama. O rabo, com a ponta perdida, teve um espasmo.

—Ele está certo, minha filha— Laila disse suavemente. —O gato é muito velho para mudar seus modos.

—Dê-o para Ali— Rafe disse a ela. Ele anuiu com a cabeça para Ali.

Ali correu adiante e estendeu as mãos ao alto para o gato. —Eu cuidarei bem dele, Ayisha, prometo.

Ayisha ergueu a cabeça. —Claro que eu sabia que ele não poderia ir comigo— ela disse com uma tentativa vazia de se iluminar. —Acabei de dizer adeus para ele. Ele é - ele era o meu amigo mais antigo. — Com lábios juntos em um sorriso coxo Ayisha deu seu gato e sem uma palavra adicional, girou e montou seu cavalo de forma flexível, sem precisar de nenhuma ajuda.

Rafe montou seu próprio cavalo. —Pronta? — Ele perguntou a ela.

Ela anuiu com a cabeça, incapaz de falar.

—Adeus, adeus— os outros gritaram.

Ela acenou de volta, sorrindo, os olhos cegos com lágrimas. Ali correu ao lado dos cavalos, o gato tendo saltado de seus braços até o topo do muro. Se sentou, enquanto sua ama desaparecia, assistindo-a com olhos dourados.

Dois minutos longe da casa, assim que Ayisha tinha conseguido manter as lágrimas sob controle, eles passaram por um homem vestido de preto parecendo empoeirado, o rosto contundido de uma surra recente. Ele olhou fixamente para Ayisha, o queixo caiu e os olhos estreitaram com fúria sombria.

—Por Deus, é aquele vilão do rio. — Rafe foi adiante.

Ela ergueu uma mão para pará-lo. —Não, deixe para lá. Eu lidarei com isto. — Em árabe, Ayisha gritou para ele. —Tio de Gadi, saudações. Espero que suas dores e ardores sejam realmente terríveis. E que fiquem piores! Como pode ver, estou partindo com o inglês. Ele tem muito ouro. Você não terá nenhum. Minha mãe te amaldiçoou em seu suspiro agonizante. E isso é tudo o que você merece.

Ele a amaldiçoou e ergueu um punho, então deu uma olhada rápida para o inglês.

Ela riu. —Ainda é um covarde, não? Você me perguntou uma vez como eu escapei de você naquela noite. — Ela pausou até que eles quase haviam passado dele. —Eu estava debaixo da cama o tempo todo, logo debaixo do seu nariz, apenas isso dos seus pés. — Ela estendeu as mãos separadas em quinze centímetros. —E sabe do que mais, tio do Gadi? Seus pés fedem!

As lágrimas desapareceram. Ela chutou o cavalo em um galope, gritando de volta para Rafe — Aposto corrida até Boulac, inglês!



Os ventos estavam bons e eles foram rápido até Rosetta. Eles não desembarcaram lá, como muitos fizeram, em vez de fazer a pequena viagem para Alexandria por terra, via lagos, eles tomaram a rota mais longa via mar. Rafe falou com o capitão, que disse a ele que não era um bom tempo para se passar por Alexandria, melhor se dirigir para o porto. Como eles ainda tinham bastante tempo para embarcar no navio Rafe concordou.

Ayisha tinha o rosto malicioso quando ele disse a ela sobre a mudança de planos. —O tempo não está bom uma ova— ela disse. —Você só concordou depois que ouviu que não havia nenhum cavalo para contratar e teria que montar em um burro de Rosetta até Etká e novamente para o Lago de Akoubir e até Alexandria. Eu sei!

Ele sorriu amplamente. —Bom, as minhas pernas são muito longas para montar um burro. Pareceria ridículo. E eu me sentiria um monstro.

Nos dias desde que eles tinham deixado o Cairo ela havia se alegrado bastante. Ela parecia apreciar a viagem, assinalando coisas interessantes e estranhas curiosidades, e parecia alegre e positiva, mas Rafe sabia muito bem que era um ato.

Sempre que ela pensava não estar sendo notada, sua expressão brilhante enfraquecia, e várias vezes ele a havia pegado assistindo a terra com olhos cegos. Algo a estava preocupando, e não era apenas ir para uma terra estranha - mas Deus sabia que isso era intimidante o suficiente.

—Sua avó ficará tão encantada em te ver— ele disse a ela uma vez.

—Sim, estou certa de que ela ficará— ela disse educadamente, soando qualquer coisa exceto certa. —E eu, com ela.

—Higgins vai procurar uma cabine só para você— ele disse a ela outra hora, pensando que ela poderia estar apreensiva sobre a viagem. —Dependerá dos outros passageiros— ele explicou. —Você poderá ter que compartilhar uma cabine.

Ela olhou para ele com uma expressão estranha.

—Com outra lady, possivelmente várias ladies— ele acrescentou apressadamente, e ela riu.

Finalmente, eles abordaram a antiga cidade de Alexandria pelo mar e velejaram ao redor dela para o porto ocidental, onde o navio os esperava. Rafe, teria chegado um pouco mais cedo, assinalando os lugares locais de interesse: a Ilha de Pharos¹⁸, onde o antigo farol de Pharos, uma das sete maravilhas do mundo, uma vez tinha estado de pé e que era agora ocupado por uma volumosa fortaleza do século décimo quinto. Havia vários monumentos romanos permanecendo, inclusive o Pilar de Pompeia¹⁹, e entre os edifícios eles viram a ponta da Agulha de Cleópatra²⁰ apontando para cima, para o céu.

—E há Higgins, aguardando a nossa chegada— Rafe observou, vendo a figura de seu camareiro acenando freneticamente com um pequeno grupo de carregadores.

¹⁸ A ilha de Pharos no Egito Antigo possuía dois ícones importantíssimos: o Farol de Alexandria e a Biblioteca de Alexandria que representavam os alicerces da civilização. Os arquétipos do Idealismo e do Fluxo de Energia.

¹⁹ Pilar de Pompeia – em Alexandria (Egito), é um grande pilar de granito cor de rosa, encontra-se nas ruínas do templo de Serapiun. Tal pilar foi dedicado em 297 d.C. ao imperador Diocleciano, por sua vitória sobre o cristão Aquiles que havia requerido o título de imperador.

²⁰ A Agulha de Cleópatra – é um obelisco que simboliza o pênis do deus Sol egípcio, Osíris. De acordo com a lenda, depois que Osíris foi cortado em pedaços pelo seu rival, Set, a Rainha Ísis achou todos os pedaços dele, exceto o pênis.



— Excelente contagem de tempo, lorde— Higgins disse, dirigindo os carregadores para a bagagem. Ele girou para Ayisha enquanto os conduzia em direção ao navio. —Senhorita Cleeve, apreciou a jornada?

—Tem sido fascinante, obrigada, Higgins— ela disse. —Mas, por favor, me chame de Ayisha.

—Senhorita Ayisha— Higgins concordou com um olhar rápido para Rafe. Rafe anuiu com a cabeça. Higgins seria o melhor para ensinar a Ayisha como conversar com empregados. Ele estava certo de que ela não o escutaria também.

—Eu não consegui uma cabine única para você, senhorita— ele disse enquanto os guiava para a prancha. —Havia apenas três cabines ainda disponíveis: duas cabines de homem e uma de uma lady. Eu poderia obter um dos camarotes para o Sr. Rafe mas apenas porque—

—A senhorita Ayisha tomará o camarote— Rafe disse a ele. —Eu tomarei a cabine dela.

—A Sra. Ferris não vai gostar disso, lorde— Higgins disse.

—Mas quem raio é a Sra. Ferris?

—A lady cuja cabine a senhorita Ayisha compartilhará. Era a única cabine disponível.

—Será agradável ter outra lady para conversar— Ayisha disse placidamente. —Por favor, Higgins, você poderia me mostrar o caminho?

—Claro, senhorita, estamos todo no mesmo convés. Há apenas vinte passageiros. — Ele dirigiu Ayisha em direção aos degraus.

—Higgins, quando o navio parte? — Rafe disse, sem se mover.

—Em duas horas, lorde— Higgins respondeu. —A maré mudará então e o navio partirá.

—Excelente— Rafe disse. —Duas horas serão o bastante, estou certo.

—Bastante para que— Higgins girou, mas Rafe estava a meio caminho passagem abaixo. Ele gritou algo atrás de Rafe, mas o vento estava alto e Rafe não o ouviu. Os passos largos e longos o levavam em direção à cidade. Ele sabia exatamente o que procurava, e sabia até a palavra em árabe para isto.

—Lorde, lorde, o capitão está dependendo do vento e das marés— Higgins berrou. —E se ele sair antes? — Ele começou a segui-lo, mas seu mestre já estava quase na entrada da cidade.

—Ele sempre faz isto. — Higgins girou o rosto sombrio para Ayisha. —Alguma ideia de última hora. E se ele perder o navio, hein? Como ficaremos?

—Jogaremos uma moeda pelo camarote? — Ayisha sugeriu com um sorriso.

Higgins pareceu intimidado. —Oh não, senhorita, você teria que tomá-lo. Eu não poderia.

Ele olhou o traje dela e então disse timidamente—Porém, senhorita, já que o Sr. Ramsey deu algum tempo para si mesmo, posso sugerir que a senhorita use a cabine para mudar de roupa? Poderia ser melhor se a Sra. Ferris não a visse vestida como um menino árabe.

Ayisha deu uma olhada rápida para o próprio traje. —Suponho que sim. — Ela não estava particularmente ansiosamente para ser transformada em uma lady.

—Excelente, aqui está a chave para a cabine do Sr. Ramsey. O número está na etiqueta. É a melhor das cabines - os quartos privados do dono, e no mesmo nível que o seu. Irei buscar a sua bagagem e a encontrarei lá, senhorita. Oh - e eu pedirei para enviar o banho, também.



Capítulo Dez

Ayisha não queria se mover. Quando Higgins disse banho, ela tinha esperado um balde com água - era como ela tinha se lavado nos últimos seis anos, com exceção dos dias quando eles se banhavam no rio de bata.

Esse era um banho de banheira, grande o suficiente para se sentar - um regalo inesperado. E a água morna, muito melhor. Mas o sabão... ela fungou novamente. Ali disse que tinha cheiro bom o suficiente para comer, mas esse não era o mesmo cheiro. Este tinha cheiro de... jasmim? E qualquer outra coisa. Ela deveria perguntar a Higgins.

Mas as pontas dos dedos estavam ficando enrugadas, prova de que ela já tinha ficado muito tempo. Ela pegou um pouco mais de água, se levantou e enxaguou o sabão do corpo, cabelo e tudo. E saiu do banho com a sensação de limpa e - ela cheirou a pele - deliciosa.

Higgins tinha pensado em tudo; havia até toalhas. Ela envolveu o cabelo com uma e se secou com a outra.

O camarote era uma cabine superior projetada muito engenhosamente, com uma cama grande o suficiente para dois em um canto com gavetas embaixo. O lado aberto da cama era fechada por uma barra, como uma cama de criança para prevenir que as pessoas não caíssem com o tempo feio, ela supôs.

Tudo era feito de forma a prevenir o movimento no caso da tempestade; uma escrivaninha pequena com uma mesa baixa ao lado da parede e com vários ganchos para as cadeiras agarradas, para serem tiradas quando necessário.

A cabine era bastante luxuosa e tinha até um quarto separado, além de um minúsculo lavatório, e próximo a ele um vaso sanitário Bramah²¹ com água salgada.

—Tudo do mais moderno e conveniente— Higgins declarou orgulhosamente, obviamente um pouco desapontado pelo mestre não estar presente para ficar impressionado, também.

Era a melhor cabine no navio, Higgins explicou. Tinha sido feita para o dono do navio e sua esposa quando eles viajaram e não estava normalmente disponível para passageiros, Higgins disse a ela, com um olhar satisfeito consigo mesmo. Ele tinha feito bem em pegá-lo.

O forro de madeira da cabine era pintado de branco, e havia dobradiças de metal e maçanetas e uma luminária a óleo pendurada, e outros ajustes cintilando com polimento recente. Duas janelas acima da cama, olhando para fora do navio, e uma portinhola grande na parede lateral admitindo bastante luz.

O navio tinha sido de guerra e posteriormente convertido pelos novos donos, e apesar de alguns dos canhões terem sido mantidos para o caso de piratas, muitos agora estavam ajustados com portinholas como janelas - para deixar luz e ar fresco entrarem nas cabines dos passageiros.

Ela pegou os vestidos que tinha comprado. Rafe tinha sido muito claro que ela não deveria se preocupar demais - apenas ter algumas roupas para viajar. Ela seria vestida na moda mais recente

²¹ Em 1775 Alexander Cumming recebeu a patente do vaso sanitário, mas em 1778, Joseph Brahma, fez uma melhor concepção.



assim que eles chegassem a Londres. —Meia dúzia de vestidos ou então o costume habitual feminino — ele disse a ela.

O problema era que ela não tinha nenhuma ideia do que - o costume habitual feminino - era. E seis parecia um número enorme de vestidos para ela. Ainda assim, fazia tanto tempo desde que ela tinha qualquer coisa nova que ficou muito feliz em tomar a bolsa dele e gastar seu dinheiro. Ela tinha colocado uma das batas-sobretudo de Laila, e oculta tinha passado um tempo adorável escolhendo tecidos e pechinchando preços com o coração contente.

Ela nunca tinha feito esse tipo de coisa antes, e pensou que deveria ter colocado o traje de mulheres anônimas antes, mas sua concentração tinha sido tanta em não parecer uma fêmea que ela nunca tinha feito isto.

A costureira tinha ficado pasma de assombro quando ela tirou a bata exterior e mostrou ser um menino, e então tirou a roupa exterior de menino e se revelou ser uma garota. Ela disse a mulher para não dizer, mas ela sabia que a fofoca se estenderia eventualmente.

Não importava mais; ela estava indo para a Inglaterra.

Ela olhou para os vestidos estendidos na cama da cabine. No passeio curto até a cabine de Rafe ela tinha passado por várias mulheres inglesas, uma francesa e algumas mais cuja nacionalidade ela não podia identificar. Nenhuma delas usava vestidos como estes. Os dela, ela decidiu, eram mais bonitos.

Em Cairo eram comercializados artigos maravilhosos, e ela havia comprado sapatos, cachecóis e xales, mas não havia nenhum vestido de estilo europeu em lugar nenhum, então Ayisha escolheu os tecidos e os levou para uma costureira. Ela nunca tinha feito vestidos franceses antes, a mulher disse a ela, mas ela estava certa de que conseguiria.

Então Ayisha mostrou alguns retratos e descreveu o que queria - usando memórias vagas de seis anos antes e vislumbres de mulheres inglesas na rua - e a costureira fez o seu melhor.

Eles eram muito simples. Dois dias não era tempo suficiente fazer qualquer coisa complicada, mas eles eram todos basicamente o mesmo projeto: corte simples com saias largas o suficiente para se mover facilmente, no pescoço era redondo, mangas até o cotovelo e amarrado sob os seios com uma tira ou corda. Mas a costureira havia acrescentado um pequeno toque extra para tornar cada vestido especial: uma faixa de tecido em contraste, uma franja, algumas contas. Ayisha estava emocionada com tudo, até mesmo a roupa íntima.

Ela não estava de todo certa do que as ladys inglesas usavam debaixo de seus vestidos. Quando ela era uma garotinha usava apenas uma camisola fina, mas as ladys certamente deveriam vestir mais do que uma mera camisola. Mas não havia tempo, então ela tinha apenas comprado pantalonas pequenas de algodão de estilo turco que terminavam no joelho, e alguns artigos simples de algodão.

Estava ficando tarde, então ela colocou um vestido cor de trigo colorido com um bonito padrão de folhas verdes e amoras pretas, e calçou os pés com os chinelos turcos de couro vermelho que havia comprado. Ela amava estes sapatos por causa do seu contraste do design preto com as bordas vermelhas nos dedos do pé.

Ela abriu a porta para o banheiro e observou o reflexo no espelho pequeno e redondo que estava fixo na parede na altura de sua cabeça e ela não podia ver muito.



Ela penteou o cabelo e fez uma careta para o reflexo. Ela parecia um menino. Ela deveria ter comprado algum tipo de chapéu de damas para esconder como o cabelo era curto. Cresceria para um comprimento respeitável antes que ela se encontrasse com a avó? Ela desejou que sim. Talvez um cachecol... Rafe não havia dito que na Inglaterra as ladys usavam turbantes?

Ela estava examinando meia dúzia de cachecóis que havia comprado quando houve uma batida na porta. —É Higgins, senhorita.

Ela a abriu rápido. —O que você acha das minhas roupas novas, Higgins? — Ela girou para que ele pudesse ver.

Higgins a olhou mais do que gravemente e então anuiu com a cabeça. —Muito bom, senhorita. — O olhar foi para o cabelo dela e uma prega se formou entre as sobrancelhas. — senhorita, se eu puder ser direto—

—Eu sei, é o meu cabelo, não é? Eu não havia pensado em comprar um chapéu, mas Ra - o Sr. Ramsey me disse que na Inglaterra algumas ladys usam turbantes, então eu pensei que talvez...

—Apenas as ladys mais idosas usam turbantes, senhorita— Higgins disse. —Muitas das mais jovens estão usando cabelo bem batidinho ultimamente.

—Batidinho? Isto significa que...? — Ela tocou o cabelo como tentativa. —Não assim, não é?

—Não exatamente, senhorita, mas... — Ele pareceu um pouco tímido. —Eu nunca cortei o cabelo de uma lady, senhorita, mas corto o do lorde, e todos os amigos dele quando vão visitá-lo.

—Você não quer dizer diminuir... não é? — Ela colocou uma mão protetora sobre o cabelo que ainda tinha.

—Não muito mais curto, senhorita, mas daria um pouco de forma. Ouso sugerir um formato, poderá parecer bastante bonito. O seu cabelo é bom e espesso com cachos bonitos.

Ayisha olhou para a pessoa tão arrumada de Higgins e se decidiu. —Faça— ela disse. Não podia parecer qualquer coisa pior, e se Higgins cortava o cabelo de Rafe, bem, Rafe parecia sempre tão elegante.

—Certo então, senhorita, poderia se sentar nesta cadeira, por favor? — Higgins a sentou em uma cadeira e drapejou um lençol ao redor dela. Da bolsa de barbear de Rafe ele tirou uma tesoura e um pente. Ele penteou o cabelo dela de alguns modos diferentes, pareceu se decidir, e começou a picotar.

Os pedaços de cabelo úmido caíam ao redor dela. Quanto mais cabelo caía, mais ansiosa Ayisha ficava. Ele era o camareiro de um homem. Ele daria a ela um corte masculino. O melhor que ela poderia esperar era parecer com um garoto muito elegante.

Corta, corta.

Ela se forçou a ser filosófica. Se fosse tão ruim quanto ela esperava, o que ela pensou melancolicamente, ela simplesmente usaria um turbante. Como uma mulher idosa. Daria mais maturidade a ela.

Corta, corta.

Ela tinha sido uma garota que se vestia como um menino. Agora ela pareceria com um menino vestido como uma garota. Ela sabia qual pareceria mais ridículo.



—Pronto, senhorita. — Higgins cuidadosamente tirou o lençol para que o antigo cabelo dela não caísse em seu vestido novo. Havia uma quantia alarmante de cabelo no chão. —Dê uma olhada no espelho, senhorita.

Tentando não deixar a trepidação aparente, Ayisha se olhou no espelho. E olhou.

—Higgins... — Ela girou a cabeça para lá e para cá.

—Higgins... — Ela olhou fixamente para seu reflexo em descrença, e então girou. —Eu estava certa de que você me faria parecer um garoto!

Higgins sorriu amplamente. —Ficou ainda melhor do que imaginei, senhorita. Você está muito bonita.

Ela olhou de volta para si mesma no espelho. —Eu também acho. É... impressionante. — Ela se voltou para ele, os olhos nublados. —Obrigada, Higgins, obrigada!

Ele fez uma carranca. —Mas, senhorita, você é—

Ela piscou rapidamente para clarear os olhos. —Oh, não se importe com aquilo. É tolo, eu sei, mas faz tanto tempo desde que eu me sentia bonita. Oh, Higgins, você provavelmente vai odiar, mas— ela o abraçou firmemente.

Ele emergiu do abraço rápido parecendo envergonhado, mas contente. —Não se importe, senhorita— ele disse rispidamente. —Mas não deveria fazer disto um hábito. Qualquer coisa que eu puder, farei para ajudar. É difícil para você, eu sei, sem uma empregada.

—Empregada? — Ela riu. —Eu não tenho uma empregada desde que era uma garotinha. Eu não saberia o que fazer com uma.

—Você aprenderá, senhorita— Higgins a assegurou. —Mas enquanto isso, se precisar de qualquer coisa, diga-me. Agora, senhorita, enquanto eu arrumo aqui e removo as suas coisas para a sua cabine, que tal você subir para o convés e ver se o Sr. Rafe está vindo? Está ficando muito tarde.

—Eu levarei as minhas coisas. — Ayisha começou a re-encaixotar suas coisas.

—É meu trabalho, senhorita— Higgins começou.

—Não, é da minha empregada— disse Ayisha felizmente. —A criatura preguiçosa! Agora, deixe-me fazer isto - eu não sou uma boa lady ainda.

Higgins hesitou. —Você é, e sabe, senhorita. Não importa onde tenha vivido, ou como, você é uma lady de nascimento - no melhor sentido da palavra.

As palavras dele tiraram o ar de Ayisha. —Obrigada, Higgins— ela disse. —Às vezes eu me pergunto como vou me sair na Inglaterra.

Ele começou a varrer os cachos cortados. —Você se sairá bem, senhorita. O melhor país no mundo. Apenas é necessário aprender as regras, isto é tudo. Cada lugar tem as suas regras estranhas, não é?

—Isto é verdade— ela disse pensativamente, dobrando um pacote. Não apenas em cada lugar, mas grupos diferentes no mesmo lugar. Havia uma garotinha que era amiga da minha mãe - lady mas não uma inglesa - e haviam amigos ingleses e visitas para o meu pai de pessoas de todo o mundo - homens de negócios, principalmente. E então os empregados. E com cada um as regras tinham sido diferentes.



E nas ruas havia um novo conjunto inteiro de regras. Lá, aprender tinha sido uma questão de sobrevivência. Agora deverá ser muito mais fácil. Higgins estava certo; era apenas uma questão de descobrir as regras.

Higgins terminou de se arrumar e começou a desempacotar as coisas de Rafe. —Eu tive que aprender como me ajeitar em uma casa grande, senhorita. Muito diferente da qual cresci, e diferente também do exército. Empregados em uma casa grande, bem, eles podem ser da mesma maneira esnobes como ricos - alguns ainda mais. — Ele piscou. —Mas eu sou flexível, por ter sido o servo do lorde quando ele estava na guerra.

—Eu sou flexível, também— ela disse.

—É sim, senhorita. Espero que aprenda rápido, também. Você tem qualidade, senhorita, totalmente. Agora, aqui está a chave da sua cabine. A Sra. Ferris não estava lá antes. Talvez ela esteja em cima no convés. A maior parte deles está lá, esperando pela saída do navio. — Ele retirou o relógio do bolso e agitou a cabeça. —Ficando para a última hora, ele está, desta vez.

* * *

Qualidade de ponta a ponta? Uma lady nascida? Ayisha pensou enquanto carregava suas coisas para a cabine. Se ele apenas a conhecesse. Ainda assim eram palavras muito encorajadoras. Ela bateu, mas não houve nenhuma resposta e então entrou. Era menor do que a cabine de Rafe, com uma portinhola em vez de duas. Duas camas estavam presas à parede, uma sobre a outra. O beliche mais baixo tinha um xale e um livro sobre ele. Da Sra. Ferris, sem dúvida.

Ela olhou para o título do livro. *Os Mistérios de Udolpho*²², por uma Sra. Radcliffe. Ela deu uma olhada rápida e viu que era uma história e se perguntou se a Sra. Ferris emprestaria para ela depois que terminasse. Fazia muito tempo desde que ela havia lido qualquer coisa.

Ayisha estava contente. Ela gostou bastante da ideia de dormir no beliche superior. Ela podia ver o lado de fora pela portinhola. Ela deu uma olhada rápida para fora e viu que a maior parte da atividade no embarcadouro havia parado. Havia apenas algumas pessoas de pé ao redor, esperando. O navio sairia logo. E onde estava Rafe?

Ela alojou depressa suas coisas e foi apressada para o convés, agarrando um xale no último minuto. Quase uma dúzia de pessoas estava ao longo da ferrovia a um lado do navio - passageiros do navio, ela assumiu por causa de suas roupas. Ela se sentia um pouco tímida de se juntar a eles ainda. E, além disso, não havia nenhum sinal de Rafe.

A brisa aumentou, erguendo as velas e as roupas de Ayisha. O cabelo pequeno soprou com o vento e depois de usar cobertura na cabeça por anos, parecia adorável e livre, mas suas saias voaram ao redor das pernas de uma maneira desconcertante. A sensação do vento contra as

²² *Os Mistérios de Udolpho*, por Ann Radcliffe, publicado no verão de 1794 em quatro volumes. O quarto romance, o mais popular segue o destino de Emily St. Aubert, que sofre, entre outras desgraças, a morte do pai, terrores sobrenaturais em um castelo sombrio e as maquinações de um bandido italiano. Frequentemente citado como o arquetípico do romance gótico, desempenha papel proeminente no romance de Jane Austen, *A Abadia de Northanger*, em que uma jovem mulher impressionável depois de ler o romance de Radcliffe vê seus amigos e conhecidos como vilões góticos e vítimas com resultados divertidos.



pernas a fez se sentir muito exposta. As roupas das ladys inglesas eram muito finas. Ela estava contente por ter o xale, e não apenas por causa da brisa.

Ela dificilmente notava que tinha seios quando era um menino - eles estavam em perigo e tinham que ser mantidos invisíveis. As bandagens os mantinham achatados. Agora nada os estava mantendo achatados e eles pareciam mais... peculiares.

Ela deu uma olhada rápida para baixo enquanto caminhava ao longo do convés, mantendo-se afastada dos outros passageiros. Não havia muito balanço, mas ainda assim... Ela saltou nas pontas dos pés, experimentalmente. O xale saltou com ela.

Ela teria que conseguir um colete. Ela não tinha pensado nisso antes. Não que houvesse coletes à venda no mercado.

Ela se debruçou contra a murada e olhou para a cidade. O sol estava agradavelmente mais baixo no céu. Ele já tinha ido há quase duas horas. Afinal, onde será que ele estava?

O capitão começou a dar ordens, marinheiros corriam de um lado para outro arrumando as velas, puxando cordas, e havia um som alto e rangedor que sugeriu que eles estavam puxando a âncora, e ainda assim não havia nenhum sinal de um inglês alto com longas botas pretas.

Ayisha compassou inquieta de um lado para outro no convés. Os chinelos turcos novos de couro vermelho estavam começando a machucar os pés.

O que será que era tão importante para ele sair assim e correr o risco de perder o navio?

E então ela o viu, andando com seus passos largos como se tivesse todo o tempo no mundo, levando um saco grande parecendo pesado atirado sobre o ombro.

Ele veio andando para a prancha na mesma hora em que os homens estavam para erguê-la, fez alguma piada e eles deram risada. Um oficial o saudou e deu as boas-vindas a ele a bordo.

Ela esperou por uma explicação, mas ele quase passou por ela, mas parou e a encarou.

—Bom, agora, olhe para você— ele disse suavemente. —Você é uma mulher. E parece adorável. Quem arrumou o seu cabelo?

Uma onda morna de prazer com o elogio roubou a fala cáustica que ela estava para soltar. — Higgins o cortou para mim— ela murmurou.

—Muito bonito. — O olhar correu por ela observando tudo. Ela já se sentia tímida antes de ele olhar para ela. Agora ela se sentia exposta. Meio nua.

Ela puxou o xale mais apertado ao redor do corpo. —Você está com frio? — Ele disse.

—Não— ela disse depressa. —Mas Higgins e eu estávamos muito preocupados.

—Sobre o quê?

O queixo dela caiu. —Com o quê? Você quase perdeu o navio!

—Higgins sabe que eu nunca perco navios— ele disse. —Você sentiu a minha falta? — Ele parecia muito contente consigo mesmo.

Ela cruzou os braços. —Não. Mas o que te fez sair assim? Sem advertência ou explicação?

Ele sorriu amplamente. —Você sentiu a minha falta.

—Realmente, Higgins e eu decidimos jogar uma moeda pela sua cabine.



Ele riu. —Tolice, Higgins nunca teria concordado com isso. Agora, você não está interessada em saber o que eu te trouxe? — Ele ergueu a bolsa. — Nunca acreditará no que está aqui.

—Eu não me importo com o que é—

—Areia— ele disse.

—*Areia*?

—Isto não é tudo...

—Você quase perdeu o navio por causa de *areia*? — Ela o encarou. — Como ousa me arrastar através do Egito e então quase me abandonar em um navio estranho com um grupo de estranhos, por tal razão— ela disse irritada. Era muito difícil ficar brava com ele quando ele mantinha aquele sorriso. Era um hábito muito aborrecedor.

—Eu não te abandonei— ele disse, os olhos azuis dançando. —Você tinha Higgins.

Ela bateu no braço dele. No mesmo momento a blusa dele deu um pequeno uivo.

—O que é esse barulho? — Ela olhou fixamente para a pequena protuberância na blusa dele que se movia.

—Seu presente de boa viagem— ele disse triunfalmente e retirou uma gatinha pequena de pelo prateado e branco coberta com alguns pontos pretos. As orelhas eram grandes com tufo minúsculos de cabelo escuro nas pontas. Parecia uma miniatura cor de prata e preta de um leopardo das neves. Olhava para Ayisha com grandes olhos cor de âmbar e um miado melancólico.

—É uma gatinha— ela disse. O leopardo das neves era um símbolo do país da mãe dela.

—Eu sei. Pensei que você gostaria de companhia na longa viagem. — A voz era profunda, um pouco divertida, e ainda assim carregava compreensão do pesar dela de deixar Tom para trás.

Ela olhou fixamente para ele sem palavras, a boca larga.

—Ei— ele disse com a voz persuasiva. —Pensei que você gostasse de gatos.

Ela deu uma risada rota e piscou as lágrimas para longe. —Você sabe que eu gosto, e ela é linda, obrigada.

—Assim é melhor. — Ele deu a gatinha para ela, e Ayisha a aconchegou contra o peito, acariciando-a e murmurando algo para ela. No mesmo momento o convés empurrou embaixo de seus pés e o navio foi para longe das orlas egípcias.

Ayisha ficou de pé, olhando e acariciando sua gatinha até que o Egito era apenas uma mancha no horizonte.

—Nós devemos descer, e ajeitar essa pequena dama? — Rafe Ramsey disse afinal e ela anuiu com a cabeça. Havia algo preso na garganta dela e ela não podia falar.

—Isto é um animal!— Uma voz disse quando Ayisha entrou na cabine. Uma mulher magra, elegante e mais velha estava sentada no beliche inferior, as pernas estendidas, lendo. Ela ergueu um lorgnetteⁱⁱⁱ e perscrutou através dele a gatinha.

—Sim, uma gatinha.

—Posso ver isto, mas o que está fazendo na minha cabine?

—Essa é a minha cabine, também— Ayisha disse agradavelmente. —Eu sou Ayisha... Cleeve— ela acrescentou relutantemente, oferecendo a mão. Foi a primeira vez que ela tinha usado Cleeve. Ela não queria, mas se ela tinha que ter um sobrenome, era o nome do pai dela, ainda que ela não tivesse o título.



A Sra. Ferris olhou-a de cima a baixo pelo lorgnette. —Eu concordei em compartilhar com uma senhorita Cleeve, mas não com um animal.

—Eu não sabia sobre a gatinha, também; foi um presente de última hora— Ayisha explicou acariciando a gatinha. —Ela não tem um nome ainda. Você não acha que ela é bonita?

A Sra. Ferris fungou. —Bem, as marcas são certamente incomuns. Eu nunca vi um gato manchado antes. Tem pulgas?

—Não sei— Ayisha disse —Mas ordenei água morna. Vou dar um banho nela e me certificar.

A Sra. Ferris se sentou. —Dar banho em um gato? Pensei que eles odiassem água.

Ayisha sorriu. —Não todos os gatos. O meu gato, Tom, gosta de água. Vamos ver se esta aqui gosta. — Enquanto ela falava, houve uma batida na porta.

Era Higgins, trazendo uma balde da água morna, uma bacia funda, uma caneca de lata, sabão e uma toalha. Ele deu uma olhada rápida para a Sra. Ferris a assistindo de seu beliche, o lorgnette levantado. —Aqui estão, senhorita. Eu retornarei em pouco tempo para levar isso tudo embora. Estou apenas organizando uma caixa de areia e algo para comer.

—Obrigada, Higgins. — Ayisha deu a ele um sorriso morno e tomou a água.

—Quem é aquele homem? — A Sra. Ferris exigiu quando a porta fechou.

—Higgins? Ele é empregado do Sr. Ramsey.

—E quem é o Sr. Ramsey?

Ayisha se ocupou despejando água na tigela e se perguntou brevemente como explicar isso. —Ele é amigo da minha avó— ela disse por fim. —E está me escoltando para sua casa em Hampshire.

—Entendo. Eu não gosto do vaivém desse Higgins da minha cabine. Onde está a sua própria empregada?

Ayisha se acomodou no chão, drapejou uma toalha sobre a frente do corpo e levantou a gatinha. —Eu não tenho uma empregada.

—Não tem uma empregada?

—Não. — Ayisha abaixou a gatinha na água.

—Por que não?

Ayisha fingiu não ouvir. Não era difícil. A gatinha objetou veementemente, miando e se mexendo tentando subir no braço dela e sair da água. Ela tinha pequenas garras muito afiadas.

Ayisha a acalmou com palavras e mãos e finalmente, infeliz, ela parou, o queixo fundo na água, olhando para ela com olhos grandes, repreensivos.

—Viu, não é tão ruim assim, é? — Ayisha disse a ela.

A gatinha pareceu considerar suas palavras, então mordeu o dedo de Ayisha.

—Ei, pequena perversa— Ayisha riu, não a culpando de forma nenhuma. Ela passou um pouco de sabão em uma mão – cheirava um pouco a remédio desta vez, Higgins deveria ter um sabão industrial, ela decidiu - e suavemente massageou o pelo da gatinha. Ela a enxaguou completamente, pôs a toalha no colo, e então ergueu o bolo miserável de pele molhada para fora e suavemente começou a esfregá-la para se secar.



A gatinha espirrou duas vezes, e se sacudiu indignadamente, mas logo começou a apreciar as toalhas. Ela ronronou e começou a amassar a toalha, pegando o tecido com as garras, então decidiu que o canto da toalha era seu inimigo e começou a bater nele com as patas.

Ayisha baixou a gatinha e a arrumou. A gatinha olhou curiosamente ao redor, então, como se não tivesse acabado de tomar banho, começou a se lavar por toda parte.

A Sra. Ferris observou a operação inteira curiosamente. —Sempre ouvi que gatos eram limpos e este aqui certamente parece ser - ela comentou afinal. —Engraçada essa criaturinha.

—Ela é adorável— Ayisha concordou, mas apesar de isso não ser exatamente o que a Sra. Ferris queria dizer. —Terei que inventar um nome para ela.

A gatinha começou a explorar a cabine, cheirando e olhando tudo com precaução. Ayisha tentou pensar em nomes. A gatinha se jogou sobre um inimigo imaginário. Se jogou? Por alguma razão ela imaginou um gato mais gordo, e este aqui era esbelto e elegante. Ayisha olhou os arranhões nos antebraços. Pequenas garras afiadas. Claudette?

—O que ela está cheirando lá? — A Sra. Ferris perguntou. A gatinha estava fungando em um canto.

De repente Ayisha percebeu que ela poderia estar cheirando com um propósito específico. Ayisha a ergueu com uma mão. Ela abriu a porta da cabine e ergueu o balde com água suja com a outra mão.

—Eu a levarei comigo enquanto me livro disto— ela explicou à Sra. Ferris às pressas. —Voltarei rapidinho.

Afortunadamente, Higgins estava do lado de fora e bem preparado. Algumas portas além havia uma pequena despensa e com um pouco de suborno, ele tinha feito acordos por uma bandeja de areia, areia sobressalente e várias outras necessidades da gatinha que precisavam ser armazenadas lá. Havia também uma cesta com uma tampa fixa de forma que a gatinha pudesse ficar seguramente presa quando fosse necessário.

Ayisha colocou a gata na areia, e com um pouco de encorajamento, ela cheirou a areia, arranhou um buraco e fez um depósito. Ela cobriu o buraco, saiu da bandeja, agitando a areia das patas e olhou para Ayisha em clara expectativa de ser erguida. O rabo ondulou e as orelhas de pontas pretas tiveram um espasmo. *Miaaauu?*

—Eu a chamarei de Cleo²³— Ayisha disse, erguendo-a. — Ela é mandona, da realeza, bonita e egípcia. E— ela acrescentou enquanto a gatinha dava um miado melancólico - faminta.

—Sim, senhorita— Higgins concordou. —Consegui um pouco de peixe da cozinha.

—Você viajou para o Egito com este Sr. Ramsey? — A Sra. Ferris perguntou na manhã seguinte.

—Não, eu o encontrei pela primeira vez no Cairo.

—Como você chegou lá, então - no Egito, eu quero dizer.

²³ Cleópatra - Houve várias Cleópatras na história. A mais famosa é Cleópatra VII que governou o Egito e foi amante de Júlio César e Marco Antônio, poderosos governadores de Roma.



—Eu nasci no Egito.

—Você não parece egípcia. E apesar do seu estranho primeiro nome, Cleeve não é um nome egípcio. — A Sra. Ferris estava determinada a descobrir exatamente quem Ayisha era, para deixar de lado para uso ou referência em algum momento futuro, e descobrir exatamente quanto respeito ela precisava demonstrar - ou não.

—Não. — Ayisha colocou os pés nos chinelos e ergueu Cleo. — Meu pai nasceu na Índia. — Isso iria quebrar a cabeça da criatura curiosa. Ela não parecia indiana, também.

Mas a Sra. Ferris não seria enganada tão facilmente. — John Company? Ele trabalhava para a John Company? — Ela queria dizer a Companhia Oriental da Índia britânica; era o nome que os internos usavam.

—Não, mas o pai dele, sim. Por favor, com licença— Ayisha disse enquanto escapava da cabine. —A gatinha precisa ir.

Mas a Sra. Ferris estava esperando com mais perguntas quando elas retornaram.

—Quem você conhece no Egito - era no Cairo, não era?

—Sim, Cairo, mas eram tantas pessoas para nomear. — Ayisha pôs Cleo em seu beliche e subiu, desejando que a Sra. Ferris se desse por entendida.

Mas a interrogação continuou. —Quem de importância você conhece?

Ayisha revirou os olhos. —Bem, havia o Sr. Salt, claro— ela começou, nomeando o cônsul General. —O papai o conhecia muito bem. — Mas ela não. O Sr. Salt tinha vindo à sua casa uma vez quando ela era uma garotinha, com um viajante inglês, algum visconde, que chamava seu empregado simplesmente de Salt. Salt era um pintor jovem então e mostrou ao pai dela alguns de seus retratos. Ela os havia assistido entre as grades dos degraus, mas ela apenas se lembrava por causa de seu nome. Parecia tão engraçado para ela alguém ser chamado de Salt, sal.

Salt alguns anos depois havia voltado ao Cairo, todo importante agora, como o Sr. Salt, o cônsul britânico Geral. Ela o viu várias vezes, mas naquela época ela estava vivendo como um menino. E ainda que estivesse vestida como si mesma agora, ele ainda assim não a teria conhecido a menos que ela explicasse quem era seu pai.

Mas as pessoas diziam que o Sr. Salt tinha escravos, então ela não teria dito nada a ele.

—Aff, todo mundo sabe quem é o Sr. Salt— a Sra. Ferris disse. —Quem você visitou? Que tal— ela disse uma lista de nomes, para cada um, Ayisha disse —Não, não, não— e brincou com a gata.

—Onde seu pai vivia?

—Na parte antiga de Cairo, com vista para o rio.

—Descreva onde, exatamente.

Ayisha deu uma descrição vaga.

Não vaga o suficiente. —Creio que você queira dizer aquela casa velha que tem uma população inconstante de balconistas— a Sra. Ferris fungou. —Bem, se é lá onde você viveu... — Ayisha era claramente uma pessoa sem importância.

—Eu não sei quem vive lá agora— Ayisha disse, aborrecida. —Desde que meus pais morreram, eu tenho vivido com uma lady egípcia.

—Uma *egípcia*? — A Sra. Ferris disse, desprezo gotejando da palavra.



—Sim, uma lady muito amável e respeitável que em breve se casará com um inglês.

—Quem?

—O Sr. Johnny Baxter— Ayisha disse a ela, pensando que silenciaria a mulher. O Sr. Baxter era amável, bonito e rico, assim como era inglês; ninguém poderia desacreditá-lo.

Ela estava errada. A Sra. Ferris podia desacreditar também. —Aquele homem que virou nativo? Ela pronunciou como se quisesse dizer – desceu de nível e virou nativo. — Uma vergonha para seu país!

—Ele não é! Ele é um herói de guerra— Ayisha declarou ardentemente. —Ele foi muito ferido na Batalha do Nilo.

—Então é uma pena ele ter virado um nativo, não?

Ayisha saltou de seu beliche e ergueu Cleo. —A gatinha tem que ir— ela declarou e saiu como um furacão do quarto.

—De novo? — A voz da Sra. Ferris flutuou para fora enquanto Ayisha fechava a porta. — Espero que esse animal não esteja adoecendo ou algo assim. Não compartilharei uma cabine com uma gata doente.

Capítulo Onze

—Eu pareço bem? — Ayisha perguntou a Sra. Ferris à noite. —Jantarei na mesa do capitão hoje à noite. — O navio *Flavia* era um navio mercante que manipulava as rotas regulares de comércio no mediterrâneo, levava bens e alguns passageiros entre a Inglaterra e o Oriente. Era de um inglês que vivia na Itália e seu capitão era meio irlandês e meio italiano.

A Sra. Ferris pausou em suas preparações para dizer — o Capitão Gallagher tem reputação como homem sociável com visões lamentavelmente... democráticas. — Ela disse a palavra como se ela deixasse um gosto amargo em sua boca. —Então em algum estágio ele terá cada passageiro - que esteja de pé, isto é, exceto claro, os empregados - juntos a ele em sua mesa. Mas duvido muito que você estará na companhia dele hoje à noite.

Ela ajustou as pérolas na garganta e acrescentou—Ser pedida para jantar com ele na primeira noite é um sinal de honra. Eu mesma estarei na mesa do capitão. Eu velejei da Inglaterra com ele e somos amigos há tempos. Então você não precisa se preocupar com o vestido. — Ela deu ao vestido de Ayisha um olhar um pouco depreciativo.

—Eu gosto deste vestido— Ayisha disse a ela. Ela realmente amava o vestido. A cor combinava com os olhos, e a costureira havia acrescentado uma borda de tecido contrastante em torno da bainha. A borda era um projeto geométrico preto em um fundo aguado verde, e era entremeado com lótus cor de creme e rosa com minúsculos crocodilos. Vesti-lo era como levar um pequeno pedaço do rio com ela. Ela o usava com um xale macio de seda com franjas.

Ela estava bastante certa de que tinha sido convidada para a mesa do capitão; Higgins tinha trazido a mensagem de Rafe mais cedo dizendo que a pegaria às seis horas e acrescentado que era



uma honra ser convidada para a primeira noite, e que ela deveria vestir suas melhores roupas. Mas não havia razão para discutir com a Sra. Ferris.

Ela deu uma olhada rápida para a empregada da Sra. Ferris. —Meu cabelo está bom? — Ela tinha torcido um cachecol com lantejoulas verdes e o amarrado ao redor da cabeça.

—Sim, senhorita— a empregada disse. —Esse cachecol parece bastante na moda.

—Woods— a Sra. Ferris disse repressivamente.

—Sim, madame— a empregada disse e, com um rápido meio sorriso para Ayisha se voltou para sua ama.

Houve uma batida na porta e Ayisha ficou de pé para atender, mas a Sra. Ferris disse—A porta, Woods— e a empregada correu para abri-la.

—O Sr. Ramsey veio pegar a senhorita Cleeve— uma voz profunda disse.

Excitação tomou Ayisha enquanto ela olhava para ele. Ela apenas o havia visto em calças castanho-avermelhadas e botas, mas vestido formalmente, com um elegante casaco preto, uma camisa branca brilhante e uma camisa cinza pálida, recentemente barbeado e com um sorriso lânguido dirigido a ela, ele tomou sua respiração.

—Você parece adorável— ele disse. —Esse vestido é quase exatamente a cor dos seus olhos. Nada poderia, é claro - eles são sem iguais - mas é muito próxima. — O olhar dele foi para a bainha. —Vejo que você trouxe seu amado rio com você. Outro toque sem igual. Agora, está pronta para o jantar?

Ayisha anuiu com a cabeça e avançou. O sorriso nos olhos dele a fez se sentir um pouco tímida. E o vestido estava bom, ele disse isso. E ele entendia sobre o rio.

Atrás dela, a Sra. Ferris limpou a garganta de um modo significativo e Rafe olhou além de Ayisha.

—Sra. Ferris, eu presumo— ele disse com um sorriso. —Rafe Ramsey à sua disposição.

A Sra. Ferris ofereceu a mão e Rafe se curvou sobre ela.

—Você está aqui para escoltar esta garota? — Ela disse em um tom lânguido de descrença.

Ayisha freou com o tom dela.

—Estou, sim— Rafe confirmou, estendendo o braço para Ayisha tomá-lo. Ela avançou e colocou a mão no braço dele. Ele cobriu o dela com o dele.

Os lábios da Sra. Ferris afinaram. —Ela disse que você é amigo da avó dela.

—É verdade.

—Mas eu estava esperando um homem muito mais velho.

Ele ergue uma sobrancelha escura. —Estava, madame? — Ele disse de um modo que sugeria, muito educadamente, que não era da conta dela. —A vida está cheia de decepções, não é? — E ele levou Ayisha para longe.

Ela manteve um passo digno até que eles alcançaram o fim do corredor, então ela deu um pequeno salto alegre. —Estou tão contente por você ter sido rude com aquela mulher. Ela é tão - tão -

—Eu não fui nada rude— ele disse. —Fui extremamente cortês.

—Foi sim, educadamente rude. — Ela tentou pensar em como descrever o que ele havia feito. —Como uma vespa muito cortês.



—Ela é rude com você? — Ele perguntou seriamente. —Você quer que eu a mude de lá?

—Você não pode— ela disse. —Todas as cabines estão cheias.

—Se ela for indelicada com você eu conseguirei que ela seja movida— ele disse em um tom de voz que a assegurava de que poderia e faria isso.

A preocupação dele tocou-a. Ninguém jamais tinha se preocupado sobre as pessoas sendo indelicadas com ela antes. Ela havia enfrentado coisas muito piores do que a rudeza ou a descortesia; ela podia lidar com gente como a Sra. Ferris.

—Não, não se preocupe. Eu não tenho que vê-la muito mesmo. Ela está viajando com duas outras ladys - são todas viúvas, e ela passa a maior parte do tempo com elas. E você sabe, elas todas têm empregadas, mas essas compartilham uma cabine vários andares abaixo. Woods disse que há seis garotas em uma cabine que não é maior do que a minha, e todas dormem em redes. Ela não gosta, mas eu não me importaria de dormir em uma rede. Eu nunca fiz isso.

—Você não vai dormir em uma rede!

Ela deu a ele um olhar estranho. —Há pouco tempo eu estava dormindo no chão.

—Sim, mas eu prometo, você nunca mais fará isso de novo.

—Você não pode saber isto.

—Eu posso. E te assegurarei disto.

Era uma coisa estranha a se dizer quando ele estava a ponto de entregá-la para a avó. Como ele poderia assegurar tal coisa? Mas ele tinha aquela marca implacável e brava no contorno da boca, então ela decidiu não continuar com o assunto.

Ela retornou ao assunto da Sra. Ferris. —Você não acha que é estranho a Sra. Ferris não ter uma empregada no quarto? Não seria melhor compartilhar um quarto com sua empregada do que com uma estranha? E se eu fosse uma pessoa ruim? Ou roncasse?

—Sim, mas ela não pagaria o mesmo preço para a empregada que pagou para si mesma. O preço da cabine a assegurou de que você seria pelo menos da classe rica, o que é muito mais importante para mulheres daquela laia.

Ela riu. — Pobre Sra. Ferris. Ela está sendo enganada, não é?

Ele deu a ela um olhar interrogativo. —Por quê?

—Alguém da classe rica? — Ela riu novamente. —Eu não tenho nada no meu nome. Mas tenho um gato da realeza, então isso terá que ser o suficiente. A Sra. Ferris não gosta de gatos, mas ela não ligou que eu mantivesse a Cleo na cabine.

— A propósito, o nome Cleo é excelente - ela se importa de ter a Sra. Ferris na cabine? Ela me pareceu ser uma gata de opiniões muito decididas.

—Quem, a Sra. Ferris ou a Cleo? — Ayisha brincou. —Você está certo, ela é uma gatinha forte. Você deveria ter visto o rebuliço que ela fez ao tomar banho. — Ela contou tudo a ele sobre o banho.

—E onde está a senhorita Cleo agora? — Ele perguntou. Eles alcançaram a sala de jantar e ele abriu a porta para ela.

—Na sua cesta na minha cama— ela disse enquanto passava por ele. —Fazendo uma carranca para as barras e miando de vez em quando para mostrar sua desaprovação. Mas ela se acostumará. Ela é jovem. Pode-se se acostumar a qualquer coisa quando se é jovem.



Rafe não disse muito no jantar. Ele estava assistindo Ayisha encantar o Capitão Gallagher e dois jovens oficiais, os Tenentes Green e Dickinson. Havia sete outras pessoas na mesa do capitão: a Sra. Ferris e suas duas amigas, a Sra. Wiggs e a Sra. Grenville; um jovem vigário, Reverendo Payne, e sua esposa recém casados que estavam visitando Jerusalém em sua lua-de-mel.

Ela encantar os dois oficiais não era surpresa; além de ser bonita, era a única solteira abaixo dos cinquenta anos à mesa.

Mas o capitão estava na casa dos cinquenta, também, um homem bem casado e avô orgulhoso. Rafe havia descoberto tudo isso desde que tinha se sentado. Ayisha havia perguntado ao capitão tudo sobre sua família e logo descobriu que depois de haver tido sete filhos, seu orgulho e alegria estavam no terceiro neto, a primeira garota a nascer em sua família em três gerações, sua pequena *princesa herdeira*.

Rafe bebericou o vinho, acomodou as costas e assistiu Ayisha, fascinado. Deveria fazer anos desde que ela havia se sentado em uma mesa de jantar do estilo inglês, mas ninguém teria achado. Ela comia com educação consciente e parecia totalmente relaxada. E sua conversação era fresca, não praticada ou limitada por coisas banais e mundanas.

—O que te surpreendeu mais em Jerusalém quando chegou lá? — Ela perguntou ao Reverendo Payne e sua esposa. Eles mesmos se surpreenderam com suas respostas, e uma conversa sobre viagem, expectativas, surpresas agradáveis e desagradáveis se desenvolveram de forma que todo mundo pode se unir a ela.

Ela tinha um talento especial de se dar bem com as pessoas. Quanto disso teria sido desenvolvido nas ruas? Era uma forma de defesa? Desarmar as pessoas para que assim elas não te atacassem. Ou te oferecesse trabalhos estranhos.

A Sra. Ferris estava menos impressionada, ele notou. Tendo se comportado como “a convidada de maior honra” ela foi ficando lentamente com cara de quem havia chupado limão enquanto a conversa florescia, e não ao redor dela. Finalmente a irritação levou a vantagem. Ela se debruçou adiante e disse com a voz fria atravessando a conversa—senhorita Cleeve, minhas amigas e eu estamos nos perguntando onde você conseguiu esse vestido extraordinário? A cor já é excepcional o suficiente, mas o corte, e essa borda, com crocodilos - é... extraordinária!

Ayisha olhou para cima, e pelo olhar, ela estava pronta para a batalha, na mesa do capitão ou não. —Eu gosto deste vestido— ela declarou.

Rafe decidiu que estava na hora de ele contribuir para a conversa. —Eu também, é incomum e elegante. E Sra. Ferris, acho que a cor é excepcional. Achar um tecido que combine com olhos da senhorita Cleeve tão graciosamente - essa é uma coisa extraordinária, não acha?

Nisto, todo mundo olhou, naturalmente, para olhos de Ayisha. Os dois soldados se aproximaram, entusiasticamente concordando que os olhos da senhorita Cleeve eram realmente bonitos.

A Sra. Ferris ficou com cara de quem havia chupado limão ainda mais amargo.



A senhorita Cleeve tomou um gole de vinho e sobre a borda da taça os olhos bonitos deram a Rafe um olhar malicioso que ele mal conseguiu manter o rosto firme.

—Tolice— a amiga da Sra. Ferris se juntou a rixa. —O tecido é um perfeitamente ordinário *eau de Nil*.

—*Eau de Nil*— Ayisha repetiu, claramente encantada. —Água do Nilo - meus olhos são *eau de Nil*. Obrigada, Sra. Grenville. Que elogio adorável.

A Sra. Grenville deu um sorriso meio genuíno, então deu uma olhada rápida para a amiga com culpa.

Rafe falou novamente. —A bagagem da senhorita Cleeve foi perdida em um acidente, então ela foi obrigada a comprar tudo localmente e em pouco tempo. Acho que ela se saiu notavelmente bem, não é? Será que bordas como essa começarão uma nova moda em Londres? — Ele se sentou de volta, sabendo que sua própria aparência elegante dava credibilidade a tal opinião.

—Ela perdeu a empregada no mesmo acidente, presumivelmente— Sra. Ferris disse ácida.

—Não, claro que não— Ayisha disse a ela. —Minha empregada tomou outra posição com a esposa de um comerciante rico. — Os olhos dela ousaram Rafe a corrigir a mentira.

Como se ele fosse fazer isso. Rafe disse em um tom frio e lento—A garota achou algo muito bom para si, mas claro que estava nas vésperas da nossa partida e ela deixou a senhorita Cleeve na balança. — Ele girou o vinho ao redor da taça e acrescentou, como uma reflexão tardia—eu entendo que cada uma de vocês *ladys* tenham empregadas pessoais viajando com vocês... — Ele sorriu suavemente para as amigas da Sra. Ferris e cada uma imediatamente ofereceu à pobre senhorita Cleeve o uso de sua empregada sempre que ela precisasse.

A Sra. Ferris, sem nenhuma opção, teve de se juntar a elas para não parecer nada generosa. —Minha empregada, Woods, deve te ajudar em suas horas vagas— ela disse, os lábios quase desaparecidos.

Depois do jantar Ayisha e Rafe caminharam no convés superior. Estava escuro, a brisa era morna e balsâmica, e eles passearam em silêncio. O único som, além do bater constante das ondas, era o rangido da madeira, o estalo das velas na brisa e o chocalho de cordas.

Ayisha manteve os braços bem abertos, debruçada na brisa, e inalou extravagantemente. — Este ar é tão fresco. Acho que nunca cheirei qualquer coisa tão deliciosamente limpa.

Rafe sorriu, mas não disse nada. Com as mãos segurando na ponta do xale, parecia que ela tinha asas e estava se preparando para voar sobre o mar. O vento grudava o tecido do vestido ao corpo e a luz lânguida da lua crescente acariciava cada contorno e curva.

Flexível, esbelta, com uma feminilidade irrestrita.

A boca dele secou.

Seios pequenos, mas definidos, mamilos erguidos com o ar fresco. Amarrados por tantos anos, agora estavam libertos.

Ele andou para longe e examinou a escuridão, ondas sedosas, estrelas brilhantes e a lua crescente.



Pela duração desta viagem ela era - tinha que ser - como o brilho prata da lua, fora de seu alcance. Ele tinha o compromisso de honra de não tocá-la. Lady Cleeve havia confiado a segurança e o bem-estar de sua neta a ele. Comprometê-la na jornada para casa não era parte do acordo.

Nem era esse o desejo dele; mas ela era tudo o que ele desejava.

Causar especulação sobre os dois viajando juntos apenas causaria dano a ela.

Ele queria ganhá-la por si mesmo, querida que ela fosse livre para escolhê-lo, por ele mesmo apenas, não ser forçada a se casar com ele por causa do decoro.

Ela não sabia nada sobre a família dele; o título de conde não significava nada para ela. Talvez ela pensasse que ele era rico. Uma vez que ela chegasse a Inglaterra veria que enquanto ele vivia confortavelmente, havia muitos homens muito mais ricos.

Ele não pensava que ela se importaria; pelo menos ele esperava que ela não se importasse. Mas ela deveria ter a escolha.

—Eu não deveria ter provocado a Sra. Ferris— ele disse. —Ela é do tipo que espalha fofoca maliciosa.

Ela encolheu os ombros. —Você não pode impedir as mulheres de fofocarem. E se elas não sabem de nada, apenas inventarão. Além disso, ela que começou - ou melhor, o capitão. Ela me disse que eu era muito rota e obscurecia para merecer um convite à mesa do capitão na primeira noite, e o nariz dela estava de pé desde o começo.

Ela bocejou. —Vamos arruinar esta linda noite falando sobre ela. Conte-me sobre a primeira vez que você subiu num navio - um navio mesmo, não em um rio ou lago - um como este aqui, indo para o mar, para outro país.

—Isso seria quando fomos transportados para Portugal.

—Nós? — Ela perguntou, movendo-se para mais perto.

—Todos nós: Gabe, Harry, Luke, Michael e eu. Meus amigos— ele explicou. —Meus amigos mais chegados. Os melhores amigos que um homem poderia ter.

—Eu os encontrarei na Inglaterra? O vento soprou a saia do vestido contra a perna dela. E envolveu sua coxa, suavemente.

—Você encontrará Harry e Luke. Não Gabe. Gabe se casou com a Princesa de Zindaria, então ele vive lá. — Ele a levaria a Zindaria um dia, ele pensou. E então se assustou com a ideia. Suas entranhas estremeceram quando ele percebeu aonde seus pensamentos e desejos o estavam levando.

Ele tinha vindo para o Egito para escapar de e não para conseguir uma noiva. Ele olhou para ela e tragou.

Houve uma pequena pausa. —E Michael? — Ela iniciou.

—Michael morreu. Acontece na guerra. Bons homens morrendo desnecessariamente...

Ela deslizou uma mão pelo braço dele e o apertou contra ele ligeiramente, não com qualquer sensação coquete, ele estava certo, apenas um modo de conforto. Ainda assim, seu corpo saltou e ficou atento.

—Quantos anos você tinha, então? Naquele navio para Portugal?

—Dezoito.

Ela suspirou. —Apenas um garoto.



Ele disse com remorso—Nós não achávamos isso no momento. Pensávamos que éramos homens, rumo a uma aventura gloriosa.

Não era completamente a verdade. Ele tinha uma sensação de ansiedade bem funda no intestino de que fizesse seu melhor para se manter escondido, perguntando-se se ele tinha “a coisa certa” para se tornar um valente ou então um covarde. Ele desejou ser valente, mas até enfrentar o perigo, eles todos concordaram, não se podia estar certo do que se era feito.

Deus, o quão jovem ele tinha sido então. Como se qualquer coisa fosse sempre tão simples. Um vento de fumaça de charuto e um murmúrio de vozes disseram a ele que eles tinham companhia no convés. Ele retirou o braço dela e andou para longe. Ela deu a ele um olhar estranho.

—Acho que seria melhor se não passássemos muito tempo juntos nesta viagem— ele se achou dizendo.

—Por quê?

—Porque você não tem uma dama de companhia e eu não quero que as pessoas fofiquem.

Ela ficou muda por um momento. —O que importaria se elas fofocassem?

Ele se recordou de sua visão de fofocas: que elas aconteceriam de qualquer maneira.

Ele limpou a garganta, procurando pelas palavras certas para explicar. —Na Inglaterra, se um homem - um cavalheiro, isto é, um cavalheiro solteiro - parece ter se comprometido com uma jovem dama, ele é considerado com a obrigação de se casar com ela.

—E se ela não quiser se casar com ele? — Ela disse depois de um momento.

—Ela cairia sob a mesma pressão.

—E se eles não se casassem?

—Ela perderia a reputação como mulher virtuosa, e ele a de um homem de honra.

—Isto não é muito justo, é?

—Não.

—Mas suponho que seja a regra na Inglaterra.

—Sim. — E então, porque a resposta parecida muito pouca, ele acrescentou—É, sim.

Houve outro pequeno silêncio, quebrado apenas pelos sons do mar e das velas. —Então não é nada diferente do Egito. Eu pensei que seria diferente. Muito bem— ela disse vivamente. —Nós devemos nos ver o menos possível um ao outro. A conversa cortês e ocasional ao se encontrar, mas apenas se outra pessoa estiver presente - esse é o tipo de coisa que você quer dizer, não é? Deveria ser com um homem ou uma mulher presente?

—Uma mulher seria melhor— Rafe disse. Ela estava levando isto muito bem. Foi um pouco desconcertante como ela levou, de fato. Quase... entusiasticamente. —Você ficará bem?

—Claro— ela disse, soando surpresa por ele perguntar tal coisa. —Eu ainda terei tudo o que preciso.

—Você não se sentirá só?

—Claro que não. Há bastantes pessoas interessantes no navio para conversar. E tenho Cleo, que sempre será minha amiga. Não se preocupe, eu obedecerei a regra. Seria realmente terrível se nós fôssemos forçados a nos casar.



O murmúrio de vozes masculinas ficou mais alto e ela deu uma olhada rápida para trás dela. —Aqueles soldados estão se aproximando mais, então é melhor eu ir andando. Nós não vamos querer que eles nos vejam juntos a sós aqui em cima no escuro, não é? Eles poderiam nos obrigar a nos casar, e isso seria inconcebível. Boa noite. — E ela desapareceu.

Rafe piscou. Isso tinha sido muito abrupto. Quase como se ela estivesse brava.

Ele pensou nisto, examinando cuidadosamente a explicação que tinha dado a ela. Não havia nada para ofendê-la com o que ele havia dito, ele decidiu. Tinha sido claro e razoável, e ele tinha deixado óbvio que estava apenas protegendo-a das consequências não desejadas de uma amizade um pouco irrefletida. Ela havia crescido em uma cultura diferente, uma cultura onde homens e mulheres não se misturam socialmente. Ela precisava de uma dica.

Em todo caso, ele viu o temperamento dela em ação; era quente, direto e às vezes físico. Ele tinha as cicatrizes para provar, ele pensou, tocando o lugar no pescoço onde os arranhões dela tinham há muito enfraquecido.

Não, se Ayisha estivesse descontente, ela teria deixado claro. Ela era como o gato dela naquele modo.

Deveria haver alguma outra razão para ele se sentir intranquilo sobre o modo como ela tinha ido embora tão abruptamente.

Ele estava tentado a se juntar aos jovens oficiais, soprar fumaça com eles, e apreciar alguma companhia puramente masculina para variar. Mas ele não estava no humor para isso, decidiu. Talvez amanhã.

Pelos próximos três dias ele dificilmente viu Ayisha. A probabilidade de isso acontecer em um navio tão pequeno... era quase como se ela o estivesse evitando. Ela certamente havia levado as regras a sério. Ele supôs que ela faria, dadas as regras com as quais tinha crescido. As regras do paxá eram realmente sérias.

Como eram aquelas da Inglaterra, ele refletiu. Talvez eles não cortassem as mãos das pessoas fora, mas os enforcavam ou transportavam para o outro lado do mundo. Ela estava apenas confusa com a diferença entre as regras de uma sociedade cortês e as leis de uma terra, isto é tudo. E ele explicaria isso a ela, isso se ela o deixasse chegar perto o suficiente.

Ela parecia ter se colado ao jovem vigário e sua esposa. E quando não estava com eles, estava com as três bruxas. Que estavam realmente sendo bastante amigáveis com ela, ele admitiu quando viu uma delas sentada com ela no convés ensinando-a a tricotar.

Até os marinheiros andavam com ela. Normalmente eles não tinham nada a ver com os passageiros, mas a gatinha quebrava as barreiras.

Ayisha levava Cleo para o convés todas as manhãs e nas tardes para dar à gatinha ar fresco, e logo os marinheiros e passageiros acharam razões para ficarem perto dela enquanto a criatura minúscula explorava e brincava.



Primeiro ela simplesmente cheirava ao redor, ficando perto de Ayisha, debaixo de suas saias quando alguém a abordava... mas para apenas agarrar e atacar seus sapatos e tornozelos. Mas lentamente, enquanto Cleo ficava acostumada ao lugar, ficava mais corajosa.

Um dia ela tentou subir no mastro e subiu um metro e oitenta e lamentou em fúria ao ser salva. Outra vez ela quase brigou até a morte com a ponta de um rolo de corda.

A princípio era engraçado, mas enquanto a gatinha ficava mais corajosa e aventureira, Ayisha ficava ansiosa. A gatinha desaparecia em qualquer buraco que achasse, ziguezagueava em qualquer canto escuro, saltava sobre qualquer superfície iminente.

No dia em que Ayisha girou para ver Cleo, e achou com a cabeça presa em um dos buracos de drenagem na amurada, olhando para o mar, foi o dia em que ela parou as excursões nos convés para sempre. —Ela não tem bom senso— ela explicou no dia seguinte quando as pessoas perguntaram a ela onde a gatinha estava. —Eu não consegui mostrar a ela que ela não deveria tentar se jogar sobre uma onda ou um golfinho passando.

No dia seguinte um dos marinheiros apresentou um equipamento de corda para a gatinha preso ao longo de uma corda de chumbo fino. —Isso vai fazer com que ela pare de cair no mar, senhorita— o marinheiro disse.

Pelo resto do dia o entretenimento foi assistir Cleo lutar com seu equipamento. Ela lutou, rolando, rosnando e conseguindo quase se enforcar. Ela tentou sair dele e girou, cuspidando furiosamente quando ele a seguia. Ela resistiu, as patas dianteiras e a barriga firmemente no convés e se recusando a se mover quando Ayisha tentava levá-la. —É como levar um bisnaga de pão para um passeio. — Ayisha riu.

Então ela conversava com todo mundo, e todo mundo conversava com ela. Exceto Rafe. Todas as vezes que ela o via em sua direção, ela erguia a gatinha e saía apressada.

Quando a gatinha apareceu pela primeira vez com o equipamento, ele tinha usado isso como desculpa para conversar com ela pela primeira vez em dias - o que seria normal, estando sob os olhos de uma dúzia de testemunhas imparciais - e ainda assim ela tinha erguido a gatinha e desaparecido de volta para sua cabine.

Ela tinha entendido tudo errado, ele pensou; não era que eles não tivessem a permissão para conversarem, eles apenas tinham que ser... discretos. Droga, ele sentia falta dela.

Mas ela era tão escorregadia quanto uma enguia, usando todos os outros passageiros para se manter a distância.

Os dois jovens oficiais, Green e Dickinson, galantemente a acompanhavam em torno do convés várias vezes ao dia, e até haviam escoltado ela e a Sra. Ferris para as refeições. Várias vezes Rafe havia batido na porta de sua cabine, apenas para ser informado por Woods de que os Tenentes Green e Dickinson já haviam solicitado as ladys.

Hoje à noite tinha acontecido pela terceira noite seguida.

Nenhuma maravilha a Sra. Ferris estar sendo boa com ela, Rafe pensou com azedume. Deveria fazer anos desde que ela teve um oficial jovem e bonito a escoltando para o jantar - se não fosse a primeira vez. Ele se decidiu a não ir jantar; estava se sentindo um pouco de fora de qualquer maneira, como se algo que ele tivesse comido estivesse em desacordo com ele.



Rafe dormiu até mais tarde na manhã seguinte, e quando Higgins veio com a água quente para suas lavagens, ele olhou fixamente para Rafe com a expressão preocupada. —Lorde, não acho que você deva se levantar. A sua aparência está terrível e ainda está doente.

—Tolice, Higgins, é apenas um pouco de disenteria. O exército não pode parar por causa de um pouco de disenteria. — Rafe lutou para sair da cama e jogou água fria no rosto. Enxaguou a boca e cuspiu. Ele havia vomitado algumas vezes durante a noite, mas estava determinado a não ceder. Assim que passasse pelo corpo dele, ele ficaria bem.

—Você não está mais no exército, lorde— Higgins discutiu. —E seria melhor descansar na cama por um ou dois dias. Deve-se ser muito cuidadoso, lorde, com estas febres tropicais.

—Tolice. Apenas me barbeie, sim? A droga da minha mão está tremendo por algum motivo.

Ele se sentou no beliche e, por uma vez, deixou Higgins o barbear. A cabeça parecia pesada e dolorida. Ele se sentia um pouco febril e indisposto, e admitiu para si mesmo, mas ficar abandonado em uma pequena cabine sufocante não o faria nenhum bem. Melhor subir para o convés e ter um pouco de ar fresco.

Além disso, de forma nenhuma ele iria deixá-la evitá-lo mais um dia. Ele a arrastaria à força se tivesse que fazer e explicaria a ela que ela havia entendido a regra de forma equivocada. Ela tinha permissão de conversar com ele - droga, ele precisava que ela conversasse com ele.

Com a ajuda de Higgins ele se vestiu e foi cambaleando para a porta.

—Você não deveria estar de pé, lorde— Higgins disse.

—Tolice, o navio que está se mexendo muito, e é tudo. — Ele recomeçou a andar no corredor e viu seu objeto de desejo de pé na escada, pronta para subir os degraus. —Ayisha!— Ele chamou.

Ela parou e girou.

—Preciso falar com você— ele disse a ela, indo apressado em sua direção, mas o navio mexendo o fez perder o equilíbrio e ele acabou tendo que se agarrar às paredes.

Ela veio correndo na direção dele. —O que foi? O que está acontecendo? — Ela o pegou em torno da cintura e pôs o ombro debaixo do dele.

—Ele está doente, senhorita— Higgins disse a ela —Ele estava doente durante a noite, e eu disse a ele para não se levantar, mas ele escutou?

Ela apertou uma mão na testa dele. Rafe fechou os olhos enquanto sentia. Adoravelmente fria, uma mão suave. Fria.

—Ele está queimando— ela disse.

—Aaarrggh!— Um grito veio por detrás dela.

Rafe colocou as mãos sobre as orelhas dela. —Barulho chocante— ele disse, encarando-a. —Sra.... — Ele não podia se lembrar do nome. A mulher sem lábios. —Não deveria ficar gritando, fazendo barulho como esse... — E ele começou a escorregar pela parede.

—Ele pegou a peste!— A mulher gritou. —Ele a trouxe a bordo com ele! Oh, meu Deus, todos nós morreremos se não nos livrarmos dele!— E ela foi pelo corredor gritando—Peste! Peste! Peste!



Capítulo Doze

Ayisha lutou para colocar Rafe de pé novamente. Higgins a ajudou. —Sobre o que ela está falando, senhorita? Não pode ser peste, não é?

—Claro que pode. No Egito, a peste está sempre conosco. — Ela guiou Rafe em direção a sua cabine. —Vamos, ajude-me - caminhe— ela o persuadiu. Ele cambaleou alguns passos, murmurando. Estava queimando muito e estremeando ao mesmo tempo.

Higgins olhou fixamente para ela. —Você quer dizer peste? A peste. Peste bubônica?

—Sim, está sempre presente, mas é pior no verão. Ajude-me a passá-lo pela porta. Você vai primeiro, e eu tentarei segurá-lo.

—Mas a peste mata, senhorita. É uma assassina terrível.

—Oh, eu sei, Higgins— ela disse sobriamente. —Minha mãe e meu pai morreram dela. Vamos esperar e rezar para que seja alguma outra febre.

Rafe se endireitou e a empurrou para longe. Ele balançou na entrada, usando o umbral para mantê-lo na vertical. —Peste? — Ele disse inarticulado, perscrutando-a confuso. —Eu peguei a peste?

—Nós não sabemos com certeza— ela disse a ele ternamente. Atitude positiva ajuda, ela tinha ouvido um médico italiano dizer quando a mãe dela estava morrendo. Mas o pai já estava morto e a mãe não tinha ninguém por quem viver. Apenas Ayisha. Sem o pai dela, a mãe desistiu.

Ayisha olhou para Rafe, estremeando, a pele apertada, quente e brilhante. Ele não iria desistir. Ela não permitiria!

Ela tentou pegar o braço dele, mas ele recuou. —Vá *'mbora*— ele ordenou. —Não chegue perto de mim. Não fique doente, não você. Não você. — Ele estendeu a mão para mantê-la afastada. —Você, também, Higgins, fora.

—Mas, lorde—

—Fora!— Rafe grunhiu. Anos de serviço no exército se fizeram valer. Higgins saiu da cabine. Rafe parecia exausto com o esforço de afirmar sua vontade e começou a fechar a porta, agarrando-se a ela para suporte ao mesmo tempo em que a fechava.

—Cuide *'ela, Higg'ns*— ele ordenou. —Sua vida depende disto.

—Eu irei, lorde— Higgins disse, quase chorando.

—O que você pensa que está fazendo? — Ayisha exigiu. —Você não vai entrar e morrer, seu homem estúpido. Não permitirei isto.

Ele sorriu. —Mandão— ele disse. —*Pequen'* mandão. — Então ele girou, agarrou uma tigela, e vomitou. —Tigelas em todos lugares— ele murmurou. —Bom homem, *Higg'ns*.

—É a peste, estou dizendo!— Uma voz aguda veio pelo corredor. —Temos que nos livrar dele!

Ayisha girou e viu a Sra. Ferris persuadindo o capitão, e vários oficiais do navio à frente dela. Vários passageiros de olhares assustados observavam de longe.



—É a peste! Você deve tirá-lo do barco, Capitão— a Sra. Ferris reiterou.

—O que você pensa que está fazendo? — Ayisha exigiu.

—É a peste, senhorita? — O capitão perguntou, o rosto sombrio.

—Ele tem febre, mas não estou certa de que é a peste.

O capitão agitou a cabeça gravemente. —Não posso me arriscar. Eu sinto muito, senhorita.

—O que você quer dizer? O que vai fazer?

—Ele terá que ser deixado à praia, senhorita. Caso contrário ele espalhará—

—E todos nós estaremos mortos!— A Sra. Ferris gritou da outra ponta do corredor. Os outros passageiros murmuravam preocupadamente.

—Ele não vai a lugar algum— Ayisha retrucou. —Ele vai ficar aqui. Eu cuidarei dele.

O capitão agitou a cabeça. —Não posso permitir isto, sinto muito. Tenho o bem-estar de todos os meus passageiros a considerar. Ele será posto em um barco e rebocado para o mais próximo da orla.

—Para morrer, ou ser jogado ao mar por outras pessoas assustadas com a infecção, suponho— Ayisha disse.

—Não, você pode ir com ele se quiser e organizar locais para cuidar dele.

—Como você sabe se existem locais dispostos - ou capazes? — Ela discutiu. Ela *não* os deixaria levá-lo. Quem sabia o que os aguardava na costa? Poderia haver saqueadores, piratas ou ainda nativos hostis.

O capitão estalou os dedos e os homens colocaram trapos ao redor das bocas e narizes. Eles usavam luvas e se moviam cheios de propósito em direção à cabine.

—Pare-os, Higgins!— Ayisha ordenou.

Higgins deu a ela um olhar impotente. —Há seis deles, senhorita, e o capitão também.

—*Ela* não deixaria isso pará-lo!— Ela estava quase chorando com ira.

—Desista, *quer'd'*— Rafe murmurou. —O *cap'ão* está certo. É o *melor* a fazer. Perca um homem, salve o resto. — Ele balançou em direção ao capitão.

—Pare, seu tolo— ela gritou e o empurrou firme para trás. Ele foi cambaleante de volta para dentro da cabine. Antes que alguém pudesse dizer uma palavra ela o havia seguido, batido a porta e passado o trinco.

—Senhorita Cleeve, abra. Isto não faz sentido— o capitão gritou batendo na porta.

—Eu me fecharei aqui com ele e cuidarei dele. Eu sei o que fazer. Ele não vai morrer— ela gritou de volta.

—Meus homens podem chutar a porta a baixo em segundos— o capitão a advertiu.

Ayisha deu uma olhada rápida desesperadamente ao redor, e o olhar foi iluminado por uma caixa contendo pistolas de duelo. Ela a abriu e tirou as pistolas. —Tenho um par de pistolas de duelo carregadas aqui— ela gritou pela porta. Ela não tinha nenhuma ideia se elas estavam carregadas ou não. —O primeiro homem que entrar pela porta terá morte certa. Os dois primeiros, na verdade.

—Ela está blefando— ela ouviu o capitão dizer.

—Ela não está, lorde— Higgins disse. —Eu sei que as pistolas estão carregadas. Ramsey sempre as mantém arrumadas e carregadas.



—Talvez, mas aquela doce criança não machucaria uma mosca— o capitão ridicularizou.

—Ela iria com certeza, lorde. Atrás daqueles modos bonitos, ela é uma lutadora nata— Higgins o assegurou. —Ela viveu uma vida perigosa, a senhorita Ayisha. Leva uma faca e sabe como usar aquelas armas de fogo. — Ele pausou. Ayisha escutou. Ela nunca tinha tocado em uma arma de fogo na vida.

Obviamente o capitão não estava seguro, porque Higgins continuou—Ela fez vários homens que eu conheço - vilões, claro, e mereciam - mas se ela decidiu ficar lá com o Sr. Ramsey, Capitão, considero que você não tem nenhuma opção.

Obrigada, Higgins, Ayisha disse calada, e o perdoou por sua falha de caráter inesperada. O capitão acreditaria? Ela se perguntou.

Houve uma pausa e ela apertou a orelha contra a porta, perguntando-se o que eles estariam dizendo.

—Prometo a você que a infecção não se espalhará do lado de fora desta cabine— ela gritou. —Higgins me trará o que eu precisar e deixará na porta. Eu cuidarei de tudo.

—É loucura, criança— o capitão disse. —Você está dizendo que ficará aí até que ambos estejam sãos - ou mortos!

—Não é loucura— ela o assegurou. —Se não for peste, não há nenhuma razão para pôr ninguém à praia. Mas se for peste, eu posso ajudar. Meus pais morreram com ela, mas eu não morri, Capitão - eu *não morri*. Deve haver alguma razão para isto, e eu acredito que há. Eu vivi no Cairo a minha vida toda e *nunca* caí doente.

Ela ouviu outro tanto de murmúrio baixo.

—Eu te prometo— ela reiterou —se arrombarem esta cabine, os dois primeiros homens a entrarem aqui morrerão.

—Muito bem, faça do seu jeito— o capitão disse pesadamente. —Você é: ou a jovem mais estúpida que já encontrei... ou a mais valente.

Houve uma pausa, então ela ouviu os passos retrocedendo pelo corredor. Vagamente ela ouviu a Sra. Ferris reclamando e alguns outros passageiros se juntando a ela. O som retrocedeu.

Com as mãos tremendo Ayisha abaixou as pistolas. Elas estavam carregadas?

Ela girou para achar Rafe a assistindo. Ele estava estremeando desesperadamente, mas a pele parecia apertada e quente. —O que diabo 'ocê pensa que 'tá fazendo? — Ele ralhou em um sussurro rouco. —Saia daqui. —Os olhos azuis queimavam com febre e ira.

—Não seja tolo, você precisa de cuidados— ela disse a ele.

—Eu ordeno que você parta!

—Poupe o seu fôlego, eu não sou um soldado, e não obedeço às suas ordens— ela disse a ele. —Higgins, você ainda está aí? — Ela chamou pela porta.

—Sim, senhorita.

—Traga-me lençóis, toalhas, cobertores extras, água quente e chá de gengibre quente, limões ou limas e mel. A coisa mais importante é ver se alguém a bordo tem um pouco de salgueiro ou casca peruana. Ou qualquer coisa que seja útil para a febre - se eles nos derem, é claro.

—Casca peruana vai fazer a febre parar?



—Eu não sei, mas não pode fazer mal. Ninguém sabe o que cura a peste ou a causa. Alguns dizem que é o ar, alguns que é um julgamento de Deus, outros que se pega ao tocar alguém ou comendo certas comidas²⁴. Todo mundo apenas acha, esse é o problema. Mas eu sei que casca peruana e salgueiro servem para febre, então...

—Há uma caixa de material médico - é a preta no fundo do baú. Tem casca peruana e salgueiro. Não me lembro o quê mais. Consegui recentemente com um farmacêutico antes de deixarmos Londres. Quanto ao resto, farei o meu melhor, senhorita.

—Bom. — Ela ouviu os passos retrocedendo e se voltou para Rafe. —Agora nós teremos que te colocar naquela cama. Você não pode ficar no chão. — Ela segurou no braço dele, mas ele não fez nenhuma tentativa de se mover. —Você tem que me ajudar, Rafe - eu não posso te erguer sozinha.

—Quero... você... fora — ele conseguiu dizer.

—Não. Posso fazer isso com ou sem a sua ajuda, mas será muito mais difícil para mim se você não me ajudar.

Ele apontou para a porta, a mão tremendo de febre. —Vá! *Zaia*.

Homem teimoso. —Vou fazer isto de qualquer maneira e nada que você possa me dizer me fará partir— ela disse a ele. —Então se você puder apenas me ajudar a te colocar naquela cama...

Ele lutou para ficar de pé, afastando-a e usando a mobília para se arrastar brevemente para a vertical antes de desmoronar na cama desfeita. Ele tentou jogar as cobertas sobre si mesmo.

—Não ainda, você não pode. — Ela agarrou as cobertas. —Primeiro temos que tirar as suas roupas.

Ele tentou empurrá-la para longe, mas a luta para chegar à cama o havia deixado exausto. Ele parou estremeando. Ela sentiu a testa dele. A pele estava quente e seca, queimando muito.

Ela tirou as botas dele, então as calças. Ela desabotoou e desamarrou tudo o que podia, então o virou primeiro de um lado, e então de outro, arrastou o casaco e a camisa fora. Decidiu deixar a camisa, por enquanto. Ela podia erguê-lo facilmente para verificar suas axilas.

Se fosse a peste, haveria inchaço debaixo das axilas ou na virilha. Ela fechou os olhos e rezou, então ergueu a camisa dele e seu braço.

—O que 'ocê está fazendo?

—Examinando a sua axila. — Ela a sentiu suavemente. Nenhum sinal de inchaço. Ainda bem. Graças a Deus.

Agora era a virilha.

Ela abriu o zíper dianteiro e começou a arrastar a calça abaixo pelas pernas, junto com os calções de algodão que ele vestia por debaixo. —Pare. O que 'tá fazendo? — Ele murmurou.

—Tenho que examinar a sua virilha— ela disse a ele. —Ver se há algum inchaço.

Ele sufocou o que pareceu uma risada. —Não agora. Talvez *'manhã*.

²⁴ Peste bubônica - chamada simplesmente de peste, é uma doença pulmonar ou septicêmica, infectocontagiosa, provocada pelo *Bacillus pestis*, que é transmitido ao homem pela pulga do rato. A pandemia mais conhecida da doença ocorreu no fim da Idade Média, ficando conhecida como Peste Negra, quando dizimou grande parte da população europeia.



Ela encolheu os ombros e arrastou as calças e os calções pelas pernas longas e duras abaixo. Ele puxou o lençol sobre si mesmo.

—Não é hora para falsa modéstia— ela disse a ele. —Eu tenho que olhar.

Ele deu a ela um olhar teimoso e funesto, cheio de febre e segurou o lençol na posição.

—Eu já vi o corpo masculino antes— ela o assegurou. Ela havia visto Ali nu várias vezes quando ele era um garotinho. —E preciso verificar a sua virilha!

Ela arrancou o lençol dele e congelou. A semelhança entre o que ela via agora e o que havia visto enquanto banhava Ali era... vago, para dizer o mínimo.

Esse era um... um homem. Ela se sentiu um pouco ofegante.

Um homem muito doente; ela se castigou por ficar distraída. Ela o tocou cuidadosamente, e deslizou a mão na prega onde o interior da perna se juntava ao corpo, evitando as partes dele o melhor que podia, e a sentiu cuidadosamente.

—Nada— ela respirou.

—Quê?

—Nenhum inchaço— ela o assegurou.

Ele abriu um olho. — Claro que não. Muito doente— ele murmurou, deu um puxão convulsivo e começou a estremecer novamente. Ela depressa verificou o outro lado, e novamente, graças a Deus, não havia nenhum inchaço.

—Eu verificarei novamente em uma hora— ela disse a ele.

—Frio— ele disse, estremecendo violentamente. Ela puxou as cobertas e o cobriu. Ainda assim ele estremecia. Ela foi buscar mais roupas e as dobrou ao redor dele. Ele se amontoou nelas e fechou os olhos.

Ela achou a pequena caixa de remédio e examinou seu conteúdo. Havia pelo menos uma dúzia de jarros tampados contendo várias substâncias, mas embora eles fossem todos claramente etiquetados, ela não estava certa de para o quê a maior parte deles fosse usado. Dois ela conhecia e agradeceu por ter: casca peruana e salgueiro.

Uma batida baixa na porta a surpreendeu. Ela saltou e pegou as pistolas. —Quem é?

—Higgins. Ninguém mais, prometo, senhorita.

Ela não estava certa se deveria acreditar ou não. Se o capitão mantivesse uma arma de fogo na cabeça dele... —Ponha tudo no chão da porta e então recue— ela ordenou.

Ela esperou até ouvir os passos dele retrocedendo, então cautelosamente abriu a porta, apenas uma ranhura. Ela perscrutou mas não viu ninguém, então colocou a cabeça para fora da porta, a pistola pronta, por via das dúvidas - oh Deus, ela esperava não ter que atirar. Mas não havia ninguém lá, apenas Higgins, esperando a três metros de distância.

—Obrigada, Higgins— ela gritou. —Eu o examinei e não há nenhum inchaço. Isso significa que não há nenhum sinal de peste. Diga ao capitão. — Poderia ainda ser peste - e ela não mentiria para eles se fosse - mas ajudaria se o capitão e os passageiros fossem reasssegurados.

Ela moveu tudo depressa para a cabine. Arremessando-a com firmeza, e verificou o que ele havia trazido. Toalhas extras, cobertores, tigelas, uma panela grande de chá de gengibre quente - ainda bem. E uma xícara de inválido com um bico. Com febre, ele deveria beber bastantes fluidos, e com isso ficaria um tanto mais fácil.



Ela despejou um pouco do chá na xícara e borrifou o pó de casca peruana nela. Ela não estava certa de qual dos dois seria mais eficaz, mas ambos tinham a fama de serem bons para febre, então ela os alternaria.

Ela esperou cinco minutos, deixando o chá agir e então ergueu cuidadosamente a cabeça de Rafe e fixou a xícara em seus lábios.

—Você deve beber isto— ela disse a ele ternamente quando ele gemeu e moveu a cabeça com o gosto amargo. —É chá de gengibre com mel e casca peruana. Ajudará a diminuir sua febre. — Ele pareceu entender e bebeu obedientemente, engolindo cada bocado como se fosse doloroso.

Ele bebeu meia xícara, então se deitou de volta, exausto.

Ela dobrou as cobertas ao redor dele e retornou ao exame do material que Higgins havia trazido. Havia um manual médico - o do capitão, sem dúvida.

Ela procurou por conselhos. Borrife o quarto do doente com vinagre, ela leu, então borrifou vinagre em todos os lugares.

Diferentemente de muitos médicos, este aqui recomendava ar fresco. Ayisha concordava; ela já tinha as duas portinholas abertas. O ar era morno, salgado, fresco e limpo; tinha que ser bom.

O médico recomendou sangrar nos estágios iniciais das febres, mas apenas sob certas condições. Ela fez uma careta. Ela odiava sangria - o médico havia feito o pai dela sangrar abundantemente, e ela tinha memórias ruins disto.

Mas se ela tivesse que fazer, se isso o salvasse, ela iria... Agradecidamente estas não eram as condições declaradas. Ainda.

Ela leu que em alguns casos de peste uma cebola assada em óleo de azeite tinha sido usada para suavizar as ínguas - que era o termo médico para as inchações na virilha, pescoço e axilas - que eram depois arrancadas para tirar a podridão. O livro não disse se dava certo, apenas que tinha sido feito em outros. Eles tinham vivido ou não? Mas, se estava no livro, o médico deveria ter pensado que valia a pena dizer...

Ela trágou. Muito bem então, se as ínguas se formassem, ela faria isto. A navalha de Rafe seria afiada o suficiente para arrancar qualquer coisa.

Eles não tinham tentado isso com a mãe e o pai dela - talvez se tivessem...

Atitude positiva, ela se lembrou. Não havia nenhuma íngua ainda. Enquanto isso ela tentaria diminuir a febre.

Ele parou de estremecer depois da primeira hora e se livrou de toda a roupa de cama, jogando e ficando fraco. —Quente... quente...— ele ofegou. —Água...

Suavemente ela usou uma esponja e molhou seu corpo com água e vinagre, alisando a umidade adstringente sobre os planos largos de seu tórax e barriga e abaixo de seus braços e pernas.

Ela tentou não encarar o corpo dele, mas não podia evitar. O tórax era largo e firme, subindo e descendo agora em respirações aos arrancos, desiguais. Ela acariciou a pele úmida, permitindo à força dele retornar. Faixas espessas de músculos, relaxados agora em seu estado inconsciente, tiveram um espasmo debaixo da palma dela enquanto ela alisava a esponja sobre ele.



Ele era um homem rico, e ainda assim não havia nada de gordura nele. Um homem de ossos e músculos. Isso era bom ou não? Ela se perguntou. Ela tinha um pouco a ideia de que um homem mais gordo poderia lutar contra a febre de um modo melhor.

Ela ergueu os braços dele e deu o banho com vinagre e água, tentando sentir novamente se havia inchaços, mas não havia nada.

Ela banhou o corpo, seguindo os pelos que se estreitavam para o umbigo, bifurcavam em sua barriga e se fundiam com o enredo de pelos espessos da virilha. Suas partes eram suaves, e ela chuviscou água fresca sobre ela, e sentiu a lateral cautelosamente em busca de uma ou outra íngua. Nada.

Ela deu uma olhada rápida para seu rosto e viu que os olhos dele estavam abertos, assistindo-a. Ela sentiu um pulo de esperança.

—Nada, nenhum inchaço— ela disse a ele. —Não há nada para se preocupar. Você ficará bom logo. Apenas durma.

Ele não fez nenhum som, nenhum sinal de que havia compreendido, e ela percebeu que ele estava olhando fixamente para ela com os olhos brancos, cheios de febre, cegos.

Ela desceu com a esponja por suas pernas longas, duras e musculosas, ligeiramente cobertas com pelos. Ele as moveu, inquieto, sob as mãos dela, e começou a jogar a cabeça para frente e para trás. Os punhos grandes cerravam e abriam.

Ela o alimentou com um pouco de chá salgueiro e ele se aquietou novamente.

Mesmo que ela nunca tivesse encontrado este homem antes, saberia que era um guerreiro, ela pensou enquanto passava a esponja em seu corpo grande, quente, inquieto. Ele era coberto por cortes e cicatrizes.

Ele tinha vários ferimentos sórdidos que deviam ter ameaçado sua vida. Um longo corte prateado com extremidades enrugadas se estirava ao longo da parte inferior do braço direito através das costelas; um golpe fundo de espada, ela achava. Um milagre ele ter sobrevivido.

Ele tinha um buraco pequeno e redondo no ombro e um igual nas costas: uma bala que tinha atravessado, aparentemente. Outro milagre.

Havia cicatrizes no queixo e uma alta próxima à têmpora, ela descobriu quando estava alisando de volta seu cabelo úmido. Várias pequenas cicatrizes eram recentes: tio de Gadi e seus amigos, ela pensou culpada.

Ela terminou de lavá-lo e foi para trás. Tantas cicatrizes deveriam deixá-lo feio; ao invés, ele parecia bonito.

Mas agora mesmo ele estava mais fraco do que a gatinha dela.

Os olhos dela se encheram com lágrimas. Ela as levou para longe. Pense positivo, ela disse a si mesma ferozmente. *Pense positivo!*

Ele estava olhando fixamente para ela novamente, os olhos azuis, muito azuis, queimando através dela.

Ela se ajoelhou ao lado da cama e alisou o cabelo dele para trás, murmurando palavras suaves de conforto.



Pelo dia ela repetia o banho, passando para ele pensamentos e força positiva a cada toque. Ela o alimentou com o chá de salgueiro, chá de casca peruana e água de cevada contendo algo chamado de espírito de nitro²⁵, que o livro mencionava e estava na caixa médica.

Ele virava e girava, murmurado e murmurado, e o tempo todo sua febre erguia e erguia. Ela o molhava com a esponja com vinagre e água, ou o cobria com panos frescos, molhados, e eles pareciam dar conforto a ele, mas de repente ele estremecia, o corpo ficava tomado por espasmos e ele agarrava as coberturas novamente e se dobrava nelas.

E o tempo todo ela rezava.

Várias vezes ao dia Higgins retornava, perguntando pelo paciente, trazendo água quente e verificando se havia qualquer coisa que Ayisha precisava.

Ele trouxe comida, que ela não queria, mas ele ficava do lado de fora, insistindo que ela comesse para manter a força - e ele estava certo, ela sabia, então ela comia. Não saboreando nada.

No final da tarde Higgins trouxe todos os pertences de Ayisha. A Sra. Ferris estava preocupada com a infecção, disse que se recusava a tê-los - ou sua gatinha - na cabine mais.

O Reverendo e Sra. Payne estavam cuidando da gatinha. E rezando pelo Sr. Ramsey. E por Ayisha.

A noite caiu, mas a febre não baixou. Ao invés, ele parecia mais quente, apesar de tudo que ela podia pensar em fazer.

Pela portinhola ela podia ver a curva da lua baixa no céu. Brilhava no Cairo, também, ela se lembrou. Como eles estavam lá? Ela sentia falta de Laila, sentia falta de sua sabedoria e experiência. Laila saberia se Ayisha estava fazendo as coisas certas ou não.

Ayisha não sabia. O dia todo ela tinha despejado remédio nele, mas ele pareceu apenas estar ficando pior. Ela se sentia tão impotente, tão assustada. E se ela não pudesse mantê-lo vivo?

Como ela suportaria se ele morresse? Ela tinha apenas acabado de achá-lo...

Ele estremeceu desesperadamente. —Frio... frio... — ele murmurou.

Ela tinha toda a cobertura possível sobre ele. As portinholas estavam abertas, mas o ar de fora era morno e balsâmico. Ela não podia pensar em uma coisa única que pudesse fazer para fazê-lo ficar mais quente. Exceto uma.

Ela tirou a camisola e subiu na cama, deslizou para debaixo das cobertas até que o estava tocando. Deus, mas ele estava tão quente, o corpo era como um forno, ainda assim ele estremecia e murmurava—Frio, frio.

Ela envolveu o corpo ao redor do dele, segurando-o protetoramente, dando sua saúde e força a ele. Ela colocou a palma contra seu tórax nu, sobre seu coração. Ela precisava dela lá para sentir qualquer mudança durante a noite.

Ela se deitou enrolada contra ele, sentindo o tum-tum-tum da batida do coração, permitindo à batida ficar mais e mais firme e forte. Ela *não* o deixaria morrer, ela não iria. Ela repetiu várias vezes na mente. Ela não estava certa se estava rezando ou não.

²⁵ Espírito de nitro – surgiu de um estudo de Robert Boyle em 1660. Boyle mostrou que o salitre (KNO₃) pode ser decomposto pelo fogo em espírito de nitro e nitro fixo e, ainda, que essas partes podiam se recombinar para formar novamente a substância original.



Exausta, assustada, acordada por qualquer movimento ou mudança nele, ela se moveu para dentro e fora do sono.

O segundo dia foi pior. Ele estava mais quente, mais fraco, mais aflito, mais inquieto. Três vezes por dia ela deu a ele chá de salgueiro e, entre essas vezes, casca peruana. Em outras vezes ela deu a ele água de cevada com mel e passou a esponja nele ou o cobriu com cobertores, dependendo se ele estava reclamando de frio ou de calor.

Uma dúzia de vezes por dia ela procurava ínguas e todas as vezes ela dava um suspiro de alívio. O que quer que fosse, pelo menos não era peste. Ainda.

O dia todo ela o ouvia falar.

Era quase ininterrupto: gritando ou uma constante de delírios murmurados. Apenas parava por períodos pequenos quando ele estava adormecido. Ou inconsciente.

Mas ela temia os períodos mudos. Apavoraram-na.

Pelo menos quando ele estava conversando ele estava vivo ainda que não fizesse sentido o que ele dizia.

Nos silêncios ela pairava sobre ele, assistindo cada respiração, pronta para se jogar sobre ele se ele estivesse morrendo. Ela não tinha nenhuma ideia de como faria isso - forçá-lo a viver, de alguma maneira - mas ela faria.

—Seria melhor se você apenas dormisse— ela dizia a ele nos silêncios. —Morrer não é uma opção.

Ou então—Você prometeu à minha avó que me levaria para ela: você disse que nunca quebra uma promessa, droga, então não quebre esta!

Mas a maior parte do tempo ela ficava dizendo tranquilamente—Respire... Respire... Respire. — E respirando junto com cada respiração dele, para ele.

Às vezes quando ele falava, ela aprendia coisas sobre ele. Muitas não faziam sentido. Algumas, sim.

Ele revivia partes de sua vida. Ela podia dizer quando ele pensava que estava de volta à guerra, ela podia o ouvir murmurar ordens, entremeadas com pensamentos, interrompidas com advertências gritadas. Às vezes os braços dele batiam ao redor, ou os punhos apertavam bem fechados, como se ele estivesse lutando.

Ela se enrolou ao lado dele na cama, alisando sua testa e fazendo-o se acalmar, fazendo sons calmantes. E, novamente, ela dormiu ao redor dele, com a palma apertada sobre seu coração.

O terceiro dia foi ainda pior.

Enquanto ela mudava os lençóis, olhava fixamente para seu corpo nu e bem aberto sobre a cama. Os músculos que ela havia acariciado no primeiro dia agora pareciam de alguma maneira... mais achatados. Eles tinham encolhido? Ela não podia dizer com certeza, mas achava que sim.



Podia um corpo grande e duro se perder assim? Em apenas dois dias? Ou era imaginação dela?

Ela procurou pelas ínguas; nada.

Ele estava deitado, parado, quente, a respiração áspera e irregular, dentro e fora como um fole enferrujado.

Ele não disse uma palavra. Agora ela sentia falta das ordens que tanto a haviam afligido antes.

Ela conversou com ele, ordenando-o a viver, assegurando-o de que ele estava melhorando, repreendendo-o por não lutar com mais força.

—Você não morrerá, Rafe, está me ouvindo? Eu proíbo!

—Você ficará bem. —Ela secou furiosamente uma lágrima imprudente das bochechas. — Atitude positiva!

Ela enviava as comidas de volta intatas, ignorando as repreensões de Higgins. Ela não podia comer com ele deitado tão quieto e perdido. Ela ficava enjoada.

Ela o alimentava com o chá medicinal, com a água de cevada à força, e ele tragava, mas apenas isso. O cansaço do corpo a assustava.

Enquanto ela o alimentava com a última dose de salgueiro pela noite e deslizou para o lado dele, ela rezou ferozmente para que a vida dele fosse poupada. Ela se deitou segurando-o contra ela, a mão apertada contra seu coração, sentindo cada respiração dentro e fora, dentro e fora. Ela estava muito assustada para dormir.

Mas nas altas horas da noite as batidas do coração dele e o ritmo de sua respiração a acalmaram brevemente e a fizeram dormir contra a vontade.

E na luz lânguida do amanhecer, ela acordou com frio.

Ela sentou rápido e deu um grito—Nãããooo.

E ao lado dela, ele se mexeu.

Ela piscou. Sua camisola estava molhada.

Ela estava fria porque sua camisola estava molhada e a brisa da portinhola a estava gelando.

A camisola estava molhada porque ele estava molhado. Ele estava suando. Ela sentiu a testa dele. Estava fria sob seus dedos.

Oh, Deus, ele estava dormindo normalmente, a respiração profunda e igual. Ela apertou a palma contra o coração dele e sentiu a batida forte e fixa.

A febre havia baixado. As lágrimas desceram desenfreadas em suas bochechas. Ele iria viver. A febre havia baixado.

Capítulo Treze

Ele dormiu na maior parte do dia, e no final da tarde ela deu uma olhada rápida nele e o encontrou observando-a. Os olhos azuis estavam tão claros quanto o céu agora, nenhum sinal de febre. E um pouco... aborrecido?



—O que você está fazendo aqui? — Ele perguntou.

—Está tudo bem, você estava doente. — Ela foi apressada para a cama e sentiu sua testa. Estava fria e normal.

Ele olhou para ela e pegou a mão dela na dele, franzindo o cenho. —O que está fazendo?

—Verificando a sua febre. Mas não há nenhuma. Você ficará bem novamente.

Ele tentou se sentar e se encostar aos travesseiros. —Bom Deus, estou fraco como um gatinho.

—Sim, você precisará descansar por algum tempo ainda e recuperar a sua força. Você tem estado muito doente. Eu... eu pensei que você fosse morrer— ela disse vagamente.

—Tolice, eu sou tão duro quanto botas gastas— ele disse e tentou se sentar novamente, tendo sucesso desta vez, mas a um custo visível.

—Não, você é tão teimoso quanto botas gastas— ela o corrigiu. —Agora fique quieto, por favor. Eu preciso te lavar.

—Me lavar? — As sobrancelhas pretas se juntaram. —Você não fará nada do tipo!

—Não seja tolo, você precisa desesperadamente de ser lavado. No caso de não notar, você fede. Quando a febre baixou, você suou como um porco, e agora eu preciso te limpar para que você possa recuperar o conforto.

As sobrancelhas pretas abaixaram enquanto ele perscrutava debaixo do lençol. Os olhos arregalaram brevemente quando viu que estava nu. Ele deu uma olhada rápida para ela, então cautelosamente se cheirou. A cabeça voou para trás. —Eca!

Ela riu. —Eu te disse. Tudo de ruim saiu de você. Então agora você me deixará te dar o banho?

Ele trouxe o lençol até o queixo. —Muito menos agora que eu vi - que droga, Ayisha, você não deveria nem *estar* aqui comigo neste estado. — Ele dobrou o lençol ao redor do corpo. — Onde está Higgins?

—Fora.

—Então mande buscá-lo. Ele pode me ajudar.

—Não, ele não pode— ela disse calmamente. —Não por mais dez dias.

—O que você quer dizer com mais dez dias? Pensei que você tivesse dito que ele estava do lado de fora. Ele foi a algum lugar?

—Não, ele ainda está no navio— ela disse a ele. —Mas poderia ser infeccioso, então o capitão me pôs em quarentena por mais dez dias, apenas para se certificar.

—Se você está em quarentena, então o que está fazendo na minha cabine?

—Essa é a quarentena— ela disse a ele. —Eu te disse, você estava doente. Nós pensamos que poderia ser a peste.

—*Peste?*

—Mas não era, e agora você está se recuperando. Mas eu poderia ter pegado de você, e então nós temos que ficar aqui por um pouco mais de tempo.

—Um pouco mais— Ele afundou de volta contra os travesseiros. —Eu não entendi metade do que você me disse. Não— Ele ergueu a mão. —Não me explique novamente. Acho que vou apenas dormir e esperar que tudo faça sentido assim que eu acordar.



—Bom, não durma por muito tempo— ela disse a ele. —Eu preciso te dar banho e mudar os lençóis antes que anoiteça.

Ele agitou a cabeça. —Não, você não vai me tocar, droga. Eu posso fazer isto sozinho.

—Bom, eu não vou tolerar isso— ela disse a ele. —Se você pensa que eu vou dormir em lençóis sujos com um homem que fede com o suor que levou a sua doença, vai ver que não vai dar boa coisa.

—Ninguém está te pedindo para dormir em lençóis sujos com nenhum homem!— Ele replicou. —Vá embora. Durma na sua própria cama.

Ela não disse nada.

As sobrancelhas juntavam enquanto ele pegava as implicações do que ela havia dito, e o olhar dele varreu o quarto. Nenhuma outra cama.

—Você quer dizer que aquele maldito capitão te fechou aqui sem uma cama? — Ele disse com ira crescente.

—Não— ela disse cansada. —Eu mesma me fechei aqui com você, e eu dormi aqui— Ela apontou para a cama dele. —Pelas últimas três noites.

—Comigo?

Ela encolheu os ombros. —Você estava doente e inconsciente. E havia bastante espaço; é uma cama grande.

Ele olhou fixamente para ela por um longo momento, então gemeu. —Ai que dor de cabeça. Eu não posso pensar direito. Deixe-me deitar aqui por um pouco enquanto eu penso nisso tudo. — Ele anunciou e fechou os olhos.

Ela foi imediatamente buscar a xícara de inválido e a pôs nos lábios dele.

—O - o que d—ele cuspiu, se afastando. —O que é isto? Eu não preciso de você sendo minha babá.

—É chá de salgueiro— ela disse a ele zangada. Babá dele, francamente. Ela estava tentada a jogar o chá sobre aquela cabeça grande e dura! —Ajudará com a sua enxaqueca. Tem sabor horrível, eu sei - e é bem feito para você. E quanto a ser babá, você a tomou três vezes por dia pelos últimos três dias, e te fez muito bem.

Ele gemeu e puxou o lençol sobre a cabeça. Saiu alguns segundos mais tarde. —Eu realmente fedo, não é?

Ela anuiu com a cabeça. —Como um porco. E você precisa de uma purgante assim como um banho.

—Um purgante? Não há nada em mim para purgar. Eu não vou tomar nenhum maldito purgante!— Ele rosou. Então olhou para ela. —Por que um purgante?

—Se a doença pode sair de você com o suor, espero que um purgante te liberte desse mau humor que você acordou— ela disse a ele docemente. —Não vou tolerar isso por outros dez dias, também!— Era o tipo de coisa que se dizia antes de sair magnificamente pela porta, ela refletiu, mas ela estava trancada, então tudo o que ela podia fazer era girar as costas para ele.

Ela estava tremendo de fúria - e talvez um pouco de alívio por ele realmente estar bem. E possivelmente à beira das lágrimas pela mesma razão - mas ela não iria chorar na frente dele. Besta fedorenta.



Como se pode lutar noite e dia para salvar a vida de um homem e então quando se consegue isso, querer estrangulá-lo?

Ela estava cansada, era tudo. Ela mal tinha dormido nas últimas noites. Ela pisou sobre a cama, não olhando para ele, e ergueu dois dos cobertores que ele tinha jogado fora anteriormente.

Ela dobrou a largura em três, então pela metade e o colocou no chão o mais distante da cama. Ficaria bom como um tapete para dormir. Ela pegou um travesseiro da cama e o colocou na ponta.

—O que você está fazendo? — Ele exigiu.

Ela o ignorou. Enrolou-se no outro cobertor e deitou no tapete.

—Você não pode dormir no chão. Aqui, tome a cama, eu dormirei no chão.

—A cama fede a suor e doença, assim como você. Eu dormi em paralelepípedos ao ar livre pelos últimos seis anos. Posso dormir em qualquer lugar. — Ela fechou os olhos.

—É muito cedo para dormir.

Ela se sentou e o encarou. —Olhe, eu tive pouquíssimo sono nas noites passadas, então vou pegar o atraso agora. Com sorte dormirei por dez dias e não terei que conversar com você. E você não terá que me tolerar como *babá*. — Ela anunciou novamente.

Houve um curto silêncio, então ele disse—sinto muito. Eu fui rude e te chatee. Eu apenas não s - estou um pouco confuso, isto é tudo. Pareço ter perdido dias da minha vida, e não entendo como.

—Você estava doente e agora está melhor, e acordou de mau-humor e fede— ela disse a ele cansada, acrescentando—E eu estou mal-humorada, também, mas pelo menos tomei banho e me troquei, então me sinto melhor. Explicarei tudo mais tarde, mas primeiro, preciso de um pouco de sono. — Ela fechou os olhos e dormiu.

Rafe se sentou de volta contra os travesseiros e a assistiu. Ela realmente tinha caído direto no sono, assim fácil. Ele pensou por um momento que ela estava tentando mostrar algo. Algo que ele não conseguia descobrir.

Mas agora que seu cérebro estava começando a trabalhar, ele percebeu que ela parecia pálida e exausta, e de alguma maneira, delicada. Ela estava realmente exausta.

Ele fechou os olhos e tentou pensar. A última coisa que ele podia se lembrar era... uma mulher gritando? Uma mulher... mas não Ayisha. Mas a razão o iludiu. Qualquer que fosse a memória, escapava como o sonho faz tão frequentemente. Ou os pesadelos.

Mas ele realmente fedia.

Se o que ela disse era verdade e eles estavam trancados, seria melhor ele se limpar enquanto ela estava adormecida. Novamente ele lutou para se sentar.

Ele deveria ter estado muito doente. Havia apenas algumas vezes na vida em que ele tinha se achado tão fraco. Ele odiava isto. Odiava depender dos outros.

Ele preferia atirar em si mesmo a deixá-la banhá-lo como um bebê impotente.



Ele lutou para se sentar e jogou as pernas para fora da cama. Ele se sentou na extremidade da cama, respirando fortemente, e inspecionou a cabine. Embaixo da portinhola distante havia uma fila de baldes cobertos, uma pilha de panos dobrados, e algumas tigelas vazias e um penico. Na cômoda na parede havia o baú dele com remédio, um bule e aquela maldita xícara de inválido. Ao lado havia sua navalha. Excelente. Ele correu a mão pelo queixo; ele poderia se barbear.

Ele cambaleou e ficou de pé, nu, foi vacilando e se achou se segurando na portinhola para ter equilíbrio. A cabeça dele girava. Ele suportou por um momento, agarrando-se e tragou o ar do mar. Pareceu ajudar.

Ele investigou os baldes próximos. Dois estavam vazios, dois continham água. Ele imergiu um dedo e cuidadosamente saboreou. Um era água fresca, o outro, água do mar.

Ele pegou uma esponja, se ensaboou com algum sabão de cheiro medicinal que achou, então se esfregou por toda parte, usando a água do mar. Esfregou cada centímetro da cabeça aos dedos dos pés, contorcendo-se para conseguir limpar as costas, esfregando duro. Ele ficou de pé cuidadosamente sobre um dos baldes vazios e usou sua caneca de barbear para jogar a água do mar sobre o corpo todo, descendo pelo corpo dele.

Em vez de dentro do balde, a água cinza com espuma foi pelo chão todo. Ele olhou para ela, desanimado.

Ele deu uma olhada rápida para Ayisha, dormindo o sono dos justos no outro lado do quarto. A respiração era profunda e igual. As pestanas escuras eram arcos delicados e as bochechas pálidas. O cabelo crescia lindamente em cachos ao redor das têmporas e orelhas, enrolando naquela aparência que tinha acabado de ser lavado.

Ela havia tomado banho. E de alguma maneira havia deixado tudo limpo, organizado e seco, como uma gatinha.

Ele olhou para a poça de água salgada com sabão e espuma, cambaleou de volta para a cama, arrancou o lençol superior, e o jogou na poça.

Deus, ele estava exausto—novamente. Ele odiava ser tão fraco. Ele se embreou na lateral da portinhola e respirou até que o frio reavivou seu corpo molhado e nu.

Ele foi se barbear e teve um choque severo quando se viu no espelho. Sob a barba áspera, ele parecia... esquelético e os olhos estavam vermelhos e afundados. Oh, bom, ele pareceria melhor com um barbeado.

A navalha estava do lado de fora e aberta. A bolsa com o resto de seus artigos de toalete estava com sua bagagem. O que ela queria com a navalha dele?

Ele se barbeou na água fria. Tinha feito isto muitas vezes antes, mas por alguma razão desta vez ele ficava se cortando, e quando terminou, havia manchas de sangue no lençol aos pés.

Ele se esfregou tudo de novo com o próprio sabão e desta vez se enxaguou com água doce. Ele deu uma olhada rápida para si mesmo no espelho. Ele ainda estava com a aparência horrível, mas se sentia um milhão de vezes melhor.

Mas, Deus, que bagunça ele havia feito.

O lençol estava ensopando. O que fazer com ele? A solução óbvia. Ele o enrolou pelo chão com os pés, enxugando a água toda, então fez um bolo e o empurrou pela portinhola. Problema resolvido.



Ele secou o cabelo com a toalha, e a jogou para fora pela portinhola. Coisas muito úteis, portinholas.

Ayisha murmurou algo em seu sono, e ele deu uma olhada rápida nela. Melhor se cobrir antes que ela despertasse.

Ele agarrou uma calça do baú de viagem e tentou colocá-la. Maldição. Ele precisava se sentar. Ele se sentou na cama, puxou a calça, então exausto, caiu para trás na cama. Eca. Ainda fedia.

Ele tirou o lençol da parte inferior, cheirou e tirou o cobertor debaixo dele e jogou todos pela portinhola. Os travesseiros seguiram o mesmo caminho. Ele cheirou o colchão. Ainda havia nele um azedo lânguido, um odor desagradável.

Era feito com lã. A lã carregava a infecção, ele havia ouvido antes. Ele tentou enrolar o colchão, mas apesar de fino, não era fino o suficiente para sair pela portinhola.

Maldição. Ele se sentou para pensar no problema. E viu sua mala de viagem de pé lá. Ele havia comprado uma espada árabe de aço de Damasco enquanto estava no Cairo. O aço de Damasco era famoso. As espadas de Damasco podiam cortar qualquer coisa - tinham quebrado as espadas dos homens nas Cruzadas²⁶ em dias antigos, então um colchão feito de lã e não deveria ser nenhuma problema.

Com determinação renovada, ele puxou a espada de sua mala de viagem e começou metodicamente a cortar o colchão em pedaços, jogando cada pedaço pela portinhola. Era tão afiada quanto - talvez muito mais - do que sua navalha, e ele fatiou o tecido de lã sem fazer som.

Ela dormiu o tempo todo.

A arma era maravilhosa, ele pensou enquanto a embainhava. Ele desejou ter uma espada dessas enquanto estava no exército. Ele deveria ter comprado quatro, uma para cada um dos rapazes. Cinco - uma para Ethan. Talvez ele escrevesse para Baxter.

Ele se sentou na cama. Não era muito confortável com apenas um lençol sobre os estrados de corda. Ainda assim, era melhor do que ter um colchão cheio de infecção. Ele deu uma olhada rápida na garota dormindo. Por que diabo ela tinha dormido na mesma cama com um homem doente? Se ela tivesse ficado doente por causa dele...

Eles poderiam conseguir um colchão novo no próximo porto. Onde eles estavam de qualquer maneira? Ele perscrutou para fora da portinhola, mas não podia ver nada, apenas uma mancha de terra ao longe.

Ele puxou a calça e a camisa e se sentiu a meio caminho de ser civilizado novamente. Houve uma batida suave na porta.

—Senhorita? Você está bem, senhorita? Era Higgins.

Rafe foi para a porta. Mas que diabo. Estava trancada – e do lado de dentro. Mas ela disse que eles estavam trancados. Ele destrancou a porta e a abriu.

²⁶ Cruzadas - qualquer um dos movimentos militares, de caráter parcialmente cristão, que partiram da Europa Ocidental e cujo objetivo era colocar a Terra Santa (nome pelo qual os cristãos denominavam a Palestina) e a cidade de Jerusalém sob a soberania dos cristãos. Estes movimentos estenderam-se entre os séculos XI e XIII, época em que a Palestina estava sob controle dos turcos muçulmanos.



O rosto de Higgins iluminou. —Deus seja louvado, lorde, é verdade - você está bem novamente. — O rosto do homem mais velho amassou e ele trabalhou para controlar sua emoção. —Eu pensei que - eu estava certo de que— Ele limpou a garganta. —A senhorita Ayisha disse que você estava melhor, mas eu... não estava certo... e vendo você— Ele fez uma meia-volta abrupta, retirou um lenço, soprou nele ruidosamente, então, depois de um momento, se voltou para Rafe, a expressão da madeira habitual, no lugar.

—Minhas desculpas, lorde, mas eu verdadeiramente pensei que você tivesse morrido. A peste é assassina.

—Peste? — Rafe repetiu. E de repente se recordou do que a mulher tinha gritado. *Peste*. Ele fez uma careta. —Mas não era peste, era?

—Não, lorde, mas todo mundo pensou que fosse. Alguns dos outros passageiros estavam apavorados.

Rafe anuiu com a cabeça. —Por isso eles me trancaram. Mas o que eu não posso entender é por que eles puseram a senhorita Ayisha comigo. Ela não estava doente, não é?

A sobancelha de Higgins enrugou. —Não, lorde, ela se trancou com você. Para impedi-los de te mandarem embora. — Com a expressão confusa de Rafe, ele acrescentou—Ela não explicou, lorde?

Rafe agitou a cabeça. —Não, ela não explicou. Ela está adormecida no momento. Vê? — Ele foi para trás e gesticulou para que Higgins entrasse, mas o homem não se moveu.

—Peço seu perdão, lorde, mas as ordens do Capitão foram que ninguém entrasse ou saísse desta cabine por outros dez dias. — Ele deu a Rafe um olhar inquieto e disse—Foi uma ordem direta, lorde, mas se você insis—

Rafe acenou a explicação para longe. —Está certo, ele é superior nesta instância. Você fez certo. Mas me diga algumas coisas.

Higgins fez e ao final do conto Rafe estava franzindo o cenho. —Todos vocês acreditaram que eu tinha peste? E ninguém tentou pará-la?

—Todo mundo tentou, lorde, inclusive você. Todo mundo queria libertá-la de você; o plano era te rebocar para um lugar esquecido por Deus do litoral africano e te deixar lá, para viver ou morrer nas mãos de Deus. E você, lorde, você queria ir - disposto a ser o herói nobre que é.

Ele sorriu amplamente, meio em pranto. —Mas a senhorita Ayisha não deu a mínima. Você deveria tê-la visto, lorde! Como uma jovem tigresa protegendo seu filhote. Ela te empurrou de volta na cabine, te seguiu e trancou a porta. Ela até ameaçou atirar nos dois primeiros homens que entrassem - eles iriam quebrar a porta e te arrastar. Mas ela os parou.

Rafe olhou fixamente para a jovem esbelta enrolada no chão e tragou. —Quanto tempo faz isto?

—Quatro dias - três noites, lorde. Ela está cuidando de você noite e dia por todo esse tempo, limpando com esponja, dando chá de casca peruana e só Deus sabe mais o quê. Uma verdadeira pequena heroína ela é.

—Uma incrível pequena tola— Rafe murmurou. O que ele ouviu havia agitado até as profundidades de seu ser. Era uma coisa se arriscar por um amigo no calor da batalha; outra coisa



era se trancar com um homem suspeito de ter a peste. Arriscando a ter morte certa. Por um homem que ela mal conhecia.

Ele suspirou. —Estou morrendo de fome, Higgins. Você pode conseguir um pouco de comida?

—Claro, lorde, e para a senhorita Ayisha, também, espero; ela não come nada desde anteontem.

—Sim, para a senhorita Ayisha, também. Oh, e veja se você consegue um colchão novo, alguns travesseiros e cobertores. Tenho bastante lençóis.

Higgins pareceu confuso. —Sim, a senhorita Ayisha mudou os lençóis todos os dias, mas o que aconteceu com o outro—

—Eles saíram pela portinhola, Higgins— Rafe disse a ele. —Eles fediam.

—Fora pela— o rosto de Higgins ficou branco. Ele se endireitou. —Claro, lorde. Verei o que posso fazer, lorde.

Enquanto a porta fechava atrás de Higgins, Ayisha se mexeu.

—Higgins foi nos buscar um pouco de comida— ele disse a ela —Você dormiu bem?

—Sim, obrigada - o que aconteceu com o seu rosto? — Ela se levantou, saindo de seu cobertor e observou preocupada o queixo dele. —Está cheio de cortes.

—Eu me barbeei— ele disse com dignidade. —Com água fria.

—Oh. — Ela mordeu de volta um sorriso. —Entendo. Você podia ter pedido a Higgins para buscar um pouco de água quente. Ele volta de hora em hora de dia.

Ele tomou o cobertor dela e fez um pacote áspero com ele.

—Aqui, eu dobrarei isto— ela começou e se curvou para levantar o outro cobertor. Ela fez uma carranca. —O que é tudo isso no chão? Parece que— Ela se curvou e pegou algo. —É lã.

—Do colchão, espero. — Ele se curvou e pegou o travesseiro dela, pegou o segundo cobertor, caminhou para a portinhola e os jogou por lá.

—Ei, o que você—

—Eles estavam sujos, também.

Ela olhou para a cama e o queixo caiu. —O que aconteceu com a cama? Não há colchão.

—Foi embora. É melhor desse modo. A lã é um foco de infecção. — Ele tomou o fragmento de lã da mão dela e o soltou do lado de fora da portinhola. —Higgins vai nos trazer um novo. Venha e se sente. Eu estou vestido.

Houve uma batida na porta. —Ah, a comida.

Mas era Higgins, com um colchão, travesseiros e cobertores. —Eles não tinham um colchão grande, lorde, mas um dos marinheiros costurou dois colchões comuns juntos. São como magos com uma agulha. Deve ser por remendar as velas, suponho. — Ele empurrou o colchão pela entrada.

—Higgins, poderia me conseguir uma rede, por favor? — Ayisha perguntou a ele. —E um comprimento de corda para que assim possamos fazer um canto de isolamento.

—Certamente, m— Ele cessou bruscamente, enquanto Rafe pegou seu olho.

Sem rede, Rafe fez com a boca sem som por detrás dela.



—Certamente, senhorita— Higgins terminou, a expressão inalterada. —Verei o que posso fazer.

Rafe anuiu com a cabeça. Bom homem.

Eles passaram os próximos minutos arrumando a cama. Ao final Rafe estava quase exausto. Ele desmoronou nela.

Cinco minutos mais tarde um golpe na porta o reavivou. —A comida, afinal— ele disse e cambaleou para a porta.

Mas era o capitão. Ele olhou para Rafe de cima a baixo muito cuidadosamente. —Minhas felicitações, lorde, em sua recuperação.

—Obrigado, Capitão— Rafe disse.

O capitão deu uma olhada rápida para Ayisha que pairava ao lado do cotovelo de Rafe, apoiando-o. —Senhorita Cleeve, você fez algo notavelmente valente - e tolo.

Ela sorriu. —Eu te disse, Capitão, não era tanto risco—

Rafe a cortou. —Nós discutiremos isso mais tarde!— Deixava-o furioso ela falar da situação de forma tão leve. —Capitão, agora que viu que eu não estou com a peste, talvez pudesse acabar com esta quarenta—

—Desculpe, mas não, tenho regras e elas devem ser obedecidas. Porém, deve ser terrível ficar limitado em uma cabine por tanto tempo, não vejo nenhum problema em permitir um pouco de tempo de agora em diante no convés para tomar um pouco de ar fresco, raios de sol e fazer um pouco de exercício - desde que você não entre em contato com meus passageiros ou a tripulação, claro.

Ele olhou para Rafe questionando, e ele anuiu com a cabeça. —Concordo.

—Bom. Sugiro que você vá ao convés durante as refeições, quando os outros passageiros estiverem comendo. Devo informar a tripulação. Você jantará mais tarde, em sua cabine, depois que os outros tiverem terminado.

Rafe anuiu com a cabeça. —Um bom comprometimento. Obrigado.

O capitão pediu licença, então voltou com outro pensamento. —Vai querer que eu faça a cerimônia, lorde? — Ele deu uma olhada rápida para Ayisha.

—Não— Rafe disse a ele. —Organizarei assim que levar a senhorita Cleeve para a casa de sua avó.

—Cerimônia? — Ayisha perguntou. —Do que está falando?

—A cerimônia de casamento, senhorita— o capitão disse.

—Mas— Ayisha começou.

—Obrigada, Capitão, mas não há necessidade disso agora mesmo. — Rafe fechou a porta.

—Sobre o que ele estava falando? — Ayisha perguntou com mau pressentimento.

—Não é visto com bons olhos pela *sociedade* a cerimônia a bordo de um navio— Rafe disse a ela. —Nós faremos na casa da sua avó.

—O quê?

—O casamento, claro. — Ele pegou o olhar de assombro dela. —Bem, não deveria ser uma surpresa. Eu te expliquei há alguns dias - ou talvez há uma semana, não sei. Mas estou certo de que você me entendeu no momento. Por que você não chegou perto de mim por dias.



Ela olhou fixamente para ele, como se forçada a se silenciar.

—Vamos, Ayisha, seguramente você pode ver que depois de ter passado três noites só comigo no meu quarto - na minha cama - nós teríamos que nos casar. — Todo aquele tempo só, com ele inconsciente, e ela com nada para fazer, ela deveria ter considerado as consequências, ele pensou, tentando acabar com a culpa dentro de si.

Ele percebeu isto no momento em que soube que ela havia dormido em sua cama. Percebeu e ficou feliz. Para Rafe, solucionava tudo. Ele a teria exatamente onde a queria - em seus braços, em sua vida e em sua cama. E tudo isso sem fazer discursos floridos ou fazer admissões embaraçosas.

E se arriscar que ela as jogasse de volta em sua cara.

Agora ele não teria que fazer nada - exceto fazer a coisa certa e se casar com Ayisha. Não poderia ser melhor.

—Mas você estava doente, inconsciente— ela discutiu. —Você nem sabia que eu estava lá.

—Sim, mas todo mundo neste navio sabe. Venha, minha querida, não há necessidade de parecer tão chateada; o dano está feito agora, então vamos fazer o melhor disto. — Por que ela não podia ver as vantagens? O casamento resolveria os problemas dela e os dele. Até resolveria a questão da sucessão - não que ele se importasse com isto.

Ela olhou para ele. —O dano está feito? — Ela ecoou as palavras, uma nota estranha na voz. —O *dano*?

Ele deu a ela um sorriso tranquilizante. —Não é tão ruim. Nós nos daremos bastante bem, suspeito. — E como esposa dele, ele verdadeiramente poderia protegê-la e cuidar dela.

—Oh, é mesmo?

Ele fez uma carranca. Ela tinha soado um pouco... aborrecida? —Sim, não há nada que nós possamos fazer sobre isso exceto aceitar o fato.

—Que fato é esse? — Ela exigiu. —Por eu ter salvado a sua vida e um monte de completos estranhos saberem, devemos passar o resto de nossas vidas casados um com o outro?

Ele encolheu os ombros. —É o jeito do mundo.

—Não é o jeito do meu mundo.

—Talvez não, mas na Inglaterra— ele começou, então mudou de ideia. —Bem, realmente é assim. Você não pode negar que casamentos são organizados o tempo todo no Egito.

—Sim, mas como você disse, aqui é a Inglaterra. — Ela deu uma olhada rápida para fora para a água azul do mediterrâneo. —Não ainda, talvez, mas será.

—E casamentos são organizados na Inglaterra o tempo todo, também. Os casamentos dos meus amigos foram organizados - de fato o de Harry foi feito exatamente pela mesma razão. E o meu próprio irmão estava organizando o meu com Lavinia Fettiplace antes de eu deixar a— Ele cessou bruscamente. Talvez não fosse a admissão mais sábia o que ele havia feito agora.

—Oh, maravilha. — Ela ergueu os braços. —E eu suponho que ela seja rica e bonita.

—Bem, sim, mas—

—É claro— ela disse com fúria. —Então ele ficará muito *excitado* quando você a jogar fora por uma garota que achou nos canais do Cairo.



—Não a princípio, ele não vai - e você não estava no canal, exatamente - não importa. Meu irmão apenas terá que tolerar a mudança de planos.

A mudança de planos não poderia ter sido melhor para Rafe. Ele não tinha nenhum desejo de se casar com Lady Lavinia. Ele havia fugido do país para evitar isto, de fato.

—Tolerar, é? — A voz dela pulsava com fúria. —Bem, não a mim, Sr. Ramsey. Porque eu me recuso a aceitar a sua oferta tão galante de me fazer uma mulher decente. Sou perfeitamente decente como sou, obrigada!

—Claro que você é - ninguém está sugerindo o contrário — Rafe a acalmou. — Não há necessidade de ficar chateada. — Ele estendeu uma mão para ela mas ela deu a ele um olhar que o fez mudar de ideia. Ela tinha o direito de estar chateada, ele sabia. As mulheres queriam falas floridas, namoro, coisas assim. Mas era muito tarde para isso - eles estavam verdadeiramente comprometidos e não havia nenhuma alternativa além do casamento.

—Apenas a Sra. Ferris e outras como ela, espero, dirão que eu criei uma situação para conseguir um marido rico e bonito. — Ela o encarou. —E você também pensa isso, não é?

—Isto não é verdade. Não penso desse modo. Sei muito bem que estava muito doente. Você fez com a melhor das intenções, estou certo disso - eu sei - ele disse apressadamente, vendo a expressão dela.

Ele respirou fundo e disse com voz calmante — Claro que eu sei que você fez o que achava ser o melhor. Mas a vida nem sempre tem o resultado que se espera, e apesar de isto não ser o que nós dois... esperávamos, ainda assim não é muito ruim, é? —Ele deu a ela seu sorriso encorajador.

—*Não é muito ruim?* — Ela cerrou os punhos, revirou os olhos e emitiu um grunhido furioso.

Rafe fez uma carranca. Claramente ele era um partido menos desejável do que imaginava, mas pelo menos ela o achava bonito. Ele pensou em dizer a ela sobre o herdeiro. Muitas mulheres poderiam gostar da ideia de seu filho um dia se tornar um conde. Mas, droga, não, ele não a subornaria com isto. Isso era muito sem dignidade.

Ele voltou ao rumo de seus argumentos. —Se é com a Sra. Ferris que está preocupada, bem, não fique. Ela está bem abaixo de você. Apenas a ignore— Rafe recomendou arrogantemente.

—Ignorá-la? — Ela quase gritou. —Como eu posso ignorá-la quando devo me casar com você por causa do que ela e outros como ela pensam?

—É o que o mundo inteiro pensará— Rafe disse irritado. Fazia todo o sentido para ele. Por que diabo ela estava ficando tão esquentada? Eles tinham se dado perfeitamente bem até agora, e uma vez que ela se acalmasse, eles voltariam a se dar perfeitamente bem novamente, ele estava certo.

—Não, o que o mundo inteiro pensará - se eu me casar com você, o que eu não vou - é algo como — ela fez uma voz muito mais gentil— ‘Oh, olhe, ali vai a Ayisha Ramsey. Ela não era ninguém até que fingiu que Rafe Ramsey teve a peste. Claro que ele não teve, era apenas uma febre comum, mas ela se trancou com ele por três noites inteiras - muito melodrama, meu querido! E quando ele se recuperou, o pobre homem foi forçado a se casar com ela. Tãoo tragico’. — Ela foi como um furacão para a porta, abriu-a e achou Higgins de pé lá com uma bandeja de comida.



—Par trás, Higgins— ela retrucou. —Vou subir para o convés, e eu odiaria tocar em você por acidente—

—Senhorita? — Higgins foi para trás.

—Porque eu provavelmente teria que me casar com você por causa disso—ela terminou.

—Oh, agora você está apenas sendo tola— Rafe começou.

—O que fica *beeeem* melhor em mim!— Ela concluiu com a voz tremendo e saiu correndo. E deixou em suas costas um silêncio chocado.

—Desculpe-me interromper, lorde— Higgins disse com remorso depois de um momento. — Apenas vim trazer comida e informar que todo mundo foi jantar, se quiser ir ao convés acima.

—Graças a Deus, estou morrendo de fome— Rafe declarou. Ele ergueu o pano da bandeja e olhou fixamente o conteúdo. —Canja de galinha? Ovo poché? Eu disse que estava morrendo de fome, homem. Estou fraco como um gatinho. Preciso de carne. E um pouco de um bom vinho tinto.

—Desculpe, lorde, mas você precisa ir lentamente. Não poderá lidar com carne e vinho tinto - e sabe disto, lorde. Lembra de quando você se feriu e a febre apareceu depois que o cirurgião o costurou? Eu movi céus e terras para te conseguir um bom prato de carne quando você quis.

—E eu vomitei tudo no minuto seguinte, eu sei. Desperdício terrível. Mas canja de galinha e ovo poché? — Ele olhou para o líquido pálido, as gotas escorrendo em um pedaço de torrada seca.

—É uma boa sopa de galinha— Higgins persuadiu. —Se a senhorita Ayisha tivesse feito, seria sopa de aveia.

Rafe deu uma olhada rápida para o caminho que ela tinha corrido. —Você está certo de que não quer dizer cicuta?

Higgins sorriu. —Ela adora estar certa, mas vai se acalmar. Você sabe que ela o adora.

—É mesmo? Não me parece muito isto. — Rafe tomou a bandeja e se sentou. Ele perscrutou debaixo da cobertura do segundo prato. Ovos, também.

—As mulheres não dizem o que pensam, lorde, você sabe disto.

Rafe bufou. —Eu sei. Eles ficam sentimentais com coisas que são perfeitamente diretas.

—Isto é verdade, lorde.

Ele tomou um bocado de sopa. Não estava ruim. Ele bebeu um pouco mais. —Quero dizer, ela sabia as consequências. Na primeira noite fora do porto eu a adverti de que se nós fossemos vistos muito frequentemente, sem uma dama de companhia, o perigo de sermos comprometidos. — Ele agitou a cabeça. —Eu deveria ter contratado uma empregada.

—Não teria feito nenhuma diferença, lorde.

—Não, eu não acho.

—Ela estava muito disposta a salvar a sua vida, lorde, sem pensar nas consequências.

—Eu sei, Higgins— Rafe disse impacientemente. —A pequena tola cabeçuda se joga no perigo o tempo todo. Não pensa nas consequências. É por isso que o casamento dará certo. Ela precisa ser guiada por uma cabeça mais fria, racional. — Ele terminou a sopa e comeu um bocado de ovo e torrada.

—Sim, lorde.



—Devo admitir que o capitão foi um pouco prematuro, mas como poderia ser o choque que ela parece pensar que é? Ela está agindo como se fosse um insulto. — Ele deu uma olhada rápida para Higgins. —Eu quero dizer, eu sou um pretendente razoável, não é?

—Um excelente pretendente, lorde.

—Não, não excelente— Rafe disse seriamente. —Meu nascimento é bom, mas a minha fortuna é apenas média. — Ele deu outra mordida.

—Eu não penso que a senhorita Ayisha se importa com a sua fortuna, lorde.

—Bem, eu também não acho, mas ela claramente está de olho em algo - ou melhor - alguém. Higgins hesitou. —Como - exatamente - você a propôs, lorde?

—Propôs? Eu não fiz isso. Não havia necessidade. O capitão tocou no assunto primeiro, e eu continuei então. — Ele empurrou o prato de lado. A meio caminho de um pedaço de torrada e um ovo, e ele estava cheio.

—As mulheres gostam de ouvirem a proposta, lorde— Higgins sugeriu timidamente. — Gostam de saber que podem dizer sim ou não.

—Bem, você a ouviu, ela disse não. Alto e claro. Imagino que o navio inteiro a ouviu.

—Todo mundo no jantar, lorde— Higgins o assegurou. —Eles não teriam ouvido nada.

—Bem, saia e vá jantar. — Rafe o acenou para longe. —E se estima a pele, não me diga se for rosbife.

Rafe se deitou na cama. Por que as mulheres tinham que complicar tudo? Tinha sido a resolução perfeita, o que ele pretendia desde o princípio, quase desde o momento em que havia colocado os olhos nela.

Ela parecia muito só. Ele estava só, também. Ela tinha um parente próximo, a avó, mas ela facilmente poderia morrer logo. As avós faziam isso, segundo a experiência dele. E Rafe tinha apenas um irmão e ele não estava nem o mínimo interessado em qualquer coisa exceto a habilidade de Rafe de produzir um herdeiro.

Parecia como uma associação natural. Ela estaria só em um país estranho, precisando de proteção, precisando que gostassem e cuidassem dela. E ele era bom nisto. Era uma de suas poucas habilidades.

Eles começaram a amizade com pedras na mão, mas ele achava que as coisas tinham se ajustado bem entre eles desde então. A viagem para Alexandria tinha sido bastante agradável; eles admiraram as vistas e conversaram sobre todos os tipos de coisas.

Ele tinha deixado os amigos dela em uma posição segura. Ela tinha gostado do pequeno presente - que ele esperava que compensasse por ele ter insistido que ela deixasse o gato velho para trás. E aquela rápida conversa no convés na primeira noite, quando ela estava de pé ao lado dele e tinha falado coisas sobre as quais não pensava há anos... com a mão dela em seu braço.

Quanto a salvar sua vida. Ele não podia se recuperar disto. Puxar pistolas para impedi-los de mandá-lo à praia.

E o que seguiu depois disto. A maldita febre era desagradável de lidar, ele sabia. Mas ela tinha feito isto, cuidado dele como uma pequena guerreira. Ele ainda não estava bem certo de como se sentia sobre isto. Agradecido certamente, mas também...

Ele não podia explicar, mesmo para si mesmo.



Então oferecer a ela casamento era a coisa certa a se fazer em todos os níveis.

A rejeição veemente dela o havia chocado.

Mas ele não iria ceder. Ele a assediaria, cansaria, convenceria de seu modo de pensar. Tinha dado certo na guerra, daria certo na... vida.

Ele a levaria para a avó dela, explicaria a situação e pediria a permissão dela para se casar com ela. A lady idosa o ajudaria, ele sabia. Ela permitiria que a sua preciosa neta recém encontrada fosse desgraçada? Não, nem em um milhão de anos.

Então ele ajeitaria as coisas em Cleeveden, e então arrumaria as coisas com George e Lady Lavinia. Não que ele já tivesse feito qualquer promessa a ela, graças a Deus. Mas ela sabia da intenção, e ele não queria envergonhá-la.

Ele explicaria a situação. Ela entenderia. Ela não era um tipo ruim. Apenas não era o tipo dele.

George se resignaria no fim. A procriação era o que mais contava para George. Os Cleeves poderiam não ser da nobreza, mas era uma linha antiga e venerável, e do lado da mãe era relacionada a metade das famílias nobres no continente. George se importava com um herdeiro mais do que qualquer coisa; ele acabaria ficando agradecido de Rafe estar se casando.

E entretanto ela não tinha nenhuma fortuna, ela herdaria algo da avó, ele imaginou, e em todo caso ele estava perfeitamente contente com o que tinha.

Mas ela estava? A reação dela o havia chocado, mostrado a ele que ele não a entendia.

Desde que a avó dele havia morrido que ele não tinha ficado muito próximo de muitas mulheres. Exceto as tias de Gabe e Harry e a mãe e as irmãs de Luke, as relações com as mulheres que ele tinha até agora eram também distantes, de forma cortês e formal - ele era muito bom em bailes e jantares, por exemplo - conveniente, vigoroso e sem estar amarrado. Essas conexões começavam e terminavam na porta do quarto.

O tipo de conexão que Gabe e Harry tinham com as esposas – e que até o irmão dele, George, parecia ter com a esposa Lucy - era território estrangeiro para Rafe. Ele era o estrangeiro olhando de fora.

Mas todos eles tinham feito casamentos de conveniência - até mesmo George - especialmente George. O pai havia selecionado a noiva de George com a mesma atenção à linhagem que George tinha escolhido Lady Lavinia.

Então Rafe estava certo de que estava no caminho certo. Tudo o que ele tinha que fazer era levá-la para o altar e então para a cama. Com o tempo, ela viria a gostar dele. Ela tinha que gostar.

Ela achava facilmente o amor. Ela amava metade do Cairo ao que parecia: pequenos ladrões de rua esfarrapados, fabricantes de torta, gatos velhos e feios, macias e lustrosas pequenas gatinhas. Ela aprenderia a amá-lo eventualmente, ele estava certo disto.

Como se faz alguém te amar?

A única pessoa no mundo que se importava com Rafe era sua avó, mas era isso o que as avós faziam, pelo que parecia. Era só olhar para lady Cleeve. Ela nem mesmo havia encontrado Ayisha, mas já a amava.

Mas isso era Ayisha, ele pensou com sono. Todo mundo a amava. Era só ver o modo como aqueles jovens oficiais a seguiam. Um vigário e sua esposa em lua de mel, o capitão do navio, duas



ou três harpias - até os marinheiros tinham feitos equipamentos para a gata dela. Ela era assim. Era apenas uma para muitos.

Mas ele podia protegê-la.

E, droga, ela precisava de proteção pelo modo como ela apressava as coisas, um anjo indo em direção ao que até os tolos não ousavam...

Sim, ele pensou com sono, era isso que ele faria; casaria com ela, seria gentil com ela e a protegeria. E quando conseguisse levá-la para sua cama, ele faria amor com ela até que ela estivesse como uma gelatina de tanto prazer. Era a outra coisa que ele podia fazer bem.

Ela teria que gostar dele então, ele pensou. E fechou os olhos, em parte para dormir, em parte para não deixar entrar o pensamento das outras mulheres que ele tinha dado prazer e em parte, para impedir a angústia.

Ayisha era diferente. Ele a faria desejá-lo... e querer ficar. De alguma maneira.

Capítulo Quatorze

Ayisha marchou para a murada e bateu com força. Estúpido, cabeça dura, homem idiota - por que ele não podia entender? Ela encarou em torno do convés vazio. Ela queria chutar algo - alguém, mas ele ainda estava na cabine.

O dano está feito!- francamente!

Você fez *com a melhor das intenções*. A melhor? Isso a fazia soar como uma intrometida. Ele não sabia, o grande cabeça de vento, que pelos últimos três dias ela tinha lutado noite e dia para mantê-lo vivo?

A última coisa que ela tinha se importado era com o decoro. E ele deveria agradecê-la em vez de dizer que ela *fez com a melhor das intenções*.

Todas aquelas horas pairando sobre, fazendo-o respirar, respirar, respirar. As noites acordadas, o medo, a preocupação, aflita sobre ele, alimentando-o com casca peruana e salgueiro e o lavando com esponja, mantendo-o fresco, mantendo-o aquecido, mantendo-o *vivo*.

Ela desviou a vista para o mar com olhos cheios d'água.

Que tipo de pessoa ele pensava que ela era? Ele não podia ver por que ela tinha feito tudo isso? Por que ele pensava que ela havia lutado tão desesperadamente para salvá-lo - ameaçando atirar em dois homens perfeitamente inocentes, para que não o deixassem na praia. Homens com esposas, provavelmente, que eles amavam e filhos. Por que ele pensou que ela faria tal coisa? Para prendê-lo como marido?

Você fez com a melhor das intenções.

Como ele não podia ver o quão desesperadamente ela o amava? O cabeça-dura.

Ela não podia nem começar a explicar como as palavras dele haviam-na ferido. As palavras que era o sonho de todas as garotas, ter seu casamento pelo possível futuro esposo definido como: *o dano está feito mas não é tão ruim*.

Nós nos daremos bastante bem, suspeito.



Ela deveria ter deixado que eles o jogassem ao mar, ela pensou furiosamente. Teria evitado a ela - todo mundo - muitos problemas.

Ela compassou ao longo da murada, de um lado para o outro. Ela deveria tê-lo empurrado para fora pela portinhola. Ela podia descer e fazer isto agora, ver se ele gostaria disto.

Ela *não* se casaria para prevenir fofoca.

Ela não iria se *dar bem* com ele.

Ela tinha vindo para chupar a laranja doce de vida, não o limão seco do compromisso e da convenção. Para Ayisha, era tudo ou nada, e se ele fosse muito estúpido, cabeça dura e cego para saber o que ela estava oferecendo, ela não escolheria nada.

Não, isso estava errado; ela não estava escolhendo nada.

Ele não tinha oferecido nada a ela, e ela se recusava a aceitar isto. Pronto e acabou.

Agora, como sobreviver a outros dez dias em uma cabine com um homem que ela queria estrangular? Ou jogá-lo de uma portinhola.

Uma hora depois Higgins deixou-a saber que estava na hora de retornar à cabine.

—Você está bem, senhorita? — Ele perguntou, o rosto amável preocupado.

—Sim, Higgins— ela disse tranquilamente. Ela tomou sua decisão e estava tranquila e resolvida. —Estou um pouco cansada, é tudo. Você me achou uma rede?

O olhar dele desviou. —Não, senhorita— ele disse.

—Um colchão sobressalente, então?

—Sinto muito, senhorita.

Ela encolheu os ombros. —Não importa, eu apenas dormirei no chão. Você poderia pedir ao Reverendo e a Sra. Payne para me trazerem a minha gatinha de volta pela manhã, por favor?

—Claro, senhorita, eu falarei com eles. — Ele se curvou e saiu apressado. Ayisha retornou a cabine e entrou tranquilamente.

Para seu grande alívio Rafe estava adormecido na cama. Claro que ele deveria estar cansado. Ele ficaria muito dormente durante os próximos dias, ela sabia. Isso ajudaria.

Ela tirou os sapatos e meias e andou nas pontas dos pés na cama. Ele parecia pacífico e bonito, mas ela sentiu sua testa, apenas para ter certeza.

Fria, seca, normal. A respiração era profunda e igual, também.

Havia uma bandeja com um pano no baú. Investigando, ela achou a canja de galinha e um ovo poché. Ela estava muito faminta, então os comeu. Ela não era de desperdiçar comida.

Ele dormia, o ritmo da respiração inalterada.

Ela despejou alguma água limpa e fria em uma tigela e lavou o rosto, então procurou por cobertores sobressalentes. Nenhum. Ela suspirou. O chão seria muito duro. Era espantoso como depressa a pessoa se acostuma a dormir em uma cama com um colchão de lã suave. Mas se a pessoa está cansada o suficiente, pode-se dormir em qualquer lugar, e ela estava muito cansada.

Ela tirou o vestido e pendurou-o em um gancho, então estendeu o xale no chão e se deitou.

—Suba na cama, Ayisha— uma voz profunda e rosnada a fez saltar.



—Eu estou na cama— ela respondeu. —Boa noite.

—Eu disse, suba na cama. Você não vai dormir no chão.

—Eu dormirei onde quiser. — Ela fechou os olhos.

—Esta cama é grande o suficiente para nós dois.

—Esta cabine não é grande o suficiente para nós dois. — Ela fechou os olhos com força e se concentrou para respirar de forma profunda e igual. Homem impossível. Apenas quando ela estava ficando tranquila, ele começava a discutir e provocar coisas.

Ele suspirou. —Muito bem, se você vai ser teimosa... — Houve o barulho da roupa de cama e ela ouviu os pés nus irem através da cabine na direção dela.

—O que você está fazendo?

—Eu não posso deixar uma mulher dormir no chão.

—Não seja estúpido. Eu estou acostumada a isto, você não está.

—Eu sou um soldado. Já dormi no chão centenas de vezes.

—Você não é mais um soldado, o chão de terra é muito mais suave do que qualquer chão de madeira, e você estava doente. Volte para a cama.

Ele se ajoelhou ao lado dela.

—Vá embora, eu não vou me mover— ela silvou.

Ele se deitou ao lado dela no chão. —Boa noite, gatinha.

Ela ficou lá deitada fumegando. —Isto é ridículo. Eu não vou dormir ao seu lado.

—Então use a cama— ele disse e se aconchegou para perto dela.

Ela ziguezagueou para longe. Ele ziguezagueou novamente para perto.

—Pare de fazer isto.

—Está frio.

—Então suba na cama. — Ele não se moveu, então ela o empurrou. —Vá. Você estava doente. Ainda precisa se cuidar.

—Não posso deixar uma lady no chão.

—Oh, pelo amor de Deus!— Ela se ergueu e agarrou um cobertor da cama e o jogou para ele. Ela ficou de pé olhando para ele abaixo e pegou o reflexo lânguido de dentes brancos ao luar. Ridículo, homem impossível. Se ela ficasse no chão ele apenas a ficaria aborrecendo e nenhum dos dois conseguiria dormir.

—Muito bem, já que você está determinado a ser completamente impossível, eu dormirei na cama.

—Bem, faça isto então, e pare de me manter acordado.

Ela friccionou os dentes e entrou na cama. Era muito suave, morna e confortável. Ela esperou, mas ele não disse nada e depois de alguns minutos ela relaxou. Era realmente muito confortável e ela estava tão cansada...

Um corpo grande e morno deslizou ao lado dela.

Ela retesou e os olhos abriram de repente. —O que você pensa que está fazendo?

—Entrando na cama. Você me disse, lembra? Pelo menos duas vezes. Odeio desobedecer a uma lady.

—Então me deixe sair.



—Não. Nós dois dormiremos melhor aqui.

—Eu não posso dormir na mesma cama que você.

—Por que não? Você fez isto nas últimas três noites.

—Isso foi diferente. Você estava inconsciente.

—Então, será mais divertido agora. Eeei!— Houve um pequeno silêncio. —Eu me esqueci dos seus cotovelos.

Ela examinou a observação suspeitosamente. —O que tem os meus cotovelos?

—Só que você os tem. Muitos deles.

—Isto é ridículo, eu tenho apenas dois. Agora me deixe sair.

Ela se sentia ligeiramente desesperada. Ela não queria dormir aqui, tão perto dele. Ela estava brava com ele. Ela não queria nada a ver com ele.

Mas ele a prendeu entre a parede e si mesmo. O único modo que ela poderia sair era subir sobre ele, e ela estava bastante certa de que ele apreciaria pará-la.

—Agora pare de discutir; seja uma boa garota. Ambos estamos cansados, então vamos apenas declarar uma trégua e concordar que você dormirá aqui, comigo.

Ela considerou o que ele disse. A cama era muito confortável. Ela dormiria melhor aqui. E não era como se ele a deixasse ter qualquer escolha. —Muito bem— ela disse. —Há dois colchões costurados juntos, então você fica no seu e eu ficarei no meu, concorda?

—O que você quiser, querida.

Ela tentou relaxar e estava tendo bastante sucesso até que, da escuridão, ele acrescentou— Não que isso importe. Nós vamos nos casar de qualquer maneira. Eeei!

Algo despertou Rafe no meio da noite. Ele sempre tinha sono leve. Ele tentou descobrir o que era. E então percebeu.

O corpo dela estava enrolado no dele, moldando o corpo aos contornos do dele, na metade da cama dele, segurando-o, uma mão na lateral do rosto, a outra com a palma apertada contra a pele dele, dentro de sua camisa, diretamente sobre seu coração.

Ele girou a cabeça cautelosamente para olhá-la. Ela estava dormindo profundamente, mas estava sussurrando algo, a mesma palavra, repetidas vezes, a respiração aquecida em sua pele. Ele se debruçou mais perto para ouvir o que era.

—Respire... Respire... Respire.

Por um momento ele não pôde respirar, não pôde pensar, e lentamente percebeu o que ela estava fazendo. Protegendo-o, cuidando dele, mantendo-o vivo, mesmo enquanto ela dormia.

—Respire... Respire... Respire.

Uma bola apertada se formou no tórax dele. A mão estendeu e cobriu a dela, a que estava em seu coração.

Ele não se importava com o quanto ela discutisse ou negasse; ela era dele.

* * *



Na manhã seguinte, Higgins os despertou com uma batida na porta. Ayisha se sentou bocejando. Ela deu uma olhada rápida para a portinhola. O dia estava brilhante.

—Nós dormimos— ela disse, soando surpresa.

Rafe puxou seus calções. —Nós estávamos muito cansados. — Ele foi para a porta de camisa e calção.

—Dia, lorde, senhorita Ayisha. Como se sente, lorde?

—Melhor, obrigado, Higgins— Rafe disse a ele. —Muito melhor. O que é isto?

Higgins deu a ele uma lata e um pacote limpo. —Água quente para as suas lavagens, lorde. E um pouco de lona antiga e corda. Achei que poderia querer montar um canto privado.

Higgins saiu, prometendo retornar com o café da manhã em aproximadamente meia hora. Rafe ergueu a vela para fazer um canto privado e então se sentou e puxou as botas.

Ele girou para Ayisha, que ainda estava na cama, a roupa de cama embreada ao redor do pescoço como se ele estivesse para se jogar sobre nela. Ele sorriu para si mesmo. Se ela apenas soubesse como o havia segurado durante o sono. Ele havia despertado primeiro e movido-a relutantemente, sabendo que ela ficaria chateada se despertasse e os achasse praticamente entrelaçados.

Ele despertou com esperança renovada. Ela o abraçou durante o sono; isso tinha que significar algo.

Ele gesticulou para a água quente e a alcova privada. —Ladys primeiro. Subirei ao convés para um passeio rápido. Quinze minutos? — E puxando o casaco, ele partiu.

Na vez dele, ela foi para o convés enquanto ele se barbeava cuidadosamente. Era desconcertante como o pequeno passeio no convés o havia cansado, ele pensou, tirando a roupa para lavar o resto de seu corpo. Ele tinha que conseguir sua força de volta.

Quando ela voltou, Higgins estava esperando com o café da manhã. Aos pés havia uma cesta contendo uma gatinha ligeiramente entristecida. Ayisha se jogou sobre a gatinha com encanto e brincou com ela, sussurrando e abraçando a coisa minúscula.

Enquanto eles tomavam seu chá quente, mingau de aveia, pão recém-assado e mel - sem presunto ou bacon, muito para o desgosto de Rafe - Cleo rondou em torno da cabine, cheirando tudo, aprendendo seu novo território.

Rafe apenas tomou algumas colheradas de mingau de aveia e um pouco de pão e mel, mas Ayisha estava ocupada comendo tudo que havia. Ela estava obviamente voraz. Ele sentiu angústia enquanto se recordava que ela tinha perdido o jantar por causa dele.

Ele colocou sua tigela de mingau de aveia para a gatinha, que a examinou de todos os ângulos antes de grunhir contente. Rafe se espreguiçou lateralmente através da cama, a cabeça escorada na mão e assistiu Ayisha.

Ela deu a ele um olhar que dizia - o que está fazendo? - mas continuou com o café da manhã em silêncio.

—Eu gosto de te assistir comer— ele disse a ela.

—Por quê? — Ela fez uma carranca e abaixou o pedaço de pão com mel. —Eu como de forma errada? Para a Inglaterra, isto é, eu deveria cortar em pedaços pequenos ou algo assim?



—Não, não, não se preocupe. É apenas que você realmente aprecia a sua comida.

Ela encolheu os ombros. —Por que não? Eu estava com fome e este pão com mel está delicioso. Eu havia me esquecido de como pão francês fresco é delicioso. — Ela terminou o último pedaço e lambeu os dedos. —E amo este mel grego, hmm.

—Você não conseguirá nenhuma objeção de minha parte— Rafe disse, assistindo a língua enrolando ao redor dos dedos pegajosos. Sua masculinidade se mexeu com a visão. Ele suavemente rolou e deitou sobre a barriga.

—Você pode ter mel todos os dias assim que estivermos casados.

—Não comece com isto de novo— ela ordenou. —Eu me recuso a passar os próximos dez dias trancada com você discutindo sobre tal tolice. Você disse o que queria. Eu te dei a minha resposta, e essa é a minha última palavra.

—Muito bem, eu não vou te amedrontar sobre isto— ele disse, —mas ainda vou me casar com você. — Ele ergueu a mão para pará-la de falar. —E essa é a *minha* última palavra nisto. Por hoje.

Ela bufou e ergueu o guardanapo úmido para enxugar as mãos.

Ele se moveu para uma posição mais confortável na cama e o olhou teve um vislumbre do estojo da pistola, ainda aberto e próximo à porta. Ele sabia por que ela queria as pistolas - mas ainda o deixava confuso - ele se lembrava da navalha estar do lado de fora e aberta, também. Por quê?

—Eu notei que você tinha a minha navalha do lado de fora quando eu estava doente.

—Hmm. — Ela se sentou na posição de lótus no chão agora, brincando com a gatinha.

—Como você planejava usá-la? Presumo que você não estivesse planejando me barbear. Ou cortar a minha garganta.

Ela deu a ele um sorriso torto. —Não, eu não estava. Você estava apenas falando tolice. Apenas com delírios vagos.

Ela disse isto como se não fosse nada, mas lidar com um homem delirante não era nenhuma piada. —A navalha?

Ela encolheu os ombros e deu uma olhada rápida para o texto médico próximo à cama. —Se fosse peste, eu poderia ter que arrancar as ínguas.

Ele fechou os olhos, imaginando. Ele nunca conseguiria recompensá-la, nunca. E agora, como recompensa de seu heroísmo, ela estava presa com ele. Em mais de um modo. — Você não se arrepende de ter feito isto, não é - cuidar de mim, quero dizer.

—Claro que não. Como eu poderia? — Ela suspirou. —Eu apenas desejava que as reações das pessoas não fossem tão estupidamente complicadas. — Ela queria dizer o casamento.

—Porque o mundo é complicado.

—Não é. É bastante simples. Eu estava simplesmente cuidando de um homem doente. E você está simplesmente cedendo às fofocas.

—Não, eu estou te protegendo.

Ela bufou. —Eu não preciso ser protegida de gente como a Sra. Ferris. Eu te disse sobre pessoas como ela - se não tem nada para conversar, inventarão algo.

—Mas isto é real.



—Não, esse é o problema - não é assim! Você estava doente. Nada aconteceu. Qualquer coisa comprometedora aconteceu apenas na mente deles - não foi real. E eu me recuso a ceder a isto, então, por favor, não vamos discutir.

—Eu não tenho nenhuma intenção de discutir— ele a assegurou. Nenhum argumento mesmo; ele iria simplesmente se casar com ela.

Ela brincou com a gatinha durante algum tempo, e então disse—Diga-me sobre esta pessoa, Lavinia.

Ele sorriu. —Ela é simplesmente uma jovem dama que o meu irmão estava negociando para se casar comigo.

Ela fez uma carranca enquanto girava um pedaço perdido de lã do colchão como brinquedo da gatinha. —Ele é o seu irmão mais velho, não é? É normal os irmãos mais velhos organizarem os casamentos dos irmãos mais jovens?

—Para falar a verdade não, mas neste caso, ele precisa de um herdeiro.

—Então por que ele não se casa e procria um?

—Ele está casado há dez anos. A esposa dele é estéril.

—Oh. Coitada. Eu sinto muito. — Ela ergueu a gatinha e a abraçou.

—Então eu devo procriar o próximo filho dos Ramsey, e já que ele está muito preocupado com procriação e linhagem - a esposa foi selecionada pelo meu pai por suas conexões com famílias excelentes e sua fortuna, então ele está fazendo o mesmo comigo - ele fez muita pesquisa e apresentou Lad - Lavinia.

—Você não pode dizer nada?

—Sim, mas eu estava enrolando para achar uma esposa, e então ele foi em frente.

—Ela é boa, esta Lavinia?

—Eu a encontrei apenas uma vez, mas sim, ela pareceu boa o suficiente.

A gatinha se lançou e escorregou com a lã. —Bonita?

—Muito.

Ela anuiu com a cabeça. —E rica?

—Aparentemente. E ela já tinha concordado em deixar o meu irmão e a esposa criarem o primeiro filho nascido.

Ela olhou para cima, chocada. —O quê? Mas por quê?

Ele encolheu os ombros. —Ele seria o herdeiro dos negócios da família, eventualmente. George queria treiná-lo para fazer o trabalho adequado.

A sobancelha dela enrugou. —Você soa como não se importasse.

Ele disse firmemente—Isso não tem nada a ver comigo. Eles planejaram tudo. Eu era apenas o... instrumento. — Soava melhor do que garanhão. E ele ainda era incapaz de dar voz à ira que havia sentido ao saber do plano. Como se ele não se importasse com o que aconteceria ao próprio filho.

George disse a ele do acordo com Lavinia, apresentando como se Rafe devesse ficar muito feliz por não ter um filho atravancando sua vida. Ele soou exatamente como o pai deles.



Rafe poderia se ressentir da ação, mas ele não podia se meter com o resultado final - sua perseguição maluca ao Egito. Ele sorriu enquanto Ayisha brincava com a gatinha. Sua pequena descoberta selvagem.

Ela disse devagar, procurando por modos de se desculpar—suponho que você sabia que poderia confiar na escolha do irmão. Ele deve te conhecer muito bem.

Ele bufou. —Ele mal me conhece. Nós fomos educados separadamente.

—Por que isto?

—Minha mãe morreu quando eu era pequeno - tudo bem - ele disse depressa, vendo a expressão de condolência dela. —Minhas memórias dela são muito vagas. Mas depois que o meu pai não me quis sob os seus pés, George era o herdeiro e o meu pai passou todo seu tempo treinando-o para sua posição futura.

—Mas isto é terrível.

Ele agitou a cabeça. —Se você quer saber a verdade, George ficou com a pior parte do negócio. Meu pai era um homem horroroso - sempre falando sem parar sobre a família e sua importância. Então George cresceu na palma da mão dele - e acabou ficando exatamente como ele - eu precisei viver com a vovó, a mãe da minha mãe.

Ela ergueu a gatinha, acariciou-a e disse suavemente—Você gostava de viver com a sua avó, não é? Eu posso dizer. Ela era amiga da minha avó?

—Era, sim. E foi a época mais feliz da minha vida estar com a vovó. —Ele se deitou de volta na cama, lembrando... e acabou dormindo.

Era bom quando ele dormia, Ayisha refletiu. Dormir, boa comida, exercício e ar fresco logo o restabeleceriam ao normal.

Ela pensou na história que ele havia contado. Tão... fria. As pessoas diziam que os ingleses eram um povo de sangue frio, mas ela nunca tinha visto qualquer evidência disto antes.

Crescer mal conhecendo o pai ou o irmão? O que ele tinha dito sobre o pai? *Meu pai não me quis sob os seus pés*. Que tipo de pai enviaria um filho jovem e bom como Rafe para fora para ser criado pela mãe da esposa? Ele não precisava; ele era claramente rico. Ele apenas não estava... interessado.

Ela olhou para Rafe, dormindo na cama e impossivelmente bonito. Que tipo de homem deixaria o irmão escolher sua noiva sem se preocupar em descobrir qualquer coisa sobre ela? E então lutava para se casar com outra mulher, meramente para parar as fofocas?

E que tipo de mulher daria sua criança, de forma feliz, para ser educar por outras pessoas? Apenas a necessidade mais medonha forçaria Ayisha a desistir de sua criança.

Para que tipo de pessoas ela estava indo?

Ele dormiu de tempo em tempo na maior parte do dia, recuperando sua força. Ayisha passou o tempo brincando com sua gatinha e praticando o tricô que tinha começado com a Sra. Grenville - que ela fez junto com Higgins - ou lendo. Rafe tinha vários livros no baú e ela achou muita alegria em ser capaz de ler novamente.

À noite eles caminhavam juntos no convés, apreciando a brisa da noite e a visão das estrelas. Depois do jantar Ayisha perguntou a Higgins se ele poderia achar um colchão ou uma rede sobressalente.



—Desculpe, senhorita— ele disse a ela, não encontrando seus olhos. —Eu fui incapaz de achar.

—Porque você o instruiu a não achar nenhum, não é? — Ela acusou Rafe depois que Higgins partiu.

—Eu faria isto? — Um sorriso espreitava nos olhos que mostrou que ela estava certa, e ele não se importava que ela soubesse disto.

—Você deveria se envergonhar— ela disse a ele.

—Oh, eu estou envergonhado— ele disse. O sorriso se moveu para a boca e deu um a ele um ar distintamente de lobo.

Mas ele não podia parar Higgins de achar alguns cobertores extras, não quando ela havia dito a Higgins como tinha sentido frio na noite anterior. Ele tinha o coração muito suave para obedecer a seu mestre nessa circunstância.

Então quando chegou a hora de dormir, Ayisha pôs Cleo na cesta - que eles tinham concordado ser uma boa ideia para fazer a gatinha ficar acostumada a dormir lá; faria a viagem mais fácil - e então fizeram uma cama para ela no chão ao lado da cesta da gata.

—O que você está fazendo? — Rafe exigiu enquanto ela se enrolava no cobertor.

—Não é óbvio? — Ela anunciou.

—Não, é extremamente tedioso. — Ele saiu da cama com expressão de sofrimento.

—Eu não me importo se você está ao meu lado no chão— ela disse a ele. —Eu não serei enganada pela segunda vez, e você não poderá ficar no chão por muito tempo. — Ela fechou os olhos.

—Eu não tenho nenhuma intenção de me deitar no chão ao seu lado. É muito melhor na cama— ele disse. —Vê? — E tomando os cantos do cobertor ele a ergueu diretamente sobre a cama. Sacudiu-o e ela rolou diretamente do cobertor.

Ele deslizou na cama para o lado dela. —Assim é melhor— ele disse, e quando ela abriu a boca para reclamar ele simplesmente se debruçou para frente e a beijou.

Ela instintivamente recuou, mas ele segurou a parte de trás da cabeça dela com a mão e terna, implacavelmente, tomou posse dos lábios, da boca. Ela ergueu a mão para afastá-lo, mas, de alguma maneira, em algum lugar entre uma batida do coração e a próxima, o impulso apenas... se dissolveu.

A boca invadiu a dela, buscando, exigindo, inundando seus sentidos.

O som das ondas, o ranger do navio, o som do vento batendo nas velas - tudo enfraqueceu para nada. Havia apenas ele, apenas ela, apenas o momento. Flutuando em um mar de sensações.

O gosto masculino afiado dele, perto, profundamente familiar. O odor da pele, todo homem - Rafe e linho limpo e desejo.

Uma corrida de calor passou pela pele dela.

Desejo.



Ele se moveu devagar, sensualmente contra ela e ela estremeceu com a pressão da carne contra a dela, a abrasão de seu queixo áspero, a insistência da boca quente e exigente.

E então, tão de repente quanto havia começado, ele a soltou e recuou.

Ela piscou, olhando fixamente para ele, ofuscada e estranhamente desprovida. O que havia acabado de acontecer?

—Se você continuar olhando para mim assim, eu não poderei parar— ele disse, a voz áspera como as cerdas no queixo e da mesma maneira atraente.

Ela estremeceu.

E então ele sorriu, com remorso. —Realmente, eu não estou certo de que faça muita diferença. Eu ainda estou muito fraco daquela maldita febre. — E com um suspiro, ele se deitou de volta no travesseiro e fechou os olhos.

O mundo lentamente se moveu ao redor dela, revolvendo ao redor de um pensamento que batia em sua estupidez ofuscada como ondas contra a armação do navio.

Ela quase havia deixado ele a seduzir. Se ele não estivesse ainda fraco da febre, ela não teria erguido um dedo para pará-lo.

Era isso que seduzir queria dizer, ela disse a si mesma furiosamente. Forçar a pessoa a fazer algo que ela não quer.

Só que ela queria.

Ela queria isto, queria ele. Ela olhou fixamente para sua boca, sua perfeitamente ordinária, perfeitamente bonita e diabolicamente sedutora boca e estremeceu novamente.

Era uma pequena fuga, ela disse a si mesma. Enquanto ela tinha estado debaixo do feitiço de seu beijo, ela teria permitido a ele qualquer coisa.

Permitido? E quem havia corrido os dedos no cabelo escuro e espesso e o puxado para mais perto? Quem havia reagido ao primeiro toque de sua língua dentro de sua boca com excitação e tocou a própria língua na dele?

E ela queria mais.

Ela apertou as palmas contra as bochechas ainda quentes dele e respirou profundamente. Mesmo reclinado em um travesseiro com os olhos fechados, ele a atraía para ele.

Ela sabia desde o primeiro dia em que o havia visto que ele era perigoso. O que ela não tinha percebido era o quão perigosamente viciante poderia ser. Ela estava brincando com fogo, e isso podia apenas terminar em lágrimas. Lágrimas dela.

Ela começou a subir sobre ele.

Um braço musculoso ergueu a para pará-la. —Aonde você pensa que vai? — Os olhos ainda estavam fechados.

Ela empurrou contra ele. Ela não sentiu nenhum sinal da debilidade que ele havia mencionado. —Eu não posso dormir aqui sabendo que a qualquer minuto você pode se jogar sobre mim.

Ele abriu um olho e ergueu uma sobrancelha. —Jogar sobre você? — Ele disse com dor na voz, implicando que ele nunca seria tão vulgar.

—Sim, se jogar sobre mim! Como você acabou de fazer.



Ele abriu ambos os olhos. Eles cintilavam. —É assim que se chama no Egito? Na Inglaterra nós chamamos de beijo, neste caso um beijo de boa noite. Um costume delicioso, você não acha?

—Eu não terei esse costume. Agora me deixe sair. — Ela não iria ficar aqui e... brincar com ele. Pela aparência dele, sua força estava aumentando a cada minuto.

Ele não moveu um músculo. —Eu pensei que você apreciasse quase tanto quanto eu.

Ela não tinha nenhuma intenção de admitir qualquer coisa tão perigosa. —Mova seu braço. Deixe-me ir.

—Eu poderia entender se você não quisesse, mas você quer, então qual é o problema? Nós vamos nos casar de qualquer maneira, então por que não nos poupamos da tensão de um celibato desnecessário? — Ele parecia genuinamente perplexo com a recusa dela.

Ele tomou a mão dela e a acariciou. —Vamos lá, amada, por que não aliviar o tédio.— ele cessou bruscamente.

Ela puxou a mão e pensou em esmurrá-lo. Ela sabia o que ia dizer. *Aliviar o tédio da minha quarentena.* Ele queria seduzi-la como um modo de manter o tédio a distância.

—É uma pena que esteja tão escuro aqui— ela disse a ele.

Houve uma pequena pausa. —Por quê? — Ele disse cautelosamente.

—Porque se você pudesse ver a minha expressão, se sentiria muito feliz em apenas me deixar sair, ou teria medo de eu te assassinar enquanto você estivesse dormindo.

Ele riu. —Não quando você trabalhou tão duro para salvar a minha vida—

—Todos nós cometemos erros.

—Você está zangada— ele disse. —Talvez eu pudesse ter fraseado a última sugestão de uma maneira mais feliz, mas—

—Eu não vou discutir. Você sabe a minha decisão.

—Sim, mas isso não é aprisionamento quando eu estou perfeitamente ciente da situação e feliz em aceitá-la—

Ela o encarou. *Feliz em aceitá-la?*

—Mais do que feliz— ele a assegurou apressadamente, parecendo perceber seu erro. — Encantado, realmente, eu te prometo.

Ela fungou calada. Estúpido, homem de idiota! —Dê-me a sua promessa - ou a sua honra! - Não tente me seduzir, ou eu pedirei ao capitão para me deixar na praia de Malta.

As sobranças dele juntaram. —Mas eles te porão em quarentena em Malta.

Ela encolheu os ombros. —Já estou em quarentena aqui.

—Sim, mas é muito mais confortável aqui.

—Pelo menos ninguém lá estará tentando me seduzir.

Ele bufou. —Não conte com isto. — Ele pensou por um momento, então suspirou e disse— Muito bem, prometo não fazer com você nada que você não queira.

Ela agitou a cabeça. —Não é o suficiente. — O problema era, ela queria o beijo dele, e uma vez presa nele, não havia como dizer o que mais ela poderia querer. Tudo, ela suspeitava.

Ela tinha que forçar uma promessa de que ele a protegeria dela mesma, assim como dele também.



Ela o queria, mas ela não queria viver o resto de sua vida como alguém que havia enganado a outra pessoa para casar, e até que ele soubesse a verdade de quem ela era, ela não podia nem pensar em aceitá-lo.

Além disso, quem iria querer casar com um homem que falava *aliviar o tédio*? Ela o encarou. O grande estúpido!

—Devo ter sua promessa - sua honra como um cavaleiro - de que você não tentará me seduzir. Caso contrário, deixo o navio em Malta.

—Isso inclui beijar?

—Sem beijo. — Ela se sentiu triste enquanto dizia isto, mas sabia o que era beijar, agora: algo que dissolvia todo o seu bom senso.

—Se eu prometer, você permanecerá nesta cama? Eu não terei você dormindo no chão.

—É bastante confortável se a pessoa está acostumada - oh, muito bem. Mas um movimento errado—

—Prometo, com a minha honra de cavaleiro, não fazer nenhuma tentativa de te seduzir.

Ela deveria ter sentido alívio - e sentiu. Mas não tanto quanto deveria. E havia definitivamente uma pontada de remorso.

Mas era a coisa certa a fazer, ela disse a si mesma, enquanto se deitava ao lado dele na escuridão. Apesar de sua cabeça dura, ela o queria: casar com ele seria um sonho.

Mas quem fundamentava um sonho em uma mentira?

Seria como construir uma casa sobre um buraco de serpente. Mais cedo ou mais tarde a serpente acabaria te mordendo, e envenenaria tudo que você havia construído.

Ela se casaria alegremente com ele, livre e direito, mas não por causa de decoro. E não para aliviar o tédio.

Ela nem poderia considerá-lo seriamente até que ele soubesse quem ela verdadeiramente era e que eram seus pais. Ela se casaria com ele sem vacilar então - se ele ainda a quisesse, claro.

Ela estava longe de estar certa sobre isto. Ele ainda poderia querê-la, mas não necessariamente como uma esposa. Quem conhecia essa realidade melhor do que a filha de uma amante?

Ela fechou os olhos e tentou não pensar sobre o homem ao lado dela na cama. Ela podia sentir o cheiro delicioso dele de linho limpo, sabão e cheiro de homem. Ela inalou profundamente.

—Posso apenas explicar o que eu queria dizer sobre aliviar o tédio - eeei! Não, certo, deixaremos isso para - eeei!

—Sem falar— ela disse severamente.

—Muito bem, boa noite. E eu posso apenas dizer, que prazer é compartilhar uma cama com — eeei!

Rafe estava deitado na escuridão, sorrindo. Ele ainda a tinha onde queria. Talvez não tão perto quanto queria. Ele esfregou as costelas como reflexo. Até a raiva dela o deixava contente.

Ele não a culpava nem um pouco. O que o havia possuído para falar aliviar o tédio? Ele deveria ter dito de uma forma muito mais feliz.

Que diabo havia com ele? Ele tinha fama de seu jeito seco e engenhoso com as palavras. Agora, cada vez que abria a boca para ela, ele parecia enfiar os pés pelas mãos.



Era a febre.

Não, ele pensou, era ela. Ele estava profundamente frustrado e isso estava subindo ao cérebro.

Ele não queria dizer “aliviar o tédio” do jeito que tinha soado . Ele tinha visões disso o dia todo, desde que a quarentena e a possibilidade de casamento haviam surgido: dez dias felizes de isolamento obrigado, livres das irritações do mundo exterior, velejando pacificamente juntos, fazendo amor, beijando, conversando, beijando, chegando a conhecer um ao outro, fazendo amor.

A ideia dele de lua de mel perfeita.

Muito tarde para explicar isto agora.

Agora seriam dez dias de tortura, tendo ela e não a tendo, dormindo com ela e não dormindo com ela.

Que diabo estava havendo com ele? Iria apenas ficar pior.

Capítulo Quinze

—Você realmente daria o seu primeiro filho ao irmão para criar? — Ayisha perguntou a ele quando eles estavam dando o último passeio do dia. À frente deles estava Cleo, agora acostumada, marchava para uma sombra.

—O quê? — Ele perguntou. Ele estava a quilômetros de distância. Estes passeios, três vezes por dia ao ar livre, eram seu bote salva vidas - e ele não queria dizer o equipamento de segurança da gata. Ficar trancado em uma cabine com Ayisha era o castigo de Tântalo²⁷; ele podia vê-la, ouvi-la, cheirá-la, mas era incapaz de tocá-la ou prová-la.

Ela havia subido na cama a noite toda, um duro e pequeno espinho de decoro, insistindo em dormir na extremidade exterior da cama, ameaçando dormir no chão se ele testasse se mover um centímetro na direção dela.

Mas durante o sono, o corpo dela mostrava outra coisa. No sono o corpo dela o buscava, aconchegando-se mais perto até que ela estava enrolada contra o corpo dele, a mão descansando sobre seu coração, a bochecha aconchegada contra seu ombro, os membros enroscados ao redor do dele. No sono, ela era morna e suave, separada dele por apenas uma promessa - e isso estava deixando-o louco. Ele dormia mal e despertava todas as manhãs duro como pedra de desejo.

—Desculpe-me, eu estava devaneando— ele disse. —O que você me perguntou?

—Você me disse que iria dar o seu primeiro filho para o seu irmão criar.

²⁷ Tântalo – personagem da mitologia grega. Certa vez, ousando testar a onisciência dos deuses, roubou os manjares divinos e serviu-lhes a carne do próprio filho Pélope num festim. Como castigo, foi lançado ao Tártaro, onde, num vale abundante em vegetação e água, foi sentenciado a não poder saciar sua fome e sede, visto que, ao aproximar-se da água esta escoava e ao erguer-se para colher os frutos das árvores, os ramos moviam-se para longe de seu alcance sob a força do vento.



—Eu disse que a Lavinia e o meu irmão tinham concordado com isto. Eu nem sequer fui consultado.

—Bem, você iria?

—Doar o meu filho? — Ele desviou a vista para o mar durante muito tempo. —Nunca— ele disse tranquilamente. —Não enquanto houvesse respiração no meu corpo para protegê-lo.

Ela deslizou o braço pelo dele. —Então por que eles pensariam que você concordaria com tal coisa?

Ele agitou a cabeça. —Eu acho que eles - bem, George, pensou que estaria me fazendo um favor. Talvez ele pensasse que, por eu nunca ter sossegado e casado, um filho entraria no meu caminho. — Palavras exatas de George.

Ela fez uma carranca. —O que você quer dizer?

—Ele pensou que um filho diminuiria a minha velocidade, que eu pararia de me divertir. — Depois de oito anos em guerra, Rafe e os outros se divertiam muito. Mas no ano passado a “diversão” tinha se deteriorado e se tornado algo quase... desesperado.

Oito anos como um oficial fazia um homem ficar acostumado a responsabilidades, a ter um propósito na vida, e se soltar disso era... difícil. Rafe não pensava muito sobre o futuro - no exército ele tinha sido quase supersticioso sobre isto. Muitos soldados acreditavam que se a pessoa planeja o futuro, com certeza morrerá, então ele vivia no aqui e agora.

Mas quando a luta estava acabada e ele se decidiu a trair a causa - ele não aguentava os infinitos treinos militares de um soldado do Hyde Park²⁸ - ele pensou que começaria a estudar algum tipo de posição em uma das propriedades da família. Quando ele era um menino, vários de seus tios cuidavam dos vários negócios da família, e ele tinha pensado que seria bom nisto.

Descobrir que a família queria dele - pelo resto da vida - um breve período de serviço de cobertura, foi um tapa no rosto.

E se tivesse sido feito com ao menos um pouco de hostilidade ou desprezo, Rafe teria batido de volta - e duro. Mas George tinha pensado que estava fazendo um favor a Rafe. George tinha achado duro encontrar o que considerava a noiva perfeita para Rafe: uma que o aborreceria somente o mínimo possível.

A questão era, Rafe gostava de problemas.

E por mais patético que fosse, Rafe não podia repelir a primeira proposta amigável do irmão desde que o pai deles havia morrido. Então ele fugiu - para o Egito.

—Eu não queria dizer sobre o filho— Ayisha interrompeu os pensamentos dele. —Eu estava me referindo a, o que ele quis dizer quando disse que você nunca sossegou?

—É verdade. Eu não tive uma casa permanente desde que... eu não sei quando realmente. Não desde que eu era um garotinho. — Ele fez uma carranca, só então percebendo isto. Realmente tinha sido tanto tempo?

—Quando seu pai te mandou embora. — Ela disse de tal modo que mostrava que entendia por que ele nunca, jamais enviaria um filho seu para longe. Não que ele se importasse de viver

²⁸ Hyde Park é um dos Parques Reais de Londres, essas áreas no passado foram propriedade dos monarcas da Inglaterra e do Reino Unido. Originalmente serviam para a recreação da família real, e o acesso público era proibido.



com a vovó - ele amava viver em Foxcotte e a amava. Mas saber o quão pouco ele era importante para o próprio pai...

Nenhum filho dele nunca ficaria em dúvida se era importante para ele.

—Não, eu vivi com a minha avó, e isso foi na minha casa então. Depois que ela morreu...— Bom Deus, realmente fazia tanto tempo desde que ele tivera um lugar permanente?

Ela ficou com a boca aberta. —Mas a sua família é rica— ela disse, soando bastante aflita. — Como você podia não ter uma casa?

Ela estava imaginando que ele tinha vivido nas ruas, como ela tinha, ele percebeu. Ele riu e deslizou um braço ao redor da cintura dela. —Não, você está imaginando algo terrível. Eu tive um período ótimo, te asseguro. Depois que a vovó morreu, eu nunca ia para Axebridge - a casa do meu pai, agora de George - se eu pudesse evitar. Em feriados da escola eu ficava com Gabe e Harry ou Luke. E o exército foi a minha casa. E desde então, bem, eu fico com os amigos, e quando estou em Londres, tenho onde ficar.

—Você não pode comprar uma casa?

Ele encolheu os ombros. —Para quê? Além disso, eu possuo uma casa - a que a minha avó me deixou quando morreu. — Ele não tinha descoberto até que fez vinte e um anos e o *solicitor*²⁹ da família escreveu para ele na Espanha. O pai designou um gerente para a propriedade e a casa foi alugada. Rafe não foi necessário.

—Então você tem um lar.

—Não, eu possuo uma casa. Há uma diferença.

—Se você possui uma casa, pode ter um lar— ela insistiu. —Conseguir a casa é a parte difícil. transformá-la em um lar é fácil.

—É? — Ele disse. —Bom, quando nós estivermos casados, você gostará de nos fazer um lar.

Ela foi para longe. —Disseram que chegaremos a Malta amanhã. — Era uma advertência. — Eu descerei primeiro— ela disse vivamente e se moveu em direção à escada.

Malta era bonita, uma pequena joia de ilha com águas azul-celestes brilhantes, e como uma joia, era dura no fundo, com fortificações enormes subindo do mar.

Claro, estando em quarentena, eles não tinham permissão para ir à praia, mas em troca de ouro e várias tartarugas grandes e boas que haviam sido pegadas pelos marinheiros, mantimentos frescos vieram a bordo, inclusive várias cestas grandes de fruta fresca.

Ayisha e Rafe passearam pelo convés, os passageiros do navio tiveram sopa de tartaruga, várias carnes assadas, legumes e frutas frescas, com queijos locais para acompanhar. Os cheiros fluíam pelo ar e os atraíam, e Rafe estava com fome, mas eles tinham que ser pacientes. Eles receberiam o jantar depois dos outros, mas Higgins se asseguraria de que eles não acabassem apenas com as sobras.

²⁹ Solicitor - na Inglaterra e no País de Gales - membro do ramo da advocacia cujos serviços consistem de consultoria aos clientes, representando-os perante os tribunais inferiores e preparando os casos de advogados para tentar nos tribunais superiores.



Na orla eles podiam ouvir música. Algum tipo de festival ou celebração. Ayisha se debruçou acima da amurada, escutando avidamente, um pé erguido.

—Você cairá ao mar se não for cuidadosa— Rafe disse a ela. Ela era toda graça e beleza flexível.

Ela riu. —A música não é maravilhosa? — Ela fechou os olhos para se concentrar melhor nos sons que flutuavam através da água lisa do porto. —Oh - oh! Eu conheço essa canção— ela exclamou em excitação. —É '*Highland Laddie*'³⁰, e eu costumava tocá-la no piano forte. — E zumbindo junto com a melodia, ela tocou as notas mudas na superfície lisa da amurada.

O grande prazer dela por algo tão pequeno o tocou. —Então, você sabe tocar o piano forte— ele iniciou, desejando encorajá-la a se abrir um pouco. Ela raramente conversava sobre o passado.

—Não, queria eu poder— ela disse, ainda sinceramente tecendo notas sem som, com uma espécie de encanto sobre algo que ela havia pensado estar há longo esquecido. —Eu comecei as lições, e as amava; era a melhor coisa... — E ela cantou uma linha e sorriu. —Tão adorável ouvir esta canção depois de tantos anos.

—Você parece muito proficiente para mim.

—Sim, mas apenas na murada do navio— ela admitiu. —Eu apenas frequentei lições por um ano e então...

—Então o quê?

—Eles pararam. — Os dedos dela hesitaram, e ela os puxou inconscientemente e, como se procurasse algo para fazer com os dedos, jogou o cabelo para trás.

Houve um momento de silêncio, quebrado apenas pelo suave bater das ondas e os sons da cidade que se movia através da água.

—O que aconteceu? Seu professor partiu? Ou morreu?

—A Sra. Whittacker? Não, até onde eu sei ela ainda vive lá e dá lições. — Ela encolheu os ombros. —Ela costumava dar lições para muitos fran - ingleses e outras crianças vivendo lá, não pelo dinheiro, mas porque ela amava criar— ela cessou bruscamente, franzindo o cenho. —Não, ela *disse* que era porque amava crianças, mas agora que penso nisso, acho que não era verdade.

Ela deu uma olhada rápida para ele. —Ela fez tal rebuliço comigo, e eu me senti tão bem-vinda e desejada... — Ela suspirou. —Quando se é uma criança que acredita em tudo o que os adultos te dizem— ela disse em uma voz que soava cansada. —É só apenas muito mais tarde que se entende que havia algo muito diferente acontecendo...

—O que acontecia com a Sra. Whittacker?

Ela agitou a cabeça. —Não importa agora.

—Ajude a minha curiosidade. Quero saber por que as lições que você apreciava tanto pararam.

Ela encolheu os ombros novamente. —Acho agora que ela tinha uma *queda* pelo meu pai. Talvez ela desejasse se casar com ele... não sei.

—Seu pai não correspondeu os sentimentos dela?

³⁰ '*Highland Laddie*' - é o nome de uma antiga canção folclórica popular escocesa.



—Não, é clar— Ela cessou bruscamente. —Não, ele não o fez. Você pode ouvir qual é esta? —Ela se debruçou contra a lateral, tentando ouvir a próxima canção que flutuava na brisa da noite balsâmica, mas ele sabia que era uma desculpa para mudar de assunto. Algo havia acontecido naquelas lições, não apenas a decepção das esperanças da viúva. Algo mais pessoal para Ayisha.

—Você soa chateada.

—Eu não conheço esta, mas é bonita, não é? — Ela se balançou ao ritmo da música.

Ela estava obviamente determinada a não discutir mais. Mas a música e os movimentos dela deram a ele uma ideia.

—É Strauss— ele disse e ofereceu uma mão para ela. —Você valsa, senhorita Cleeve?

Ela olhou para a mão dele e agitou a cabeça. —Você quer dizer dançar? Não, eu já vi pessoas dançarem - era a outra parte das lições da Sra. Whittacker, mas eu nunca cheguei a essa parte.

—Então eu te ensinarei. — Ele tomou a mão dela na dele.

Ela tentou puxá-la de volta. —Não, eu não sei dançar. — Ela olhou ao redor, envergonhada.

Não havia, como sempre no momento em que eles davam seus passeios, nenhum marinheiro no convés principal. Ele podia ver alguns no trabalho nos aparelhos, silhuetas escuras contra o céu da noite e vários com suas tarefas de bordo e popa. O navio velejaria na maré da noite e logo haveria marinheiros em todos os lugares, mas no momento...

—Não há ninguém para te ver— ele a assegurou. —Agora, assim – um-dois-três, um-dois-três, um- dois-três... — Ela tropeçou um pouco a princípio, mas Rafe era um excelente dançarino com muitos anos de prática - ele tinha servido como pessoal de Wellington³¹ e Beau era conhecido por gostar de bailes - e ela logo acompanhou seus passos.

Ela tinha os pés muito leves e o seguiu quase instintivamente. Ele assistiu enquanto a expressão dela lentamente mudava de uma careta de concentração para a expressão acho-que-posso-fazer-isso, e finalmente ela olhou para cima e deu a ele um sorriso deslumbrante. —Estou dançando— ela exclamou. —Estou dançando e é maravil-oops!— Ela pisou no pé dele, e rindo, retornou a se concentrar com intento.

Ele não achava que se cansaria um dia de assisti-la. A expressão de defesa que ela usava quando ele primeiro a havia encontrado havia a maioria desaparecido. Voltava todas as vezes que eles falavam sobre o passado dela - havia algo de sombrio e perturbador que ela estava escondendo - mas no resto do tempo... ela era empolgante.

Eles giraram ao redor um do outro e em torno do convés até que a canção terminou e ambos estavam ofegantes.

Ele a soltou e se curvou, arquejando. —Devo estar ficando velho — ele brincou. — Estou soprando como um peixe. Houve época em que eu podia montar o dia todo, dançar a noite toda e então passear durante todo o dia seguinte.

—É a febre— ela disse a ele seriamente. —Você mal acabou de sair de seu leito de doente; não deve exceder nas coisas. A febre pode voltar.

Ele escutou a próxima melodia. Era uma que ele não reconhecia. —Então, devemos nos sentar aqui, minha lady? — Eles retornaram ao baluarte.

³¹ Wellington - Arthur Wellesley, 1º Duque de Wellington (1769 - 1852), foi um marechal e político britânico, primeiro-ministro do Reino Unido por duas vezes.



—Quando que foi o que você estava falando? — Ela perguntou. —Montar o dia todo e dançar a noite toda.

—No exército. Ninguém no pessoal de Peer é - logo vim aprender - era um bom dançarino.

—Peer? Não entendi, você quer dizer o seu pai?

A pergunta o surpreendeu e arrancou um riso. —Bom Deus, não, eu não saberia que tipo de dançarino meu pai foi. Não posso imaginá-lo se rebaixando a qualquer coisa tão humana. Peer é como chamávamos Wellington quando ele foi feito lorde. Isso ou Beau. Na cara dele, claro que o chamávamos de lorde ou meu lorde.

—Você quer dizer que dançou na guerra? Quando era um soldado?

Ele riu da expressão dela. —Não se pode lutar o tempo todo, e você ficaria surpresa de quanto mais se pode alcançar em um baile em vez de uma reunião. Alguns poucos de nossos partidários mais importantes conheceram Beau em um baile. As esposas os arrastaram - eles nunca teriam ido a uma reunião.

—Entendo. Eu sabia que você tinha lutado muito, mas não tinha pensado sobre qualquer outra coisa. Suponho que dançar é onde a diplomacia entra.

—Está certa. Mas o Egito foi envolvido na guerra também. Seus pais foram muito afetados pela ocupação de Napoleão³²?

Ela agitou a cabeça. —Eu não sei. Era muito pequena, e o meu pai nunca falava sobre isto.

—Fico surpreso por ele ter ficado. Com uma esposa e filha...

Ela encolheu os ombros. —Conte-me sobre o seu próprio pai. Ele realmente não dançava?

—Eu mal o conheci. Ele me deu um uniforme quando cheguei em casa da escola e—

—Uniforme?

—Ele havia me comprado uma comissão no exército.

—No dia em que você chegou em casa da escola? — Ela deu a ele um olhar incomodado.

Ele encolheu os ombros. —É comum aos filhos mais jovens se juntarem à igreja, ao corpo diplomático ou ao exército.

—E você escolheu o exército?

Ele hesitou. Ele não tinha sido realmente consultado. Tinha vindo, de fato, como um choque ser informado para ir embora no dia em que tinha voltado para casa.

Mas como as coisas se resolveram, ele tinha sido mais feliz no exército do que seria um dia em Axebridge. Ele gostava de ser um soldado. Ele gostava de ter um propósito claro, um papel importante, e ele era bom em bom em lutar, bom em organizar, e bom em guiar os homens, ele ficou surpreso em descobrir. O exército havia se tornado sua casa.

E já que seus quatro amigos mais próximos também o haviam seguido para o exército, confirmando as amizades de colegial em uma espécie de família - uma que duraria a vida toda.

—Sim, o exército foi bom para mim— ele disse a ela. —Agora, a menos que eu esteja enganado, essa é outra valsa. Acho que temos tempo para apenas mais uma dança antes de você descer e se trocar.

—Não— ela disse, soando incomodada. —Acho que já dançamos o suficiente.

³² Ocupação do Egito por Napoleão aconteceu no ano de 1798.



Como era estranho pensar na Sra. Whittacker em uma hora e lugar como esse, Ayisha pensou naquela noite. Ela estava deitada acordada no lado dela da cama, esperando pela respiração profunda e igual que diria que Rafe tinha adormecido. Depois ela poderia dormir, também.

Não era como se ela não confiasse nele; ele era um homem de palavra, e como tinha prometido, ele não fez nenhum movimento para seduzi-la.

Não na cama, é verdade.

Havia a pequena questão de um beijo. E uma dança.

A valsa era um pequeno tipo de possessão, deixando-a ser tomada aonde ele ia, dominada por ele e pela música. Um gosto prévio...

Ela fechou os olhos, revivendo a dança. Assim que entendeu os passos, ela se deixou ir, e oh, a sensação de girar nos braços dele, com prazer atordoado, se rendendo à música, em seus braços fortes, seu corpo poderoso...

Tinha feito com que ela imaginasse sobre a última possessão entre um homem e uma mulher...

Não era nele que ela não confiava. Ela estava atraída demais pelo homem.

A memória da Sra. Whittacker tinha vindo em uma boa hora.

Ayisha precisava ser lembrada. Ela tinha sido seduzida por mais do que apenas um beijo e uma dança. Era a visão inteira dela e de Rafe casados. Estar com ele pelo resto da vida. Dormir na mesma cama, ser capaz de tocá-lo como ela quisesse e ser tocada... Beijá-lo sempre que desejasse, tão longa e profundamente quanto ela tinha sonhado... Poder abrir o coração para ele e fazê-lo abrir o dele para ela, compartilhando esperanças, sonhos e problemas. E talvez, se eles fossem abençoados, ter filhos. Fazer um lar juntos e formar uma família. A própria família dela.

Essa era a verdadeira sedução.

Lembrar da Sra. Whittacker era como jogar um balde de água fria no rosto.

A promessa dele, sua proposta de casamento, era para Alicia Cleeve.

A Sra. Whittacker havia ensinado a Ayisha a lição de sua vida quando ela tinha nove anos de idade. E não era sobre música.

Ela estava assistindo as lições da Sra. Whittacker por um ano. O pai dela levava-a caminhado para lá todas as semanas e a pegava depois. Ayisha amava as lições e amava aqueles passeios com o pai. Era praticamente a única hora em que ela tinha o pai para ela.

A Sra. Whittacker sempre oferecia chá a ela e ao pai posteriormente. Ela sempre tinha coisas deliciosas para comer: minúsculos bolos gelados, biscoitos de ratafia³³, macaroons³⁴ e o chá inglês adequado.

³³ Ratafia é um licor de pêssego ou aromatizado com grãos de cereja, amêndoas amargas ou outras frutas, muitas variedades são feitas. O mesmo nome é dado a uma essência aromatizante lembrando amêndoas amargas e também um biscoito leve.



A Sra. Whittacker a chamava de Alice, Alice querida, ou doce Alice - nunca Ayisha. O pai dela havia dito para ela não se importar e responder de qualquer forma que a Sra. Whittacker a chamasse.

Todo mês a Sra. Whittacker fazia o que ela chamava de uma *soirée* musical, mas era apenas à tarde. Ayisha nunca tinha estado em uma, mas sabia tudo sobre isto. Os melhores alunos e os pais eram convidados, e os alunos davam um pequeno concerto. A parte mais excitante do concerto era o dueto.

Todo mês dois alunos especialmente escolhidos recebiam uma parte do dueto para aprender. Era apenas no concerto que eles ouviam como era o pedaço final, enquanto estavam sentados ao teclado com outro aluno e cada um tocava a sua parte.

Ayisha ainda se lembrava da excitação que sentiu quando finalmente foi convidada para frequentar a *soirée* e recebeu a honra de aprender uma parte. Enquanto ela praticava, sabendo que no fim do mês a apresentaria - seu primeiro concerto, e em um desejado dueto.

E então o primeiro golpe, o pai e a mãe dela estavam indo para Jerusalém, então o pai dela não poderia frequentar o concerto. A mãe nunca tinha gostado desse tipo de coisa - ela ficava tímida com as pessoas, por causa de sua bochecha cicatrizada. Ayisha sempre havia aceitado isto - até agora.

—Haverá outros concertos, minha querida— o pai dela disse. Ele e a mãe dela estavam muito excitados com a viagem.

O segundo golpe veio quando o pai dela disse que ela não deveria ir às lições enquanto ele estivesse fora.

Em retrospecto Ayisha percebeu que o pai sabia o que estava fazendo. No momento em que ela pensou que sua vida tinha sido arruinada, que ela nunca mais seria convidada para uma das *soirées* musicais da Sra. Whittacker, muito menos apresentar um dueto...

Ela estava certa, mas não pelas razões de seus nove anos de idade tinham imaginado.

Os pais dela partiram para Jerusalém, mas quando chegou o dia da sua lição de música semanal, Ayisha persuadiu um dos empregados a escoltá-la. Não Ratibe, que normalmente cuidava dela, nem Yorgi, que estava com a função de tomar conta da casa - os dois sabiam do édito do pai dela - mas Minna, a mais jovem das empregadas, que era tola, frívola e divertida.

Ayisha nunca tinha desobedecido ao pai antes. A Sra. Whittacker ficou surpresa pela ausência do pai dela, mas a lição continuou, mas não houve nenhum chá depois.

Na semana seguinte a Sra. Whittacker perguntou sobre a mãe dela, pergunta atrás de pergunta. Ela nunca tinha questionado Ayisha antes sobre qualquer coisa. Então ela cortou a pequena lição reivindicando enxaqueca. Ayisha não pensou nada sobre isto no momento.

O dia do concerto veio e ela se vestiu com suas melhores roupas. Ela entrou com um grupo de outras pessoas.

—Sente-se lá e não se mova— a Sra. Whittacker disse a ela, apontando para uma cadeira no canto.

³⁴ Macaroons - biscoito feito de claras de ovos, açúcar, pasta de amêndoa ou de coco, em geral, e às vezes um pouco de farinha.



Ayisha esperou, excitada, nervosa... Ela assistiu enquanto os outros alunos e seus pais chegavam e sorriu para os alunos, perguntando-se quem seria seu companheiro no dueto. Ela não sabia muito sobre as outras crianças. Ela os assistia de sua cadeira, perguntando-se se algum deles se tornaria um amigo. Ela queria um amigo de sua própria idade.

O concerto começou. Ayisha escutou, assistiu e esperou.

Intervalo. Todo mundo bebeu chá ou limonada e comeu bolos. Ayisha se levantou para pegar uma bebida – estava nervosa e por isso com sede - mas a Sra. Whittacker silvou para ela —eu disse para você se sentar— e ela se sentou.

Ninguém veio falar com ela. Ninguém disse uma palavra a ela. Mas havia sussurros e as pessoas estavam dando olhares furtivos para ela à medida que conversavam. O que ela tinha feito de errado?

A segunda parte do concerto se aproximava; havia apenas mais um artigo: o dueto. Uma garota com longos cachinhos dourados ficou de pé, e alisava o vestido rosa nervosamente. Ayisha ficou de pé.

—Sinto muito, Susan, querida, sua companheira no dueto não está aqui— a Sra. Whittacker disse. —O concerto está terminado.

—Mas— Ayisha começou.

—Ayisha, vá e espere na cozinha— a Sra. Whittacker retrucou. —Vocês, outras crianças, podem ir para a sala de jantar onde os refrescos estão sendo servidos.

Aflita e confusa Ayisha foi para a cozinha, onde Minna estava esperando. Os outros empregados olhavam fixamente para ela. Ninguém falou com ela.

Algum tempo depois um empregado entrou e disse para Minna—a ama disse que é para você levar aquela garota para casa, agora.

—Eu apenas preciso ir buscar a minha bolsa de música— Ayisha disse, batalhando com as lágrimas e correu de volta para a sala de visitas para ir buscá-la.

Havia várias crianças no corredor, inclusive a garota, Susan, que pela aparência dos olhos tinha chorado. Ayisha subiu para confortá-la - ela, também, tinha sido destituída do momento de glória pelo qual tinha praticado tão duro.

—Oooh! Saia daqui, sua coisa imunda!— Susan exclamou. —Não ouse me tocar.

Ayisha se recordou de olhar para o próprio vestido, pensando que deveria tê-lo sujado sem perceber na cozinha. Mas estava tão limpo e intocado quanto quando ela o havia colocado. Ela tentou novamente.

—Vá embora!— Susan deu um grito. —Nós não temos permissão de falar com você. Você não deveria nem *estar* aqui!

À beira das lágrimas, Ayisha abriu a porta da sala de visitas e ouviu alguém dizer—Quem você disse que ela era?

E a Sra. Whittacker respondeu—Ela é a bastarda de Henry Cleeve, sua imunda e pequena pulada de cerca - e com uma escrava, não menos. Nunca fui tão enganada em toda a minha vida.

Ayisha nem sabia o que bastarda e pulada de cerca queriam dizer, mas ela percebeu, pelo modo como a Sra. Whittacker disse, que ela a odiava. E assim como todo mundo mais.



Imunda pequena pulada de cerca – soava como mosca varejeira, que coloca ovos na comida apodrecendo e produz larvas.

Ayisha nem se lembrava de como havia chegado em casa. Ela supôs que Minna a havia achado e levado para longe.

Muito mais tarde ela aprendeu o que tudo isso queria dizer, que todos pensaram que ela era sua meia irmã, Alicia, que havia morrido. O pai sabia disto mas pensou que sua presença preveniria que acontecesse.

Era uma lição que ela nunca se esqueceria: a música, o concerto, a amizade - até os bolos tinham sido planejados para Alicia Cleeve, não para Ayisha. Nada era para Ayisha.

A proposta de casamento do homem deitado próximo a ela na cama também era para Alicia Cleeve, a filha de um baronete e uma lady.

Oh, ele queria Ayisha, ela sabia disto, e ele poderia até vir a amá-la. O pai dela amava a mãe - que era todo seu mundo.

Mas no mundo de Rafe - o mundo real - o filho de um cavalheiro nunca se casaria com a filha ilegítima de uma escrava - conscientemente. A menos que ela o enganasse.

Mas se ela ficasse com ele, se ela cedesse a ele, ele a faria sua amante - talvez sua amada amante. E seus filhos seriam bastardos.

Mas nenhum filho dela nunca ouviria alguém dizer—Ele é o bastardo de Rafe Ramsey, seu imundo e pequeno pulo de cerca...

Havia sempre a oferta do capitão de casá-los ali e agora. O Reverendo Payne também havia se oferecido para casá-los de acordo com os ritos da Igreja Anglicana.

Mas ela não o enganaria para que ele se casasse com ela. Ele viria a odiá-la por isto, ela estava certa, e isso seria insuportável. Ela preferia viver sem ele a viver com ele desprezada como uma mentirosa. Ou com um machado ao redor do pescoço.

Então ela teria que dizer a ele. E logo, ou ele ficaria bravo por ter se feito de tolo várias vezes, oferecendo-se para casar com ela, baseado em uma suposição falsa.

Ela se virou na cama e o assistiu dormindo, o tórax largo subindo e descendo.

Como ela iria compartilhar uma cama com um homem que ela o havia feito de tolo? E se ele ficasse furioso? Era uma cabine muito pequena. Ela não tinha medo de que ele a machucasse fisicamente, mas seria mais desconfortável ter que continuar a compartilhar um espaço tão intimamente com um homem que te despreza.

Ou um homem que estava disposto a fazê-la sua amante.

Ela esperaria, ela decidiu, até que ela estivesse liberada da quarentena. Então ela diria a ele a verdade. E até então, ela o manteria a distância segura. Nada mais de valsar no convés no luar.

Na noite seguinte eles estavam dando seu passeio noturno habitual em torno do convés quando um marinheiro gritou —Lorde, senhorita— correndo na direção deles. —Ordens do Capitão, vocês devem ir para seus quartos imediatamente e se trancarem. — Atrás dele o convés



estourou com ação, marinheiros correndo em todos os lugares, içando velas extras - e preparando grandes armas de fogo.

—O que está acontecendo? — Rafe perguntou.

O homem empurrou a cabeça para o Sul. —Piratas, lorde, surgindo rápido atrás de nós. Agora, por favor, vão para baixo e se tranquem. Vai ficar feio aqui.

Ayisha ergueu Cleo. Rafe tomou o braço dela e eles foram apressados para baixo.

Enquanto Ayisha colocava a gatinha na cesta, verificou as pistolas depressa. Ele girou para Ayisha. —Você já usou uma pistola?

—Não, mas posso aprender. — Com o rosto branco mas exteriormente tranquilo, ela ofereceu a mão para tomar uma pistola.

—Bom. As pistolas estão carregadas. Você apenas puxa o gatilho - cuidadosamente - puxe tudo para trás - assim... — Ele demonstrou com uma pistola e ela o imitou com a outra. —Sim, assim mesmo. E então você aponta para o peito do homem e aperta o gatilho. E não hesite em matar; um homem ferido ainda pode lutar. Certo?

Ela anuiu com a cabeça. Ela parecia morta de medo, mas o queixo estava fixo. Ela estava magnífica.

—Bom. — Ele substituiu a pistola no estojo, abriu o baú e tirou a espada de aço de Damasco. —Agora, vá se trancar. Vou subir para lutar com os piratas.

Ela pegou o braço dele. —Mas você está muito fraco para lutar com uma espada - você mal se curou da febre. Tome as pistolas.

—Não, você fica com elas. Eu ficarei bem - eu sou um soldado, lembra?

—Então espere, eu irei também!

—Não. — Ele colocou um braço ao redor dela e a deu um beijo duro, possessivo. —É muito perigoso. Fique na cabine. — Ele foi, bateu a porta e a fechou atrás de si. —Tranque-a— ele gritou e correu em direção à escada.

Capítulo Dezesseis

Ayisha olhou fixamente para a porta fechada. Trancar a porta? Esconder na cabine? Esperar e ver o que aconteceria?

Ela se debruçou sobre a portinhola. O grande navio de pirata se jogava sobre eles rapidamente. Piratas fervilhavam por todas as partes, pendurados nas cordas, se enfileirando nas amuradas.

Ela estremeceu. Mas ela não podia, ela não iria apenas *esperar*. Não enquanto Rafe estava no convés lutando por sua vida - pelas vidas de ambos - todas as vidas.

Se os piratas assumissem o comando do navio, ela e todo mundo a bordo estariam perdidos. Estupro, escravidão, assassinato.

Ela não tinha passado os últimos seis anos lutando pela sobrevivência nas ruas do Cairo apenas para esperar mansamente que os piratas viessem e a pegassem.



Ela olhou para as duas pistolas. Dois tiros. Ela não sabia quantos piratas haviam, mas dois tiros seguramente podiam fazer diferença.

Boom! Uma explosão reverberou pelo navio. *Boom! Boom!* O capitão estava disparando nos piratas. O navio estremeceu e agitou a cada explosão.

Os piratas apareceram, destemidos. *Boom!* Eles devolveram o fogo.

Mas em minutos eles estavam muito próximos para que qualquer um dos navios disparasse os canhões. Ela ouviu gritos. Os piratas estavam embarcando.

O terror momentaneamente a congelou. Ela queria mergulhar sob a cama e se esconder do perigo, como tinha feito quando era uma criança. Mas não era uma opção.

Ela amarrou um xale ao redor da cintura e enfiou as duas pistolas carregadas no cós. Teria sido mais fácil com suas roupas de garoto, mas ela não queria ser confundida com um pirata nelas, então ela tinha que continuar de vestido. Ela foi buscar a faca na bagagem e a enfiou no xale, também, e então se dirigiu ao convés.

—Aonde você está indo? — Uma voz estridente. Era a Sra. Ferris, perscrutando para fora de sua porta. —Nós deveríamos ficar em nossas cabines.

—E esperar até que seja tarde demais para fazer qualquer coisa? — Ayisha disse a ela enquanto saía apressada. —Não eu. Eu prefiro afundar lutando.

Será que ela iria? No topo dos degraus uma visão a fez recuar em horror.

Os piratas estavam fervilhando sobre o navio, tomando o convés de modo selvagem, uma horda aos gritos. A tripulação do navio, Rafe, Higgins e os soldados estavam lutando desesperadamente, com pistolas, armas, espadas, facas, pinos e longos ganchos. O ar estava espesso com fumaça, pólvora, tiros, gritos e o chocar das espadas.

Ela congelou, muito assustada para se mover, horrorizada com a visão, mas apavorada demais para desviar o olhar.

Rafe estava lutando com um bruto enorme de cabelo grande e preto, a espada elegante batendo firme contra a enorme lâmina curva do pirata. O pirata xingou e grunhiu, ambas as mãos cortando na direção de Rafe, a espada na mão esquerda, a faca de lâmina longa na outra.

Rafe parecia frio e estranhamente tranquilo, a espada relampejando, os olhos azuis ardentes. Ela tinha visto aquela chama azul fria demolir uma quadrilha de assassinos, mas piratas armados? Ela estremeceu enquanto a faca do pirata cortava a camisa de Rafe. Ele estava machucado? O pirata gritou e de repente outro vilão veio até Rafe por detrás.

Sem pensar, Ayisha retirou uma pistola, armou-a, apontou e atirou. O pirata balançou, cambaleou alguns passos e desmoronou no convés. Uma poça de sangue vermelho claro se estendia debaixo dele, mas ela não tinha tempo para insistir nisto; um terceiro pirata estava indo na direção de Rafe. Ela atirou, e esse estava no chão, também.

As pistolas estavam descarregadas. Ela procurou desesperadamente pela outra arma, tendo náuseas, impotente e apavorada. Rafe estava pressionado, lutando com eficiência selvagem, Higgins alguns metros longe. Era cada homem por si mesmo - e ainda assim os piratas continuavam vindo.



Pelo canto de um olho ela viu um par de juntas encardidas aparecendo na amurada. Um pirata subindo a bordo? Ela se arremessou adiante e, segurando os barris da pistola, começou a batê-las em nas juntas de uma mão, tão duro quanto podia. Houve um grito e uma queda na água.

Graças a Deus. As pistolas ainda eram uma arma útil. Ela podia fazer isto. Ninguém parecia estar observando. Ela foi de um lado para o outro ao longo do lado do navio, batendo a pistola com força em juntas, mãos e cabeças sempre que elas apareciam acima da lateral do navio.

—Ayisha, esquive! — Ela se esquivou automaticamente enquanto—*vuush!*—Uma lâmina passou a poucos centímetros dela. O dono da lâmina grunhiu algo para ela, sorrindo amplamente com dentes enegrecidos - então ele endureceu e se curvou. Sangue gorgolejou para fora de sua boca.

Era Rafe, arrastando a espada da lateral do homem e o empurrando para longe com sua bota. —Que diabo você está fazendo no convés? — Ele gritou para ela. —Volte para a cabine!— Ele girou para aparar outro ataque.

Mas havia outra cabeça subindo acima da amurada, então ela foi tão duro quanto podia. A cabeça saiu de sua visão. A julgar pelos gritos que se seguiram, ele havia caído sobre outros.

—Fique abaixada, Ayisha, droga!— Rafe gritou. —Vá!

—Atrás de você!— Ela gritou, e girou enquanto dois piratas vinham para ele depressa. Ao mesmo tempo, um homem calvo e magro com um brinco de ouro saltou nas costas de Rafe, fechando o braço ao redor da garganta de Rafe, sufocando-o. O outro braço do pirata ergueu e Ayisha viu a silhueta de uma lâmina curva e fina pronta para descer.

—Não!— Gritando como uma banshee³⁵, ela saltou e apunhalou o Brinco de Ouro no pescoço. Ele gritou e a lâmina curva se moveu sobre o convés. O sangue esguichou por toda a parte das mãos dela e a camisa de Rafe ficou ensopada enquanto ela puxava o homem agonizante das costas de Rafe.

Rafe, livre do peso do homem, deu um soco em um de seus atacantes e chutou os pés de outro. O homem tentou se erguer grogue no convés. Ayisha usou o barril da arma e bateu-a na cabeça dele.

—Bom trabalho!— Rafe disse a ela, arquejando enquanto aparava o ataque de outro. —Agora, vá logo para abaixo.

—Quando você for— Ayisha gritou de volta e retornou a bater nos piratas. Ela bateu em cabeças com tapa-olhos, com lenços, argolinhas e bandanas, mãos com cinco dedos ou menos, juntas com várias tatuagens e anéis.

Rafe se posicionou atrás dela protetoramente, gritando com ela sempre que tinha chance—Vá para baixo, sua tola!

Ela não deu a mínima; as tática estavam dando certo. Com ele a mantendo fora dos ataques por detrás, ela podia golpear qualquer pirata tentando subir a bordo.

—Tome isto, sua besta!— Ela ouviu uma voz distinta em um grito agudo.

³⁵ Banshee - do folclore irlandês, espírito na forma de uma mulher lamentando que aparece ou é ouvida por membros de uma família como um sinal de que um deles está prestes a morrer.



Ayisha quase soltou as pistolas quando viu a Sra. Ferris bater em um pirata sobre a cabeça com um malho grande. Ela se posicionou a uma pequena distância de Ayisha e a estava imitando, repelindo os invasores e batendo em suas mãos e cabeças.

Ayisha não tinha tempo para gritar encorajamento - os piratas estavam em todos os lugares e ela mal tinha tempo para respirar. Ela batia e esfolava mãos e juntas, batendo em cabeças e ocasionalmente cortando os mais persistentes com sua faca.

Parecia continuar para sempre. Ayisha mal podia ouvir a voz de Rafe, havia tanto grito, fogo de artilharia e chocar de espadas ao redor dela. Mas ela podia senti-lo lá e ouvi-lo lutar, e sempre que ela tinha um segundo, girava para verificar se ele ainda estava de pé.

Deus sabia o que ela faria se ele caísse. Ela o protegeria de alguma maneira, ela jurou. Se apenas ele não estivesse ainda fraco da febre.

Logo ela mal podia vê-los, os olhos cheios d'água com tanta fumaça, mas ela se focava determinada na lateral do navio, defendendo seus quase dois metros com cada fragmento de energia à disposição, sabendo que Rafe estava atrás dela, ainda de pé, e - incrivelmente - a Sra. Ferris ao lado dela.

O número de cabeças e mãos aparecendo tinha diminuído, e então de repente houve o som de uma buzina vindo do navio pirata. O que isso queria dizer? Ela procurou continuamente, com esgotamento, para ver o que o próximo horror seria.

Mas em vez das novas táticas que ela temia, os piratas deixaram o navio. Eles saltaram, mergulharam na água, subiram pelas cordas e caíram em seu próprio convés.

Ayisha os assistiu irem com sensação ofuscada de descrença. Essa era alguma tática nova ou eles estavam verdadeiramente partindo?

Onde estava Rafe? Ayisha girou olhar. Os marinheiros estavam jogando os piratas restantes ao mar para serem levantados por seus camaradas, ou deixados para afundar - e havia Rafe, imundo e banhado de sangue, mas de pé e forte enquanto se ocupava com um pirata confuso e o jogou facilmente ao mar. Ele agarrou outro e mais outro e os lançou ao mar.

Graças a Deus! O alívio e a alegria a encheram. Apesar da camisa sangrenta, ele estava bem. O modo como ele estava lançando os piratas, ele tinha sido bem sucedido e saiu incólume. Os dois sobreviveram, graças a Deus.

—Nós conseguimos - batemos eles!— A Sra. Ferris exclamou ao lado dela. Ayisha girou e olhou-a fixamente. A Sra. Ferris estava imunda e respingada de sangue - e rindo de orelha a orelha. —Nós os repelimos! Eu nunca estive tão apavorada em toda a minha vida!— E a mulher a abraçou, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Naquele momento um grito de alegria subiu entre os passageiros do navio. O navio pirata estava indo para longe. Os marinheiros lotavam ao longo das amuradas, gritavam e zombavam, jubilosos com a vitória. Era contagiante; até a Sra. Ferris se alegrou, mas de uma forma distinta, com gritos de hip-hip-hurra.

Alívio e alegria borbulhavam por Ayisha, e ela se juntou ao coro com um grito do leste de triunfo e celebração: um ulular alto e vibrante.

—Já chega!— Rafe cortou o som abruptamente e a atirou sobre o ombro e marchou em direção à escotilha que levava à escada.



—O que há de errado? Nós batemos eles, ganhamos!— Ela se torceu para descer. —Nós os repelimos!— Através das amuradas as pessoas estavam se abraçando e gritando para os piratas. O barulho era ensurdecedor.

—Você viu a Sra. Ferris? Não é espantoso que ela tenha vindo para o convés e lutado? O que será que deu nela?

Rafe fez um tipo de rosnado. Ainda a mantendo-a sobre o ombro, ele empurrou sua passagem através das pessoas aglomeradas no baluarte para assistir os piratas retrocedendo.

E então ela viu a carnificina, os convés sangrentos, os homens feridos sendo levados para baixo e a alegria se esvaiu. Os corpos estavam sendo nitidamente deitados em um canto quieto do convés. Ela tentou contar, mas eles alcançavam a escotilha e eles estavam descendo os degraus e ela não podia ver mais.

Ele abriu a porta da cabine, que estava destrancada, chutou-a para fechar atrás dele, colocou-a de pé, trancou a porta e se virou para ela. Manchado de sangue e encardido, o rosto estava sombrio, os olhos azuis queimando com fogo glacial.

—Eu disse para você ficar aqui!— A voz era baixa, mas pulsava.

—Mas nós ganhamos!— Ela olhou fixamente para ele em surpresa.

—Eu te *ordenei*!— Ele ralhou. —E você me desobedeceu.

Ela olhou fixamente para ele em descrença. Como ele podia censurá-la por causa de ordens quando eles tinham acabado de sobreviver ao ataque de piratas? —Eu te disse antes, eu não aceito as suas ordens. Não estou no seu exército - não estou sob seu comando—

Ele a agarrou bem duro. —Sua pequena tola, você poderia ter morrido!

Ela o afastou, aborrecida por seu tom. —Assim como você. E você - ela cutucou o peito dele. —Você acabou de sair de um leito de doente e não está em estado para lutar!

—Eu fiz o certo— ele rosnou.

—Assim como eu. Nós acabamos de repelir uma horda de piratas malignos. — Ela não pôde evitar e sorriu. Ela não tinha ficado se escondendo aqui - ela tinha ficado apavorada, mas ela foi lá fora e lutou. E ela fez uma diferença. Assim como a Sra. Ferris.

A carranca dele ficou mais escura. —Pare de sorrir!

Ela o considerou brevemente. —Não acho que posso— ela disse a ele. —Sei que pessoas foram mortas e me sinto terrível sobre elas, mas quando você pensa que quase morreu - não te faz querer sorrir?

—Não. — Os punhos dele cerraram. —Eu prefiro te bater por você ter desobedecido às instruções.

—Hah!— Ela disse. —Se você tentasse, eu iria te bater na cabeça com as minhas pistolas fiéis. — Ela as puxou do cós e as segurou pelas culatras, segurando-as de brincadeira em um gesto ameaçador.

Ele as pegou e jogou no canto. —Não seja tão impertinente! Você deveria usá-las para se defender!

—Eu não estou sendo impertinente e eu me defendi - e a você. — Ela se virou para ele, de repente ardendo, brava. —Não faz nenhuma sentido para mim ficar aqui embaixo, tremendo, já



condenada a ser vítima, esperando para ver quem entraria por aquela porta - você ou um grupo de piratas disposto a me estuprar, escravizar ou matar!

—Mas—

—O que eu deveria fazer? Atirar em dois piratas, e então rechaçar o resto com as mãos nuas? Ou atirar em um pirata e usar a outra para atirar em mim? Não - se for ser pega por piratas, farei ao ar livre, lutando até meu último suspiro. E levando tantos deles comigo quanto eu puder.

— Ela estava tremendo quando terminou de falar.

Houve um pequeno silêncio, então ele disse roucamente—Você tem alguma ideia de como me senti ao te ver lá em cima em um convés cheio de piratas?

Ela encontrou o olhar dele. —Provavelmente quase o mesmo que eu senti quando te vi abatendo três ou quatro homens de cada vez - quando apenas ontem você ficou exausto depois de ter dado apenas seis voltas em torno do convés!

Ele fechou os olhos brevemente, abriu-os e através do queixo cerrado disse—Isto não é sobre mim! Eu sou um soldado! Eu posso lutar com os olhos fechados. Você é uma mulher!

—Você não é mais um soldado, e estava doente aos meus cuidados na maior parte da semana passada. Agora, a sua camisa está empapada com sangue – um pouco dele é seu?

Ele a afastou com um gesto bravo. —Alguns poucos arranhões. Droga, mulher, olhe para você mesma! Está coberta de sangue!

Ela agitou a cabeça. —Sangue de pirata, não meu.

—No calor da batalha as pessoas nem sempre percebem que foram machucados.

—Oh. Bem então, deixe-me verificar você—

—Eu não preciso de uma enfermeira!— Ele rugiu.

—Não seja tolo, eu apenas quero verificar se você foi ferido!— Ela se moveu para mais perto.

Ele andou para trás. —Não chegue perto de mim!— A voz vibrava com fúria. —Não estou em estado para ser tocado.

—Eu já te vi - já te *toquei* em estados muito piores do que isto!— Ela agarrou a camisa dele.

Ele se torceu para longe. Houve um rasgo alto.

Pelo tecido ela pôde ver uma linha fina vermelha. —Você *está* ferido.

Ele fez um gesto impaciente. —É só um arranhão. Olhe para você mesma – está ferida de alguma forma?

Ela o ignorou. —Até mesmo um arranhão precisa ser olhado, preciso te ver inteiro para me certificar.

Ele a encarou. —Você está determinada a ser a minha babá, não é?

—Chame como quiser— ela disse. —As pessoas estavam tentando te matar na última hora e você acabou de me dizer que as pessoas nem sempre percebem que foram machucadas. Então.

—Eu estava falando sobre *você*, que droga!

Ela não respondeu, apenas encontrou firme o olhar dele.

—Deus, você é uma mulher teimosa!— Sem aviso prévio ele rasgou a camisa, arrancou-a e jogou-a pela portinhola. —Vê? — Ele falou firme. —Nada sério. Agora que tal você? Você tem algum ferimento debaixo desse seu trapo imundo, sangrento e arruinado que costumava ser seu



vestido favorito? — Ele agarrou a parte mais sangrenta do vestido dela e arrancou. O topo inteiro do vestido rasgou e abriu.

Houve um silêncio súbito, chocado.

Ela andou para trás. Eles olharam fixamente um para o outro por um longo momento, imóveis, arquejando.

Lentamente ela se virou e deixou cair o vestido rasgado e manchado de sangue ao redor dos pés. Ela passou por cima da roupa arruinada, ergueu-a e marchou para a portinhola com nada além dos calções até os joelhos. Ela jogou o vestido fora e girou para enfrentá-lo, tremendo, os braços cruzados sobre os seios. —Nenhum ferimento - satisfeito?

Ele trágou, então enxugou as mãos através do rosto. —Deus, Ayisha, quando eu te vi pisar naquele convés... eu nunca fiquei tão assustado em toda a minha vida. — A voz dele estava rouca.

—Achei que ambos fôssemos morrer— ela disse a ele com uma voz que cambaleava. —E eu não podia aguentar o pensamento de que nunca fizemos isto!— E ela se jogou no peito dele.

Ela se lançou nele, enroscando os braços ao redor de seu pescoço e envolveu a cintura com as pernas.

Os braços dele a pegaram, fechando ao redor dela como faixas de aço enquanto ele tropeçava contra a cama e caía sobre ela.

E então ele a estava beijando, cega e desesperadamente, e ela o estava beijando de volta em um frenesi descuidado, selvagem.

Raiva, paixão, medo e alívio a inundava em enormes ondas contraditórias. Ela não podia chegar perto o suficiente, ela queria entrar no peito dele, abraçá-lo, bloquear a visão apavorante dele cercado por predadores, a espada relampejando, os olhos ardendo azul cor de gelo.

Ela deu beijos selvagens por toda parte dele, no rosto, na boca, nas pálpebras, saboreando a aspereza de seu queixo, os músculos firme do ombro - em qualquer lugar que ela conseguisse. Beijando, saboreando, curando. Fazendo-o seguro, dando a ele tudo o que ela tinha para dar: ela mesma.

Não importava o quê, não importava quem.

Ela tinha estado à beira da morte; ela ainda podia sentir o vento da espada passando a um fio de cabelo de sua nuca - mas ela estava viva, viva e nos braços de um homem que fazia com que ela se sentisse mais viva do que já tinha sentido um dia.

Ela se esfregou contra a virilha dele e sentiu a dureza dele, queimando embaixo da calça de buckskin³⁶.

Com o toque dela, um tremor poderoso correu o corpo grande embaixo dela. Ele gemeu e o som alimentou a exultação selvagem que borbulhava por ela.

As mãos grandes dele vieram sobre as dela e pararam seus movimentos febris. A respiração vinha quente e dura, o tórax largo e forte erguendo com esforço.

Os olhos azuis a perfuravam com intensidade. —Você está certa disso, Ayisha? Porque se você disser que sim, não há volta.

³⁶ Buckskin - couro suave, amarelo acinzentado que normalmente era feito de pele de cervo, mas atualmente é feito de pele de carneiro.



—Sim!— Ela se curvou e o beijou. —Eu quero você. Eu quero isto. E quero agora. — Ela não sabia o quê - isto - era, mas uma força poderosa se erguia do fundo dela e a comandava.

Ela estava viva, *viva* e precisava dele, desejava. O corpo dela sabia disto, estava pulsando, doendo, guiado por um instinto tão antigo quanto o tempo. E ela confiava em seus instintos.

—Então se você está certa... — ele disse, a voz funda e empedrada. Lentamente o olhar desceu para os seios nus, a apenas centímetros acima dele.

Ela sentiu as bochechas inundarem com calor. Ela tinha se esquecido de sua nudez enquanto estava apertada contra ele. Ela nunca tinha estado nua sob o olhar de um homem antes, e o olhar fixo e franco dele encheu-a com uma mistura de timidez e orgulho.

—Lindos— ele respirou. —Como creme ao luar. Que crime mantê-los presos por todos estes anos.

Ele ergueu o rosto e beijou cada seio e a sensação da boca quente na pele fresca, tenra... Se ela morresse agora...

Mas ela não iria morrer, e ele estava vivo, e oh... a textura áspera do queixo contra a suavidade dos seios...

Ele a provocou até quase enlouquecê-la, deslizando a boca sobre os seios em movimentos leves e ígneos, segurando-a sobre ele para que assim ela não pudesse se mover, não pudesse mergulhar sobre ele e saboreá-lo, tocá-lo em retorno como ela queria.

A boca, a língua, o queixo a acariciavam até que os nervos dela estavam chamejantes.

Finalmente o aperto dele soltou. Ele segurou o rosto dela entre as mãos e trouxe a boca para a dele, deliberadamente... tão lentamente que ela estava tremendo em antecipação quando os lábios se tocaram.

Ela o beijou de volta, febril, desespera e desajeitadamente, sem saber o quê fazer, querendo deixá-lo tão louco tanto quanto ele a estava deixando.

Ela sabia o que viria depois. As mãos dela tremeram enquanto ela alcançou os calções dele, mas era pressa, não nervosismo.

Bem, apenas um pouco de nervosismo.

Ela conhecia o corpo dele intimamente. Depois de banhá-lo tantas vezes na última semana, não poderia haver nenhuma surpresa.

Mas o que ele fazia com a boca... acabava com cada pedaço de... razão... mas ela queria... precisava...

Ele apertou a mão sobre a dela, parando a abertura da calça, apertando a palma da mão dela sobre a espessura pesada e quente abaixo. —Diminua a velocidade, gatinha— ele gemeu.

Ela olhou fixamente para ele, arquejando. —Eu não quero diminuir a velocidade. — Ele não se moveu, então ela se curvou e o mordeu ligeiramente no ombro.

Ele riu. —Sua gata selvagem— ele disse e rolou sobre a cama e assim ela ficou embaixo dele.

—Confie em mim— ele disse a ela. —Será melhor lentamente.

—Melhor para quem? — Ela rosnou em frustração.

—Para você. — Ele sorriu e o cintilar no olhar aprofundou. —E para mim.



Ele a beijou de novo, profundamente, a língua como um veludo quente, acasalando com a dela, acariciando com um ritmo insistente até que ela estava fraca, então deu lentos beijos junto ao queixo dela, abaixo do pescoço, até que alcançou os seios.

—Morangos selvagens— ele murmurou, saboreando o mamilo. Ele o mordeu ligeiramente, acariciando a ponta com a língua, chupando suavemente, acariciando a ponta com os dentes e a língua, e o tempo todo ela arqueava embaixo dele enquanto lanças rítmicas de prazer a perfuravam.

As mãos grandes e mornas se moveram com ternura áspera e esfolada por toda parte dela, segurando, apertando, acariciando. Ele parecia saber exatamente o que fazer para deixá-la à beira do êxtase. Ayisha queria fazer o mesmo com ele, mas ela não podia pensar, não podia nem se mover, exceto estremecer e se contorcer em prazer impotente.

Ela estremeceu enquanto ele segurava o montículo suave no ápice de suas coxas, acariciando-a através do algodão de suas calças turcas.

De muito longe ela ouviu—Você se importa com estas coisas?

—Coisas? — Os olhos dela abriram de repente e o mundo voltou um pouco, ondulando como um sonho. Ela podia ouvir o próprio arquejo. Ele estava arquejando, também, os olhos vítreos e intensos.

O que ele tinha acabado de dizer?

Ele arrastou o zíper. —Eu não consigo desfazer.

Ela olhou fixamente para a boca dele e se esqueceu de responder. A boca bonita, masculina... e o que ele fazia com ela...

Então ele murmurou—Não se preocupe, eu vou arrancá-las.

—Não, eu farei isto— ela disse, a genialidade voltando. Os dedos voaram para desatar o zíper. Ela começou a empurrá-las para baixo sobre os quadris, mas novamente as mãos dele fecharam sobre as dela e as levaram para longe.

—Meu trabalho— ele disse suavemente e beijou-a longa e lentamente na boca, e ela se derreteu novamente.

Enquanto ele a beijava, a mão acariciava com suavidade a barriga e lentamente empurrou a calça, sobre a barriga, acima dos quadris, e então ela a estava chutando dos pés, e a mão dele estava segurando a dela, massageando suavemente enquanto a boca ternamente tomava seus seios.

As mãos que poderiam jogar um pirata do convés a acariciavam com tal delicadeza que ela se sentia com vontade de chorar.

Ele separou as pernas dela e um dedo longo acariciou-a ligeiramente, circulando e circulando. O mundo se fechou até um ponto, onde o dedo dele se juntava com ela e ela pulsava ao redor dele. E então ele apertou e ela empurrou quase para fora da cama enquanto uma seta como um raio corria por ela.

Ela se deitou arquejando enquanto sua consciência quebrada voltava lentamente. Os olhos dela tremularam e abriram. Ele se deitou ao lado dela na cama, os olhos bem fechados, parecendo que ele estava sentindo dor.



Ela não sabia o que ele tinha feito, mas sabia o que ele não tinha. Agora, ela finalmente teria sua vez. Em segundos ela abriu a calça dele, soltou o zíper de seu calção e o arrastou para baixo sobre as coxas longas, duras.

Ela encarou. O que ela havia pensado? Nenhuma surpresa aqui? Como ela estivera errada. Como ele tinha ficado maior? E mais escuro. E mais espesso. E mais longo.

Mas ela tinha lidado com o corpo dele muito frequentemente durante a febre e ela não deveria se sentir tímida quanto a tocá-lo. Ela hesitou. Ele estava adormecido então e o toque dela tinha sido apenas para propósitos medicinais.

Ela olhou fixamente para sua masculinidade fortemente excitada e decidiu que talvez ela estivesse um pouco tímida, afinal. Ela deu uma olhada rápida nele para ver o que ele estava pensando. Ele estava deitado lá, assistindo, os olhos cintilando, esperando que ela fizesse o primeiro movimento.

Ela se esticou e o tocou como uma tentativa. Era quente, a pele era apertada e aveludada. Com um dedo ela o acariciou lentamente da ponta para baixo. Apertou e uma pequena umidade brilhou na ponta inchada.

Ele gemeu e o corpo se curvou como se ele estivesse com dor. Mas ele não tinha sido machucado, ela podia dizer pela luz nos olhos. Ela estava fazendo com ele o que ele tinha feito com ela.

Ela sorriu e uma onda de poder feminino a atravessou. Seu grande guerreiro tremia ao seu mais leve toque. Ele a assistia, os olhos em chamas reluzindo sob as têmporas sonolentas, como um leão se preparando para atacar.

Ela correu o comprimento dele com os dedos novamente e ele jogou a cabeça para trás, os dentes cerrados e gemeu, os pés afundando mais na cama.

—Os gatos sempre brincam com suas presas — ele disse por entre dentes friccionados depois que o longo tremor passou.

Ela sorriu. Se ele não gostasse, ele apenas tinha que se mover. Ou dizer a ela para parar. Mas ele não o fez. Ela tocou a ponta e o corpo poderoso dele se curvou e estremeceu sob o toque leve. Os músculos da coxa estavam firmes, a barriga dura, os punhos fechados em torno da roupa de cama como se ele estivesse em uma cama de tortura.

Perguntando-se o que aconteceria se ela o pegasse com a mão inteira, ela suavemente fechou os dedos. Então ligeiramente apertou.

—Chega — ele gemeu, de repente erguendo-se sobre ela. O peso a afundou na cama, e ele se colocou entre suas coxas. Sem pensar, ela colocou as coxas ao redor dele.

Sim, era isso o que ela desejava. Ela não tinha percebido até agora.

Ele a beijou feroz e possessivamente, e ela o beijou de volta freneticamente, sentindo a aspereza aquecida empurrando ritmicamente em sua entrada. Ela sabia o que esperar. Ela tinha ouvido as pessoas conversarem. Ela se moveu, tentando acomodá-lo, mas ele estava empurrando nela, estirando ela, abrindo-a, mais e mais.

A mão dele deslizou entre eles e ele a acariciou repetidas vezes como tinha feito antes, e ela estremeceu e se sentiu suavizar.

Ele empurrou novamente e —



—Aiii!— Ela não pôde evitar o gritar súbito e surpreso - doeu mais do que ela tinha esperado.

—O que—

—Está tudo bem— ela disse, agarrando a cabeça dele e o beijando duro, ao mesmo tempo movendo o corpo embaixo dele sem destreza, o corpo pulsando e acompanhando o movimento dele.

Ele gemeu e a puxou para ele, saqueando a boca ternamente. Ao mesmo tempo ele começou a se mover dentro dela, lentamente a princípio e então mais e mais rápido.

Era desconfortável a princípio, mas lentamente o corpo dela se ajustou e ela se moveu com ele, e se esqueceu da dor enquanto a tensão viciante se construía e construía. Um ritmo assumiu o comando de seu corpo, batendo por ela, os dois se movendo como um, movendo mais rápido, mais rápido, espiralando mais alto, mais alto, mais alto...

O corpo dela se movia por iniciativa própria, ela estava perdida, descuidada, a explodir, lascas em pedaços... Tudo o que ela podia fazer era se deixar levar, deixar ser tomada como a inundação do Nilo. Abraçando-o com cada parte sua, quebrando junto...

Capítulo Dezessete

Rafe abriu os olhos com a melancólica meia-luz que vinha logo antes do amanhecer. Era a hora quando a esperança ficava mais baixa, quando os homens agonizantes desistiam da luta e escapavam.

Rafe era imune a isto. Ontem, na noite anterior, a vida dele tinha mudado para sempre.

Ayisha estava deitada enrolada contra ele, os membros dela entrelaçados nos dele, e como sempre, a palma descansando sobre seu coração.

Sempre o deixava tocado, o cuidado que ela mostrava, mesmo durante o sono.

Mesmo que ele vivesse cem anos, nunca se esqueceria da visão dela saindo para o convés, andando para o perigo mortal, carregando suas pistolas e o defendendo.

Defendendo ele.

Uma garota de dezenove anos defendendo um soldado veterano. Ele se sentia humilhado, totalmente. Ele sentiu algo espessar no tórax enquanto a olhava. Ela era tão valente, tão... preciosa.

Ele se moveu cuidadosamente, para não a perturbar, erguendo-se em um cotovelo, para melhor olhar para ela. O pequeno cabelo escuro crescia em cachos ao redor do rosto. A bela adormecida dele.

Era uma manhã fresca e um ombro magro cutucou-o embaixo das cobertas. O desejo de se curvar e beijá-lo se rebelou, o desejo de despertá-la suavemente, com beijos, mas havia uma lânguida sombra cor de lavanda sob as pestanas escuras. Ela estava exausta, sua pequena guerreira, depois do que havia acontecido. Ele não a perturbaria. Ele arrastou suavemente o cobertor até cobri-la.



No sono ela parecia tão pequena e indefesa, mas Deus, a coragem crua e prática dela. Ela havia matado três homens ontem e repelido outros tantos.

Ele pensou no modo que ela havia respondido a ele, afirmando a vida com uma paixão que queimava.

E ainda assim ela tinha sido uma virgem.

Então o quê *Alicia Cleeve está morta; aqui há apenas Ayisha* significa?

Ele pensava que isso significava que ela havia sido estuprada. Algumas pessoas reagiam assim; o único modo que elas podiam sobreviver a tal evento terrível era se tornar alguém diferente, deixar essa pessoa para trás, tomar um novo nome, fazer uma nova vida.

Não foi estupro, graças a Deus. Mas o quê?

Não importava. Ela era cheia de segredos, mas ele não se importava. Ela tinha se doado para ele ontem à noite, e ela era dele para cuidar e proteger, e ele tinha toda a intenção de mudar o nome dela novamente - para o dele. Uma nova vida estava à frente de ambos.

Um miado melancólico da caixa disse a ele que certa gatinha se sentia abandonada por muito tempo. Ele escapou da cama e a deixou sair. Ela deu uma batida breve de cabeça contra a mão dele e marchou para sua caixa de areia enquanto Rafe deslizava de volta para a cama, com cuidado para não perturbar Ayisha.

Cleo inspecionou o prato de comida vazio com ar de desaprovação, bebeu água, então foi até a roupa de cama e depois para a cama - ela ainda era muito pequena para saltar tão alto. Então ela se sentou na barriga dele e se lavou delicadamente da cabeça até o dedão do pé.

Uma vez que sua toalete estava completa, ela se moveu para seu tórax, bateu-o no queixo e o olhou esperançosamente. Ele não se moveu, então ela o ateu no queixo com uma pata suave e fez *miiiaaaauu* para ele. Ao lado dele Ayisha se mexeu.

Rafe estreitou os olhos para a gatinha. —Silêncio, isto é chantagem— ele disse a ela em um sussurro.

Ela estreitou os olhos de volta para ele, mas de uma maneira sedutora, e miou novamente.

—Quieta, eu disse— ele sussurrou. —Sua ama está dormindo.

Ele arranhou Cleo atrás das orelhas e foi recompensado com um pequeno ronrono de gatinha. O ronrono continuou. Rafe se moveu devagar de volta para dormir, a gatinha se enrolou no seu tórax.

Ayisha despertou com uma gatinha ronronando em sua orelha. Os olhos abriram tremulando e Cleo estava enrolada no tórax de Rafe. Ela piscou. O que a gatinha estava fazendo lá? Ela sempre dormia na cesta.

—Eu te disse para não fazer tanta confusão— a voz profunda de Rafe roncou suavemente.

Ayisha, confusa, esfregou os olhos.

Ele continuou—Viu? Você a acordou e isso significa banimento por um crime tão odioso. Você vai para fora. — Ele ergueu a gatinha e a deixou suavemente no chão.

Ela sorriu com sono à vista dele conversando tão sinceramente com a criatura minúscula.



—Esse sorriso é um bálsamo para olhos doloridos— Rafe disse. —Bom dia, amor. — Ele se debruçou e a beijou, um beijo longo, vagaroso, possessivo que mexeu com todas as sensações da noite anterior.

Ainda a beijando, ele a puxou para mais perto. Ela podia senti-lo quente e duro contra a barriga dela.

—Não. — Ela apertou as mãos no tórax dele e o empurrou de volta.

Ele imediatamente a soltou com um sorriso sentido. —Desculpe, amor, duas vezes é muito já que foi a sua primeira vez. Você deve estar dolorida.

Ela se sentiu corando e puxou a coberta azul ao redor de si. —Não, não - é isto. É só que— Ela respirou fundo. —Nós não podemos fazer isto novamente.

As sobrançelas dele juntaram. —Eu machuquei você?

—Não, mas—

Ele relaxou. —Bom, foi o que eu pensei. Você gostou, não é? Você pareceu gostar. — O olhar dele acariciava-a.

Ela sentiu a pele aquecer ainda mais e deu uma olhada rápida para longe. Era duro dizer qualquer coisa quando os olhos dele queimavam com aquele calor azul frio em particular. Parecia muito... pessoal. —Se eu apreciei ou não é irrelevante— ela disse firmemente.

—Eu pensei que era muito relevante— ele murmurou.

—Não vai acontecer novamente.

Ele se sentou de volta contra os painéis da cabeceira da cama e cruzou os braços, e sorriu amplamente para ela, parecendo obviamente muito contente consigo mesmo. —Sim, é. — Os lençóis terminaram logo abaixo da cintura, não o protegendo de nenhuma forma decente. Não que ela estivesse olhando. Muito.

Ela evitou os olhos dele, e o olhar foi para a pequena marca de sangue no lençol. Sangue de sua virgindade, ela pensou e imperceptivelmente puxou um canto do cobertor sobre a mancha. De alguma maneira, das histórias que ela tinha ouvido, ela esperava muito mais. Tanto rebuliço por uma mancha tão pequena.

—Não acontecerá novamente— ela insistiu. —A menos que você me force.

—Você sabe que eu nunca faria isto. — Ele deu a ela aquele olhar sonolento e imediatamente ela se recordou de Laila dizendo que os olhos dele a faziam pensar em camas amarrotadas e noites longas e quentes. Ayisha sabia agora o que ela queria dizer...

Ela anuiu com a cabeça, tentando manter a mente no assunto em discussão, não em camas amarrotadas. —Está certo. Então.

—E quando nós estivermos casados?

Ele estava tão certo de que o casamento era inevitável. Ela deu um suspiro exasperado. — Nós já resolvemos isso antes. Quantas vezes eu tenho que falar sobre isto - nós não vamos casar.

—Isso não é mais assunto para debate— ele disse a ela, a voz endurecendo. —Você era uma virgem. Eu não arruíno virgens e vou embora.

—Arruinar? — Ela o encarou. —Eu não estou nada arruinada. Mal doeu e havia apenas umas minúsculas gotas de sangue. — Ela tentou não ruborizar e acrescentou—eu já derramei mais sangue descascando legumes.



A expressão dura dele enfraqueceu. Os olhos cintilaram. —*Descascando legumes?*

—Você sabe o que eu quero dizer— ela disse envergonhada. —Estou em perfeitas condições. Exceto por alguns ardores secundários, eu me sinto maravilhosa, então não vamos mais falar sobre arruinar.

—Fico muito feliz em ouvir isto, mas você não me entendeu direito— ele disse, a voz gentil, um pouco divertida, mas implacável. —Arruinar significa que eu tomei a virgindade de uma garota inocente. E no meu mundo, isso significa que nós nos casaremos - quer você queira, quer não. Isso não é mais apenas uma questão de fofoca. Pode haver consequências do que aconteceu ontem à noite.

Ela sabia disto. Era a razão pela qual ela tinha tentado mantê-lo a distância segura. Até que toda a resolução dela se dissolveu em um momento explosivo de ira, medo e paixão e a exultação da derrota da morte e o abraço da vida.

Ele continuou—eu não te forcerei a dormir comigo, minha querida, mas eu não ligarei se tiver de te forçar a ir para o altar. E se você quer discutir sobre isto, eu mandarei buscar o Reverendo Payne e o capitão e instruirei a ambos a nos casarem agora, nesse mesmo lugar, na quarentena ou não.

Ayisha olhou fixamente para ele. Havia uma marca firme no queixo que a provocava a dizer que era blefe. Mas ele não estava blefando mesmo.

Ontem à noite os eventos mudaram tudo, e os dois sabiam disto. Era a hora de deixar tudo limpo.

—Eu não sou quem você pensa que sou— ela disse a ele.

—Não isso de novo— ele disse exausto. —Quem é você então?

—Minha mãe não era Lady Cleeve; o nome dela era Kati, Kati Machabeli. Ela - ela era amante do meu pai.

Houve um longo silêncio enquanto ele digeriria o que ela havia dito. Ela tentou ler o rosto dele, mas não podia.

—Kati Machabeli não soa como um nome árabe. — A voz era tranquila e não dava nada a entender.

—Não, ela nasceu na Geórgia.

—Entendo. Quem era o seu pai?

—Lorde Henry Cleeve, claro. Eu não menti, precisamente - apenas não contei a verdade toda. — Ela mordeu o lábio e acrescentou - meu pai co- encontrou a mamãe quando ele estava de visita a Damasco uma vez. Pediram para ela traduzir para ele porque o mest- o homem com o qual ele estava fazendo negócios - não falava inglês ou francês.

—E a sua mãe fez isso. — Ele se recordou agora de que Ayisha tinha dito que falava vários idiomas, também. —Que negócios eram esses?

—Papai colecionava arte e documentos preciosos.

—E mulheres, também, presumivelmente.

—Não! Ele não era assim. Mamãe foi sua única amante.

Que ela sabia, Rafe pensou.



—Eles se apaixonaram. O papai trouxe-a de volta para o Cairo e a deixou em uma casa pequena próxima ao mercado. Ele a visitava todos os dias, mas ela possuía a casa, ela tinha as chaves. Era a sua casa.

—Se ela a possuía, por que você teve que viver nas ruas quando ela morreu?

—Não quis dizer que ela a possuía legalmente, e de qualquer maneira, acho que papai a vendeu quando fomos morar com ele em sua casa - a que você alugou. Mas ele a amava e mamãe o adorava. Eles foram muito felizes juntos, até o fim.

—Entendo. — Ele considerou o que ela disse. —Onde Lady Cleeve entra nesta história? Ela se importava do seu pai ter tomado uma amante bonita? Ela era bonita, presumo.

Ela anuiu com a cabeça. —Ele não nos trouxe para casa apenas depois de Lady Cleeve ter morrido. Ela nunca soube sobre a mamãe ou eu.

Ele ergueu as sobrancelhas. —Como você sabe?

A testa dela enrugou. —Eu não sei... Ninguém nunca disse... — Ela olhou para ele abatida. — Eu apenas acabei de pensar sobre isto. Não se pensa sobre tais coisas quando se é criança. Oh, espero que ela nunca tenha sabido. Isso seria terrível, saber que seu marido fazia... isto.

Ele estava contente por ela não tentar justificar. Ele estava até contente do desânimo dela em pensar que a esposa do pai poderia saber de sua infidelidade.

Era prática comum dos homens da classe dele levar os votos de casamento de forma leviana. Do Príncipe Regente adiante, os cavaleiros comumente tomavam uma amante assim como uma esposa. Alguns até se gabavam disto.

Não Rafe. Ele tomava suas promessas seriamente - todas as suas promessas. Ele seria um marido fiel, e esperava o mesmo em retorno.

—Então Alicia Cleeve era sua meia irmã. O que aconteceu com ela?

—Ela morreu ao mesmo tempo em que a mãe, de peste, quando eu tinha seis anos.

—Quantos anos ela tinha?

—Seis. Nós tínhamos um mês de diferença de idade. Eu era mais jovem.

—Você a conhecia?

—Não, eu realmente não entendia nada disso até que começamos a viver com papai. E até então eu não entendi completamente - eu era apenas uma criança. Eu sabia que a esposa e a filha prévia do papai haviam morrido, isto é tudo.

—Depois o seu pai mudou vocês duas para a residência principal próxima ao mercado?

—Sim.

Rafe ergueu as sobrancelhas. Manter uma amante ele podia entender; muitos homens faziam isto, tanto casados quanto solteiros. Mas mudar uma amante e uma criança ilegítima para sua casa, muito corajoso - era o tipo de coisa que podia gerar escândalo. E escândalo causava fofoca. E fofoca viajava, ainda assim a Lady Cleeve sênior não tinha ouvido nada sobre isso.

—O que amigos do seu pai fizeram?

Ela deu a ele um olhar perplexo. —O que você quer dizer?

—Não houve nenhum escândalo, nenhuma fofoca?

Ela agitou a cabeça. —Eu não sei. Nós não tínhamos muitas visitas.



—Como as pessoas - quero dizer os amigos do seu pai, não os lojistas - tratavam a sua mãe quando ela saía?

—Oh, mamãe nunca conhecia as pessoas. Ela era muito tímida e papai nunca a pressionava. Aposto que ele não fazia, Rafe pensou.

—Não é como você pensa. Mamãe tinha uma bochecha cicatrizada— ela explicou. —Ela tinha sido atada - sofreu um acidente. Ela não gostava que as pessoas a vissem. Papai me levava com ele, às vezes. Tive lições de música com uma lady inglesa durante algum tempo. — Ela desviou o olhar e acrescentou tranquilamente—Mas se as pessoas me chamavam de Alicia, ele nunca as corrigia. E ele me disse para não fazer isso também.

Ela encontrou o olhar dele e acrescentou—eu não farei mais isto. Não viverei na sombra da garota morta, não tomarei o que pertence a Alicia.

Rafe anuiu com a cabeça. Ele acreditava nela. Ele pensou no número de vezes que ela disse a ele que era Ayisha e que Alicia estava morta. Não era culpa dela ele não ter acreditado na verdade literal quando a ouviu. Ela tinha sido tão honesta quanto podia; ela havia mentido para se proteger, não para ganhar algo. Ninguém havia forçado sua confissão hoje, tinha sido apenas pelo próprio senso de honra e autovalor.

Outra pergunta surgiu nele. —Quando seus pais morreram, por que você não foi ao consulado britânico?

—Eu não sabia aonde ir. — O olhar dela deslizou para o lado e ele soube de cara que havia algo que ela não estava contando a ele.

—Mas—

—Eles não teriam ajudado.

—Por que não?

Ela se ergueu e caminhou até a janela e ficou lá de pé desviando a vista por muito tempo. Por um momento, Rafe pensou que ela não iria contar, mas ela retornou à mesa, se sentou e continuou. —Os homens do mal arrombaram a casa enquanto a minha mãe estava deitada morrendo. Papai estava morto nessa época.

—E os empregados?

—Todos fugiram quando souberam que era a peste.

—Então você estava só com ambos os pais morrendo.

Ela deu um pequeno aceno com a cabeça.

—Ouvi dizer que a casa foi roubada.

Ela se focava nos padrões complicados e invisíveis da toalha da mesa à medida que falava. — Eles entraram com tudo e tomaram o que tinha valor. E então eles procuraram pela criança branca e virgem. — Ela deu uma olhada rápida por sobre a mesa. —Eu sabia que eles estavam falando de mim.

O queixo de Rafe apertou. Ela tinha apenas treze anos - uma garotinha. Como diabo o pai dela havia deixado-a em tais circunstâncias? Um homem decente teria assegurado que sua filha fosse protegida, cuidada. —Como você escapou? — Ele perguntou a ela tranquilamente.

Uma sugestão de travessura cintilou nos olhos dela. —Você nunca vai acreditar.

—Tente.



—Eu me escondi debaixo da cama da minha mãe.

—O quê?

—Sim, era um lugar tão óbvio, é espantoso eles não terem me achado. Mas mamãe estava morrendo de peste, e ela me salvou. Ela abriu os olhos e os amaldiçoou - eles pensavam que ela estava morta e tomaram um choque terrível. A maldição de uma mulher branca morrendo... — Ela sorriu tristemente. — Eles não estavam muito propensos a procurar no quarto completamente.

Da janela aberta os sons de uma melodia sombria, tocada ao violino, flauta e acordeom, entrou.

—O que é essa música? — Ela perguntou, girando a cabeça.

Com dificuldade Rafe se concentrou no momento. O que ela havia dito a ele o havia batido fundo. — A formalidade fúnebre, imagino.

—Tão rápido?

Ele encolheu os ombros. — Melhor se recuperar antes que o sol se ponha.

—Eu quero escutar— ela disse, e com o lençol envolveu o corpo nu foi até a portinhola.

Rafe queria saber mais; ele tinha um mundaréu de perguntas a fazer a ela, mas elas podiam esperar. Ele balançou as pernas para fora da cama, colocou a calça de buckskin, abotoou-a e a seguiu.

As orações eram apenas um som súbito, arrastada pela brisa. Um hino ergueu em coro ao fundo: vozes fortes de homem tocando através das ondas. *Oh God, our help in ages past.*³⁷

Os nomes dos mortos eram lidos em voz alta, um por um. Eles podiam ouvir o som quando cada corpo era deslizado para dentro do mar. — E então deixamos este corpo para o fundo.

—Keith Carter, Gianni Astuto, Zaid ElMazri, Antonio Palermo.

Rafe nunca tinha ouvido falar de nenhum deles - mas Ayisha tinha e lamentou por eles.

A voz do vigário falava sem parar. — Sergio Candeloro.

—Ele estava casado há apenas seis meses. Pobre esposa— Ayisha sussurrou.

—Tommy Avalia, Vince Cafari, George Zaloumis.

—Oh, George. — Ela suspirou. — Lembra? O jovem menino grego, com a desoladora tentativa de bigode?

—Não. — Ele estava olhando apenas para ela, não para meninos com bigodes irregulares.

—Os outros costumavam provocá-lo, e ele ficava vermelho e mostrava os punhos para eles. Agora ele nunca mais— Ela parou com um soluço.

Rafe deslizou os braços ao redor dela. Ele conhecia muitos meninos jovens que tinham tentado fazer crescer o primeiro bigode. Muitos morreram em uma terra estrangeira...

O truque estava em não pensar sobre isto.

—Jem Blythe.

—O menino que fez o equipamento da Cleo— ela disse a ele entrecortadamente.

Ele aumentou o apertou.

³⁷ *Oh God, our help in ages past* - é um hino de Isaac Watts e paráfrase ao Salmo 90. Inicialmente consistia em nove estrofes, hoje em dia é geralmente limitado às estrofes: um, dois, três, cinco e nove. O hino é atualmente cantado em muitas ocasiões festivas na Inglaterra.



Ele a tinha visto com aqueles meninos no convés, rindo e conversando com eles, como se marinheiros comuns não estivessem abaixo de suas atenções. Claro que ela estava acostumada a beber em companhia da ralé das ruas...

Não havia nenhum sinal de flerte - não dela, pelo menos. Os marinheiros ficavam ao redor dela como abelhas em um pote de mel, mas ela parecia desavisada das subcorrentes sexuais. Dados seus anos agindo como menino, ela provavelmente nunca tinha testado seus poderes femininos.

E depois de ontem à noite, sua inocência era inquestionável.

A última oração foi dita, então veio o salmo vinte e três. —O Senhor é meu pastor, nada me faltará...

Ayisha cantou, a voz verdadeira e um pouco cascuda, rachando com emoção. Ela conhecia todas as palavras de cor. Lágrimas desceram pelas bochechas, e ela cantou com uma intensidade que o fez pensar.

—Você foi ao enterro dos seus pais? — Ele perguntou suavemente.

Ela agitou a cabeça e a voz cambaleou e rachou, mas ela continuou.

Rafe segurou-a apertado contra ele. Havia um bolo em sua garganta, mas não pelos marinheiros mortos por piratas. Eles tiveram uma morte limpa e honrada.

Mas Ayisha... Ela estava tão cheia de vida, tão cheia de emoção era assustador. Como ela podia se abrir para o pesar assim quando já tinha sofrido tanto?

Os marinheiros mortos eram pouco mais do que estranhos que ela tinha encontrado, mas ela chorava por eles, lamentava por eles e suas famílias. E Laila e Ali, deixado para trás no Cairo - e até aquele gato velho - ele testemunhou a dor que ela tinha sentido ao deixá-los.

Ela amava muito facilmente, esse era seu problema. O amor era o refém da dor. Quanto mais se amava, mais dor se sentia...

Ela precisava aprender a se proteger melhor, como ele tinha aprendido.

Ayisha saiu do banheiro e se vestiu se sentindo limpa e mais fresca. O enterro a havia cansado, mas o choro havia soltado alguns dos nós dentro dela.

Ela cruzou a cabine e começou a arrumar a cama. Havia uma mancha no lençol que ela precisava tirar.

—Deixe isto— ele ordenou. —Venha e se sente. Nós não terminamos a nossa discussão.

O interrogatório dele, ele queria dizer. Ayisha tentou não suspirar. Ela estava exausta. Havia acontecido coisas demais em pouquíssimo tempo. O que ela realmente queria fazer era se enrolar naquela cama e dormir por uma semana - mas ela não podia, não depois do que havia acontecido, não com ele lá, assistindo-a com aqueles olhos, cheios de perguntas.

E ecos de calor da noite anterior.

Ele se vestiu rapidamente, colocou as botas, entrou no banheiro, e saiu um momento mais tarde parecendo tão limpo e elegante como se seu camareiro o tivesse arrumado. Como ele fazia isto? Ayisha se perguntou.



A única coisa que estava um pouquinho fora de lugar era seu queixo não barbeado, e ela pensou reservadamente que ele parecia ainda mais atraente com o começo de barba.

A pele pinicava deliciosamente com a memória de como havia sido a sensação contra a pele; a carícia abrasiva contra a pele suave dos seios fazendo com que ela quisesse ronronar como um gato.

Não acontecerá novamente, ela se lembrou.

Ela se sentou na cadeira, cruzou as mãos e esperou. Apesar da água fria que havia jogado nos olhos, eles ainda doíam do choro. Ela se sentia limpa, mas cansada.

Ele se sentou e a considerou por muito tempo em silêncio. Ela não se permitiu ficar inquieta. Ela não tinha nenhuma ideia do quê ele estava pensando, o que ele estava sentindo. Mas, oh, ela podia tentar adivinhar.

Raiva, traição, desprezo. Ela o havia feito de tolo. Ela não teve a intenção, mas as circunstâncias não a deram nenhuma escolha.

Nenhuma dessas emoções mostravam na voz dele enquanto ele falava com ela —Você me disse de cara que Alicia Cleeve estava morta. Você sabia que eu não acreditei em você, então por que esperou até agora para me contar a história toda? Por que não me disse no momento?

Ela deu a ele um olhar incrédulo. —Confessar a minha ilegitimidade? Você teria me levado para a Inglaterra se eu tivesse dito?

Ele fez uma carranca. —Você não queria ir para a Inglaterra.

Ela agitou a cabeça. —Papai me falou tanto sobre a Inglaterra, eu sempre quis ir.

Os olhos dele estreitaram. —Então por que você se recusou a vir comigo desde o início? Eu me lembro com certeza de te ameaçar enrolar em um tapete - chutando e gritando - e te carregar para um navio se fosse necessário. Não que você tenha gritado— ele disse com ênfase irônica.

Ela corou, lembrando-se de onde ela havia tentado chutá-lo.

Ele continuou—E por que me disse então, na primeira noite, que Alicia estava morta e aqui havia apenas Ayisha?

—Porque eu não queria ir para a Inglaterra sob pretensões falsas, como Alicia.

—Você fez de qualquer maneira.

—Só porque você me forçou.

—Eu não fiz isso. Você veio a bordo de seu próprio livre arbítrio, sem nenhum tapete.

—Você não me forçou intencionalmente, mas mostrou aquele retrato para várias pessoas, algumas notaram a semelhança. Alguém fez uma piada que deveriam me vestir como uma garota e me vender para você. E uma vez que a piada começou a se espalhar... bem, os homens que me procuraram quando criança juntaram dois e dois e vieram atrás de mim. De novo.

Ele deu a ela um olhar intenso. —Aqueles homens na margem?

Ela anuiu com a cabeça. —O líder, o tio de Gadi, era um daquelas que a minha mãe amaldiçoou. — Ela deu um sorriso torto, melancólico. —Eu não podia mais ficar no Egito.

—Você podia ter me dito mim a verdade então. Eu não teria te culpado.

—E você teria me levado para a minha avó?

—Claro. Por que não?



Ele não teve muito tempo para pensar nas coisas, Ayisha viu. —Porque ela te enviou para buscar sua neta amada, Alicia Cleeve, não alguma pirralha ilegítima que o filho havia procriado com sua amante estrangeira.

Ela esperou, mas ele ficou de pé mudo, o rosto profundamente impressionante em sua quietude.

—Perdoe-me se eu estiver errada— ela disse —mas avós aristocráticas geralmente não saem pelo mundo procurando por alguma bastarda perdida que seu filho procriou - ou a Inglaterra do meu pai mudou?

Houve um longo silêncio. Ela desejou poder dizer o que ele estava pensando, mas os olhos eram tão ilegíveis, opacos, gelo azul.

—Não— ele disse devagar. —A Inglaterra não mudou tanto.

A batida na porta de cabine surpreendeu a ambos, misericordiosamente quebrando o silêncio. Era Higgins com o café da manhã.

Rafe pegou a bandeja e a descobriu. Bacon e ovos, torrada com marmelada ou mel, e uma panela grande com café italiano fresco e quente. Havia até um peixe para Cleo, que mostrou sua aprovação ao arrastá-lo para trás de sua cesta e rosnar para ele.

Ayisha se sentia oca. Ele apenas tinha confirmado todos os seus medos. A filha ilegítima de Lorde Henry Cleeve não seria de nenhum interesse para sua avó. Ou para ele.

Ela respirou fundo. Assim seja. Ela começaria uma nova vida como uma moradora de rua. Ela podia fazer isto novamente na Inglaterra.

—O que você gostaria primeiro? — Rafe perguntou a ela—Comida ou bebida? — Galante até o fim. Como se ela não tivesse acabado de confessar que o havia enganado.

O odor do café provocava os sentidos de Ayisha e de repente ela estava morrendo de fome. —O café para começar, por favor.

Ele o despejou numa xícara e o café escuro emitia fumaça, ele colocou duas colheres de açúcar e um pouco de leite, e deu a xícara nas mãos dela. Ele fez exatamente como ela gostava. Como ele sabia?

Ela inalou e então o bebericou lentamente. Ambrósia. O líquido quente fluía nela e ela se sentiu mais firme. E mais faminta.

Ele passou para ela um prato de bacon e ovos. —Coma— ele disse a ela. —Você precisa de comida depois do que passou nas últimas vinte e quatro horas.

Ele estava certo. A mente e o coração dela pareciam todos feridos, tanto havia acontecido no último dia - e noite. Piratas, morte, sua primeira experiência com um homem - provavelmente a última com este aqui - enterros, e a exposição de sua mentira.

E ela não tinha comido desde o meio-dia de ontem. Nenhuma maravilha ela estar morrendo de fome.

Ela pediu a Deus para não estar esperando uma criança.



—Bacon, por último— ele disse de forma aprovadora. Ele comeu com energia, de forma organizada, tranquila, mas com gosto. Ao longo da comida, ele educadamente a assegurou de que ela tivesse tudo o que precisava: sal, mais café. Ele até passou manteiga em sua torrada, e então mel.

—Malta é famosa por seu mel— ele disse a ela. —As abelhas são pretas e ferozes, mas o mel é penetrante e doce. Prove.

Ela espalhou um pouco de mel dourado na torrada. Era realmente delicioso. Tomilho selvagem, cítrico e algo picante.

Era bom que ela tivesse dito a ele, ela decidiu, enquanto comia a última torrada. Teria sido melhor se ela tivesse dito a ele antes de eles terem feito amor. Melhor ainda se eles nunca tivessem feito amor mesmo.

Não. Ela honestamente não podia lamentar. Deixá-lo, sem nunca ter sabido como era dormir com ele, senti-lo fundo dentro dela, parte dela... O corpo dela ainda pulsava com ecos lânguidos da noite anterior.

Magnífico, exatamente como Laila havia dito.

Ela o assistiu enquanto ele mastigava o último pedaço de torrada com dentes fortes, brancos e bonitos, e ela sabia que embora ela estivesse lamentando bem no fundo pelo que poderia ter sido, embora setas afiadas de remorso a perfurassem nos momentos mais estranhos, dizer a verdade a ele tinha sido a coisa certa a se fazer.

Ele era limpo, direto e honrado.

Se ela não dissesse a ele, o segredo iria devagar e inevitavelmente envenenar seu casamento. Algumas pessoas podiam enterrar a culpa e continuar. Não Ayisha.

Teria sido como um machado equilibrado sobre sua cabeça o tempo inteiro, esperando para cair. Melhor uma amputação rápida e limpa à morte lenta por veneno, ela disse a si mesma.

Era a coisa certa a fazer: mas não fazia com que ela se sentisse nada melhor.

Ela o amava. E havia perdido. Mas pelo menos ela o teve por uma noite.

—Terminou? — Ele perguntou.

Ela deu uma olhada rápida para a mesa, perplexa. Não havia nada remanescente.

Ele pegou suavemente a xícara de café vazia da mão dela. Ela a estava segurando no peito como uma criança.

Ele pegou a bandeja, pronto para quando Higgins voltasse. Todos os soldados eram tão limpos? Ela se perguntou.

—Eu sempre soube que havia algo que você não estava me dizendo— ele disse, apenas puxando assunto. —Estou contente por saber o que é afinal - antes de termos chegado à Inglaterra.

Isso confirmou os piores medos dela. —O que você fará quando chegarmos lá? — Ela o perguntou.

—Na Inglaterra? Dependerá do tempo. Provavelmente contratarei uma carruagem e um postilhão.

Um postilhão é um homem que possuía cavalos de carruagem e os guiava, ela sabia. —Eu viajarei sozinha então?



—Sozinha? Claro que não. — Ele fez uma carranca. —Por que você imaginaria que eu te deixaria viajar só?

Ela apenas olhou para ele. —Eu não estava certa de que você iria querer me levar até Cleeveden.

—Bom Deus, pelo que me toma? Você achou que eu apenas te deixaria em Southampton para encontrar seu próprio caminho? — A voz era fria.

Ela fez um gesto envergonhado. —Não me surpreenderia.

—Bom, eu não irei. — Ele olhou abaixo de seu nariz longo para ela e como sempre ela desejou saber o que ele estava pensando. —Você está preocupada sobre como a sua avó vai reagir quando você disser a ela que não é Alicia?

—Claro que estou, o que você acha?

Ele fez uma carranca. —Eu não conheço a sua avó muito bem, então não posso te dar qualquer garantia de como ela te receberá, mas ela me pareceu ser uma mulher bondosa.

—Ela é? — Ela disse educadamente. Mostrando que não acreditava.

—Sim, e se você quer a minha opinião, acho que ela te amará à primeira vista.

Ela piscou com isto. —Você acha?

—Acho. Em todo caso, não adianta se preocupar sobre algo antes de acontecer. Tudo o que você pode fazer é se preparar para o pior e viver no presente. Truque de soldado velho. Não olhe adiante, não olhe para trás. Apenas viva.

—E espere até levar um tiro— ela murmurou sob a respiração.

—Não, faça planos alternativos, por via das dúvidas— ele disse. —A coisa é não insistir no que você não pode mudar e se concentrar no que pode.

A racionalidade tranquila dele estava começando a atacar os nervos dela. O que ele pensava que ela podia mudar sobre esta situação?

—Agora, há mais coisas que você precisa me dizer, algum outro segredo que você possa querer trazer à tona como uma razão para não se casar comigo? Nós poderíamos lidar com isso também de uma vez só.

O queixo de Ayisha caiu. —Você quer dizer...?

Ele ergueu uma sobrancelha elegante. —Você achou que eu fosse dar para trás e sair gritando que fui traído como um mau perdedor?

Ela piscou para ele.

—Você achou— ele disse —posso ver nos seus olhos. Que tipo de pessoa você deve pensar que sou. Mas eu te fiz uma promessa e eu mantenho as minhas promessas.

—Você ainda pretende se casar comigo?

A voz dele endureceu. —Eu não fui claro mais cedo?

—Sim— ela disse seriamente. —Mas no momento você pensou que estava pedindo a Alicia Cleeve.

Ele agitou a cabeça. —Eu não conheço Alicia Cleeve. Eu conheço você.

Ele colocou uma leve ênfase na palavra *conheço*, e ela se lembrou do uso bíblico da palavra. Claro, ele a havia *conhecido* ontem à noite, e como cavalheiro de verdade que era, ele aceitaria as consequências, não importando quem ela fosse.



Porque ela poderia estar esperando um bebê.

E porque ela tinha se trancado em uma cabine com ele para salvar sua vida e isso havia causado fofoca.

Ela o havia enganado, mas apesar disto, e mesmo sabendo que ao se casar com a filha ilegítima de Lorde Henry Cleeve ele estaria fazendo uma terrível aliança, ele iria se casar com ela de qualquer maneira.

Porque ele era um cavaleiro de honra e havia feito uma promessa a ela.

O silêncio estirou. —Você deseja verdadeiramente se casar comigo?

—Nada de 'deseja' nisso – eu *vou* me casar com você. — O tom dele não admitia argumento.

—Por causa da fofoca e por eu estar... arruinada?

—Os legumes descascados são apenas parte disto— ele disse solenemente.

—Legumes desca— ela começou, então viu o lânguido cintilar de humor nos olhos.

Ele disse sério. —Nós podemos ter feito um bebê ontem à noite, e quero que as nossas crianças nasçam em um matrimônio. E acho que você quer, também.

—Claro, mas é que...

—Nós passamos mais de dez dias trancados em uma pequena cabine, e nos damos muito bem, considerando as circunstâncias. Prediz um bom futuro.

Difícilmente era uma declaração de amor. Ela suspirou. O que ela esperava?

Ele fez uma carranca com o silêncio contínuo dela. —Haverá compensações— ele disse abruptamente. —Você não detestou fazer amor comigo ontem à noite, não é?

Ela se achou corando e agitou a cabeça.

—Será melhor hoje à noite— ele jurou. —A primeira vez não é sempre agradável para as mulheres.

Houve um silêncio pequeno, e ela se sentiu compelida a preenchê-lo.

—Foi... agradável— ela disse a ele em um sussurro. Tinha sido mais do que agradável. Ela não podia imaginar sendo melhor.

—Bem então, você não tem nenhuma razão para hesitar. — Os olhos queimavam prata-azulados, firmes e opacos.

Ayisha mordeu o lábio. Ela devia recusar. Se ela tivesse o mínimo de galanteria nela, ela iria. Era a coisa decente a fazer.

Mas ela o amava. E nunca diria não a fazer amor com ele por toda a vida.

Ela disse a ele a verdade sobre si mesma, e ele era homem o suficiente para entender as consequências. A avó dela provavelmente a deserdaria, o irmão dele certamente a desprezaria, e se as palavras voassem a sociedade poderia fofocar. Não seria fácil.

—Eu estou te perguntando agora, Ayisha— ele disse com a voz apertada. —Mas é uma formalidade, não uma pergunta. O resultado já está decidido. Você *vai* se casar comigo.

Ela havia confessado tudo - quase. Se ele se lamentasse por esta galantaria mais tarde, seria preocupação dele.

Ela faria tudo em seu poder para ter certeza de que ele não se lamentasse casar com ela. E ela iria adorá-lo mais do que ele já tinha sido amado na vida.

—Ficaria honrada de me casar com você, Sr. Ramsey— ela disse suavemente. —Obrigada.



Houve um curto silêncio.

—Excelente. Por um momento pensei que você não fosse ser sensata. Não que eu teria aceitado qualquer outra resposta— ele disse com a voz viva e profissional. Ele se ergueu. — Devemos nos casar ou na casa da sua avó ou em Axebridge. Devemos decidir quando chegarmos lá. — O que significava que eles iriam ver como a avó dela reagiria.

—O que você—hmpfh!— Ayisha se esqueceu de qualquer coisa que tivesse tentado dizer, porque ele a arrastou para seus pés e a estava beijando. De um modo nada profissional.

Capítulo Dezoito

Não era um beijo do tipo estou-contente-por-você-ter-decidido-ser-sensata. Era uma possessão, uma reivindicação atordoante e triunfante. Ou pelo menos foi como Ayisha sentiu.

Ele a puxou duro contra ele e a afogou com beijos, beijando a boca, as pálpebras, a pele suave atrás da orelha, a boca, a garganta, a boca, a boca...

—Você não lamentará— ele murmurou entre beijos.

Ayisha não tentou responder. Ele poderia se casar com ela por causa de galantaria, mas esta parte - essa pelo menos era real. Ele a queria. E ela o queria.

O balanço do mar era crescente e o navio se movia de um lado para outro. Levando-a com ele, e sem quebrar o abraço, ele se moveu até que as costas apoiaram contra a parede da cabine.

—Melhor? — Ele disse, e sem esperar pela resposta, aprofundou o beijo. O gosto dele em sua boca a excitava. Ela sabia agora o que esperar, e ela queria isto, queria ele.

O corpo dele pressionava contra o comprimento inteiro do dela, o tórax duro esmagando seus seios, a virilha empurrando contra a barriga, uma longa coxa dura de cavaleiro apertando entre suas coxas que tremiam.

Ela correu as palmas sobre os planos mornos do corpo, beijando-o febrilmente, afogando nas ondas de fogo aveludado que surgiam por ela. A língua acariciava a dela, enviando trilhas ígneas onde quer que a tocasse: provocando, acendendo, inflamando.

Ele correu uma mão devagar pelas costas dela, dobrando seu corpo mais baixo entre as coxas separadas e a segurou contra o movimento do navio. O corpo desejava a dureza de sua excitação, contorcendo sinuosamente contra ele, amando a fricção, excitada, tomada pela necessidade de uma intimidade mais profunda. Dolorida, queimando, frustrada.

O peito dele erguia e descia como se ele tivesse corrido, os olhos pesados e sonolentos, cintilando prata-azulado, as pupilas escuras, dilatadas e ricas com promessas. *Camas amarrotadas e noites longas, quente...*

Ele parou para um influxo súbito de respiração e colocou-a suavemente de um lado. Por quê? As pernas dela tremiam como se seus ossos tivessem dissolvido e ela cambaleava.

Ele a segurou, uma mão em sua cintura. E então ela ouviu, a batida e a voz chamando—É Higgins, lorde.

Ele endireitou a gravata e abriu a porta. —O que foi? — A voz era um pouco rota.



—Os elogios do capitão, lorde. Uma garrafa de vinho para você e algo pequeno para a senhorita Ayisha. Há uma nota. — Higgins ofereceu uma bandeja com uma garrafa de vinho, uma caixa pequena e uma nota dobrada.

Rafe os pegou e Higgins partiu.

—Vinho italiano, muito bom— Rafe comentou olhando para a garrafa. Ele passou a nota e a caixa para Ayisha. —Leia, é para nós dois.

Ela rompeu o selo na nota e leu. —É um obrigado por nos ajudar a rechaçar os piratas ontem. Isto não é bom?

—O que há na caixa?

Ela a abriu e ofegou com prazer. —Oooh, sobremesa turca. — Ela jogou um pedaço na boca de uma vez e, sentindo a explosão de doçura na boca, fez um som de êxtase. —É delicioso. Amo sobremesa turca - quer um pouco?

Ele agitou a cabeça com um sorriso lânguido. —Não, obrigado.

—Mas você deve saborear, é o doce mais delicioso.

—Muito bem, se você insiste— ele murmurou, mas em vez de agarrar a caixa, se curvou e a beijou completamente.

—Realmente delicioso— ele disse quando ergueu a cabeça, e ela se sentiu corando. Ele a ergueu e a trouxe para mais perto, mas novamente foram interrompidos por uma batida.

—Eu novamente, lorde— Higgins chamou pela porta.

Rafe abriu a porta com força. —Esqueceu algo?

—Não, lorde— Higgins disse apologeticamente. —As ladys enviaram isso para a senhorita Ayisha. Como agradecimento e com admiração por sua coragem. — Ele deu a ela uma lata pequena e quatro livros. —E um dos marinheiros, um rapaz chamado Jammo, me deu isso para o gato da senhorita Ayisha. — Era um pedaço de corda, com uma ponta amarrada com um nó complicado.

—Que— Rafe começou.

—É chamado punho de macaco— Ayisha disse a ele. —Alguns dos meninos me mostraram nós diferentes que eles amarraram - alguns são muito bonitos. E que inteligente, isso parece exatamente com um pequeno rato gordo. Aqui, Cleo!— Ela se curvou e balançou para a gatinha que teve um espasmo de antecipação. Ela jogou a corda a alguns centímetros e a gatinha saltou atrás dela, se jogou sobre ela e uma batalha até a morte começou.

Ayisha riu. —Agradeça a Jammo por mim e Cleo, certo, Higgins?

—Claro, senhorita.

Ela tomou os livros avidamente. —*Os Mistérios de Udolpho*, em quatro volumes— ela exclamou, examinando. —Pertence a Sra. Ferris - eu vi o volume um na cabine dela. Ela deve ter me visto olhando para ele. Que extraordinário dela me mandar como presente.

Ela abriu o primeiro volume. —Oh, escute isso:

'Destino senta nessas ameias escuras, e desaprova, / E, enquanto os portais se abrem para me receber, / A voz dela, em ecos mal-humorados passa através dos tribunais, / Conta-me sobre atos inomináveis'.

—Como soa maravilhosamente emocionante, mal posso esperar para ler.



Ela abriu a lata. —Biscoitos de algum tipo. Elas devem ter comprado em Malta. Que gentil.

Ela abraçou os presentes para si e disse—Higgins, por que todo mundo está sendo tão amável comigo hoje? Não entendo.

Higgins sorriu. —Eles consideram que você ajudou a salvar o navio ontem, senhorita. Todos estão falando da sua coragem. A do Major Ramsey, também, claro— ele acrescentou. —Mas eles esperam que um herói de guerra seja valente. Ninguém esperava ver uma lady lutar. A Sra. Ferris é uma heroína, também, posso acrescentar, tendo seguido o seu exemplo. As duas ladys pararam vários vilões entrando a bordo. Então aprecie, senhorita; você merece muito mais. — Higgins deu a Rafe um olhar que parecia dizer isto.

—Vá embora, Higgins— Rafe disse calmamente. —E não volte. A senhorita Ayisha finalmente concordou em se casar comigo, então há coisas que precisamos discutir.

Os olhos de Higgins iluminaram. —Parabéns, lorde, senhorita. — Ele irradiava. —Não se preocupe, lorde, você não será incomodado novamente. — Ele se curvou e partiu.

Ela ofereceu a lata para Rafe, mas ele agitou a cabeça. Ele não estava com fome. Ou pelo menos ele estava mas não era por comida.

Ela olhou para Rafe com olhos ávidos, brilhantes. —Devo agradecer à Sra. Ferris e as outras ladys. E o capitão, também, pela sobremesa turca. E Jammo. É tão amável deles. É como um aniversário. Temos papel e caneta?

Percebendo não haveria beijo até as cartas serem escritas, ele suspirou interiormente e procurou em sua bagagem por algum papel para escrever e uma caneta. O deleite inalterável dela por tais presentes simples o tocaram; ela provavelmente não havia recebido muitos presentes na vida. Ou muita estima.

Ele achou seu conjunto de escrita e passou para ela vários papeis para escrever. —Papel, caneta e tinta ou porte-crayon³⁸? — Ele perguntou.

O corpo dele doía de desejo não consumado. Era provavelmente por que eles tinham sido interrompidos. Não era decente tentar seduzi-la novamente, logo em seguida a um enterro, logo em seguida a sua primeira vez. Nesta hora da manhã. Quando ela já estava vestida.

Amanhã. Ou talvez hoje à noite.

—Pode ser mais fácil usar o porte-crayon com o movimento do navio — ela disse pensativamente.

Ele tirou um porte-crayon prata, fez a ponta com o canivete, e o deu para ela.

—Lindo— ela disse, examinando. —Papai tinha um bem parecido. — Ela olhou de um para outro. —Mas a caneta de viagem e a caixa da tinta é tão engenhoso que eu não posso resistir a usar. Além disso, é mais cortês responder a tinta, não é?

—Verdade. — Havia algo muito cativante no modo que ela estava alvoroçada para escrever algumas simples notas de agradecimento. Ele puxou a broca do recipiente, aparou a ponta, e a deu para ela.

³⁸ Porte-crayon é um tipo primitivo de suporte. Os primeiros exemplares podem ser encontrados a partir do século 18, mas ainda estão disponíveis e são utilizados por artistas para segurar o carvão vegetal.



Ela pensou por um momento, imergiu a caneta cuidadosamente no tinteiro, e começou a escrever com mão firme e clara. Ele sorriu, recordando-se de que uma vez ela tinha fingido que não podia ler.

Ele deu uma olhada rápida para ela, franzindo com concentração enquanto escrevia as notas de agradecimento, sorrindo para si mesma e deu uma olhada para ele com uma expressão tão contente e feliz que o moveu profundamente.

Se ele não tivesse caído doente, ele poderia nunca conhecê-la, não como ele conhecia agora. Extraordinário ser agradecido por uma febre que quase o matou. Sem isso ele não teria sequer pensado em casamento.

Mas ele tinha, e ele propôs e agora ela - finalmente! - havia aceitado, ele queria isto feito. O nó atado firmemente.

Ele se moveu para a janela e desviou a vista para o mar cintilando com ondas brancas. Ele queria esta jornada terminada, queria o negócio feito, de uma vez por todas. Este negócio. Seu casamento.

Ele queria pronto, limpo e claro.

Ele considerou seriamente conseguir que o capitão ou aquele pastor os casasse aqui e agora - o final da quarentena estava próximo. Mas haveria escândalo e fofoca e as pessoas sussurrariam pelas costas que ela o havia prendido ao casamento.

Ele não permitiria isto, não permitiria a ninguém falar dela assim. Se alguém havia prendido alguém, tinha sido ele. Ele a havia prendido desde o início, usando Ali como isca. E várias vezes desde então. Ele usou os amigos dela, sua lealdade, e até ameaças; ele não deu a ela nenhuma escolha mas ela tinha vindo com ele.

E se ele pudesse voltar no tempo, faria tudo novamente. Olhando para trás, tudo o que ele podia ver era um trabalho bem feito. Ela precisava ser salva de uma situação apavorante.

O que Lady Cleeve faria do conto? De Ayisha? Ele desejou conhecê-la melhor, mas ele não tinha nenhuma ideia.

As pessoas faziam vista grossa para as crianças nascidas em matrimônio mas procriadas por outra pessoa. Essas crianças eram invariavelmente o resultado de um caso aristocrático, um barão deixando um cuco no ninho de um duque. Alguns, como em Devonshire, era um segredo aberto. Mas legalmente eles não eram bastardos, e em todos os casos eles tinham sangue igual.

A lady que desse a luz a um filho de um garoto de estábulo, porém, se livraria da criança discretamente, e ela seria criada na obscuridade, nunca sabendo quem era sua mãe. E quando um lorde tinha um filho com uma amante de nascimento inferior era tão comum quanto as mentiras. Desde que o companheiro fosse um cavalheiro e assegurasse que a criança fosse provida, ninguém pensava duas vezes nisso.

Ele podia pensar apenas uma família da *sociedade* onde um bastardo de sangue inferior era reconhecido, e esse era Harry Morant e o Renfrews. Mas isso levou anos. E se Harry não tivesse sido buscado da sarjeta e criado para ser um cavalheiro por sua tia-avó excêntrica, teria sido uma história diferente. Harry ainda estaria na sarjeta agora.



Mesmo assim, se ele não tinha sido criado com seu meio irmão, Gabriel Renfrew, que ficava ao lado dele, exigindo que todo mundo tratasse Harry com respeito, ele ainda assim seria um estranho, sem ser reconhecido por seus parentes mais próximos.

A tia de Harry, Lady Gosforth, o adorava agora, mas tinha levado muito tempo para ela o aceitar.

A mãe de Harry era uma criada. Ayisha tinha nascido de uma amante estrangeira.

Não seria tão ruim socialmente agora que ele tinha a promessa de Ayisha se casar com ele. Casar com o herdeiro de Axebridge contava para a sociedade. Uma vez que eles estivessem casados ele poderia consertar tudo. Ele poderia cuidar dela corretamente então.

Ele girou e a assistiu escrevendo suas notas de agradecimento. Sua futura esposa. Ele nunca tinha pensado em casamento como qualquer coisa exceto uma função.

Mas agora, olhando para ela, ele se sentia... como se uma pedra pesada estivesse hospedada em seu tórax, doendo e ainda assim de alguma maneira... orgulhoso.

Ele deve ter feito algum tipo de som porque ela girou a cabeça e deu uma olhada rápida para ele, então sorriu, um sorriso rápido e passageiro que o deslumbrou. O peso no tórax dele aumentou.

Naquela noite quando eles subiram ao convés para seu passeio habitual enquanto os outros passageiros estavam jantando, Ayisha hesitou ao pé da escada.

—Qual o problema? — Rafe perguntou. Normalmente ela ficava ávida para escapar da cabine e entrar no ar fresco.

—Nada— ela disse brilhantemente e se moveu adiante. Mas quando eles alcançaram o convés ela hesitou novamente, e então saiu em um movimento que o fez lembrar o modo como ela tinha andado no convés cheio de piratas e lutado, preparada para algo que temia.

—Está tudo limpo— ela exclamou em surpresa enquanto olhava o convés. —Nenhuma mancha.

—Não, foram esfregadas e lixadas— Rafe disse a ela, percebendo que ela esperava passar a noite caminhando em um convés manchado de sangue. —O capitão Gallagher fez a tripulação quase imediatamente pegar nas pedras sagradas. Ele dirige o navio com rédea firme.

—O que é uma pedra sagrada?

—Um bloco de arenito. Eles usam como escova de esfregar e lixa. Os marinheiros as chamam de pedra sagrada porque eles se ajoelham para usá-la, e é grande, quadrada e pesada o suficiente para ser uma Bíblia— ele explicou. —Você notou o que está à nossa frente?

O sol estava se pondo e o navio estava se aproximando dos dois promontórios, a silhueta completamente contra o brilho dourado do sol. À direita havia um pedaço escuro e volumoso de pedra subindo do mar como uma pirâmide gigante.



—É a - a Pedra de Gibraltar³⁹? — Ela respirou. —É muito maior do que eu imaginava.

Rafe anuiu com a cabeça. —Surpreendente, não é? No outro lado é o Marrocos, e lá fora— Ele apontou adiante. —Lá fora é o Oceano Atlântico. Minha suposição é de que nós teremos tempo revolto então. Foi muito ruim na viagem de vinda da Inglaterra. — Ele tinha estado doente como um cachorro, de fato.

Só então eles ouviram um apito estridente acima. Eles deram uma olhada rápida para cima e viu um dos marinheiros acenando para eles. Ele apontou para o lado do navio, então eles cruzaram o olhar.

—Golfinhos!— Ayisha exclamou. —Eu apenas vi em retrato. — Havia uma dúzia deles, indo junto ao lado do barco, saltando da água e mergulhando.

Ela os assistia encantada enquanto eles saltavam e mergulhavam, correndo ao lado do navio, costurando dentro e fora. Rafe assistia tanto ela quanto os golfinhos. O sabor dela pela vida o escravizava, e hoje era como se uma bolha de alegria estivesse dentro dela. Aqueles presentes, sem dúvida.

Ela se debruçou acima da amurada, sorrindo, rindo e exclamando quando via um pouco de água esguichando de uma das cabeças deles, a mão esticando como se ela pudesse tocar um golfinho.

—Minha mãe me contou uma história uma vez sobre um jovem que caiu no mar e se afogou— ela disse a ele. —Mas os golfinhos vieram e o ergueram em seus focinhos. E eles deixaram ele se segurar neles enquanto eles o levavam de volta para a ilha onde ele vivia. Não é espantoso?

—Surpreendente.

Ela girou o rosto sorridente para ele. —Você não acredita, não é? Eu não acreditei quando a mamãe me disse, mas agora, olhando para estes golfinhos, vendo seus rostos sorridentes e os olhos... penso que talvez seja verdade, afinal.

—Rostos sorridentes? Eles são peixes— Rafe disse.

—Não, eles não são. Eles são especiais— ela disse. —As pessoas dizem que eles são criaturas mágicas e agora que os vi, acredito nisto.

Depois de alguns minutos os golfinhos de repente mudaram de direção, foram para o lado e desapareceram. —Oh, isso foi adorável— ela disse. —Suponho que seja hora de retornar à cabine.

Rafe retirou seu relógio. —Um minuto ou dois ainda. Vamos esperar até a batida do relógio, como sempre. — Quando o relógio da noite dos marinheiros soava duas badaladas, uma pausa e então outra badalada, eles normalmente desciam do convés.

Eles foram para o lado do estibordo do barco, enfrentando o pôr-do-sol, assistindo a enorme Pedra de Gibraltar ficar para trás.

Adiante o Oceano Atlântico cintilava ouro e se erguia enquanto o sol descia suavemente. Eles assistiram até o sol desaparecer completamente. O oceano ficou lentamente prateado, então mais escuro. Acima, as velas estalaram e as gaivotas giravam e gritavam, os gritos sobrenaturais ecoando na noite cadente.

³⁹ Pedra de Gibraltar - um promontório militarmente estratégico na entrada do mar Mediterrâneo, guarnece o estreito oceânico que une a África ao continente europeu.



Ela estremeceu.

—Frio? — Rafe perguntou, e sem esperar pela resposta ele a trouxe para mais perto, envolvendo-a em seu casaco, aquecendo-a com seu corpo. —Estará mais frio na Inglaterra— ele disse. Os dois sabiam que ele não estava apenas falando do tempo.

O jantar essa noite foi como uma celebração, com lagosta fresca, seguida por torta de coelho, galinha fricassé com cogumelos, fruta fresca e um rum syllabub⁴⁰, e junto com o banquete, uma garrafa de champanha.

—Eu tomei a liberdade de contar ao capitão do seu noivado, lorde— Higgins confessou. —E ele enviou isto com seus parabéns, pensando que a senhorita Ayisha poderia preferir isto.

Eles foram perturbados cedo na manhã seguinte por uma batida na porta. Rafe, que estava no meio do ato de amor com Ayisha com lenta e devastadora intensidade, rosnou—Se for Higgins, eu o matarei. Eu disse para que ele fosse embora.

Do outro lado da porta veio—Sou eu, lorde, Higgins.

—Você disse isso a ele ontem— Ayisha disse, rindo. Ela deu um pequeno empurrão nele. —Vá lá, você sabe que ele não irá embora.

Ele deu a ela um olhar sombrio. —Contanto que você não vá embora, isto é tudo o que importa. — Ele deslizou para fora da cama, colocou o calção, fechou-o e abriu a porta com rapidez. —O quê?

—Eu - eu imploro seu perdão, lorde. — Higgins soou um pouco agitado por Rafe ter atendido a porta com nada além de um calção de buckskin e muita pele nua. A porta aberta protegia Ayisha de sua visão, mas o descuido de Rafe revelaria mais para Higgins do que apenas a pele.

Ayisha não se importou. Ela nunca tinha estado tão feliz. Ela nunca soubera que tal felicidade era possível. Borbulhava por suas veias como a champanha que o capitão havia mandado para eles, batia contra a sua consciência como as ondas que batiam constantemente no navio e a enchia com um brilho morno; como raios de sol pelo lado de dentro.

Ela não se importava que nenhuma palavra de amor tivesse sido falada. Ele não disse nada, e ela tinha estado muito tímida para oferecê-las. O coração dela estava tão cheio de amor por ele que ameaçava ferver e esquentar a ambos. Então ela manteve as palavras para si mesma, mudas e preciosas em seu peito, até que ele estivesse pronto para ouvi-las.

O que eram palavras, de qualquer maneira? Durante as últimas duas noites mornas e escuras fazendo amor com Rafe Ramsey um laço muito precioso havia sido forjado entre eles... pelo menos ela sentia isto, e se ele não sentisse - não, ele deveria sentir. O modo como ele olhava para ela, o modo como os olhos escureciam naquela expressão de venha-para-a-cama...

⁴⁰ Syllabub - bebida feita de leite adoçado ou nata coalhada com vinho ou bebidas. Ou uma sobremesa fria feita com creme adoçado engrossada com gelatina e batido com vinho, bebidas ou suco de frutas.



Não importava, agora, o que os enfrentava era a Inglaterra. Ela e Rafe sobreviveriam a isto. Ela acreditava com todo seu coração.

Ela se sentou na cama, a coberta azul parada no queixo, e admirou o físico esbelto e musculoso do homem, seus ombros largos e poderosos divididos pelo longo sulco de sua espinha, as duas covinhas rasas angulando na base da espinha. As costelas eram visíveis. Ele não havia recuperado o peso o suficiente desde a febre, mas era uma visão magnífica, firme, macio, lustroso e poderoso.

O calção abraçava seu corpo, curvando apertado contra o traseiro e abaixo pelas coxas longas e duras.

Os olhos dela o devoraram, o corpo dela se lembrou de como era a sensação dele contra ela, ao redor dela, dentro dela, e sem aviso prévio um tremor reverberou do fundo de seu corpo, passando como um chicote, fazendo-a arquear e então baixar.

Ele deve ter pegado o movimento do canto do olho, porque se virou pela metade, os olhos presos nela e escurecidos, conscientemente.

Higgins continuou—Mensagem do capitão, lorde. O período da quarentena termina hoje, ele gostaria que você e a senhorita Ayisha tomassem o café da manhã com ele esta manhã. Oito horas, lorde, é quando ele gostaria que você estivesse lá. Por volta de meia hora. — Ele pausou e acrescentou—Você vai querer se barbear, claro, então ordenei água quente para você e também para a senhorita Ayisha tomar banho. Estará aqui em um minuto.

—Droga— Rafe murmurou, deu uma olhada para Ayisha. Ela deu a ele um sentido encolher de ombros. Não havia nenhum modo de sair disso sem ofensas e nenhum dos dois desejaria fazer isto.

—Muito bem— ele disse a Higgins. —Agradeça ao capitão e traga a água quente. Nós estaremos lá às oito.

—Eu os congratulo por sobreviverem ao encarceramento; sei que deve ter sido difícil— o Capitão Gallagher disse. O café da manhã era privado, servido nos aposentos dele. —Devo dizer que você parece bem, senhorita Cleeve, parece positivamente radiante.

Ela sorriu. —O tempo passou surpreendentemente rápido.

—Principalmente porque ela nasceu uma viciada em cartas— Rafe interrompeu. —Capitão, você vê a sua frente um homem com uma dívida de milhões.

Ela riu. —Não acredite em uma palavra disto, Capitão, é tudo tolice. Eu me tornei bastante qualificada em vários jogos de carta, mas foi a autodefesa, o modo como o Sr. Ramsey joga. Ainda assim—ela deu a Rafe um olhar direto—devo ser agradecida a ele. Se um dia precisar de ganhar dinheiro para viver, sempre poderei levar as cartas comigo.

Todos riram.

Ela acrescentou—Seria adorável, porem, ser capaz de ir a qualquer lugar que eu quisesse e poder conversar com outras pessoas.



—Sim, os passeios nos convés fizeram muito mais fácil de aguentar— Rafe disse. —Obrigado por permitir isto.

O capitão agitou a cabeça. —Contanto que vocês não tivessem nenhum contato com os outros, não podia ver nada demais nisto. Minhas ordens eram para evitar possível infecção, mas as condições ficam para a minha discrição. Porém a fraternidade médica não consegue chegar a um acordo de como a coisa miserável se espalha, tanto aqueles que acreditam e os que não acreditam em contágios parecem concordar que ar limpo e fresco é benéfico - ou pelo menos não faz mal.

Ayisha não disse nada. Ficam para a minha discrição, é? Ela arrumou o próprio café da manhã. Ela não se importava de ter ficado fechada na cabine por dez dias, mas ela nunca se esqueceria de que o capitão havia planejado deixar Rafe à praia, sem querer saber ou se importar com o que aconteceria com ele.

O capitão continuou—E eu fico muito feliz de você ter concordado a formar um casal - não que vocês tivessem muita escolha, mas—

—Ambos ficamos contentes com o resultado— Rafe o interrompeu, e para provar, pegou a mão de Ayisha e a beijou.

Uma ondulação de prazer passou por ela. O rosto corou e ela não pôde evitar e sorriu para ele.

O capitão olhou de um para o outro e um sorriso largo se estendeu através do rosto. —É assim? Excelente, excelente. E você quer que eu faça a formalidade, ou talvez o Reverendo Payne?

Rafe agitou a cabeça. —Obrigado, mas não. A senhorita Cleeve deseja se casar na presença da avó, e devo respeitar o que ela deseja. Devemos nos casar lá, ou na igreja próxima da casa do meu irmão.

—Excelente— o capitão anuiu com a cabeça. —A empregada da Sra. Ferris verá as suas coisas, senhorita Cleeve.

—Minhas coisas? — Ela perguntou, perplexa.

—Já que você não é casada, irá, claro, retornar a compartilhar a cabine com a Sra. Ferris.

—Não há nenhuma necessidade disso— Rafe começou.

O capitão simplesmente olhou para ele. —Sr. Ramsey, entre os passageiros há três ladys com muita voz e firmes pensamentos cristãos, um pastor e sua esposa. Eles podem ter aceitado - relutantemente - a necessidade de vocês dois compartilharem uma cabine enquanto você estava doente e sob quarentena - as ações da senhorita Cleeve não nos deram nenhuma escolha. Mas agora o período de quarentena acabou. Ou vocês se casam hoje, ou a senhorita Cleeve deve retornar à cabine da Sra. Ferris.

—A senhorita Cleeve não vai se casar apressada em um navio para satisfazer as sensibilidades de um punhado de intrometidos descarados— Rafe retrucou. —Ela se casará corretamente em uma igreja, como deseja, com a avó presente.

Ayisha empurrou de lado o resto de seu café da manhã. Era delicioso, mas ela não estava mais com fome. Ela se ergueu. —Se me dão licença, cavalheiros, irei fazer as minhas malas.

Se ela não soubesse por Rafe que um casamento a bordo de um navio seria socialmente ruim, ela não se teria importado de ser casada pelo capitão. Mas um casamento na igreja com a



avó presente era verdadeiramente um prospecto adorável, então uma pequena separação não era demais para aguentar.

Ela sentiria falta das noites adoráveis caminhando em um convés deserto, assistindo o sol se por, e as tardes jogando cartas e conversando ou lendo em silêncio quieto, sociável. Acima de tudo ela sentiria falta das longas noites fazendo amor de forma lenta e feliz.

Mas eles estariam na Inglaterra logo. E então se casariam, e passariam o resto de suas vidas juntos. Ficaria tudo bem assim que eles chegassem à Inglaterra.

Eles enfrentaram Portsmouth com o sino do navio tinindo, guiados por um piloto que subiu a bordo de um barco pequeno enquanto a névoa chegava ao redor deles. Logo tudo o que Ayisha podia ver eram as formas dos esqueletos de outros navios baixando devagar a âncora, um agrupamento de mastros balançando suavemente, de modo fantasmagórico e sedoso, rodando na névoa.

Eles foram içados à praia - uma honra realmente - com a companhia do navio alinhando para a despedida deles.

—Sinto muito, não é o melhor tempo para o seu primeiro dia na Inglaterra— Rafe disse, tomando a mão dela para dar confiança enquanto ela pisava no barco bêbado.

—Mas a névoa é bonita— Ayisha disse a ele, olhando ao redor com maravilha nos olhos. — Eu nunca tinha sentido qualquer coisa como isto. É tão deliciosamente fresco contra a minha pele. — Ela ergueu o rosto para fazer a face uma carícia com o ar úmido e inalou profundamente.

—Não me diga que o cheiro é tão delicioso— ele disse secamente. Ela riu. O porto emitia cheiro forte de peixe apodrecendo, alga e lama picante. —É estranho que cheira mais aqui como peixe e mar do que no mar propriamente dito. Mas é interessante.

Dois marinheiros remaram com eles em direção a terra. As aves marinhas gritavam de locais invisíveis e sons abafados flutuavam através da água. —Os sons ecoavam muito misteriosamente na névoa - ela comentou enquanto eles eram remados até a praia. —É como um outro mundo.

—Também é muito inconveniente. Cuidado onde pisa— ele disse, ajudando-a na praia. —Os degraus estarão molhados e escorregadios.

Ele caminhou para a cidade em um passo rápido e preciso. Ayisha teve quase que correr para acompanhá-lo. Ela não teve tempo de explorar Portsmouth, teve tempo apenas o suficiente para aterrissar as pernas de volta antes de eles seguirem viagem em uma carruagem que ele chamou de bounder amarelo.

Em questão de minutos ele organizou tudo; contratou a carruagem e o postilhão, Higgins foi enviado para pegar o curricle dele na casa de Harry e os encontrar em Clevedon, e pegar dinheiro inglês no banco.

A única coisa que diminuiu a velocidade dele por um momento foi a visão de Ayisha em seu vestido de algodão e xale. Ele a tinha levado a uma loja e cinco minutos depois a levado, agora vestindo um capote de lã suave cor de rosa, forrado com seda verde, com lã branca e grossa em torno do capuz, e com uma bolsa de lã grossa para combinar. Ayisha adorou.



—A sua avó com toda a certeza apreciará comprar roupas para você mais apropriadas para o clima— ele disse a ela enquanto a ajudava a entrar na carruagem.

Ayisha anuiu com a cabeça. Ela estava esperando ansiosamente por isto. Havia tantas coisas bonitas naquela pequena loja.

—Há alguma razão para a sua pressa? — Ela perguntou enquanto eles iam embora de Portsmouth. Ela não podia ver nenhuma razão para a pressa; o navio havia levado mais de quatro semanas para velejar todo o trajeto desde Alexandria, ninguém possivelmente estava esperando por eles.

—Quero chegar a Winchester hoje à noite. Se a névoa estiver se estendendo mais para o interior vai diminuir consideravelmente a nossa velocidade.

—O que há em Winchester?

Ele deu a ela seu um olhar lento que queimava. —Uma pousada muito boa.

Uma pousada muito boa. Ela sentiu as bochechas aquecerem e não pôde evitar e sorriu. Ele tinha sentido falta dela. Alegria borbulhou dentro dela. Ela tinha sentido falta dele, também, sentido falta de dormir ao lado dele, entrelaçada com ele, respirando o cheiro de sua pele, sentindo o poder morno e relaxado de seu corpo grande. Ela tinha sentido falta de ser acordada com aquela saudação tão quieta e profunda — Bom dia, amor— e o beijo que invariavelmente seguia. E o amor que eles faziam logo em seguida.

Ela entendeu agora por que Laila sentia tanta falta de estar casada. Naquelas últimas semanas no navio, Ayisha se virou e revirou no beliche estreito na cabine da Sra. Ferris, brigando consigo mesma; o corpo oposto à mente. O corpo doía de desejo por ele. Apenas um pensamento ou vislumbre dele era o suficiente para fazer seu corpo formigar e apertar bem no fundo. Ela ficava deitada acordada por horas, pensando como seria fácil deslizar de seu beliche e correr a pequena distância até a cabine de Rafe...

Agora, em uma frase concisa, com o olhar queimando, ele tinha mostrado que parecia sentir o mesmo. Ele tinha sentido falta dela.

A carruagem bateu em um buraco e Ayisha saltou, quase caindo do banco. Ele a segurou, trazendo-a contra ele.

—É por isso que eles chamam estas coisas de 'boulder⁴¹ amarelo' — ele disse a ela. — Preferia ter uma carruagem maior, mas não havia nenhum para alugar.

—Eu não me importo de saltar— ela disse. —E adorei esta janela. — Ela gesticulou para a janela de vidro largo que cobria a frente inteira da carruagem. —Consigno ver aonde estamos indo e todas as vistas maravilhosas.

—Que vistas maravilhosas? — Ele perguntou. —Não há nada além de campos.

Ela riu. —Campos ingleses— ela o lembrou. —Tão limpos, de tons verdes, marrons e amarelos - todo feito de retalhos, com adoráveis sebes, e muito mais verde do que eu esperava -

⁴¹ Boulder — significa pessoa indiscreta, mal-educada.



mal posso esperar pela primavera e todas as flores. E as aldeias são tão limpas, bonitas e tão diferentes - olhe para aquelas casas com a peruca limpa e preta.

Os lábios dele tiveram um espasmo. —Telhado colmado.

—Parece uma peruca. É tudo tão inglês, sabe, tão fascinantes para mim.

—Estou mais fascinado pelo que há dentro da carruagem— ele disse e tocou os lábios nos dela. Mas eles haviam diminuído a velocidade para passar por uma aldeia e várias pessoas olharam curiosamente para eles. —Nenhuma privacidade mesmo— ele murmurou e se endireitou, mas manteve o aperto firme e possessivo nela. O cuidado que ele tinha com ela quase a aquecia tanto quanto a sensação do corpo magnífico. Ela se apertou mais contra ele.

Eles ficaram assim pela maior parte da jornada, Rafe se espreguiçou, relaxou, as pernas longas cruzadas diante do corpo, explicando várias coisas que chamavam a atenção dela, e dava beijos furtivos quando podia.

Ayisha se aconchegou contra o lado dele, cercada por seu braço, maravilhada com o verde e a umidade da Inglaterra e se aqueceu reservadamente na boa fortuna que havia trazido este homem amado para ela e o fez querê-la. Ela assistiu a zona rural verde e luxuriante da Inglaterra passar e contou as horas para Winchester com a pousada muito boa.

Mas a pouco mais de trinta quilômetros antes de Winchester, a carruagem quebrou um eixo e eles foram forçados a parar em uma pousada pequena na beira da estrada, onde não havia nenhuma acomodação privada: apenas dois quartos contendo várias camas, um para homens, uma para mulheres.

* * *

O eixo foi substituído durante a noite, habilitando o retorno à viagem no começo da manhã seguinte. Estava um dia frio e eles viajaram em silêncio sociável. Rafe desviou a vista para a janela com uma expressão sombria; taciturno, sem dúvida porque seus planos para a noite prévia tinham sido arruinados. Ayisha assistiu a zona rural com Cleo no colo, acariciando a pequena criatura distraidamente. E também lamentando a oportunidade perdida para fazer amor, ela estava ficando nervosa sobre o fato de encontrar a avó pela primeira vez.

Ela não diria a verdade para a avó até o dia seguinte, ela pensou. Ela se permitiria por um dia ser simplesmente uma neta, sem todas as complicações.

Rafe estava confiante de que as circunstâncias de seu nascimento fariam pouca diferença para a avó dela; ele tinha dito várias vezes. Ele estava certo e que a avó a adoraria. Ela desejava que ele estivesse certo.

Ele era tão forte e auto-suficiente que ele mesmo não podia entender como era importante para ela que a sua avó gostasse dela, quanto Ayisha precisava de uma família para pertencer. Este país era muito bonito, e ela tinha crescido ouvindo histórias e sonhando com a Inglaterra, mas também era muito estranho para uma garota que havia crescido com calor, areia e raios de sol brilhantes e impiedosos.

Eles alcançaram a pequena cidade de Andover no meio da manhã, onde pararam por pouco tempo para trocar de cavalos e se refrescar.



Assim que deixaram Andover, Ayisha viu um poste com uma placa. —Foxcotte!— Ela exclamou.

—O quê?

—Eu acabei de ler ‘Foxcotte’ na placa. Aqui não é onde você costumava viver?

—A casa da minha avó, sim. A aldeia de Foxcotte é perto— ele disse com voz entediada. — Não vou lá desde que era um menino.

—Mas eu pensei que você tivesse dito que - possuía a casa.

—Isso mesmo.

—Então por que você não volta lá?

Ele encolheu os ombros. —Não estou interessado.

—Quem vive lá agora?

—Ninguém.

—Você não a alugou?

Ele deu a ela um olhar frio. —Não, por que eu deveria?

—Nenhuma razão— ela disse, pasma por alguém possuir uma casa que não visitava e não usava. Parecia algo muito esbanjador para ela, mas não era de sua conta. —Nós viveremos lá depois de nós casarmos?

—Não, nós viveremos na minha casa de Londres— ele disse seco.

Ela anuiu com a cabeça, um pouco desapontada. Ela tinha pensado que apreciaria viver na zona rural verde e luxuriante, mas claro, se ele odiava Foxcotte, não havia nada mais a ser dito. Parecia muito estranho. Ela tivera a impressão de que ele tinha sido muito feliz vivendo lá com a avó. O fato de ele não ter voltado lá desde que tinha quatorze anos predizia sentimentos fortes.

—Estaremos em Penton Mewsey logo— ele comentou. —Cleeveden é logo depois.

—As duas casas devem ser muito próximas— ela disse, para cobrir o estomago nervoso que começava a enjoá-la. —Cleeveden e Foxcotte, quero dizer.

—Sim, mais ou menos oito quilômetros. Foi assim que a minha avó e a sua se conheceram tão bem quando garotas. — A carruagem diminuiu a velocidade, o postilhão girou a cabeça e fez um gesto para Rafe, que anuiu com a cabeça. A carruagem virou e passou por um portal e entrou em uma estrada de pedregulhos lisos.

—Bem-vinda a Cleeveden— disse Rafe. —A casa da sua família.

Capítulo Dezenove

Cleeveden era uma casa grande, de pedra, elegante com um pórtico impressionante, flanqueada por uma dúzia ou mais de colunas do estilo Dórico⁴². Tinha uma subida lisa de gramado no meio de um parque elegante. Parecia uma casa de uma pintura, não uma em que pessoas reais viviam.

⁴² Dórico - Foi a primeira e a mais simples das ordens arquitetônicas, sendo uma versão em pedra das peças de madeira na antiga Grécia. Os dóricos foram um dos primeiros povos a dominarem a Grécia.



—É uma casa nova— Rafe disse a ela. —Eles demoliram a antiga e construíram esta aqui quando voltaram da Índia. Só o parque continua, mas mesmo ele foi redesenhado.

Ayisha apenas assistia o que ele estava dizendo. Era muito maior e muito mais imponente do que ela esperava. Ela tinha imaginado a avó em algum daqueles bonitos chalés que eles tinham passado, não em um... templo grande e feito de pedra. Ela colocou Cleo de volta na cesta com as mãos de repente nervosas.

—Meu cabelo está bom? — Ela perguntou a Rafe, arrumando os pequenos cachos escuros com os dedos. —Ela pensará que eu sou um menino, algum tipo de selvagem. Queria que tivesse crescido mais. — Ela endireitou as roupas, tentando alisar as pregas de viagem do vestido.

—Pare de se preocupar, você está bonita— ele disse e deu a ela um beijo rápido. —Ela vai amar você.

Ele tinha enviado uma nota na frente na noite anterior, pensando que uma lady de idade avançada poderia precisar de tempo para se ajustar às notícias felizes da chegada iminente de uma neta perdida por tanto tempo.

A carruagem parou em uma entrada imponente. Segurando o braço de Rafe para suporte, Ayisha respirou fundo e foi adiante para encontrar sua avó. Ela puxou a aldrava e esperou.

Depois do que pareceu ser uma espera interminável, a porta foi aberta por um mordomo. O olhar dele correu por eles sem pestanejar a expressão. Ele se dirigiu a Rafe. —Bom dia, Sr. Ramsey, senhorita. Por favor, entrem. Lady Cleeve recebeu sua nota ontem, lorde, e está esperando por vocês.

O aperto de Ayisha no braço de Rafe aumentou quando eles entraram na casa e ela olhou ao redor. Parecia ainda mais com um templo do que uma casa. O corredor de entrada era grande e imponente, mármore pavimentava o chão e estátuas. Um conjunto largo e extenso de degraus de mármore se entendia no fim, curvando graciosamente para cima. Acima uma cúpula admitia luz.

—O postilhão pedirá refresco e os cavalos precisam ser cuidados. Nós também temos bagagem— Rafe disse, e com um estalido de um pulso o mordomo enviou criados para cuidarem das coisas.

—Senhorita, se importaria de acompanhar esta criada?— o mordomo disse, indicando uma empregada à espera. —Lady Cleeve deu instruções para que você fosse cuidada. Sem dúvida você também precisa se refrescar— o mordomo disse.

—Oh, mas— Ayisha começou, pronta para dizer que não precisava de nenhum refresco, que ela realmente não podia tragar nada.

Mas o mordomo continuou—Lady Cleeve deseja falar com o Sr. Ramsey em particular primeiro.

Ayisha deu uma olhada rápida para Rafe, um buraco na barriga. Isto não era como ela pensou que seria. Se a neta de Ayisha chegasse, ela estaria no corredor para saudá-la - ou até nos degraus - em vez de ter discussões privadas com outras pessoas primeiro.

—A senhorita Cleeve e eu veremos Lady Cleeve juntos— Rafe disse firmemente.

—A lady foi insistente— o mordomo disse.

—Eu disse que nós dois—



—Isto é muito bom — Ayisha interrompeu Rafe depressa, vendo que ele estava para criar confusão com isto. —Vá em frente, Rafe. Preciso fazer uso das conveniências. Irei até você em breve. — Ela precisava de algum tempo para pensar.

—Então eu esperarei até que você esteja pronta— ele disse, cruzando os braços.

—Não, vá em frente, por favor— Ayisha disse. —Não mantenha a minha a-Lady Cleeve esperando.

Rafe deu a ela um olhar atento. —Está certa disso?

—Muito certa— Ayisha disse, sentindo qualquer coisa exceto certa.

—Lady Cleeve te aguarda na sala de visitas, lorde— o mordomo disse, indicando o cômodo. —Devo anunciá-lo.

Com alguma relutância, Rafe o seguiu. Ayisha foi com a empregada, que a levou a um cômodo pequeno do lado de fora do corredor de entrada.

—Há um lavabo aqui, senhorita— a garota disse a ela—um pouco de água morna para se lavar. Depois disto, vou te levar para a cozinha para uma xícara de chá e algo para comer. — Ela deu a Ayisha um olhar envergonhado, meio apologético.

Ayisha sabia o porquê. A cozinha não era lugar para um convidado bem-vindo. Era um insulto e a garota sabia disto.

—Onde fica a cozinha? — Ayisha perguntou calmamente, determinada não mostrar qualquer sugestão de angústia. Ela não tinha pedido para vir aqui. Ela tinha sido trazida a pedido de Lady Cleeve. E ela *não* iria beber seu chá na cozinha.

A garota apontou. —Lá, senhorita, por aquela porta baeta verde.

Ayisha olhou. Havia várias portas. —Alguma daquelas vai para fora? Tenho minha gata comigo e acho que ela apreciaria um pouco de terra para fazer suas necessidades.

—Devo levá-la para fora para você, senhorita?

—Não, obrigada, ela é inquieta o suficiente. Eu mesma a levarei.

—Muito bem, senhorita. Assim que virar completamente aquela passagem estreita lá atrás, vire à esquerda e achará uma entrada dos fundos. Apenas o pessoal a usa, mas... — Ela diminuiu o tom de voz desconfortavelmente.

—Obrigada— Ayisha disse. —Não há necessidade de esperar. Eu me juntarei a você na cozinha quando estiver pronta.

A garota anuiu com a cabeça e desapareceu pela porta baeta verde. Ayisha se sentia oca e apreensiva. Por que Lady Cleeve estava se comportando assim? Ela nem sabia ainda que Ayisha não era Alicia ...

Ela retesou a espinha. A avó dela havia mudado de ideia, Ayisha podia aguentar. Mesmo quando era uma criança faminta no Cairo, ela nunca tinha descido ao ponto de mendigar nas ruas, e agora que ela estava na Inglaterra se recusava a implorar por farelos de afeto.

Um momento mais tarde o mordomo emergiu da sala de visitas e passou pela porta baeta verde para a área da cozinha. Ayisha andou nas pontas dos pés de volta pelo corredor e ouviu da porta da sala de visitas.

—E quando eu descobri que a garota no desenho não era Alicia, mas uma bastarda do Henry - bom era muito tarde para te chamar. Você já tinha embarcado para o Egito.



Ayisha congelou. Como Lady Cleeve já tinha descoberto isso?

—Ela é, mesmo assim, a sua única neta viva— disse Rafe com a voz apertada. —As circunstâncias do nascimento dela não são sua culpa.

—Ela é uma oportunista, veio para conseguir o que puder. — A avó dela soou tão certa, tão implacável.

Algo dentro de Ayisha secou.

—Bobagem! Por Deus, lady, eu praticamente tive que ameaçá-la para conseguir trazê-la aqui.

Ayisha mordeu o lábio.

—Uma pena você ter feito isso—

—E em todo caso, e se ela veio para melhorar de vida? Por que ela não deveria? Ela é filha do seu filho, sua carne e sangue - e ela tinha sido abandonada para ganhar a vida no Cairo como melhor podia com treze anos de idade! É uma vergonha.

—Bom, *exatamente* — Lady Cleeve declarou justamente. —E peço que você não suje os meus ouvidos me descrevendo *como* ela ganhou a vida.

Ayisha se debruçou contra o umbral, os olhos fechados de dor enquanto as palavras severas a lavavam. Ela não sabia como, mas de alguma maneira, a mente da avó tinha sido envenenada contra ela.

—Lady, você está com certeza testando a minha paciência. — A voz de Rafe era tão firme quanto o estalar de um chicote. —Desde o dia em que os pais dela morreram, Ayisha viveu disfarçada como um menino! Por quê? Para prevenir a atenção dos homens, não solicitá-la. Ela ganhou o pouco que conseguia trabalhando: incumbências correntes, vendendo torta e pão nas ruas e juntando lenha. Vivendo sempre na beira da miséria.

Houve um pequeno silêncio, então Rafe continuou—A vergonha foi do seu filho. Ele deveria ter feito uma provisão melhor para sua única filha, deveria ter tomado conta melhor dela.

Ayisha ouviu um bufar refinado. —Eu a vi da janela quando você chegou; ela não se parece com nenhum menino que eu já tenha visto. Na verdade, meu querido Sr. Ramsey, mulheres desta laia sabem como enrolar um cavalheiro.

—Ela não é de nenhuma 'laia' — Rafe retrucou. —Ayisha é sem igual, e ela é a minha futura esposa.

—*O quê?* Você não pode se casar com a garota! Bom Deus, homem, a mãe dela era uma escrava!

As palavras ficaram suspensas no ar. O silêncio estirou. Ayisha não podia respirar. Como Lady Cleeve sabia? Era o único segredo que Ayisha não havia contado a Rafe.

Ela podia dizer pelo silêncio que isso importava muito. Muito mesmo. Trêmula, com os nós dos dedos apertados contra os dentes, Ayisha esperou pela resposta de Rafe.

—Uma escrava? Que evidência você tem de tal acusação? — Pela primeira vez desde que ela o havia encontrado, ele não soava muito certo.

—Ah, vejo que você não sabia.



Por que ela não havia dito a ele? Ayisha se chicoteou calada. Ela queria ter dito quando estava dizendo a verdade a ele sobre si mesma, mas ele a havia chocado com a renovação da proposta de casamento e isso a havia deixado desorientada.

Depois disto, não pareceu ser um momento apropriado para dizer—Oh, e a propósito, minha mãe era uma escrava. O papai a comprou de seu antigo mestre.

Ela correu as mãos pelo rosto. Ela não disse a ele mais tarde porque tinha sido covarde. Não era culpa da mãe dela ter sido tomada por Cossacos⁴³ quando era uma garota.

A ilegitimidade de Ayisha não importava para ele, e ela tinha estado segura de que a condição de escrava da mãe não importaria também, não porque ela acreditasse verdadeiramente nisto, mas porque ela estava tão feliz e não queria que nada estragasse a felicidade.

Porque a filha de uma escrava era uma escrava também. Não importando quem seu pai fosse.

—Não faz nenhuma diferença para mim quem era a mãe dela— Rafe disse friamente.

Não era verdade, ela pensou tristemente. O comprimento daquele silêncio disse a ela que as novidades o haviam chocado. Profundamente. Agora ele estava apenas sendo teimoso, pouco disposto a admitir que havia cometido um engano. O pai dela tinha sido exatamente assim.

Pela fenda na porta, ela ouviu a avó dizer—Se ela não te disse, o que mais ela pode estar escondendo de você? Ela te convenceu de que estava levando uma vida de virtude, mas como saber se é verdade? Ela podia ter tido uma dúzias de homens—

—Ayisha era uma virgem quando eu a encontrei.

—Como você sabe?

Rafe não disse nada.

—Ahh, você já a teve. Entendo agora. —A avó soou muito cansada, Ayisha pensou, cansada e triste, como se isso tudo fosse demais para ela. Ela desejou poder ver o rosto dela...

A lady idosa continuou—Nesse caso, suponho que você a deixará em alguma casa em St. John Wood. É onde os cavalheiros mantêm as suas amantes— ela disse amargamente.

—Não farei nada do tipo!— Rafe retrucou. —Eu prometi que me casarei com ela e irei.

Sim, Ayisha pensou miseravelmente, porque ele se orgulhava de manter suas promessas. Até quando essas promessas tinham sido baseadas em informações falsas...

—Casar com ela? E quanto a sucessão? — Lady Cleeve perguntou.

Ayisha fez uma carranca. Que sucessão? O que ela queria dizer? Ela se aproximou mais da porta.

—O que o Conde de Axebridge tem a dizer sobre esta proposta de casamento?

—Meu irmão não tem nada a dizer no assunto.

O irmão dele era o Conde de Axebridge? Ayisha estava atordoada.

⁴³ Cossacos - povo nativo das estepes das regiões do sudoeste da Europa (principalmente da Ucrânia e do sul da Rússia) que se estabeleceram mais tarde nas regiões do interior da Rússia asiática. São muito famosos por sua coragem, bravura, força e capacidades militares (especialmente na cavalaria), mas também pela capacidade de auto-suficiência.



Lady Cleeve disse—Assim que ele descobrir que seu herdeiro está propondo casamento a uma filha ilegítima de uma escrava estrangeira creio que ele terá muito a dizer. Especialmente já que o seu filho vai, eventualmente, herdar o título de conde.

As palavras da lady idosa caíram sobre Ayisha com um peso esmagador. Ela não tinha nenhuma ideia de que Rafe vinha de uma família tão importante. Ela sabia que ele era um cavaleiro, mas sua falta de título a enganou a imaginar que um casamento entre eles poderia ser possível. Mas ele era *o herdeiro de um conde*...

Ayisha, Condessa de Axebridge? Era inimaginável.

Ela ouviu Rafe dizer—eu caso com quem escolher. E eu escolhi Ayisha.

Oh, como ele era teimoso. E tudo porque ele se sentia ligado pela honra a se casar com ela, porque ela ao salvar a vida dele tinha ficado comprometida. E porque ele havia tomado sua virgindade. E a desejava. E porque poderia haver uma criança...

Não haveria nenhuma criança, ela sabia; seu período mensal havia ocorrido na semana antes de eles chegarem à Inglaterra. Então não havia nenhuma necessidade real de casamento.

Outra coisa que ela não havia dito a ele.

A gratidão, a honra e o desejo não eram o suficiente, ela pensou com desespero doente. Não quando ele perderia tanto ao se casar com ela.

Lady Cleeve continuou—E o que a sua *noiva*, Lady Lavinia Fettiplace - o que ela tem - o que a sua família tem a dizer sobre ela sendo abandonada em favor da filha ilegítima de uma *escrava*? Uma garota encantadora, de umas das mais finas famílias na Inglaterra - e herdeira de uma fortuna, creio. — Ela bufou. —Que escândalo será. Seu irmão não terá nada a dizer sobre isto, também?

Uma frieza pesada se formou no fundo de sua barriga enquanto ela ouvia as palavras. Ele já estava noivo de Lavinia? E ela era *Lady* Lavinia, e não senhorita Fettiplace? Bonita e rica, ele disse. Ele não disse que ela tinha título também.

E portanto o cônjuge perfeito para um futuro conde.

Era a gota final. Ela não podia deixá-lo fazer isto. Ela o amava demais para deixá-lo se arruinar por causa de gratidão e honra. E teimosia. E generosidade.

Ela ouviu passos vindos do corredor e entrou no cômodo ao lado. As pernas dobraram sob ela e ela afundou sobre o tapete espesso, rico, curvada em dor e miséria. As lágrimas a cegaram.

Na porta ao lado ela ouviu o tinido da porcelana. Eles estavam servindo chá. As palmas dela descansaram sobre o tapete suave. Ela deu uma olhada rápida para baixo e sufocou uma amarga meia risada. Esse era exatamente o tipo de tapete que ele havia ameaçado colocá-la dentro e trazê-la para cá.

O humor agri-doce a acalmou. Ela se sentou e enxugou o rosto com a bainha da saia. Chorar não resolveria nada. Não havia nada, de fato, a fazer. Tudo tinha sido um sonho, baseado em meias-verdades, omissão e pensamentos tendenciosos e patéticos da parte dela.

Ela havia aprendido quando criança nas ruas do Cairo que sonhos não enchiam barriga. Eles davam esperança o suficiente para se passar pelas noites mais escuras, mas não eram nenhuma base para a vida.

É necessário algo mais sólido como base: honestidade. E amor.



Havia uma escrivadinha no canto com papel para escrever e canetas. Ela escreveu uma nota depressa. Era covardia, ela sabia, mas quando Rafe agia por ser teimoso e galante, não havia nada que se pudesse dizer para convencê-lo. Se ela discutisse, sabia que ele, da mesma maneira, provavelmente a levaria para a igreja mais próxima e se casaria com ela fora de controle.

E ela não sabia se teria a força para resistir, cara a cara. Não quando tudo que ela queria ele estava oferecendo e ainda mais.

Mas ela não seria a causa de sua ruína.

Ela dobrou a nota em três, endereçou-a a Rafe, e selou com cera vermelha; ela não queria que ninguém mais a lesse.

Quando os empregados se foram, ela andou nas pontas dos pés de volta pelo corredor e dobrou a nota na alça da valise de Rafe. Então ela pegou a cesta com Cleo e sua própria pequena valise e seguiu as direções da empregada para a saída dos fundos dos empregados.

Do lado de fora ela viu dois caminhos, um principal em direção a um jardim que cercava a cozinha, e o outro para longe nos fundos da casa em direção ao que parecia uma aldeia. Ela foi apressada por ela.

Ela não tinha nenhuma ideia de aonde estava indo. Ela tinha um pouco de dinheiro - porque Rafe havia dado dinheiro inglês a ela para que ela gastasse na loja onde ele havia comprado o capote. Era mais do que ela tinha quando deixou a casa do pai na noite em que os mercenários a haviam caçado.

Ela era uma criança então, e tinha conseguido se virar. Ela estava mais velha agora e muito mais sábia. E ela estava na Inglaterra, onde sempre quis. Um miado melancólico interrompeu seus pensamentos e ela sorriu para Cleo, cuja pata estava cutucando pelos sarrafos na cesta. E ela tinha uma pequena amiga, uma peluda imperiosa como companhia e para amar. Seria - tinha que ser - o suficiente.

Rafe estava furioso. Ele queria estrangular Lady Cleeve. Como ela ousava falar de Ayisha assim. Como ousava não sair para se encontrar com ela - ele sabia como Ayisha tinha ficado ferida com isto; ela tinha tentado não mostrar mas ele tinha visto a dor nos olhos, a dignidade com que ela tinha caminhado pelo corredor com a criada.

Ele olhou para o chá que o mordomo havia trazido. Duas xícaras, não três. Uma ordem curta havia enviado o mordomo apressado buscar outra xícara.

—Quando encontrar Ayisha, verá como se confundiu sobre ela, Lady Cleeve— ele disse.

A lady idosa não respondeu. O lábio inferior estava tremendo. Ela viu que ele percebeu e com dignidade virou a cabeça para esconder a angústia. O gesto era igual ao de Ayisha.

Um pouco de sua raiva foi drenada. Ignorando o bule, ele se serviu de xerez no aparador. Ele deu para ela dizendo—Beba. Fará com que se sinta melhor.

Ela tomou com uma mão trêmula e bebeu de um trago. Ela estremeceu enquanto afundava, então o deu para ele com um 'obrigada' sussurrado.

—Ela - se parece com Henry? — Ela perguntou a ele um momento depois.



—Você está preocupada que vá gostar dela, não é? — Rafe disse suavemente. —Não, ela não se parece com Henry.

Ela suspirou.

—Ela é igual a pintura— ele terminou.

Os olhos dela arregalaram. —Igual a mim quando garota.

Rafe disse—É Ayisha, agora. Apenas o cabelo e as roupas são diferentes. Ela é sua neta; ninguém pode duvidar disto. E de tudo que eu aprendi, Lorde Henry a amou - e a mãe dela - muito.

—Me disseram o contrário— Lady Cleeve disse exausta.

Rafe fez uma carranca. —Quem disse?

—Uma mulher que conheceu Henry no Cairo - uma de suas amigas.

Rafe colocou mais xerez para ambos. —Continue— ele disse. —Como você se encontrou com esta mulher?

—Um mês atrás uma de minhas amigas estava tomando água termal em Bath. No Pump Room⁴⁴ ela se encontrou com uma lady que havia vivido no Cairo por alguns anos. Naturalmente a história da minha neta perdida há muito surgiu - suponho que metade da Inglaterra conheça a história - então quando a lady, Sra. Whittacker, disse a minha amiga que ela realmente tinha conhecido Henry no Cairo, claro que a minha amiga nos pôs em contato e nós organizamos de nos encontrar. — Ela suspirou e deu a Rafe um olhar sentido. —Eu quase desejei não ter feito isso. Se eu tivesse ficado na ignorância, o dia de hoje teria sido muito diferente...

—Diga-me— Rafe iniciou.

—A Sra. Whittacker me contou tudo sobre Ayisha e sua mãe. Ela era uma grande amiga do meu filho, aparentemente. Ela me disse que esta mulher escrava tinha conseguido colocar suas garras em Henry e que ele ficou preso em uma armadilha e infeliz.

—Eu não creio nisto— Rafe disse abruptamente. —É óbvio pelo modo como Ayisha fala deles que a mãe e o pai eram muito apaixonados.

Lady Cleeve deu a ele um olhar problemático. —Não é do interesse dela dizer isso?

Rafe agitou a cabeça. —Ayisha acredita totalmente nisto, e eu acredito nela. — Ele se debruçou adiante e tocou o joelho de Lady Cleeve. —Você acreditará, também, quando vir o modo como os olhos dela brilham quando fala sobre eles.

Lady Cleeve pareceu incerta. —A Sra. Whittacker me disse que o caso de Henry com esta mulher foi um escândalo no Cairo. A garota nasceu um mês depois da minha neta, Alicia - e eu não posso perdoar Henry. Se ele apenas soubesse o quão humilhada sua esposa deve ter ficado—

—Ayisha me disse que ele era muito discreto. Ela não acredita que Lady Cleeve soubesse qualquer coisa sobre ela ou sua mãe. Foi só depois da morte dela e de Alicia que Henry mudou Ayisha e a mãe para a casa.

Lady Cleeve agitou a cabeça. —Essa não é a história que eu ouvi. A Sra. Whittacker me disse que a mulher e a criança simplesmente chegaram e se jogaram sobre Henry enquanto ele ainda

⁴⁴ Pump Room - uma sala em uma fonte de água mineral. Bath é uma cidade famosa por sua água medicinal.



estava distraído pelo pesar. Ela disse que era conhecimento comum no Cairo que o pobre Henry tinha sido lesado, e que todo mundo acreditava que a criança não era de Henry.

—E ainda assim Ayisha é sua imagem de quando era uma garota— Rafe observou, indicando o retrato.

Lady Cleeve suspirou e afundou na cadeira, parecendo exausta. —Eu não sei o que pensar agora.

—Eu nunca encontrei o seu filho, mas a impressão que eu tenho de Ayisha é que ele era muito firme em seus pensamentos, um homem inteligente que deva pouca atenção ao que os outros pensavam, que era autocrático, egocêntrico e um pouco egoísta, mas muito afetuoso em particular com Ayisha e a mãe dela.

Lady Cleeve olhou fixamente para ele.

Rafe continuou—devo acrescentar que o egocentrismo e egoísmo é a minha própria interpretação do que ela me contou. Ayisha adorava o pai e não vai ouvir uma palavra contra ele ou a mãe dela. Apesar da situação horrível em que ele a deixou.

Houve um longo silêncio. A expressão de lady Cleeve era o suficiente. Ela conhecia o filho, e ele era o homem que Rafe descreveu, não o que a Sra. Whittacker tinha retratado.

—Ayisha disse que pensava que o pai ficou um pouco diferente imediatamente após a morte de Lady Cleeve, que depois que ele a havia levado com a mãe dela para sua casa ele às vezes se referia a ela como Alicia na companhia dos outros.

—Sim, posso ver isto— a lady idosa disse devagar. —A carta que ele enviou declarando que Alicia e a mãe haviam morrido estava um pouco estranha, também. Consequentemente a confusão. — A pele boa e fina como papel enrugou em confusão. —Mas por que a Sra. Whittacker diria essas coisas sobre ela? — Ela perguntou. —O que ela ganharia fazendo tal coisa?

Rafe encolheu os ombros. —O que você acha que ela procurava?

Lady Cleeve agitou a cabeça. —Nada. Só a minha amizade.

A amizade de uma lady idosa e solitária. Uma lady idosa e rica, a viúva de um baronete, Rafe pensou, mas não disse isso. Ele deixaria lady Cleeve perceber sozinha. —Esta mulher, ela tem família?

Lady Cleeve franziu os lábios pensativamente. —Ela está viúva e tem vivido com parentes. Não é confortável para ela, pobre mulher, de fato, nós discutimos—ela cessou bruscamente, como se tivesse de repente percebido algo.

—O quê?

—Nós discutimos a possibilidade de eu a contratar como uma dama de companhia - e sim, o pensamento cruzou a minha mente que ela poderia ser apropriada. — Ela afundou de volta na cadeira. —Oh Deus. Oh Deus. E pensar que eu acreditei nela - mas ela era muito convincente - e ela realmente viveu no Cairo por anos e conheceu Henry, estou certa disto, mas ele nunca a mencionou nas cartas. Ele nunca mencionou a amante e a filha, também. Mas, oh Deus. — Ela olhou para Rafe em angústia e ele teve um vislumbre súbito de como Ayisha podia se parecer com esta mulher idosa.

Ela pressionou as mãos suaves e enrugadas nas bochechas. —E pensar que eu poderia ter enviado a minha neta para longe sem vê-la. Por que uma completa estranha me disse tais coisas.



Rafe se debruçou adiante e bateu levemente no joelho dela novamente. —Fique segura de que Ayisha não está atrás do seu dinheiro. Tudo o que ela quer é uma avó. Ela me disse uma vez que era uma coisa terrível estar sem uma família, sem pertencer a alguém.

Lady Cleeve tragou.

—Ela estava falando sobre você, não sobre ela. Eu estava tentando persuadi-la a vir comigo para a Inglaterra, e a resistência dela começou a rachar quando percebeu que você estava só no mundo. — Ele acrescentou com a voz áspera—Foi duro para ela partir, sabe. Há pessoas no Cairo que a amam muito. Ela é, você descobrirá, uma pessoa para se amar.

Os olhos de lady Cleeve se encheram com lágrimas.

Rafe deu a ela seu lenço e enquanto ela o aplicava nos olhos, disse com uma voz envergonhada—sinto muito pelo que disse sobre St. John Wood. Eu... tenho propensão a ser amarga sobre amantes e sua descendência, sabe. Meu marido... bom, você não precisa ouvir sobre isto.

Rafe não tinha nenhum interesse em história antiga. Ele precisava deixar uma coisa clara: — Eu *vou* me casar com Ayisha. Ninguém - nem você, nem meu irmão, nem a *sociedade* inteira - nem mesmo Lorde Wellington podem me parar.

—Mas por que ela não te disse que a mãe era uma escrava?

Rafe reconheceu a validade da pergunta, mas não se preocupou. —Ela terá suas razões— foi tudo o que ele disse.

—Assim? — Ela disse incrédula. —Você tem tanta fé assim nela?

—Eu tenho completa fé nela— Rafe disse suavemente. —E quando você a encontrar, saberá o porquê. Você tem completa razão em ficar cautelosa de encontrá-la.

As sobrancelhas finas curvaram e juntaram. —Por que você diz tal coisa?

Rafe sorriu. —Porque você não conseguirá evitar amá-la. Todo mundo faz isso. — Era verdade. Ela havia encantado um navio inteiro, até a azeda senhora Sra. Ferris no fim.

—Você a ama muito, não é?

Rafe parou. A pergunta ecoou em sua mente. A resposta ecoou muito mais alto, agitando suas estruturas.

Ele se ergueu abruptamente. —Se me dá licença, verei o que a está atrasando.

—Eu disse a Adams para servir chá a ela na cozinha— Lady Cleeve confessou. —Esperei que ela entendesse que não havia nada para ela aqui.

Rafe xingou sob a respiração. —Eu a acharei. — Ele abriu a porta da sala de visitas.

O mordomo, Adams, deu um passo para trás, surpreso. Escutando atrás da porta. Rafe pensou.

—Onde está a senhorita Cleeve? — Ele retrucou.

O mordomo parecia perplexo. —Eu não sei, lorde. Pensei que ela poderia estar aqui. — Ele deu uma olhada rápida para Rafe e para Lady Cleeve e disse—Ela deveria ter vindo para a cozinha, mas nunca o fez. Pensamos que ela poderia estar no jardim com sua gata, mas ela não está lá, também.



Rafe girou e olhou para a pilha de bagagem ainda de pé no corredor. A cesta do gato tinha sumido. Assim como a valise de Ayisha e seu capote morno novo. A alça da valise dela continha um pedaço de papel dobrado. Ele o pegou, rompeu o selo e leu:

Meu querido Rafe,

Sinto muito em partir assim, sem dizer adeus pessoalmente, mas não posso fazer isto de nenhum outro modo.

Você nunca me disse que era o herdeiro de um conde, nunca me disse que havia qualquer possibilidade de que eu pudesse me tornar uma condessa. E nunca me disse que estava noivo de uma dama com título, rica e de família distinta. Você falou no navio de me arruinar, mas está claro pelo que Lady Cleeve disse agora mesmo que se você se casasse comigo, eu seria a sua ruína, e isso eu não posso fazer.

Você é amável, galante e nobre de coração, mas eu te amo demais—

Rafe parou de ler por um momento, o coração batendo forte, a respiração congelada no peito. Ela o amava? Sim, estava escrito, em tinta azul escura no elegante papel branco. Ela o amava. Demais.

Eu te amo demais para deixar que a sua obrigação e gratidão te tragam ruína social.

Obrigação e gratidão, Rafe pensou. Quanta besteira! Mas ele nunca tinha dito a ela o que ele sentia. Era a culpa maior dele ela ter fugido às pressas.

É muito difícil te deixar, mas eu devo. Eu não poderia aguentar viver como uma amante em St. John Wood.

Rafe xingou quando leu isto. Ela devia ter ouvido tudo.

Não se preocupe comigo. Tenho o dinheiro que você me deu em Portsmouth e eu ficarei bem. Eu sobrevivi no Cairo, e certamente conseguirei na Inglaterra. Meu pai sempre me disse que me traria para a Inglaterra, então de certa forma ele fez isso, e estou contente.

Não se preocupe comigo, Rafe querido. Apenas cuide de si mesmo e tenha uma vida maravilhosa.

Com todo o meu amor, sua para sempre, Ayisha.

PS. Por favor, dê os meus melhores desejos a Lady Cleeve e explique a ela que eu nunca tive nenhuma expectativa. Você sabe que é verdade. Não quero que ela pense mal de mim.

Rafe sentiu o vazio que costumava sentir antes de uma batalha. Ele não podia perdê-la, não agora. Ele amassou a carta com o punho. —Ela fugiu— ele disse. —E eu vou segui-la.

—Se ela não quer estar aqui— Lady Cleeve começou.



—Sem mais uma palavra, lady— Rafe retrucou. —Ou não serei responsável pelas minhas ações.

Chocada, Lady Cleeve deu dois passos para trás. —Eu apenas quis dizer que ela escolheu—

Rafe a silenciou com um olhar. —Você!— Ele estalou os dedos para o mordomo. —Ela deve ter partido por uma porta dos fundos, então me mostre por onde ela sairia. E eu quero todos os empregados nesta casa procurando por ela - agora! Entendido?

O homem tagarelou algo, Rafe não se preocupou em ouvir. Ele estava correndo em direção aos fundos da casa, rebocando o mordomo com ele.

A pequena tola. Onde diabo ela pensou que estava indo? Ela não conhecia uma alma além dele em toda a Inglaterra. Além disso, ela não poderia ter ido longe a pé. Não deveria tomar muito tempo para achá-la. E quando ele o fizesse...

Ele correu ao longo do caminho estreito dos fundos da propriedade e foi até a aldeia de Penton Mewsey, esquadrinhando o caminho adiante e a zona rural circundante.

Mas não havia nenhum sinal de uma figura pequena com um capote rosa escuro.

Ele chegou a uma estrada e viu uma carroça ao longe indo embora. Ele estreitou os olhos. Ele podia ver uma mancha de algo avermelhado. Alguém estava sentado atrás? Alguém em um capote rosa escuro? Ele não podia estar certo.

Droga. Ele girou e correu de volta para Cleeveden. Ele passou por alguns empregados. —Continuem procurando— ele ordenou. —Siga este caminho até onde der.

—Nenhum sinal dela? — Lady Cleeve o saudou ansiosamente quando ele retornou.

—Acho que ela pode ter alugado uma carroça— Rafe disse. —Vou atrás dela. — Ele puxou a aldrava e disse ao empregado que veio correndo: —Diga nos estábulos que eu exijo o seu cavalo mais rápido selado e que o tragam para mim de uma vez.

Ele foi pelo caminho e galopou ao longo da estrada na direção que a carruagem havia seguido, mas quando ele a alcançou, viu que o vermelho que havia visto era um tapete velho esfarrapado ao redor de uma cômoda.

Com uma maldição ele girou o cavalo e voltou pelo caminho que havia ido.

Na junção do caminho com a estrada, ele seguiu rumo à aldeia de Penton Mewsey. Havia apenas um punhado de lojas e casas, os empregados de Lady Cleeve já haviam investigado. Não havia nenhum sinal de uma jovem lady com capote rosa escuro com um gato em uma cesta, eles disseram a ele. Ninguém havia visto qualquer lady jovem, nenhum paradeiro, lorde.

O caminho original continuava além da aldeia. Rafe continuou. Uma chuva fina começou a cair. Rafe a ignorou. De vez em quando o caminho se ramificava à direita ou à esquerda, e em cada bifurcação ele gritava o nome dela e esperava, perguntando-se qual caminho Ayisha escolheria. Ela era uma garota da cidade, havia vivido a maior parte da vida no Cairo, e esta zona rural era estrangeira para ela, com seus campos e sebes, seus bosques entrelaçados e colinas subindo e descendo em declives suaves. Ela tomaria o caminho melhor para andar, ele decidiu.



Mas depois de passar uma dúzia de caminhos para cada aldeia, pequena vila, ou à margem da estrada dentro de um raio de oito quilômetros sem sucesso, ele começou a se perguntar. Ele tinha cruzado algumas estradas maiores. Ela não tinha entrado naquela primeira carruagem, mas talvez ela tivesse recebido a oferta de uma carona, talvez ela tivesse pegado algum outro meio no transcurso.

Ela tinha pouco dinheiro - não muito, ele sabia, mas poderia levá-la até Andover, ou Winchester.

Se o condutor fosse honesto.

Ela sabia sobre vilões, ele tentou dizer a si mesmo. Ela sabia como era a vida nas ruas. Ela não confiava facilmente. Quanto tempo tinha levado para ela confiar nele?

Ele gemeu, pensando sobre isto.

Ela ainda não confiava nele. Não confiou nele para saber o que ele queria, saber o que era bom para ele. Caso contrário ela nunca o teria deixado.

Se você se casasse comigo, eu seria a sua ruína.

Não seria a ruína, mas a salvação. Por que ele se importaria com as opiniões dos outros?

Ele deveria ter se casado com ela no navio. Eles poderiam ter se casado novamente em uma igreja. A preocupação dele então tinha sido protegê-la da fofoca e isso não significava nada agora que ele a havia perdido.

Ele deveria ter dito ela sobre Axebridge e a sucessão. Ele não pensou que isso importaria.

Mentiroso. Claro que importava. A maioria das mulheres gostaria da ideia de um título. A maioria das mulheres amaria a ideia. Ele tinha sido cortejado por aquele título...

Será que, lá no fundo, ele havia temido que com ela pudesse ser a mesma coisa?

O frio aumentava. A chuva caía em fluxos glaciais. Se ele não tivesse partido com tanta pressa, poderia ter trazido seu sobretudo. Não importava. Ele ergueu o colarinho e continuou a procura. Onde diabo ela estava? Ela teria achado abrigo? Ele tinha visões dela abaixada na lama, sob um arbusto, molhada, fria e miserável. O pensamento era insuportável.

As roupas dele logo estavam encharcadas, pesadas com a água e colando a ele de forma fria e pegajosa. Ele estava estremecendo com frio, mas não parou. Se ele estava com frio, quanto frio mais estaria Ayisha, a filha de um clima quente, sentindo? A roupa das mulheres era ainda mais inadequada do que a dos homens - homens! Ele parou, e pensou. Ela já tinha se disfarçado com roupa de menino antes. Ela teria feito isto novamente?

Ele galopou de volta para a aldeia de Penton Mewsey e questionou todo mundo que podia achar, mas ninguém viu um homem ou um jovem com uma mala e cesta contendo um gato manchado de branco e preto.

Naquela hora a escuridão estava caindo. A chuva parou. Rafe sabia que havia apenas chances magras, mas ele montou os caminhos novamente na escuridão, gritando seu nome. Mas o som ecoava pela paisagem muda. Estava tão frio que sua respiração saía esfumaçada. As nuvens obscureceram a lua e ele não podia ver coisa alguma na escuridão. Tudo o que ele podia ouvir era o gotejar da água e a lama sob os cascos do cavalo.

Ele girou o cavalo cansado em direção a Cleveden. Ele retomaria a busca pela manhã.



Ele dormiu mal, se levantou cedo, e desta vez usou um mapa da área local para partir em uma procura coordenada, estilo militar. Higgins chegou na noite anterior com o curriculo e os cavalos de Rafe, então Rafe pôs o antigo soldado a cargo da procura.

Rafe enviou os empregados, cada um com instruções rígidas para procurar uma área em particular, procurando por uma mulher jovem ou uma jovem com um gato manchado de branco e preto em uma cesta. Ela poderia deixar sua valise pesada para trás, ela poderia não se importar com suas roupas, mas ela nunca abandonaria aquele gato.

Rafe montou para Andover e questionou as pessoas lá. Uma carruagem tinha passado na tarde anterior, mas se havia uma jovem lady nele, ou um menino e um gato, ninguém podia dizer. Ele não estava certo então de aonde ir. Para o leste era Londres, para o sul era o caminho pelo qual eles tinham vindo; qual caminho Ayisha tomaria?

Ele tentou ambos. Tomou a estrada para Londres primeiro, e montou mais de sessenta quilômetros, até onde a carruagem parou, mas ninguém em quaisquer das pousadas a viram. Ele então voltou seus passos e montou para o sul, mas novamente, depois de parar várias carruagens, ele desistiu da perseguição. Ninguém a havia visto.

Como uma mulher jovem com um gato manchado e uma valise desapareciam completamente da face da terra? Ela deveria ter recebido alguma carona em alguma carruagem privada, ele decidiu. Ela podia estar em qualquer lugar.

Exausto, abatido e doente, Rafe montou de volta para Cleeveden. Não o surpreendeu nada os empregados que estavam fora caçando o dia todo não terem nada para reportar. Ele tinha sentido em suas entranhas o dia todo.

Ele a havia perdido.

Capítulo Vinte

—Tenha o vigário de sua igreja local pronto para os proclamas— Rafe disse a lady Cleeve uma semana depois que Ayisha estava sumida. Ele tinha passado o dia todo a procurando, em vão.

O queixo de lady Cleeve caiu. —Pedir os proclamas para quem?

—Para Ayisha e eu, claro.

—Mas ela foi embora. Você não sabe onde—

—Eu a acharei— Rafe disse firmemente. —E quando o fizer me casarei com ela. Eu já escrevi para pedir uma licença especial, claro, mas não fará mal ter os proclamas. — Era uma chance pequena, ele sabia, mas se Ayisha ainda estivesse no distrito, ela poderia frequentar a igreja, e se ela o fizesse, ele queria que ela ouvisse os proclamas de seu casamento. Isso faria a determinação dele de casar bastante clara.

—O nome da mãe dela era Kati Machabeli. Escrevi por extenso aqui. — Ele a passou um pedaço de papel. —Estou indo para Axebridge para fazer o mesmo com o vigário do meu irmão. E informar ao meu irmão de minhas intenções. — Ele deu a lady Cleeve um sorriso frio. —Devemos



nos casar na capela em Axebridge. Quero que todo mundo saiba que este casamento tem a aprovação do Conde de Axebridge.

Lady Cleeve fez uma carranca. —Ele aprova?

—Ele irá— Rafe disse. —Ele não terá nenhuma escolha. — O irmão dele devia a ele, e Rafe o forçaria a mostrar pelo menos uma fachada de aprovação.

—Estou noivo— Rafe disse ao irmão e à cunhada na noite seguinte no jantar. Ele tinha alcançado Axebridge ao entardecer.

—Entendo— George disse cautelosamente. —E quem é a futura esposa?

—Ayisha Cl - suponho que legalmente ela seja Ayisha Machabeli.

George ergueu a sobrancelha. —Quem? — O tom de voz era frio.

—Ayisha Machabeli. Ela é a filha natural de Lorde Henry Cleeve e uma mulher georgiana chamada Kati Machabeli— Rafe disse ao irmão no dia seguinte.

A boca do irmão dele apertou. —Filha *natural*?

—Sim— Rafe disse friamente. —A mãe de Ayisha era a amante de Lorde Henry. Ele a comprou como uma escrava. — Ele estava determinado a não deixar nada escondido, nada detido. George saberia exatamente com quem o irmão estava se casando.

—E você acha que esta - esta *fêmea* é apropriada para ser a mãe de um futuro Conde de Axebridge?

Rafe olhou para ele. —Chame-a de 'esta *fêmea*' nesse tom novamente, irmão, e eu empurrarei os seus dentes goela abaixo agora mesmo e você nunca mais os achará.

O silêncio que seguiu podia ser cortado com uma faca. Os dois irmãos se encararam através da mesa.

—E sim, ela é magnificamente apropriada para ser a mãe de um futuro Conde de Axebridge— Rafe continuou depois de um momento. —Ela nunca aceitaria uma barganha diabólica como a que a sua Lady Lavinia Fettiplace concordou. Ayisha lutaria com unhas e dentes - literalmente - para manter suas crianças seguras e em seus braços.

Lucy, a cunhada dele, fez um som pequeno, e Rafe deu uma olhada rápida para ela. O rosto reto dela, muito como o de um cavalo estava cheio com angústia.

—Você não deve culpá-lo— ela começou.

O marido colocou uma mão sobre a dela. —Silêncio, Lucy— ele disse. —Nós não precisamos explicar nada para ele.

Ela agitou a cabeça. —Claro que devemos, George. É o filho dele que estávamos conspirando tomar, afinal.

Rafe piscou com tal honestidade inesperada.

—É tudo minha culpa—ela começou.

—A ideia foi minha— George falou acima dela. —Então qualquer culpa deve vir para mim. Eu fiz a proposta a Lady Lavinia, você pode me culpar completam—



—Mas você fez isto por *mim*, para *mim*, porque eu sou um fracasso tão grande como esposa!
— Lucy, a cunhada de Rafe, explodiu. Lágrimas desciam por suas bochechas.

Rafe olhou-a fixamente, atordoado pela explosão inesperada.

Para surpresa de Rafe, George saltou de sua cadeira e pôs os braços ao redor da esposa. — Você não é um fracasso, Lucy— George disse urgentemente. —E eu te proíbo de dizer isso. Você é uma esposa maravilhosa e eu-eu não poderia viver sem você — ele acrescentou com a voz mais baixa. Ele retirou um lenço e começou a secar as bochechas dela suavemente.

Rafe assistiu em assombro. Ele nunca tinha visto este irmão... este humano. E até este momento ele não tinha nenhuma ideia de que o irmão se importasse com a esposa.

Rafe mesmo sempre havia gostado de Lucy, até mesmo tinha se sentido um pouco protetor com relação a ela. Ela era simples, magra e frouxa e tinha a face um pouco como um cavalo, mas era sempre amável e gentil e tranquilamente perceptiva. Para Rafe quando menino, ela tinha sido a única coisa boa em suas visitas a Axebridge.

George, ele se recordou, tinha ficado amargamente desapontado quando a encontrou pela primeira vez - o Conde de Axebridge havia selecionado a noiva pela linhagem e fortuna de seu herdeiro e Lucy era excelente em ambos.

—Boa linhagem de procriação— o pai deles havia declarado. —Falta boa aparência, claro, mas isto é até bom. A mulher mais sem-graça tende a ser leal, especialmente se casar com um cachorro bonito como você, George.

Não que importasse o que George pensasse. O pai dele não mudaria de ideia. E ele tinha se mostrado certo quando a tímida e desajeitada Lucy colocou os olhos em seu noivo bonito e ficou desesperadamente apaixonada.

Mas parecia que em algum lugar no caminho, o irmão dele tinha começado a gostar dela. Se importar profundamente, se Rafe fosse bom em avaliar.

—Foi por mim, Rafe— Lucy disse assim que se recompôs. —George fez isto por mim. Eu estava muito desesperada por uma criança. E Lady Lavinia disse... Lady Lavinia disse...

O marido dela assumiu o comando. —Lady Lavinia deixou claro que repugnava bebês e crianças e falou em deixar os filhos com os empregados. E não havia nada de errado com isso... É só que Lucy...— Ele deu a esposa um olhar angustiado.

—Oh, Rafe, eu quero *muito* segurar um bebê nos meus braços— Lucy disse entrecortadamente. —Quero tanto que quase roubei um bebê na aldeia. Eu apenas o ergui por um momento - eu o devolvi, mas... isso preocupou George. — O rosto dela amassou.

Por um longo momento não houve nenhum som no cômodo, apenas o crepitar do fogo e os soluços suaves da cunhada gentil de Rafe. O marido a segurava, desorientado.

Depois de um tempo, o choro de Lucy parou, e depois de colocar bebida para todo mundo, George continuou com a história. —Eu pensei que se Lady Lavinia não queria criar suas crianças... Lucy poderia. Ela seria uma mãe maravilhosa... — Ele olhou para Rafe. —Sinto muito, Rafe, eu não considerei a sua posição; estava pensando em Lucy, apenas em Lucy... espero que me perdoe um dia.



Rafe ficou destroçado por sua admissão. Ele tinha visto o acordo com Lady Lavinia como outro sinal de que Rafe não importava nada para sua família, que seu irmão não tinha nenhum respeito por ele e que não gostava de nada exceto Axebridge e a sucessão.

Mas não era o futuro de Axebridge que tinha deixado George tão desesperado, tinha sido o amor por sua esposa.

Isso Rafe podia entender completamente. E perdoar.

—Eu não sabia. E agora que sei, não há nada para perdoar. — Rafe disse tranquilamente.

—Mas—

Ele agitou a cabeça. —Eu não vou me casar com Lady Lavinia. Tenho Ayisha agora, e não há nada para perdoar. Está tudo bem, Lucy, eu te perdoo, os dois. E entendo.

As palavras trouxeram lágrimas frescas para os olhos de Lucy, e Rafe percebeu que havia caminhado para a lareira e olhou o fogo; a visão do irmão confortando a esposa trouxe... sentimentos... brotando nele.

Ele sentia falta de Ayisha, ele a queria em seus braços. Aqui. Agora.

O pensamento cruzou a mente dele que, assim como a cunhada, ele desejaria e se sentiria incompleto e vazio, pelo resto da vida sem o que desejava, Ayisha.

Quando ele retornou à mesa, George disse—Então, você está sério sobre se casar com esta garota que achou no Egito?

Rafe olhou para cima, pronto para defender Ayisha, mas o olhar do irmão era sério e sincero.

—Ayisha, sim, muito sério.

George deu a ele um olhar atento. —Você gosta dela— ele disse com uma nota de descoberta.

—Gosto— Rafe admitiu. Ele tragou e acrescentou—Muito. — Por alguma razão as confissões mútuas e a realização de que seu irmão amava a esposa haviam dissolvido um pouco da distância entre eles.

George anuiu com a cabeça. —Então ficaremos muito felizes em dar as boas-vindas a ela na família, não é, Lucy?

—Sim, claro— Lucy disse. —Você gostaria de ter o casamento aqui em Axebridge, Rafe?

Rafe anuiu com a cabeça. Ele estava tomado pela simplicidade de tudo. Ele tinha antecipado briga, recriminações, acrimônia e amargura. E de um modo, era isso o que havia acontecido. Mas ele não tinha antecipado a aceitação. E o perdão.

—Adorável— Lucy exclamou. —Eu sempre quis organizar um casamento. E onde está a senhorita Machabeli no momento? — Ambos olharam para ele em uma pergunta gentil.

O silêncio estirou.

—Não tenho ideia— Rafe disse eventualmente. —Eu pareço - pareço tê-la perdido. — A garganta dele de repente estava muito cheia para falar, e tudo o que ele pôde fazer foi retirar a carta de Ayisha do bolso, empurrá-la na direção da cunhada e olhar o fogo enquanto eles a liam.



—Então o que você pretende fazer? — George disse mais tarde naquela noite ao beber um conhaque.

—Achá-la. Trazê-la de volta. Casar com ela— Rafe disse e bebericou o líquido jovial. Ele não podia se recuperar bastante do fato de que estava aqui conversando com seu irmão como... um amigo.

—Eu apenas vim aqui para te dizer que eu iria me casar com ela e dizer ao vigário para chamar os proclamas, embora eu tenha escrito para o Arcebispo de Canterbury para uma licença especial, por via das dúvidas.

Lucy apertou a mão dele. —Você a achará.

Rafe esperava com toda a força que ela estivesse certa. O pensamento de viver sem Ayisha era... muito indescritivelmente deserto para contemplar. —Eu também escrevi para Bow Street⁴⁵ e eles farão investigações em Londres e Portsmouth. E abrirei minha casa em Londres para que ela esteja pronta para Ayisha e eu vivermos nela.

—Você não viverá em Foxcotte? — Lucy perguntou.

Ele agitou a cabeça. —Não, Ayisha sempre viveu na cidade. Creio que ela acharia o campo muito enfadonho.

George anuiu com a cabeça. —Então o que você vai fazer com Foxcotte?

—Fazer o quê? — Rafe fez uma carranca. —O que você quer dizer?

— Uma propriedade não deve permanecer desocupada por tanto tempo. A decisão é sua claro - o irmão dele disse, sendo cuidadoso, pisando em ovos — mas se fosse minha, eu conseguiria inquilinos ou a venderia.

Ayisha tinha dito quase o mesmo, Rafe se recordou.

—Eu não vou vendê-la. — Rafe ficou surpreso pela veemência com que disse isso. Ele moderou o tom—posso não ter estado lá desde que tinha quatorze anos, mas não quero vender.

—Então você conseguirá inquilinos?

—Considerarei isto— Rafe disse. —Vou voltar para Lady Cleeve - ela é a avó de Ayisha, mora próxima a Penton Mewsey, não fica longe de Foxcotte - e eu posso passar em Barry, meu agente, e ver como estão as coisas.

—Você acha que Ayisha ainda pode estar na área? — Lucy perguntou.

Rafe encolheu os ombros. —Não tenho nenhuma ideia. Mas não posso evitar pensar que ela voltaria para lá ou escreveria se estivesse em apuros. Lady Cleeve é avó dela, afinal.

—Tenho a sua permissão de pôr um anúncio nos jornais? — George perguntou.

—Anúncio? Você quer dizer um anúncio de pessoa desaparecida?

George sorriu. —Não, quero dizer um anúncio de noivado, como o cabeça da família. Se a garota—

—Ayisha.

—Sim, se ela o vir, poderá ajudar no seu caso ao deixar óbvio que a sua família está dando apoio à união. Acho que um anúncio grande com o símbolo da família deverá ajudar.

⁴⁵ Bow Street é uma rua em Covent Garden, Westminster, Londres. Local da primeira patrulha de polícia verdadeiramente eficaz na capital inglesa.



—Com certeza, George. Obrigado — Rafe conseguiu dizer. Ele sabia muito bem que o anúncio grande com o símbolo da família não era para Ayisha ler - ainda que ela lesse os jornais, ela não reconheceria o símbolo da família. Era uma mensagem para a *sociedade*.

O irmão dele estava deixando claro para o mundo que este casamento tinha o suporte total do Conde de Axebridge. E que o Conde de Axebridge esperava que a *sociedade* seguisse e desse seu suporte, também.

Era o maior suporte da família que Rafe já havia experimentado em toda a vida.

No meio da tarde Rafe passou por Andover. Havia passado dez dias desde que ele tinha visto Ayisha pela última vez. O desespero o roía crescentemente, o medo de que ela realmente pudesse ter ido para sempre o aferroando em sua procura inexorável. Ele se recusava a ceder ao desespero. Ele a acharia. Ele tinha que achá-la. Sua felicidade futura dependia disto.

Ele passou da entrada para Foxcotte quando uma ideia o atingiu. E se ela tivesse ido para lá? Ela sabia que era dele, sabia que estava fechada - ela havia notado a placa da primeira vez.

E se Ayisha tivesse ido para Foxcotte?

Ele persuadiu seu cavalo a ir mais rápido, montou pela aldeia em galope rápido, e parou no portão velho e grande de ferro forjado, com o emblema da raposa tão amado e familiar de sua juventude.

Na época o portão era preto, cintilava e estava sempre aberto, esperando por seu retorno. Agora eles eram enfadonhos e fechados, com uma corrente espessa e um velho cadeado.

Além deles o passeio de pedregulho estava cheio de ervas daninhas e desleixado. Nenhuma carruagem passava por lá há muito tempo.

Rafe amarrou seu cavalo no portão e subiu o muro. Algumas pedras caíram longe, ele viu. Os consertos eram necessários.

Enquanto ele seguia o caminho, memórias o inundaram. O lugar estava uma bagunça, mas estranhamente, o espírito dele se animou. Ele sempre adoraria este lugar, ficava muito feliz aqui.

Mas, pelo fato de ele nunca realmente ter chegado a um acordo com a morte da avó ele se sentia de alguma maneira... culpado. Ela havia morrido só, com ninguém para segurar sua mão e confortá-la. Ele deveria ter estado lá. Ela o havia criado quando ninguém o quis. Ele havia falhado com ela.

A lógica discutia que não era sua culpa, que ninguém havia dito a ele, mas ele sabia em seu coração que ele não havia escrito tão frequentemente quanto deveria, e se tivesse, alguém - um dos empregados - teria dito a ele. A culpa permanecia, então ele nunca tinha voltado. Ele não se aproveitaria da morte dela.

Era um engano, ele percebeu. Este lugar teria ajudado sua culpa, não a exacerbado. Ele alcançou a frente da casa. Claro que estava trancada. Ele olhou pelas janelas e tudo estava quieto, pó, e cobertas sobre a mobília.

Ninguém tinha estado aqui em muito tempo.



Ele caminhou em torno da lateral, deu uma olhada em cada janela pela qual tinha vindo. Era o mesmo: sombras, pó, imperturbados por anos, e cobertas. Os estábulos estavam mudos e vazios, também trancados com cadeado. O jardim que cercava a cozinha estava alto e cheio de ervas daninhas; apenas um canto próximo à cabine do jardineiro estava limpo. Uma nuvem de fumaça saía da chaminé do chalé do antigo jardineiro.

Rafe sorriu, se lembrando. O chalé do velho Nat, construído na parede. Nada havia mudado. Havia a deformação do varal amarrado com barbante entre a cabine e a velha árvore de maçã, e nela havia um avental preso, alguns panos de prato e duas camisolas de flanela com flores da Sra. Nat erguendo como enormes velas gigantes ao vento. Ele sorriu com a visão familiar.

O velho jardineiro seria um ancião agora. Ou talvez houvesse apenas a Sra. Nat ainda vivendo lá. A Sra. Nat que sempre havia dado uma fatia espessa de bolo ou um punhado de biscoitos para um menino em crescimento.

Ele não se aproximou e bateu à porta. Se o fizesse, ela faria um bule de chá e ele não sairia antes de uma hora ou mais. Ele precisava continuar procurando.

Ele precisava voltar para Cleveden, ver se havia quaisquer notícias lá.

Ninguém tinha estado dentro de Foxcotte por anos. Ayisha não estava aqui, afinal.

Ele marchou o passeio abaixo, subiu a cerca e montou de volta para a aldeia. Ele conseguiria inquilinos, ele decidiu. Ele tinha deixado seus fantasmas lá. O lugar estava começando a se desintegrar, e ele não queria que isso acontecesse.

O agente, Sr. Barry, ficou muito contente em vê-lo. —Estou indo tomar meu chá, Sr. Ramsey, e ficaria honrado se você se juntasse a mim— o homem disse.

Um chá cordial com pão, manteiga, mel, geleia, requeijão, queijo, pepinos em conserva e vários tipos de massas estavam sobre a mesa, juntos com um jarro de cerveja local fria. Rafe não tinha nenhum interesse no monte de comida, mas aceitou. Melhor arrumar a propriedade tão depressa quanto possível. Ele queria tudo em ordem assim que ele achasse Ayisha.

Eles discutiram sobre a propriedade— ou melhor, o Sr. Barry discutiu, enquanto Rafe escutava e anuía com a cabeça enquanto o homem tomava seu chá. Rafe não comeu nada. Estes dias ele não tinha nenhum apetite para comida. Ele bebericou um pouco da azeda cerveja local.

—Eu tive várias ofertas para alugar Foxcotte, lorde. Tente uma destas. — Barry passou a ele um prato e Rafe distraidamente pegou uma das tortas.

Barry continuou—escrevi para você, se você se recorda. Por favor, coma algo, lorde. Você está parecendo uma vara comprida se não se importa que eu diga. Coma um pequeno pedaço da torta, sim?

Rafe, suspirando interiormente com a preocupação bondosa do homem, se forçou a dar uma mordida, apenas para calá-lo. —Eu recebi as suas cartas— ele disse —mas agora que estou pensando— ele cessou bruscamente e olhou para o que estava comendo. Uma torta chata, triangular que tinha aparência e sabor muito familiares. E não era de sua juventude. O coração dele começou a bater forte.

—De onde veio esta torta? — Ele perguntou a Barry com a voz estranhamente tranquila.

—A padaria da aldeia, lorde. São um pouco diferentes mas muito gostosas - lorde? Lorde?



Mas Rafe havia enfiado o resto da torta no bolso e tinha ido embora. Em três passos ele saiu do chalé se jogou sobre seu cavalo, e estava galopando na direção da aldeia.

Oh, Deus, ele rezou. Deixe ser ela. Ele não ousava ter esperança, mas a torta... era exatamente como—

Por favor, Deus.

E se ela estivesse, ela mesma, na padaria? Tinha que ser, tinha que ser.

Ele entrou repentinamente na padaria e olhou de modo selvagem ao redor. Nenhum sinal de Ayisha. O desespero oco o agarrou.

Ele retirou o resto da torta e a mostrou ferozmente. —Quem fez esta torta?

—Algo de errado com ela? — O padeiro avançou, um grande bolo de carne, o queixo belicosamente sobressalente.

—Não. Mas *quem fez isto?* — Bom Deus, ele estava tremendo.

—Uma jovem as traz.

Oh, Deus, oh, Deus. —Onde ela vive? — Rafe disse, pasmo ao ouvir como a voz soava tranquila.

O homem deu a ele um olhar longo, suspeito. —Eu não sei dizer onde uma garota jovem e bonita poderia viver - ela é uma boa moça, e tal—

Rafe queria esmurrar o homem em sua gordura, o rosto satisfeito consigo mesmo, e ao mesmo tempo segurou a mão para proteger Ayisha, porque era - tinha que ser ela. Em vez disso ele manteve um olhar frio e disse—devo insistir—

—Oh, Thomas, você não sabe quem ele é? — Uma mulher rechonchuda, de meia-idade veio atarantada adiante. —É o jovem mestre Rafe da casa velha, não é, lorde?

—Sim. — Rafe olhou fixamente para ela e pela névoa do desespero, sua memória se mexeu. —Jenny - não, Janey Bray, não é?

A mulher irradiou. —Isso mesmo, mas sou a Sra. Thomas Rowe agora. Fico feliz por ter se lembrando de mim. Não te vejo desde que era um rapaz, mas me lembro de você, lorde. Sempre gostou dos meus bolos de coelho, lembro sim.

—Eu me lembro. Agora, a mulher jovem que fez estas tortas— Rafe a lembrou.

—A neta do velho Nat? Ela assa as massas e a traz todos os dias. Algo um pouco diferente, não é, lorde? Muito gostoso.

—A neta do velho Nat? — Ele ecoou insinceramente. —Você está certa disso? Absolutamente certa? — Maldição, maldição, maldição. Se ela era conhecida destas pessoas, não podia ser Ayisha. A amargura das esperanças vazias o inundou.

—Isso mesmo. Apareceu, assim, faz quase duas semanas, deu uma boa limpeza na casa do Nat - bem, estava precisando mesmo - faz tanto tempo desde que a Sra. Nat faleceu, e o velho Nat antes dela. Eu não me lembro quem disse que ela é neta do Nat - você lembra, Thomas? Não, eu também, mas essa é quem ela é, com certeza.

A esperança se mexeu cautelosamente. Rafe disse cuidadosamente. —Ela está no chalé do velho jardineiro?

—Isso mesmo, lorde, você lembra— Mas Rafe já havia ido embora.



O chalé do jardineiro era construído na parede do jardim alto, e um dos seus charmes que Rafe se recordava de sua juventude era que se podia caminhar no chalé do jardim da cozinha e ia direto por ele até o lado de fora da propriedade.

Rafe montou em torno do caminho da parte de trás, o coração correndo. E pensar que ele havia evitado ir lá mais cedo porque havia pensado que a esposa idosa de Nat o manteria conversando.

Com as mãos tremendo ele amarrou o cavalo a uma árvore, enxugou as palmas úmidas e bateu à porta do chalé do velho jardineiro.

A porta abriu e ela estava lá vestida ao estilo da aldeia, em algum vestido desbotado da velha Sra. Nat e um avental. Havia uma mancha de farinha em sua bochecha, o cabelo estava preso negligentemente com um pano verde, o nariz estava vermelho, os lábios rachados do frio e ainda assim ela era a mulher mais linda que ele já vira na vida.

O olhar faminto dele devorou-a. Ela olhava fixamente para ele, chocada, parada, muda, os olhos tão cautelosos quanto na primeira vez em que o havia visto.

Ele não se importava. Ele a tinha domesticado então e faria isto novamente. Ou morreria tentando.

A gatinha emergiu e se esfregou contra seus tornozelos, miando melancolicamente para ser erguida.

Rafe só tinha olhos para Ayisha.

—Você está magra novamente— ele disse sufocado. Que coisa estúpida para dizer. Todas as falas que ele tinha ensaiado na mente, todas as palavras que tinha guardado para trazê-la de volta para ele e quando era a hora, isso era tudo o que ele podia dizer. Mas era a verdade. Ela estava lamentavelmente magra. Deveria ter passado fome todo esse tempo. Ele morria de desejo por ela.

Ele olhou fixamente para ela, esperando as palavras brotarem, mas ele podia apenas olhá-la. Um olhar fixo. Devorando-a com os olhos.

—Você está mais magro, também— ela disse suavemente.

—Talvez, mas se eu estou, não é porque estava passando fome— ele disse, a voz cascuda com emoção. —É porque eu te perdi.

Ela deu um sorriso coxo e gesticulou para trás de si. —Eu tinha comida, mas não estava com fome para comida. Apenas para você.

Com as palavras dela o autocontrole dele rachou, e ele avançou, segurou-a em torno da cintura e a ergueu do chão, segurando-a contra ele, para nunca mais deixá-la fugir novamente. Ele a segurou firmemente, exultante ao senti-la em seus braços novamente, sentindo o odor de sua amada, enterrando o rosto na suavidade de seu pescoço.

Os braços dela foram em torno dele enquanto ela o abraçava, beijando-o no alto da cabeça, na orelha, em qualquer lugar que pudesse, acariciando-o com urgência. —Oh, Rafe, oh, Rafe— ela murmurou.

Ele a deslizou lentamente abaixo pelo seu corpo até que os rostos estavam no mesmo nível, e a beijou profundamente. —Nunca me deixe novamente— ele ordenou. O corpo inteiro estava tremendo.



Ela segurou o rosto dele entre as mãos e olhou fixa e sinceramente para ele. —Você está certo sobre isso, Rafe? Eu não quero arruinar a sua vida.

—O único modo de você poder arruinar a minha vida é me deixando— ele disse vigorosamente. —Eu preciso de você. Nos meus braços, na minha vida.

Ela o olhou nos olhos um momento, então deu um pequeno suspiro trêmulo. Ela aumentou o aperto nele e sussurrou—Então me tome agora meu amor, eu preciso de você, mais do que posso dizer.

Ele chutou a porta e a fechou atrás de si e a levou para onde ela arrastou um colchão na frente do fogo. Ele a deitou no colchão, se sentou e tirou as botas.

Ela se deitou tranquilamente, olhando para ele. —Eu senti tanto a sua falta, Rafe. — Ela correu a mão ligeiramente pela coluna dele.

Ele poderia bem estar nu, pelo modo como podia sentir o toque mais leve dela, mesmo através das várias camadas de roupa.

Ele ficou de pé para remover o casaco. —Nunca mais fuja de mim novamente— ele disse a ela, tirando a camisa.

—Era pior de noite.

—Sim, bem, na Inglaterra fica frio à noite. — Ele começou a desabotoar a calça.

—A temperatura não era o problema. Eu achei estas maravilhosas camisolas espessas e mornas.

Ele deu um riso sufocado quando percebeu que estava vestindo as enormes camisolas de flanela da Sra. Nat. —Você tem vestido—

Ela colocou a mão ao redor da coxa dele, e ele se esqueceu o que ia dizer.

—Você realmente sentiu a minha falta, Rafe? — Ela perguntou.

Ele girou, a calça meio solta, e deu a ela um olhar incrédulo. —Sentir a sua falta? *Sentir a sua falta?* — O brilho nos olhos dela o deixava completamente sem controle, ele gemeu e afundou sobre os joelhos na frente dela. —Prefiro perder um braço ou uma perna ou ambos os olhos a te perder novamente. Eu nunca me senti assim... — Ele agitou a cabeça. —Meu coração está muito cheio para palavras.

—Então me mostre— ela disse suavemente, trazendo-o para ela.

Ele a mostrou, amando cada centímetro dela com uma eficácia tenra que a deixou fraca e ofegando, impotente com carinho e à beira das lágrimas - por que lágrimas? - Ela não podia imaginar.

Ela era dele, para ele fazer o que quisesse, no momento, pelo menos. Nada estava resolvido entre eles, ela apenas tinha sentido falta dele desesperadamente, aparentemente, ele parecia sentir o mesmo. No momento, era o suficiente.

As chamas dançavam, dourando sua pele, acariciando cada músculo glorioso, cada ângulo e plano masculino, seu homem de ouro e sombras. Lá fora o vento assobiava pelas árvores.

O chalé minúsculo combinava com ela perfeitamente, presa entre dois mundos. De um lado estava a casa principal que ele possuía, e no outro, os bosques selvagens. Era aqui que ela pertencia?



Não, ela pertencia aos braços dele, ela pensou, enquanto as mãos e a boca lentamente apagavam qualquer pensamento coerente de sua mente. Não importava onde no mundo eles estivessem, desde que ela estivesse em... seus... braços...

E então ela ouviu, as palavras que ele nuncaalaria, tão profundas e suaves que a princípio ela não estava certa se estava sonhando com elas. —Eu amo você, Ayisha.

Os olhos dela abriram de repente. O olhar dele estava preso no dela. Freneticamente ela tentou se recuperar.

Ele disse novamente. —Eu amo você, Ayisha. — O corpo dele ainda se movia dentro dela, apagando todos os pensamentos, menos um.

—Eu amo você, Ayisha.

Ela queria responder, mas não tinha nenhuma palavra, nenhuma vontade. Ela se quebrou ao redor dele, as palavras tocando em suas orelhas, enquanto o ritmo batia por eles: —Eu amo você, eu amo você, eu amo você.

Posteriormente ela estava deitada nos braços dele, assistindo o brilho do fogo dançar. Depois de um tempo ela suspirou e se sentou. —Eu não devia ter permitido isto. Eu não serei sua amante, eu— ela começou.

—Shhh— ele disse, beijando-a. —Eu amo você. E te quero para minha esposa para sempre.

Os olhos dela encheram enquanto ela percebia que ele queria dizer cada palavra. —Oh, Rafe, e eu amo você, tanto, tanto. Eu sempre amei— ela confessou. —Acho que até no Cairo, mas eu tentei tanto não te amar. Mas se você vai ser um conde... Minha av-Lady Cleeve disse que eu seria a sua ruína social.

—Pare de se preocupar. Eu não me importo com o que os outros pensam. Você é mais importante para mim do que qualquer coisa ou pessoa. Eu amo você, preciso de você e vou me casar você.

—Eu não desistirei dos meus filhos— ela o advertiu.

—Nem eu, não pensei que isso fosse uma questão. — Ele disse a ela o que tinha aprendido, como sua cunhada gentil e trágica quase havia roubado um bebê. E como isso tinha levado o irmão a fazer a barganha que tinha enfurecido Rafe.

—Pobre lady, coitada— ela sussurrou. —Nós devemos fazer algo sobre isto, Rafe. Devemos achar para ela um bebê para amar.

Ele olhou para ela com uma expressão ilegível. —Ayisha Cleeve Machabeli, se eu já não estivesse loucamente apaixonado por você, me apaixonaria novamente, agora mesmo— ele disse com uma voz cascuda.

Oh, como as palavras dele aqueceram-na. Ela não podia evitar e mostrou, a próxima coisa que ela soube é que eles estavam fazendo amor novamente.

—Por que você veio para Foxcotte? — Ele perguntou muito mais tarde.

—Era o único lugar que eu conhecia— ela disse a ele. —E quase não achei. Estava tarde e chovendo, eu estava perdida e sentindo meu caminho na escuridão, seguindo a parede, pensando que ela deveria levar a algum lugar. E então eu senti uma janela. E uma porta. Eu bati, mas ninguém respondeu. Tentei a porta e ela abriu, então... — Ela achou a madeira e uma caixa com material inflamável e logo ela tinha feito fogo. Era um refúgio enviado do céu para ela e Cleo.



—Foi só quando eu entrei na aldeia que vi que aqui era Foxcotte afinal. Você disse que não tinha estado aqui desde que era um menino, então pensei que esse fosse o último lugar que você pensaria em me procurar. Você não veio aqui me procurando, foi?

—Não, não em Foxcotte. Eu vim para visitar meu agente e fazer acordos para alugar o lugar. Ele estava comendo uma de suas tortas...

Ele a beijou novamente, então disse—É hora de nos vestirmos. Eu gostaria de retornar a Cleeveden enquanto ainda há luz.

—Devemos? — Ayisha não queria voltar para uma avó que a havia desprezado.

—Pare de se preocupar. Creio que você achará que muito mudou desde que fugiu.

—O que mudou? Diga-me.

Mas Rafe não explicaria. Ele beijou a ponta do nariz dela. —Confie em mim. Vista-se e descubra.

Nada que ela pudesse dizer ou fazer o moveria daquela posição, então ela se vestiu e juntou suas coisas, pronta para fazer a jornada de volta para Cleeveden.

—Eu podia ter sido muito feliz aqui— ela disse, procurando as coisas no chalé minúsculo.

—Feliz?

—Só, mas contente— ela se corrigiu. —É um querido pequeno chalé. E a zona rural é bonita. E você viu? Eu comecei um jardim.

Ele deu a ela um olhar surpreso. —Eu pensei que você detestaria a vida rural.

Ela agitou a cabeça. —Não realmente. Eu nunca vivi no campo antes, mas é adorável. Eu adoraria viver aqui. — Ela deitou a mão no braço dele. —Mas se for doloroso para você, nós não precisamos morar aqui.

Ele sorriu. —Não, eu já deixei meus fantasmas para trás. Eu não podia aguentar ver este lugar sem a minha avó aqui, sabendo como ela morreu só. Mas eu amei este lugar quando era menino e o amo agora, ainda mais desde que você o devolveu para mim. A vovó ficaria tão feliz de nos ter aqui. Está certo então; assim que nos casarmos, viveremos em Foxcotte. E— ele acrescentou— manteremos este chalé como nosso paraíso privado.

* * *

—Minha querida Ayisha— Lady Cleeve desceu para os degraus para saudá-la. —Devo me desculpar— ela cessou bruscamente. —Céus, é como me olhar no espelho cinquenta anos atrás.

Ayisha permutou um olhar com Rafe. —Você está bem, madame? Parece um pouco pálida— ela disse.

Lady Cleeve se endireitou. —Eu estou bem, minha querida, obrigada. Vendo você, ver o seu rosto me faz muito bem, embora enfatize como fui tola. Venha comigo. — Ela os levou para a sala de estar e apontou para uma pintura presa à parede.

—Lá— ela disse. —Eu, logo antes de me casar com o seu avô. Se eu já duvidei de você, se duvidei da sua sabedoria em vir aqui, este retrato é a prova de que você estava destinada a vir para mim. Você é a minha própria carne e sangue, e nada mais importa. — Ela ofereceu os braços para Ayisha, e Ayisha a abraçou.



Mais tarde eles falaram durante o chá e bolos.

—Eu vi a sua carta para Rafe, minha querida - ele não queria que eu a lesse— Lady Cleeve acrescentou com um olhar sentido - mas eu li, e ele me mostrou como eu a tratei mal. Mas eu não posso culpar completamente a Sra. Whittacker; foi o meu próprio preconceito que me fez cruel. Eu quero explicar a você por que eu respondi falando de St. John Wood.

Ayisha parou. Essa dor ainda era muito tenra.

—Eu não flava a sério. Eu sou... amarga sobre amantes, isto é tudo. — Ela torceu um lenço nos dedos velhos e ósseos e começou—Sabe, meu marido manteve uma amante o tempo todo em que estávamos na Índia - uma mulher local, muito abaixo de mim - mas para a minha vergonha eu fiquei profundamente com ciúmes. Não apenas por ela ter o meu marido, sabe, mas ela pôde também ficar com suas crianças. Havia quatro.

Ela acrescentou em uma voz mais baixa—eu perdi cinco bebês para o clima indiano. Henry era meu único filho que sobreviveu à infância, mas quando ele fez sete anos, meu marido o mandou para fora para uma escola na Inglaterra. — O rosto estremeceu. —Um menino tão pequeno. Eu implorei ao meu marido para deixá-lo ficar comigo alguns poucos anos, ou me deixar ir com ele para a Inglaterra, mas ele disse que era ruim para um menino ser sufocado pela mãe, e o meu lugar era ao lado do meu marido. E ele mandou o meu pequeno menino embora.

O rosto da lady idosa torceu enquanto ela lutava para manter as emoções sob controle. Ayisha escapou de sua cadeira e se ajoelhou ao lado da avó.

Os nós dos dedos ósseos e duros se fechavam em torno do lenço. —Todo dia eu tinha que ver aquela mulher caminhando pela rua da nossa casa com todos os seus saudáveis e felizes filhos ao redor dela - crianças que o meu próprio marido havia dado a ela. Enquanto eu tinha sido deixada só. E amarga... Quando eu vi o meu Henry novamente, ele estava todo crescido e cortês, como um estranho. — A voz dela rachou na última palavra.

Ela enxugou os olhos, dando algumas respirações fundas, trêmulas, então olhou para Ayisha abaixo. —Eu joguei a minha raiva e dor em você, minha querida, e não posso expressar o meu profundo remorso o suficiente—

—Shh, não importa— Ayisha disse, acariciando a mão idosa e nodosa. —Papai foi errado com sua esposa, não há como negar, da mesma maneira que o pai dele foi errado com a senhora.

Ela hesitou, então acrescentou—Minha amiga Laila diz que nós devíamos deixar o passado no passado, porque se o levarmos conosco, apenas envenenará o futuro.

—Sua amiga é uma mulher sábia.

Só então houve uma batida na porta e o mordomo entrou. —Sr. Pilkington, o advogado, minha lady.

Lady Cleeve iluminou. —Mande-o entrar, Adams.

Rafe e Ayisha ficaram de pé. —Deixaremos vocês a sós— Rafe disse.

Lady Cleeve acenou para eles de volta com um gesto imperioso. —Não, fique. Eu mandei buscar Pilkington na semana passada para ele mudar o meu testamento. — Ela lançou a Rafe um olhar ligeiramente desafiador. —Remover o nome de Alicia Cleeve e substituir por Ayisha Machabeli, única filha de Kati Machabeli e Lorde Henry Cleeve, baronete, minha neta.



O advogado entrou. Lady Cleeve fez as introduções mas quando veio para Ayisha, apresentou-a como —Minha neta, Ayisha Machabeli— o advogado a corrigiu —Ayisha Cleeve, creio— ele disse, com um sorriso.

Ele explicou—semana passada quando a lady me deu as instruções para o novo testamento, eu fui atingido pelo nome Kati Machabeli. Tocou um sino, por assim dizer. Então eu busquei nos documentos do seu filho, e achei isto. — Ele deitou um documento franzino na mesa.

Lady Cleeve pegou-o e deu uma olhada rápida, olhado fixamente para o advogado, e examinou o documento mais cuidadosamente. —Isto é genuíno? — Ela exigiu.

—Creio que sim — o advogado disse.

—Você se importaria de nos falar sobre o conteúdo do documento? — Rafe disse secamente.

O advogado começou—Oh, claro, claro, lorde. — Ele passou para Rafe. —É uma certidão de casamento registrando o casamento de Lorde Henry Cleeve com Kati Machabeli - aconteceu um mês antes do registro da morte de Lorde Henry.

—Eles se casaram? — Ayisha exclamou. —Quando foi isto?

O advogado disse a data. —Devo me desculpar por não ter mostrado antes, mas não percebi. Meu finado avô que lidava com tudo isso e— o advogado hesitou. —Não há como negar, vovô estava começando a ficar bastante confuso em sua velhice. Os arquivos estavam em uma bagunça chocante, e embora eu tenha conseguido colocá-los em ordem depois que ele morreu, não os li atentamente, já que todos os interessados estavam mortos há vários anos.

Ayisha olhou para Rafe. —A última viagem dele para Jerusalém. Eu iria com eles, mas fiquei com sarampo na véspera da partida e não pude ir. Sabia que a mamãe estava muito excitada sobre a viagem, mas... não tinha nenhuma ideia de que isto tinha sido planejado... E quando eles retornaram, estavam morrendo... — Ela fez uma carranca. —Sabe, acho que a mamãe tentou me dizer, só que eu não entendi... — Ela se sentou de volta na cadeira, atordoada. —*Casados*. Que maravilhoso.

—Aham— o advogado limpou a garganta desconfortavelmente. —Temo que este casamento não mude o, hmm, estado, do seu, aham, nascimento. Você nasceu, aham, quando eles ainda eram... — Ele diminuiu.

—Ilegítima— Ayisha disse. —Sim, entendo isto. Não importa. O casamento prova o que eu disse desde o princípio, que o meu pai verdadeiramente amou a minha mãe. — Ela olhou para Rafe, os olhos cheios d'água. —E tentou protegê-la. O casamento a livraria, sabe, a tornaria sua própria dona.

—Eu sei. — Ele sorriu. —Acho que isto também significa que você será chamada como - pelas próximas semanas pelo menos - como senhorita Ayisha Cleeve.

—Sim, realmente— Lady Cleeve disse.

—Também significa que você herdará toda a propriedade de Lorde Henry— o advogado disse.

—Sério? — Ayisha exclamou. —Isso inclui uma casa no Cairo?

O advogado piscou, mas procurou por seus documentos. —Sim, há uma casa, atualmente arrendada para um—



—Excelente— ela disse. —Nós podemos dá-la para Ali? — Ela perguntou a Rafe.

Ele riu. —Dê para quem você quiser. É sua para fazer como bem entender.

—Então eu a darei para Ali. — Ela olhou para o advogado. —Obrigado, Sr. Pilkington. Você me fez muito feliz.

Rafe deu uma olhada rápida através de Ayisha para a avó. Ela estava assistindo sua neta com uma expressão suave. Rafe se debruçou adiante e a bateu no braço.

—Eu te adverti que fosse cautelosa— ele murmurou com um sorriso.

Ela deu a ele um sorriso nublado em retorno. —Muito tarde, Sr. Ramsey, muito tarde. Minha neta é uma jovem extraordinária. Obrigada por trazê-la para mim.

—Ela está apenas como empréstimo— Rafe disse firmemente. —Os proclamas foram pedidos. Em quatro semanas ela será minha.

Ayisha o ouviu e riu. —Não— ela disse. —Eu já sou sua. E em quatro semanas haverá um casamento.

Capítulo Vinte e um

Durante toda a semana longas carruagens passaram pelo passeio de Axebridge enquanto as pessoas se reuniam para o casamento. A lista de convidado continha dois duques, uma marquesa, vários condes, um punhado de barões e de baronetes, e muitos convidados mais distintos. A tímida, sem-graça e extremamente bem conectada Lucy, Condessa de Axebridge, havia chamado e todo mundo veio.

Lucy estava determinada a colocar sua nova cunhada na melhor companhia possível. Se as pessoas iriam fofocar sobre este casamento, fofocariam pelas razões certas, ela jurou.

A capela do Século XVI de Axebridge estava linda e cheia com flores; uma mistura informal com adoráveis flores da primavera, narciso selvagem, bluebells^{iv46}, e jacintos misturados com orquídeas de estufas, ramos de salgueiro e íris com longas hastes na água. A fragrância das flores se entrosou com o odor da cera de abelha que tinha sido usada como betume no carvalho antigo do banco da igreja para dar brilho. Cada placa de vidro colorido faiscava, cada centímetro de metal, prata e ouro na igreja cintilava.

Ayisha olhou seu reflexo no espelho e respirou fundo. —Espero que você esteja assistindo, mamãe— ela sussurrou—espero que seu casamento tenha sido tão bonito quanto o meu vai ser.

O vestido dela era delicadamente bordado de seda branca e era pesado, suave e bonito de vestir, com uma saia rodada que parecia ter sido feita para dançar. Havia centenas de pérolas minúsculas costuradas no justilho - simples, mas muito elegante, Lucy disse quando Ayisha teve a primeira amostra do modelo.

⁴⁶ Bluebells - mesmo sendo comum no Reino Unido, parece que ela é quase inexistente no resto da Europa, e devido a este fato, as bluebells são espécies protegidas por lei no “Ato de 1981 para Vida Selvagem e Campo” que diz ser proibido remover bluebell do solo para venda e é ofensa punível remover o bulbo da bluebell selvagem; existem passeios organizados em campos de Bluebell durante abril e maio.



Com ele ela usava o magnífico cordão de pérolas da avó, e acima do primoroso véu espanhol de renda que Lucy havia emprestado ela usava uma argola de pérolas. Nos pés ela usava um par de botas de cetim brancas.

Ayisha amava botas, amava a altura extra e o calor que davam a ela. E já que a capela era um passeio de cinco minutos da casa, e o tempo inglês era tão frio, ela não iria ter os dedos dos pés congelados em seu próprio casamento.

O resto dela não estava em nenhum perigo de ser congelado, também, pois Rafe havia dado a ela um capote aveludado verde, forrado com cetim branco e franjas com pele branca, para usar no caso de ela sentir frio.

Ela deu uma olhada rápida através da cama, onde havia um pacote de Laila e sorriu. —Para sua noite de núpcias — Laila disse no momento. Ayisha havia deixado de lado até esta manhã, e quando ela desembalou... Viu que era a roupa de harém mais provocante, saída diretamente das histórias *As Mil e Uma Noites*⁴⁷, calças sedosas empinadas, um minúsculo justilho de joias e alguns véus delicados. E como acessórios, uma correia do tornozelo com sinos e pequenos címbalos para os dedos.

Uma roupa para deixar um homem selvagem com desejo.

Ayisha mal podia esperar.

—Estamos prontos? — George, Conde de Axebridge, entrou no quarto. Ele a olhou de cima a baixo. —Você está muito bonita, Ayisha. Meu irmão é um homem de sorte. — Ele girou para sua esposa e disse—E a madrinha de honra, minha Lucy de azul, tão adorável quanto no dia em que nos casamos.

—Oh, que tolice— Lucy disse rispidamente, mas o rosto ardia com prazer.

Ela era sem-graça, Ayisha pensou, mas com o rosto iluminado com carinho assim, Lucy ficava bonita.

Os três caminharam para a capela braço com braço. Era extraordinário, Ayisha pensou, como estes dois tinham dado as boas-vindas a ela na família. Mais, ela pensou, dando uma olhada para Lucy; eles a levaram para seus corações.

Uma pequena multidão se juntava do lado de fora da capela, principalmente pessoas locais para ver o espetáculo e pelas moedas que o noivo posteriormente lançaria, mas havia três ladys que Ayisha reconheceu.

—Sra. Ferris, Sra. Wiggs, Sra. Grenville— ela exclamou. —Como—?

—Nós estávamos no bairro e vimos os anúncios no jornal e pensamos, por que não vir te ver casar?—A Sra. Ferris disse. —Espero que você não se incomode.

—Incomodar? — Ayisha disse. —Estou tão contente por ver rostos familiares. Por favor, entrem na igreja.

—Oh, não, não - nós não viemos para nos intrometer— a Sra. Grenville disse.

—É algo tão grande e—

—Por favor— Ayisha disse. —Você pode se sentar no lado da noiva da igreja. Haverá bastante espaço. Eu tenho apenas a minha avó.

⁴⁷ *As Mil e uma Noites* - é o título de uma das mais famosas obras da literatura árabe, composta por uma coleção de contos escritos entre os séculos XIII e XVI.



As três ladys trocaram olhares. —Bem, se você coloca assim... — e elas se apressaram para a igreja.

Ayisha respirou fundo e, com o braço no de George, entrou na igreja, espiou. E ofegou.

Ela esperava ver a igreja pela metade, com os bancos da igreja do lado dela contendo apenas sua avó e as três ladys. Em vez disso, estava quase tão cheio quanto o lado de Rafe.

Todos dos amigos de Rafe escolheram se sentar no lado da noiva. Na frente estava a avó dela, deslumbrante em um tecido de ouro e vinho aveludado, pronta para entregar a noiva.

Com ela se sentava um homem de cabelo cinza parecendo distinto, o convidado surpresa de sua avó, Alaric Stretton, o artista que havia começado tudo com seu retrato de Ayisha aos treze anos.

Atrás da avó se sentava Harry Morant e sua esposa de face doce, Nell, que haviam chegado na véspera com sua filha minúscula, Torie. O bebê Torie passava a maior parte do tempo nos braços do Lucy. Era um bebê muito feliz, bastante contente de ser passada de mão em mão.

Ao lado de Harry e Nell se sentava o grande e musculoso, Ethan Delaney, movendo furtivamente um braço ao redor de sua pequena esposa, grávida, Tibby. Havia Lady Gosforth, magnífica de púrpura, escoltada por seu sobrinho de olhos pedregosos, Marcus, Conde de Alverleigh, e Nash Renfrew, seu irmão.

Apenas o amigo de Rafe, Gabe, e sua esposa, a Princesa de Zindaria, estavam faltando, mas a princesa estava esperando um bebê, e a viagem era muito árdua para uma mulher com a gravidez avançada. Eles enviaram um representante, um homem jovem e bonito vestindo o uniforme da Guarda Real de Zindaria. Ele se sentava ao lado de Nash, conversando como se eles fossem velhos amigos, no lado da noiva da igreja.

Havia Lady Ripton, mãe de Luke, a mulher morna e maternal que insistira que seu filho deveria levar seu jovem amigo de escola solitário, Rafe Ramsey, para a casa dela nos Natais e Páscoas. Com ela se sentava a irmã bonita e jovem de Luke, Molly, assim como suas duas irmãs casadas mais velhas com seus maridos. Luke não estava sentado com eles; era o padrinho do noivo de casamento.

Todos eles no lado dela da igreja, declarando-se como família dela. Os olhos de Ayisha ficaram borrados.

George deu um sinal e as notas da música de abertura tocaram. Ayisha olhou pelo corredor até a frente do altar da igreja e lá, de pé no alto, sombrio e totalmente bonito, estava o homem com o qual ela havia cruzado o mundo, o homem que amava com todo seu coração. No momento em que ele a viu os olhos iluminaram com fogo azul...

A música aumentou e ela lentamente caminhou na direção dele. Seu príncipe, seu paxá, seu amor.



Epílogo

Foxcotte.

1818.

—Não posso acreditar na mudança no velho Johnny— Bertie Baxter disse. Ele chegou sem aviso prévio, saído de um navio de Alexandria, trazendo um pacote de cartas e presentes de Baxter, Laila e Ali.

—Pensei que o sol havia finalmente fritado seus miolos quando ouvi que ele entrou na armadilha do pastor pela segunda vez, mas, tenho que dizer, ele me parece bem - apesar do caos do lugar.

—Caos? — Ayisha disse. —Mas Laila é uma empregada meticulosa.

—Oh, sim, ela é, ela é uma mulher boa e parece se adaptar Johnny exatamente. São aqueles pirralhos dela.

—Que pirralhos? — Ayisha perguntou, confusa.

Bertie Baxter deu a ela um olhar estranho. —Pensei que ela fosse sua amiga, madame, mas se ela não é—

—Ela é minha amiga mais querida— Ayisha exclamou.

—Então como é que você não sabe que ela é mãe de quatro crianças? — Bertie Baxter disse abruptamente.

—Quatro crianças? — Ayisha ecoou.

—Há o menino mais velho, Ali; ele é um bom rapaz, no geral. Johnny está muito orgulhoso dele. E não há nenhum problema no bebê, Rafiq - o nome é homenagem a você, Rafe, creio, mas o pior são aquelas gêmeas.

—Gêmeas? — Ayisha ficou de boca aberta.

Bertie anuiu com a cabeça. —As pequenas garotas. Três anos de idade e mais lindas do que se pode querer com grandes olhos marrons e cabelo ondulado, como um par de pequenas bonecas - mas não acredite nisto - ele acrescentou sombrio. —Pequenas diabinhas, as duas. Têm o hábito de grudar nas pessoas - sem nem mesmo convite - puxam as roupas, arruínam os lenços que demoraram mais de uma hora para ficarem perfeitos, bagunçam o cabelo das pessoas.

Ayisha permutou um olhar divertido com Rafe. Laila deveria estar no sétimo céu por ter adotado três crianças. Os detalhes estariam nas cartas que Baxter trouxe; ela não as havia lido ainda, não queria ser rude e lê-las na frente do convidado que as trouxe. Mas ela já sabia que as cartas estariam cheias de notícias felizes.

Bertie Baxter continuou—Tudo culpa do Johnny, claro. Ele a encoraja a pensar nas pessoas como mobília. — Ele estremeceu. —Nunca pensei que um dia eu veria Johnny Baxter com um monte de pirralhos rastejando por toda a parte - e rindo.

Ele se levantou. —Bom, é melhor eu ir para casa antes de escurecer. Bom te ver novamente, Rafe, e ótimo te encontrar, Sra. Ramsey, depois de ouvir tanto sobre você. Obrigado pelos refrescos.



Ele começou a partir, então se voltou. —Oh, quase esqueci, Laila me deu uma mensagem para você, Sra. Ramsey. Disse que era importante. Agora o que era? — Ele fez uma carranca ao pensar. —Oh, sim, ela disse que tem um garanhão muito bom agora, e espera que você tenha um, também.

Ayisha lutou para não ruborizar e fez seu melhor para manter o rosto firme.

Baxter a provocou, inconsciente—Muito bom para ela *dizer* que tem um garanhão, eu mesmo tenho um. Mas no tempo todo em que estive lá, nunca a vi com qualquer tipo de garanhão, cavalo ou não. E por que um garanhão? Por que não um asno? É isso que eles normalmente montam por lá.

—Por que não um garanhão? — Ayisha conseguiu dar um olhar inocente.

—Vá por mim, Sra. Ramsey, um garanhão não é uma montaria apropriada para uma lady. Brutos sórdidos, impossíveis de predizer. Um bom castrado ou uma égua se adaptariam muito melhor a você.

—Não concordo— ela disse.

Baxter deu a Ayisha um olhar sério. —Você não tem um garanhão, não é, Sra. Ramsey? Rafe não te deixaria montar uma coisa tão perigosa, não é?

Rafe fez um som sem compromisso. Ele estava assistindo Ayisha com olhos estreitados.

—Oh, mas um garanhão favorece um passeio tão excitante— ela disse maliciosamente, dando a Rafe um olhar provocativo. —Eu não montaria qualquer outra coisa.

O rosto de Rafe ficou com a expressão firme. Ayisha deu uma risadinha. Ele entendeu.

Bertie Baxter agitou a cabeça. —As ladys tendem a ser tolamente românticas sobre garanhões. Devo deixar para Rafe te convencer as virtudes de um bom cavalo castrado.

Ayisha sorriu. —Sim, faça isso, Rafe, convença-me.

Eles deram adeus a Bertie Baxter e enquanto a porta se fechava atrás deles, Rafe disse suavemente—Então eu sou um garanhão, é? — Os olhos dele cintilavam.

Ela enrugou o nariz para ele. —O que faz você pensar que eu estava falando sobre você?

—Bagagem— ele disse e a jogou sobre o ombro. Ignorando a luta dela, ele a levou pelos degraus dois de cada vez, rumo ao quarto.

—Mas eu quero ler as minhas cartas— ela disse entre risadinhas.

—Sim, mas nós garanhões somos brutos sórdidos, impossíveis de predizer e precisamos ser montados. Agora.

Ela riu. —Talvez te castrando o seu temperamento pudesse melhorar.

Ele nem se preocupou em retrucar. Em minutos ele a tinha sobre a cama, as saias ao redor da cintura, e ele mesmo em posição para entrar nela. —Ainda quer me castrar? — Ele rosnou suavemente, as mãos fazendo coisas que a fazia se derreter por dentro.

—Hmm, não— ela murmurou feliz enquanto ele a penetrava lentamente. —Eu amo você... exatamente... do jeito... que você é.

Mais tarde eles estavam deitados exaustos, entrelaçados e felizes.

—Obrigada por me trazer do Egito— Ayisha murmurou depois de um tempo. —Laila me disse uma vez que eu estava vivendo uma meia vida lá e eu não acreditei nela. Mas agora eu sei que... você me deu tanto - amor, uma casa e uma família - mais do que eu já pensei ser possível.



—E você, meu amor, trouxe-me um lar depois de anos ficando do lado de fora, o que eu pensei ser impossível.

Ele acariciou a pele sedosa da barriga dela. —Nunca iria imaginar, naquela noite na casa do seu pai, ao ter preparado uma armadilha para você e Ali com aquele retrato... eu esperava pegar um ladrão, mas em vez disso eu peguei—

—Uma noiva?

Ele virou a cabeça e olhou nos adoráveis olhos dela. —Mais do que uma noiva. Eu peguei o amor da minha vida.

FIM



i Curricule.

ii **Dukkah** - mistura de especiarias egípcias.

Receita

Ingredientes

½ de xícara de castanha de caju tostada

1/4 de xícara de avelãs

1/4 de xícara de pistaches

½ xícara de sementes de gergelim brancas tostadas

2 c.s. de sementes de coentro

2 c.s. de cominho em grãos

Pimenta-do-reino a gosto

1 pitada de sal

Modo de preparo

No liquidificador moer o coentro e o cominho, acrescentar as castanhas, o gergelim, sal e pimenta e moer até a textura desejada. Deve ficar como uma farofa. A forma tradicional de ser consumido é com pães anteriormente embebidos em azeite.



iii

Lorgnette



iv

Bluebells.

